

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Regina Célia Esteves dos Santos Tormin Botelho

**A TERMINOLOGIA NÁUTICA NO
DICCIONARIO DA LINGUA BRASILEIRA
DE LUIZ MARIA DA SILVA PINTO**

Belo Horizonte
2011

Regina Célia Esteves dos Santos Tormin Botelho

**A TERMINOLOGIA NÁUTICA NO
DICCIONARIO DA LINGUA BRASILEIRA
DE LUIZ MARIA DA SILVA PINTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linha B – Linguística teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

**Dissertação aprovada em 05/07/2011 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha – UFOP

Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz – UFMG

Dedico este trabalho,
aos meus pais, *in memoriam*, Oswaldo e Madalena, seres muito especiais;
ao Virgílio, cumplicidade e inspiração;
aos meus filhos, Tomás e Túlio, amores de minha vida

Agradecimentos

A Deus que tem cuidado dos meus caminhos, tem me orientado e abençoado, permitindo-me alcançar mais uma conquista.

Aos meus pais que foram exemplos de vida para mim.

À Prof.^a Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, orientadora na plena acepção da palavra, ao seu apoio incondicional, constante e seguro, com quem o estudo e o trabalho são experiências gratificantes e extremamente enriquecedoras.

Aos meus irmãos e irmãs, pela compreensão e suporte durante toda a minha vida.

Às minhas amigas itabiranas, Ritinha, Graça Andrade e Karine pela amizade e presença, o meu carinho e gratidão.

À Fernanda, amiga querida a quem eu admiro, pelo incentivo e confidências nos momentos difíceis.

À Antônia, pela presença, apoio, disponibilidade e por cuidar dos meus filhos quando estive ausente.

Ao Paulo Araujo, pessoa ímpar, que sempre atendeu com a máxima gentileza e disponibilidade todas as solicitações que lhe fiz durante a pesquisa.

À Prof.^a Graça Lima, pelo seu constante incentivo e abertura de horizontes intelectuais.

Aos professores do Mestrado, pelo profissionalismo sempre presente em todas as atividades desenvolvidas.

Meus agradecimentos especiais à Suely Perucci, coordenadora do Museu dos Inconfidentes de Ouro Preto e ao Dr. José Mendonça Telles, Coordenador do Centro de Cultura Goiana, pela disponibilidade e atenção as minhas solicitações.

À Elizabete e ao Joel, por me acolherem carinhosamente em sua casa, em São José do Rio Preto, ao participar do Seminário de Terminologia, na UNESP.

Enfim, a todos vocês que fizeram diferença nesta etapa de minha vida, deixo registrado um carinhoso muito obrigada.

*Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares,
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.*
(Ode Marítima, Álvaro de Campos)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo o estudo dos termos náuticos constantes no *Diccionario da Lingua Brasileira* (DLB), de Luiz Maria da Silva Pinto. Publicado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, na Typografia Silva, no ano de 1832, dez anos depois de proclamada a independência do Brasil, esse dicionário é, hoje, considerado o primeiro dicionário impresso nesse país. De tamanho pequeno, tem 1111 páginas, nos moldes atuais de um “dicionário portátil”, o DLB é um livro raro. Para a realização desta pesquisa, utilizamos do volume em formato digital, da edição microfilmada da obra, realizada pelo Arquivo Público Mineiro, localizado na capital mineira, Belo Horizonte. Inicialmente, fizemos levantamento das unidades léxicas que remetem ao mundo da navegação, observando as “marcas de uso” que se referem à terminologia náutica. Partimos, portanto, de um *corpus* dicionarístico, de terminologia náutica, composto de 153 termos, constituídos de 117 substantivos, 03 adjetivos, 32 verbos e 1 advérbio. Em uma segunda etapa, os dados foram organizados em fichas lexicográficas. Para cada um dos termos, construímos uma ficha lexicográfica que nos indica se o termo ocorreu ou não no Brasil desde o período colonial até os dias de hoje; além de mostrar origens e outras informações importantes para análise linguística. Para os conceitos de léxico, lexicologia, apoiamos-nos em Haensch, Biderman, Krieger e Finatto, para a Terminologia, em Barros. Para a análise dos dados, ao longo do tempo, tomamos como base norteadora a concepção de Linguística Histórica tal como apresentada por Bynon e Cohen. Como partimos de um tema, ou seja, da terminologia náutica, trabalhamos com o percurso “do conceito à palavra”, nos moldes do método onomasiológico. Em seguida, estendemos nossa análise à palavra ou ao signo linguístico - percurso semasiológico. Nossa análise apontou uma terminologia de base europeia, pouco representativa da realidade marítima brasileira, pouco descritiva e bastante prescritiva.

Palavras-chave: Lexicografia, Terminologia, Língua Brasileira, Língua Portuguesa, Minas Gerais.

Abstract

This paper aims the study of nautical terms contained in the Brazilian Language Dictionary (*Diccionario da Lingua Brasileira*) (DLB), Luiz Maria da Silva Pinto. It was published in Ouro Preto in Minas Gerais at Typography Silva, in 1832, ten years after the proclamation of the independence of Brazil. This dictionary is now considered the first printed dictionary in that country. Its size is small but there are 1111 pages in the current pattern of a "portable dictionary". The DLB is a rare book. In the presented study we have used the volume in digital format of the microfilm edition undertaken by the *Arquivo Público Mineiro* that is located in the capital of Minas Gerais, Belo Horizonte. At first we surveyed the lexical words referring to the world of navigation noting the "tags of use" which refers to nautical terminology. We started the paper from a dictionary corpus of nautical terminology, composed of 153 terms, consisting of 117 nouns, 03 adjectives, 32 verbs and an adverb. In a second step, the data were arranged in lexicographic forms. In each of the words we wrote a lexical form that shows us if the word was used or not in Brazil since the colonial era to the present day besides showing the origins and other important information for linguistic analysis. We based ourselves on Haensch, Biderman, Krieger and Finatto for the concepts of lexicon and lexicology and on Barros for the Terminology. For data analysis we took as the basis guiding the development of Historical Linguistics as presented by Cohen and Bynon. As we started from nautical terminology we worked towards "the concept to word" similar to the method onomasiological. Next, we extended our analysis to the word or the sign language - a route semasiology. Our analysis revealed an European terminology and unrepresentative of the Brazilian maritime context, rather descriptive and prescriptive.

Key-words: Lexicography, Terminology, Language Brazilian Portuguese, Minas Gerais.

ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj. – adjetivo

Adv. – advérbio

Cf. – Confira

DLB – Dicionário da Língua Brasileira

DPB – Dicionário Português-Brasileiro

LI – Língua Indígena

LP – Língua Portuguesa

n/e – não encontrado

náut. – náutico

p. – Página

PDHPB – Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil

s. – substantivo

s.f. substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

TN – Tradução nossa

v. – verbo

VLB – Vocabulário na Língua Brasileira

< – Procede de

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação morfológica dos dados analisados.....161

Tabela 2 – Classificação do gênero dos dados analisados.....162

Tabela 3 – Quadro comparativo dos termos náuticos.....164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Unidades lexicais encontradas em dicionários e banco de dados.....163

Gráfico 2 – Unidades lexicais, destacadas como termo náutico.....168

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação Triádica.....	23
Figura 2 – Triângulo de Ogden e Richards, adaptado por Biderman.....	24
Figura 3 – Ficha lexicográfica.....	57
Figura 4 – Ficha lexicográfica preenchida.....	58

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Dicionário da Língua Brasileira	32
Foto 2 – Detalhe da capa do <i>Diccionario</i>	33
Foto 3 – Casa de Silva Pinto em Ouro Preto.....	35
Foto 4 – Localização da casa de Silva Pinto em Ouro Preto.....	35
Foto 5 – Notícia de Jornal.....	37
Foto 6 – <i>Diccionario Brasileiro</i> (1832).....	38
Foto 7 – <i>Prologo do Diccionario da Língua Brasileira</i>	39

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Lista de abreviaturas, proposta pelo <i>Diccionario da Língua Brasileira</i>	40
Imagem 2 – Primeira Esquadra brasileira.....	46
Imagem 3 – Marinha Imperial.....	48
Imagem 4 – Documentação da obra digitalizada.....	55
Imagem 5 – Obra consultada, digitalizada pelo APM.....	56
Imagem 6 – O <i>Vocabulario</i> de Bluteau.....	60
Imagem 7 – O <i>Diccionario</i> de Moraes Silva.....	61
Imagem 8 – <i>Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa</i> , de Laudelino Freire....	62
Imagem 9 – Unidades lexicais não marcadas como termo náutico.....	171

LISTA DE MAPAS

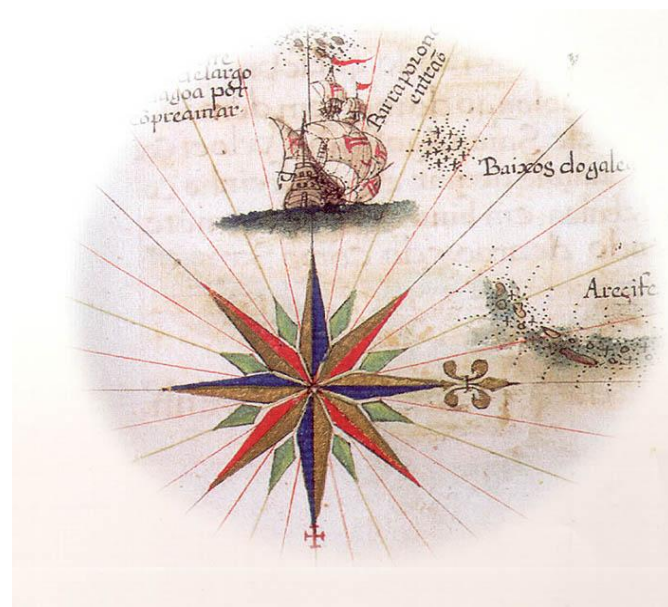
Mapa 1 – As grandes navegações.....	43
Mapa 2 – <i>Terra Brasilis</i>	45

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo 1 – O Léxico em foco	17
1.1. Lexicologia.....	17
1.1.1. Léxico	19
1.1.1.1. Léxico e Referência	22
1.2. Lexicografia	25
1.2.1. Dicionário	26
1.2.1.1. Os Dicionários na época do Brasil Colônia.....	27
1.2.1.1.1. Dicionários Bilingues.....	29
1.2.1.1.2. Dicionários Monolinges.....	30
1.3. Terminologia	31
1.4. O <i>Diccionario da Lingua Brasileira</i> de Luiz Maria da Silva Pinto	32
Capítulo 2 – Contextualização histórica.....	42
2.1. As grandes navegações.....	42
2.2. As navegações na época do Brasil Colônia.....	44
2.3. As navegações na época do Brasil Império.....	47
2.4. Considerações.....	48
Capítulo 3 – Procedimentos Metodológicos.....	51
3.1. Objetivos	52
3.2. Características do <i>Diccionario da Lingua Brasileira</i>	54
3.3. Métodos e Procedimentos	55
3.3.2. Fichas Lexicográficas	57
3.3.2. Sobre os dicionários consultados	59
3.3.3. Sobre o Banco de Dados	63
Capítulo 4: Apresentação e descrição dos dados.....	65
Capítulo 5 - Análise e discussão dos resultados	161
5.1. Quanto à classificação gramatical dos termos.....	161

5.2. Quanto à forma e gênero dos termos náuticos do <i>DLB</i>	162
5.3. Quanto ao número de unidades lexicais presentes em obras de referência.....	163
5.4. Descrição e Comparação dos Dados	168
5.5. Sobre a marca de uso "termo náutico"	170
5.5.1. Variação no <i>Diccionario de Lingua Brasileira</i>	170
5.5.2. Variação em outros dicionários	171
5.6. Quanto à origem	172
Capítulo 6 – Considerações Finais	180
Referências	184

Introdução



Introdução

Conforme postulam Krieger e Finatto (2004, p. 24), tomando como referência Rondeau (1984, p.1), qualquer história sobre as linguagens especializadas não pode deixar de lembrar que:

A terminologia não é um fenômeno recente. Com efeito, tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos em presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar, etc.

Certamente, a terminologia, entendida como o léxico dos saberes técnicos e científicos, é uma prática antiga. Seu interesse deixa de estar restrito aos especialistas, quando as pessoas necessitam dominar o vocabulário específico de seus campos de competência. Isso se dá, sobretudo, em épocas de grandes transações comerciais entre as nações, quando os termos ultrapassam o âmbito comercial, expandindo-se para o mundo científico, tecnológico e cultural.

Integrando, em uma proporção maior ou menor, o cotidiano das pessoas, esses termos passam a ser inscritos em dicionários de língua. Consequentemente, ampliam-se o contato e o uso das terminologias, mesmo com alterações denominativas e perdas conceituais, efeitos próprios da divulgação do conhecimento em grande escala.

Todo esse conjunto de fatores sociais, linguísticos e culturais em torno do *termo* despertou nosso interesse em pesquisar a terminologia náutica no primeiro *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, publicado na cidade mineira de Ouro Preto, no ano de 1832. Levaram-nos a propor esta pesquisa questões como: i) quais seriam os primeiros termos que fizeram parte de um dicionário que se intitula brasileiro?; ii) por que eles seriam selecionados?; essa terminologia náutica fazia parte, realmente, do léxico brasileiro, ou era “ideal” que fizesse?

Nossas discussões se dividirão em 6 capítulos.

No capítulo I, intitulado **O Léxico em foco**, abordaremos o estudo do léxico, como a área da língua responsável por registrar o conhecimento do universo, enfocando, principalmente, os estudos realizados por Biderman. Discorreremos acerca da lexicologia e da lexicografia, de seus pressupostos teóricos, desenvolvidos por Matoré, Haensch, Biderman, Krieger e Finatto. Discorreremos, também, sobre os Dicionários na época do Brasil Colônia, destacando as obras bilíngues e monolíngues. A Terminologia será enfocada, neste capítulo,

com pressupostos definidos por Barros. Ainda, neste capítulo, trataremos do dicionário em estudo e de seu impressor Luiz Maria da Silva Pinto.

No capítulo II, **Contextualização histórica**, versaremos sobre as grandes navegações, destacando as navegações nas épocas do Brasil Colônia e do Brasil Império.

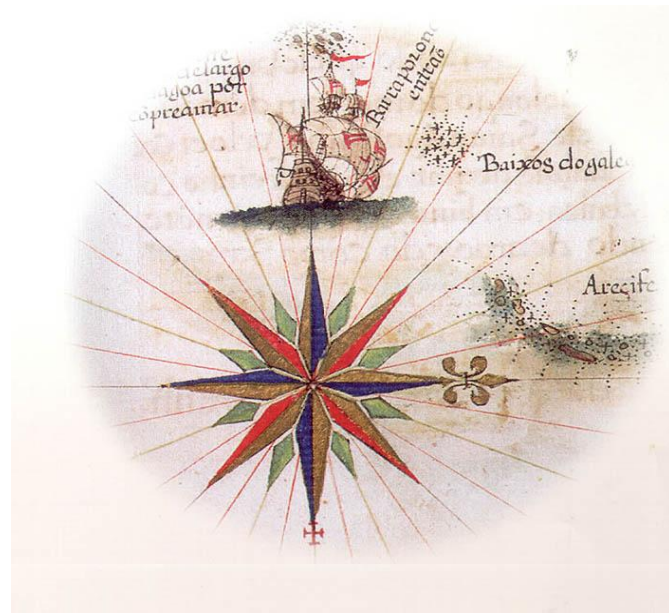
No capítulo III, denominado **Procedimentos metodológicos**, apresentaremos os métodos utilizados nas várias etapas do nosso estudo. Enfocaremos os procedimentos adotados para a coleta dos dados, a construção do *corpus*, a metodologia para a confecção das fichas lexicográficas que serão apresentadas no capítulo 4 e, também, os critérios empregados para a seleção dos dicionários consultados. Neste capítulo, baseando-nos em Murakawa (2010), faremos um breve relato do Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII, base de dados usada como consulta neste trabalho.

No capítulo IV, intitulado **Apresentação e descrição dos dados**, apresentaremos o nosso *corpus*, referente à terminologia náutica, coletado na obra *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto. Os dados retirados do *corpus* serão apresentados na forma de fichas lexicográficas, contendo: a) a transcrição do verbete selecionado; b) registros em dicionários; c) abonação do termo em Banco de Dados; d) comentários; e) origens. Essas informações servirão de subsídio para nossa análise linguística.

No capítulo V, designado como **Análise e discussão dos resultados**, apresentaremos análises quantitativas e discussão de resultados.

No capítulo VI, abordaremos algumas **Considerações finais** sobre nossa pesquisa, quando serão lembrados nossos objetivos e as conclusões decorrentes das análises propostas.

Capítulo 1



Capítulo 1 – O Léxico em foco

Segundo Biderman (1998, p. 11), *o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Através de um processo criativo de organização, o homem rotula seres e objetos e os classifica simultaneamente, identificando semelhanças e distinguindo traços, estruturando o mundo que o cerca. Assim se processa a geração do léxico, ou seja, através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.*

Em vista disso, o léxico que integra uma língua conserva uma estreita relação com a história sócio-cultural de uma comunidade, já que sintetiza a sua maneira de ver o mundo, recortando realidades e, também, fatos de cultura. Evidencia-se, portanto, como um espaço de produção de significação, articulado pelos elementos de ordem fônica, morfológica, semântica e gramatical, como atesta Lepschy (1984, p. 156): *Todo o funcionamento da língua, em seus vários níveis, parece constar de sistemas que giram à volta da palavra.*

Contemporaneamente, em três grandes áreas se divide o estudo da palavra ou o estudo do léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. De acordo com Biderman (1998, p. 7-8),

Embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos. Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

O notório desenvolvimento que se vem observando, nessas duas últimas décadas, nas áreas de lexicologia, lexicografia e terminologia tem evidenciado a importância das pesquisas que estão sendo empreendidas nesse campo, bem como suscitado reflexões a respeito de seus campos de atuação.

1.1. Lexicologia

A Lexicologia é consensualmente definida como o estudo científico do léxico, em suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais, conforme afirma Finatto (2004, p.44). Essa ciência está intimamente relacionada à complexidade, bem como à multiplicidade de facetas e abordagens que a palavra encerra e permite. Por isso, configura-se como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar dado que a palavra é um lugar de encontro e interesse particular de muitas ciências, embora tenha sido na ciência linguística que essa área se estabeleceu.

Haensch (1982, p. 91) mostra que essa disciplina científica, inscrita na área da linguística, pode ser concebida de diversas maneiras por diversos autores; desse modo, segundo ele, torna-se legítimo ser fiel a uma definição ao tratar do objeto de estudo. Entretanto, entre essas diversas definições existem pontos em comum, já que *se define sempre como 'léxico' um conjunto de significantes verbais ou de signos (na concepção bilateral de signo)*¹. Haensch (1982, p. 92-93) chama de lexicologia, *a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo*².

Assim definida, a lexicologia pode ter seu enfoque tanto a partir do léxico total de um sistema individual quanto no léxico de um sistema coletivo, examinando, em ambos os casos, as estruturas e as regularidades que podem neles se encontrar.

Nessa área, conhecida como *Lexicologia estrutural*, desenvolveram-se estudos correlacionando léxico e sociedade. Enquadram-se, aqui as pesquisas desenvolvidas por George Matoré (1953), inscritas na obra *La méthode en lexicologie*. Para Matoré (1953, p.37), a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo: há uma socialidade própria da língua. A partir dessa obra, os linguistas passam a considerar os aspectos sociais no estudo do léxico, o que fez com que a *Lexicologia* começasse a ser vista como uma disciplina de caráter sociológico. Defendia esse linguista, como princípio teórico, que o léxico é testemunha de uma sociedade, de uma época; seus elementos são *palavras-testemunhas – mots témoins, elementos particularmente importantes em função dos quais a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena*.³ (tradução nossa). Em sua abordagem social da Lexicologia, Matoré (1953) informa que,

ao constatar a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma do conteúdo, a Lexicologia se fundamentara não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição.⁴ (TN)

¹ [...] se define siempre como 'léxico' um conjunto de significantes verbales o de signos (em la concepción bilateral de signo).

² [...] a la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de um sistema individual o de um sistema coectivo.

³ [...] des éléments particulièrement importants em fonction desquels la structure lexicologique se hiérarchise et se coordonne. Nous proposons pour désigner ces éléments caractéristiques l'expression de mots-témoins. (Matoré, 1953 : 65)

⁴ [...] constatant l'impossibilité de dissociar dans le langage la forme du contenu, la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relation étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition. (MATORE, 1953, p. 94)

Corroborando a afirmação assumida por Matoré, Biderman (1981, p. 132) acrescenta que

é pela palavra (pela nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Sobre os limites e o alcance da Lexicologia, muito se tem discutido. Pergunta-se: i) quais deveriam ser os limites dessa disciplina científica? ii) quais as causas dos inúmeros desencontros no que se refere à natureza da Lexicologia? São questões bastante pertinentes, pois sendo o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais que constituem sistema fechados (fonologia, morfologia e sintaxe), é, reconhecidamente, o nível da língua mais resistente à sistematização, tendo em vista seu caráter dinâmico.

1.1.1. Léxico

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos de um povo ou de uma sociedade. Sem dúvida, as palavras podem ser consideradas como forte elemento de coesão social, constituindo elos entre os indivíduos, dando-lhes consciência de que pertencem a uma comunidade (também linguística).

Conforme afirmam Mussalim e Bentes (2001, p. 21-47),

A relação léxico e sociedade é mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta.

Um dos estudos mais antigos sobre o léxico remonta a Panini, ao século IV a.C., na Índia. Em sua gramática, Panini estudou o sânscrito e definiu elementos significativos dessa língua.

No Ocidente, devemos aos gregos as primeiras reflexões conhecidas sobre o léxico. Tivemos, também, a contribuição dos latinos. Esses desenvolveram estudos gramaticais, mostrando a oposição entre sistema (gramática da língua) e norma (uso social efetivo).

Do Renascimento até o século XVIII, podemos dizer que o estudo do léxico se desenvolveu basicamente em torno de dois eixos: i) confecção de dicionários; ii) estudo da palavra, numa perspectiva filosófica.

Com relação aos primeiros, apesar de existirem desde tempos remotos com as antigas listas lexicais, como ideogramas chineses, lista de palavras aparentadas ou, ainda, listas de palavras bilíngues – as listas mais conhecidas são: o *Appendix Probi* (anônimo), o glossário de Reicheneau (século VII), o glossário de Cássel (século IX) –; foi no século XVI, no Ocidente, que sistematicamente se iniciam os estudos de descrição ordenada do léxico. Isso se dá com a invenção da imprensa, quando surgiram os dicionários monolíngues e plurilíngues.

Os estudos filosóficos, por sua vez, acabaram por influenciar o pensamento dos gramáticos da época que procuravam definir os fatores constitutivos da linguagem e das línguas.

No século XIX, há mudanças no foco de estudo da Lexicologia: a palavra passa a ser vista como uma forma cuja natureza fonética e fonológica deveria ser observada. Os estudiosos da época deixam de se preocupar com a relação pensamento e palavra e o interesse passa a ser a comparação das formas linguísticas, marca predominantemente deste século. Surge o método da Gramática Comparada, lançado por Franz Bopp, enquanto aumentam o interesse pelos textos medievais despertados na época do Romantismo.

Nos finais desse século, com a marca triunfal da Geografia Linguística e conseqüentemente o florescimento da Onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para o estudo dos problemas lexicais. No *VII Congresso Internacional de Linguística*, em 1952, na cidade de Londres, os conceitos linguísticos gerais são elaborados sobre uma base fenomenológica, significando um sistema de referências extralinguístico. Até então, os dicionários são sistematizados sem relacionarem as definições com os sinônimos existentes.

A partir da década de 50, com a obra *La méthode em lexicologie*, de Georges Matoré (1953), seguindo a linha estruturalista, os linguistas passam a considerar os aspectos sociais no estudo do léxico, enfocando a palavra não como um objeto isolado, mas como parte de uma estrutura social, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade. Postura que, até hoje, encontra-se bastante recorrente nos estudos sobre a palavra, conforme mostra o dizer de Seabra (2006, p. 7),

[...] o léxico encontra-se arraigado na história, tradição e costumes de um povo, estando, por isso, em constante processo de expansão, alteração e contração. Devido a essas características, é considerado o subsistema mais dinâmico da língua.

Podemos dizer que a história da formação do léxico não corresponde a um processo linear, continuado. Ela decorre de vários estados de produção do saber linguístico e das transformações sofridas pelas unidades lexicais ao longo dos processos históricos: as palavras se submetem a bloqueios, desvios, apagamentos, deslocamentos; enquanto constroem redes de memória e filiações sócio-históricas. Sem dúvida alguma, o movimento de uma cultura leva ao movimento de palavras. Essa é a maneira como a língua se ajusta à evolução da sociedade.

Biderman (1978: 139), ao tratar de questões inerentes à relação léxico e sociedade, argumenta que *o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico*. De acordo com essa linguista, podemos ver o léxico como

o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias.⁵

Através do universo vocabular, a língua reflete a cultura da sociedade, servindo de meio de expressão e interação social para mundo que a cerca, por isso o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. Sobre essa questão, Biderman (2001, p. 179), assim, se manifesta:

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

O léxico classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura; não apresentando, deste modo, apenas um conjunto de palavras, mas uma espécie de ponte entre os falantes de uma língua em suas condições reais de uso. A criatividade lexical dos falantes possibilita que eles criem e recriem de acordo com suas necessidades sociointeracionais.

Guilbert⁶ ressalta que o léxico, ao contrário da gramática, sofre transformações muito mais rápidas, visto que não se constitui de natureza puramente linguística. Para ele, o

⁵ BIDERMAN, 1981, p. 132.

⁶ GUILBERT, 1992, p. 30.

léxico participa da estrutura linguística da língua e também espelha nessa língua as diversidades sociais e culturais.

Predominantemente de origem latina, a história do léxico português reflete, também, a história da língua portuguesa e os contatos de seus falantes com as mais diversificadas realidades linguísticas.

1.1.1.1. Léxico e Referência

Caracteriza-se a língua, para Saussure, como um produto social da faculdade da linguagem, isto é, a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. Esse grande mestre da linguística estruturalista concebe a língua como um sistema de signos que por si só dão conta da significação. No capítulo “Imutabilidade e mutabilidade do signo” da obra *Cours*, Saussure afirma que a comunidade linguística impõe ao falante um significante e que o “signo linguístico escapa à nossa vontade”; isto é, seja qual for o momento histórico em que focalizarmos o idioma, a língua evidencia-se sempre como uma herança de épocas anteriores. Ao conceituar o que é signo, ele deixa marcada a distinção entre entidades psíquicas (que constituiriam o signo) e físicas (que lhe seriam estranhas):

Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. [...] O signo linguístico une não uma coisa e um palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...] O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (SAUSSURE, 1970, p. 79-80)

Essa dicotomia saussuriana (significado/significante), usada para distinguir as duas faces psíquicas e indissociáveis do signo linguístico, desde então, foi analisada na literatura linguística, resultando na expansão e substituição pela forma triádica formulada por Charles K. Ogden e Ivor A. Richards.

A figura triangular de Ogden e Richards (1956) ganhou respeito entre os estudiosos por representar, em um de seus vértices, a figura do *referente*, isto é, da “coisa” extralinguística, que os autores distinguiam claramente de *referência* (o conceito, o significado) e de *signo* (o nome, a palavra, o significante). Esse triângulo foi reaplicado por Lyons (1977, p. 85), sendo, a partir dessa época, bastante utilizado em estudos lexicológicos e semânticos. A relação triádica sugerida pelos autores citados, pode ser assim representada:

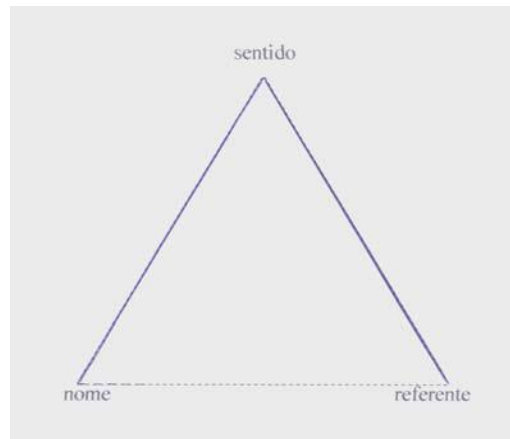


FIGURA 1: Relação triádica⁷

As linhas que ligam o nome ao sentido e este último ao referente são contínuas, representando relações diretas. Já a linha pontilhada, ligando o nome ao referente, indica uma relação indireta que deve, necessariamente, ser mediada pelo sentido, ou seja, a identificação do referente passa pelo sentido do nome. Cabe salientar que a presença do *referente* foi, durante muito tempo, ignorada pelos linguistas que se ocuparam fundamentalmente da gramática e de questões sintáticas. Contudo, o chamado “triângulo da significação” reavivou o interesse de inúmeros teóricos.

A reformulação do triângulo de Ogden e Richards (1956), adaptado por Biderman (1998, p. 116), busca ilustrar a dimensão linguística da palavra, ou seja, evidenciando justamente o lado direito do triângulo, o lado em que se coloca o *referente* já como uma transformação da realidade, como parte integrante do signo linguístico:

⁷ Há discordância entre vários autores quanto aos termos utilizados e, também, quanto às definições para cada termo. Entretanto, não é objetivo deste trabalho entrar nessa questão.

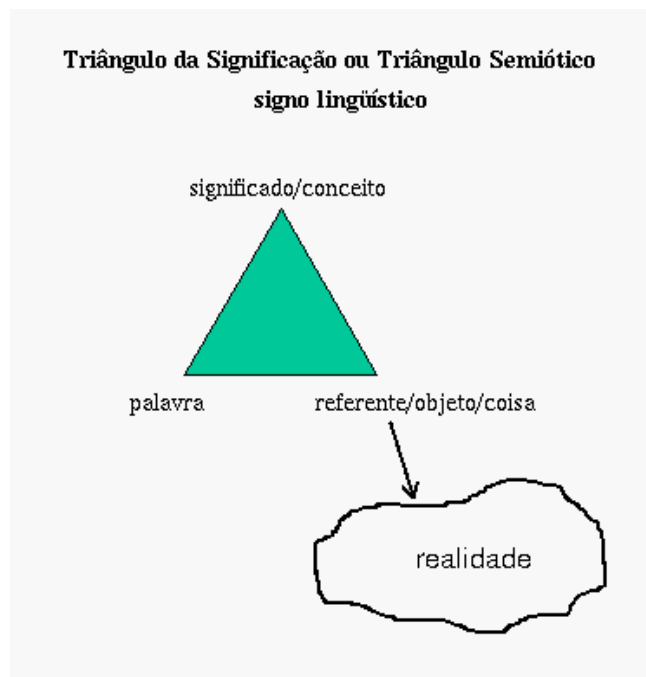


FIGURA 2: Triângulo de Ogden e Richards, adaptado por Biderman

Nesse quadro teórico, visto como modelo e modelador de cultura, o estudo sobre o léxico permite compreender conceitos e ocorrências da vida cotidiana. É importante ressaltar que à realidade (parte acrescentada por Biderman), diz respeito o ambiente e, também, a cultura herdada. A transmissão do repertório lexical de geração em geração através da educação informal e formal exerce papel importante na categorização/conceptualização do universo, ao fornecer ao indivíduo um estoque de nomes já codificados nessa cultura, conforme bem mostra Biderman (1998, p. 104):

É preciso lembrar ainda que o vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo mas que ele é adquirido através do processo social da educação. De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa aprendizagem o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Essa cristalização da experiência social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do pensamento como da linguagem individual.

Língua e cultura formam, pois um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos e *o vocabulário, símbolo verbal da cultura, perpetua a herança cultural através dos signos verbais*⁸.

⁸ BIDERMAN, 1998, p.5.

1.2. Lexicografia

As ciências da linguagem, constituídas pelo saber linguístico, resultam do aparecimento da escrita 3000 a.C.. Segundo Nunes (1996, p. 34), o advento da escrita constitui a primeira grande revolução tecnológica dessas ciências. A segunda revolução seria a da “gramatização”, isto é, o processo pelo qual se descreve e se instrumenta uma língua através de duas tecnologias⁹ – a gramática e o dicionário.

Objeto de nossa pesquisa, a palavra ‘dicionário’, segundo Cunha (2007, p. 263), tem sua origem provavelmente do francês *dictionnaire*, derivado do latim medieval *dictiōnāriūm*, de *dictiō*-ōnis, ou seja, livro de *dictiones*, “livro de expressões e palavras.” O dicionário é visto geralmente como um objeto de consulta, que apresenta os significados das palavras com a *certitude* do saber de um especialista e eventualmente desse modo, como uma obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber.

Se entendermos que todo o conhecimento humano está condensado em palavras, entenderemos que essa necessidade de estruturação do léxico é algo inerente ao espírito ou cérebro humano que, diante de um novo ser ou fato, vê-se compelido a processar o novo a partir daquilo que já sabe ou conhece. Nesse processo de categorização, percepção e comparação do novo com referentes similares é que se dá a nomeação – o homem identifica as propriedades distintivas e características do referente para nomeá-lo. E na medida em que o denomina, sente também que o domina. Uma vez designado, o referente passa a integrar, ao menos parcialmente, o conjunto de nossos domínios cognitivos, possibilitando sua apropriação e transmissão às gerações seguintes.

Por consistir nesse espaço imaginário de *certitude*, sustentado pela acumulação e pela repetição, o dicionário constitui um rico material para análise dos modos de dizer de uma sociedade. Nele as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que se apresentam traços significativos de uma época.

De acordo com Krieger (2006, p. 173-187),

o dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico.

⁹ Entende-se, neste texto, *tecnologia* como conjunto de técnicas específicas de determinado domínio.

E, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais. Converte-se, portanto, no testemunho, por excelência, da constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade linguístico-cultural de comunidades. Nessa medida, atribui coesão às sociedades e projeção às suas culturas.¹⁰

1.2.1. Dicionário

Como disciplina linguística, a Lexicografia contemporânea, divide-se em duas grandes áreas: Lexicografia prática e Lexicografia teórica. A primeira se ocupa da descrição do léxico e tem como um de seus principais objetivos produzir obras de referência, como dicionários, vocabulários e glossários. Já a Lexicografia teórica, ou Metalexicografia, dedica-se a todas as questões ligadas aos dicionários, como história, problemas de elaboração, análise, uso.

Os dicionários podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total de uma língua ou podem se restringir a um determinado tema ou, ainda, se referir a uma determinada região – são os dicionários regionais. Podem se dedicar aos fraseologismos (expressões idiomáticas, provérbios etc.), à língua escrita, à gíria, à língua falada. Podem ser descritivos, registrando como os itens lexicais são usados na realidade ou prescritivos – determinando de que maneira palavras e expressões deveriam ser empregadas, ou criticando seu uso. Podem ser monolíngues (uma só língua), bilíngues (duas línguas), trilíngues (três línguas) ou multilíngues.

Como trazem sempre informações que interessam ao consulente, Biderman (1998, p. 15) assinala a importância do dicionário de língua como porta-voz da norma lexical corrente na sociedade já que esses manuais *fazem uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura*. É fato que essas obras exercem, desde épocas antigas, funções normativas e informativas na sociedade.

Além de estabilizar conceitos, o dicionário normativiza a língua no que concerne à ortografia e às variações morfossintáticas. Ele, também, informa sentidos vocabulares operados no seio de uma dada comunidade, num dado período de tempo – comporta, portanto, a memória das sociedades de diferentes épocas.

¹⁰ LARA citado por KRIEGER, 2006, p173-187.

1.2.1.1. Os dicionários na época do Brasil Colônia

O saber lexicográfico se inicia no Brasil com os primeiros escritos sobre o país. Nesse sentido surge juntamente com a etnografia (conhecimento de povos indígenas), a economia (mercantilismo) e a geopolítica (expansão territorial das nações europeias). Os relatos de viajantes, colonos e missionários estão pontuados por citações de termos indígenas, de modo que é formada uma constelação de comentários lexicais. Os comentários dos viajantes se direcionam para as coisas do Novo Mundo, de maneira que a questão da *referência* torna-se importante. Ao descrever as novidades do país, esses falantes colocam em evidência os referentes. Fala-se de lugares, animais, plantas nunca vistos; fala-se de coisas não idênticas, mas semelhantes; constata-se a existência ou inexistência de coisas. Nessas circunstâncias, a organização dos espaços lexicais está intimamente relacionada com a geografia e a economia, com os interesses de conquista e de comércio.

Biderman (2002, p. 65) acrescenta, ainda, que nos primeiros séculos da colonização processa-se lentamente a aculturação dos nativos por meio do idioma português, quando os jesuítas ensinavam os índios a falar português. Contudo nesses primeiros séculos, a língua portuguesa encontrara em terras brasileiras um forte concorrente, o Tupi, uma língua franca, empregada em grande parte do território brasileiro. Essa língua geral, falada em toda costa brasileira, “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação” (SILVA NETO, 1976, p. 50). Os jesuítas usaram-na como instrumento de evangelização dos indígenas. Portanto, o contexto brasileiro, nesse período, é marcado pela descrição de línguas indígenas nos inícios da colonização¹¹.

Quanto à gramatização, afirma Horta (2002, p. 72),

[...] nesse período atingiu apenas três línguas indígenas: o tupinambá (ou tupi) que era falado na costa, o kariri e o manau, além das chamadas línguas gerais. Destacam-se as gramáticas do tupi, de Anchieta (1595) e de Figueira (1621), e do kariri, de Mamiani (1699), bem como o Vocabulário na Língua Brasileira. Este último deve ter sido composto durante a segunda metade do século XVI e no início do XVII.

¹¹ Até o fim do século XVIII tinham sido publicado as duas gramáticas e dois catecismos em tupinambá, além de observações gramaticais, textos e palavras dessa mesma língua em obras francesas, e uma gramática e dois catecismos em kariri, língua do interior da Bahia e Sergipe. Somente isso. Inéditos que não se perderam incluem um dicionário e outros documentos do tupinambá e um catecismo na língua amazônica manau, além de muitos documentos sobre a Língua Geral Amazônica e um sobre a Língua Paulista (ambas, formas do tupi antigo assumidas no uso dos mestiços). Perderam-se, entretanto, muitos escritos, certamente importantes, como os dicionários das línguas Maromimim (ou Guarulho) e kariri e os catecismos em sete línguas amazônicas feitos pelo Pe. Antônio Vieira. Em resumo, em três séculos da colonização do Brasil só nos ficaram documentos sobre três línguas nativas: tupinambá, kariri e manau. (RODRIGUES, 1993, v. 8, p.86).

Contudo, a decadência da língua geral começara a intensificar-se nos setecentos por causa de maciça imigração de portugueses para o Brasil, atraídos pela descoberta das minas gerais e, também, em decorrência das determinações e ordens do Marquês de Pombal para que na Colônia só se falasse a língua portuguesa.

Ao longo de sua história, conforme afirma Krieger¹², o Brasil jamais contou com uma política linguística que levasse à valorização de alguma obra lexicográfica a despeito do projeto da Academia Brasileira de Letras. De toda forma, os primeiros dicionários que, por diferentes razões e interesses, passam a contemplar a realidade linguística do Brasil, desempenharam também o papel de fixar a unidade e a pluralidade do português aqui falado. A identificação das estratégias lexicográficas de fixação de nosso léxico contribui para a história da identidade do Português Brasileiro, tema em torno do qual muita polêmica já se estabeleceu.

É importante explicitar que entendemos o processo de dicionarização como a descrição e instrumentação de uma língua no dicionário. Nunes (2006, p. 43) salienta que

Considerar o dicionário como um instrumento linguístico implica concebê-lo com uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, educação e divulgação de conhecimentos linguísticos [...]. Assim, o dicionário se apresenta como uma exterioridade para o sujeito e interfere na relação que ele entretém com a língua em determinadas conjunturas.

Ressalta Nunes (2002, p.100) que a compreensão da historicidade da dicionarização traz elementos para abordar questões de ética e de política linguística, levando-se em conta o processo de produção dos dicionários, com os diversos fatores sócio-históricos aí envolvidos.

Como aparece um saber dicionarístico no Brasil? Esta questão suscita uma série de apontamentos, conforme um ou outro critério. Se considerarmos a unidade da palavra, conforme Biderman (2005, p.47), desde os primeiros relatos de viajantes temos um saber que se volta para os termos empregados no Brasil, sejam as nomeações em língua portuguesa, desde Caminha (1500), sejam termos indígenas traduzidos e comentados, desde Pigafeta, em 1519, como aponta Neiva (1940). Se considerarmos a forma acabada do dicionário, os bilíngues português-tupi foram os primeiros a aparecer, na Época Colonial (séc. XVI-XVII).

Segundo Horta (2002, p.72), o processo de dicionarização brasileiro, pode ser visualizado nas seguintes etapas: i) transcrição alfabética de termos indígenas; ii) citações,

¹² Alfa, São Paulo, 50 (2): 173-187, 2006 .

comentários, traduções de termos indígenas, diálogos; iii) listas temáticas de palavras LI-LP (Língua Indígena e Língua Portuguesa) e LP-LI; iv) dicionários bilíngues LP-LI; v) dicionários bilíngues LI-LP; vi) dicionários monolíngues de LP no Brasil.

1.2.1.1.1. Dicionários Bilíngues

Os jesuítas, desde sua chegada em 1549 no Brasil, estabeleceram uma orientação para os estudos de língua indígena, com fins catequéticos, da qual resultou a tríade gramática-dicionário-doutrina. São, portanto, os primeiros dicionários alfabéticos brasileiros, concebidos por missionários, obras bilíngues (português-indígena).

O *Vocabulário na Língua Brasileira* (VLB), anônimo, circulou pelas missões e colégios jesuítas do Brasil na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII. São conhecidos vários manuscritos desse dicionário, que não foi publicado integralmente senão em 1938, por Plínio Ayrosa. Essa obra traz a representação de uma unidade do espaço linguístico brasileiro: a chamada “língua brasílica”, a que Anchieta se refere também como “a língua mais falada na costa do Brasil” e foi elaborado com o interesse prático de ensinar aos missionários a língua indígena, a fim de converter os nativos.

Outro dicionário bastante importante na época colonial é o *Dicionário Português-Brasiliano* (DPB) publicado em Lisboa, em 1795. O percurso que vai desde o manuscrito do DPB até sua edição reflete a substituição da prática jesuítica, banida do país em 1759, pela prática editorial e de arquivo que vem marcar o final do século XVII e início do XVIII. Esta acentuaria com a chegada da imprensa ao Brasil e com a política linguística promovida pelo Império.

Outro momento de destaque na história dos dicionários bilíngues no Brasil foi o aparecimento do primeiro dicionário (língua indígena-língua portuguesa). Ainda na forma manuscrita, encontram-se dois dicionários: o manuscrito do *Dicionário Brasileiro-Português* (DBP) de Frei Veloso e o manuscrito do *Vocabulário na Língua Geral* (VLG- Poranduba), de Frei Prazeres do Maranhão(1826).

Alguns estudiosos brasileiros (Gonçalves Dias, Ferreira França, Prazeres do Maranhão) e estrangeiros (Martius, Platzman) realizaram compilações de dicionários dos jesuítas no Brasil, acrescentando ou suprimindo termos, atualizando o corpo dos verbetes, introduzindo comentários gramaticais ou mesmo reduzindo os dicionários de caráter enciclopédico a glossários termo a termo. Podemos incluir, dentre as obras produzidas nesse contexto, a *Chrestomathia da Língua Brasílica*, de Ferreira França (Leipzig, 1859), e o

Dicionário da língua geral Brasílica: português e alemão, inserido na *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, de Martius (1863).

1.2.1.1.2. Dicionários Monolíngues

Publicado em Lisboa, pela Typographia Lacerdina, o primeiro dicionário monolíngue do português, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, datado de 1789, elaborado pelo brasileiro Antônio de Moraes Silva, constitui um marco na história da lexicografia brasileira. A obra de Moraes preencheu o horizonte metalinguístico, ao longo dos séculos XIX e XX, como um verdadeiro símbolo não só da lexicografia, mas da língua em geral, e da cultura portuguesa.

Moraes tomou por base o *Vocabulário Português e Latino, de Raphael Bluteau*, e resumiu os oito volumes daquele a apenas dois, mantendo a orientação de seu antecessor de exaltar os grandes autores de língua portuguesa. A obra teve oito reedições no século XIX (1813, 1823, 1831, 1844, 1858, 1877/1878, 1891, 9ª ed. s.d.).

Na segunda edição, de 1813, Moraes acrescenta nos textos introdutórios uma gramática filosófica, aos moldes da Gramática de Port Royal, o que mostra a filiação às concepções racionalistas da época.

Em 1922 recebeu uma edição comemorativa do centenário da Independência no Brasil, a qual reproduz a segunda edição, de 1813, a primeira em que Moraes inclui seu nome como autor. Uma edição ampliada foi publicada pela Editora Confluência em 1949-59, organizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado.

O *Dicionário da Língua Portuguesa* ou o *Dicionário de Moraes* é considerado pelos lexicógrafos uma obra fundadora da lexicografia de língua portuguesa, servindo de base para a confecção de outros dicionários em Portugal e no Brasil.

Na época do Brasil Colônia, no que diz respeito aos dicionários monolíngues referentes à Língua Portuguesa, a partir do século XVIII, além do dicionário de Moraes (1789), são considerados representativos o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1855) de Eduardo de Faria, o *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa* de Francisco Adolfo Coelho e o *Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa* de Francisco Caldas Aulete, publicado em 1881.

Em se tratando de obras consideradas brasileiras, os estudiosos apontam os primeiros dicionários datados do século XIX, a saber: o *Diccionario Brasileiro para Servir de Complemento aos Diccionarios de Lingua Portuguesa* (1853) de Costa Rubim; o *Diccionario*

Brazileiro da Lingua Portuguesa (1888) de Macedo Soares; e o *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* (1889) de Beaurepaire-Rohan.

Em todas essas três obras citadas acima, observam-se palavras típicas do Brasil, chamadas “brasileirismos”. Essas obras contribuíram para se questionar “o caráter normativo do dicionário, dando-lhe uma característica mais descritiva”.¹³

1.3. Terminologia

A Terminologia pode ser definida, segundo Barros (2007, p. 11) como o estudo científico dos termos usados nas línguas de especialidade, ou melhor, empregados em discursos e textos de áreas técnicas, científicas e especializadas.

O *termo* é entendido como “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p.5). O *termo* é, portanto, uma unidade lexical que designa um conceito de um domínio de especialidade. É também chamado de *unidade terminológica*. O conjunto de termos de uma área especializada chama-se *conjunto terminológico* ou *terminologia*.

O campo de pesquisa próprio da Terminologia são as chamadas *línguas de especialidade*, entendidas como “sistemas de comunicação oral ou escrita usados por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento” (PAVEL; NOLET, apud BARROS, 2007, p.11).

Apesar de a Terminologia ser a mais contemporânea das ciências do léxico, o reconhecimento formal de vocabulários específicos de determinadas áreas de conhecimento especializado datam de mais de três séculos, quando já vinham com “marcas de uso” em dicionários de língua.

Obra monolíngue, o denominado dicionário geral de língua consiste na referência primeira do fazer lexicográfico na diversificada tipologia de obras dicionarísticas. Tal tipo de dicionário registra o léxico geral de um idioma, reunindo seu conjunto de palavras e locuções da forma mais abrangente possível. Alguns desses dicionários incluem também terminologias em seus repertórios, entendendo que essas integram o componente lexical das línguas. Nessas obras, entende-se por terminologia, o conjunto de palavras marcadas pela temática de uma área de especialidade, por exemplo, a terminologia da física quântica, da medicina, da informática, a terminologia jurídica ou a terminologia náutica – essa última, nosso objeto de estudo.

¹³ DIAS; BEZERRA, 2006, p. 30.

Usamos a língua comum no dia-a-dia, mas usamos a linguagem especializada quando falamos sobre uma área do conhecimento e empregamos palavras que, dentro dessa área, têm um significado particular. Assim sendo, para nós, neste objeto de estudo, os termos são, acima de tudo, *unidades lexicais*, que têm a particularidade de ocorrer em discursos especializados, assumindo neles significações específicas e podendo, em consequência denominar conceitos científicos e/ou técnicos.

1.4. O Dicionário da Língua Brasileira, de Luiz Maria da Silva Pinto

Sobre os primórdios da lexicografia brasileira, voltamos nossos olhares para aquela que teria sido a primeira obra escrita, editada e impressa no Brasil – o *Diccionario da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto.



FOTO 1: *Diccionario da Língua Brasileira*
Fonte: acervo pessoal

Praticamente desconhecida dos pesquisadores até fins do século XX, por iniciativa do professor João Mendonça Teles – do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – essa obra foi reeditada em edição fac-símile, com patrocínio da Caixa Econômica Federal, pela Sociedade Goiana de Cultura e pelo Centro de Cultura Goiana da Universidade Católica de Goiás, do qual Teles era coordenador, em 1996.



FOTO 2: Detalhe da capa do Dicionario
Fonte: acervo pessoal

Sabemos que a história da imprensa no Brasil tem seu início oficial em 1808 com a chegada da família real portuguesa. Antes dessa época, toda atividade de imprensa - publicação de jornais, livros ou panfletos - era proibida, conforme Carta Régia de 1706, que mandava sequestrar e destruir qualquer modalidade de atividade tipográfica que fosse encontrada, como, também, punir seus proprietários. Mesmo assim, em caráter clandestino, algumas impressões foram realizadas em Minas, dentre elas citamos o poema laudatório, escrito por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, intitulado *Canto Encomiástico*, publicado por Padre Viegas.¹⁴

Padre Viegas ou o Padre Joaquim Viegas de Menezes, em função dos conhecimentos especializados que possuía, dirigiu, em 1820, em Ouro Preto, juntamente com o artífice português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal e alguns operários, a construção da primeira tipografia mineira, a *Tytipografia Patrícia*, assim denominada em referência à pátria. Dá-se, nessa tipografia, o início da imprensa periódica em Minas Gerais, com a circulação do jornal *Compilador Mineiro*, em 13 de outubro de 1823¹⁵, encerrada em 9 de janeiro de 1824. Apenas três dias após o seu desaparecimento, surgiu, impresso, na mesma tipografia e com o objetivo expresso de substituir o *Compilador*, o periódico *A Abelha do Itaculumy* (1824-1825).

Ainda nesse período, em 8 de abril de 1822, o goiano que residia em Ouro Preto, o major Luiz Maria da Silva Pinto, propõe a iniciativa de um plano para a instalação da primeira tipografia oficial do Estado, além da publicação de uma folha, como porta-voz dos atos governamentais. Esse major foi o principal impressor de Ouro Preto, durante vários anos,

¹⁴ SEABRA, 2008, p. 151

¹⁵ COSTA FILHO. *A Imprensa Mineira no Primeiro Reinado*.

tornando-se o administrador do estabelecimento real. A gráfica real estreia tipos e prelos com a produção dos impressos avulsos do poder oficial da Capitania e das diversas repartições públicas, além de papeis de encomenda particular.

Luiz Maria da Silva Pinto nasceu em Pilar de Goiás, em 15 de março de 1775 e faleceu em 20 de dezembro de 1869, em Vila Rica, hoje Ouro Preto, aos 94 anos de idade. Era filho de José Pinto da Silva e de Joaquina Maria Zunega. Iniciou seus estudos em Goiás, completando-os em Ouro Preto, cidade para onde se transferiu em companhia de sua mãe e irmã. Em Ouro Preto é crismado por Tomás Antônio Gonzaga e, sob a proteção de Frei Domingos da Encarnação Pontevel, Silva Pinto avança em seus estudos. Foi secretário do Palácio do Governo, nomeado por Visconde de Barbacena e, mais tarde, por promoção, ao cargo de oficial-mor e, logo em seguida, major. Foi, também, Deputado Provincial, Procurador Fiscal da Mesa de Rendas de Minas, tendo sido nomeado vice-diretor geral da Instituição. Segundo Teixeira de Freitas¹⁶, Silva Pinto pode ser considerado o pai da estatística geral mineira, uma vez que, quando secretário da Província, promoveu um inquérito estatístico-cronográfico em 23 de julho de 1825, além de um levantamento por ele organizado, em 1854, por ordem do Presidente de Província Francisco D. Pereira de Vasconcellos. Freitas afirma que vários são os documentos que demonstram esforços repetidos da administração mineira em prol da estatística geral¹⁷. Entre suas obras, destaca-se ainda *O Mapa Geodésio de Minas Gerais*, editado em 1825. Silva Pinto foi, ainda, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, patrono da cadeira número 29 da Academia de Letras de Goiás.¹⁸

¹⁶ Diretor Geral de Informações Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação em 1931.

¹⁷ FREITAS, 1940.

¹⁸ MAPA. Disponível em: <<http://academiagoianadeletras.org/membro/luiz-maria-da-silva-pinto>>. Acesso em 1 abr. 2011.



FOTO 3: Casa de Silva Pinto em Ouro Preto¹⁹
Fonte: acervo pessoal



FOTO 4: Localização da casa de Silva Pinto em Ouro Preto -
Vista de Vila Rica, 1820, de Armand Julien Pallière

Fonte: acervo pessoal

Sobre as impressões causadas pelo *Diccionario da Lingua Brasileira* no meio intelectual e, ainda, sobre seu autor, o goiano Luiz Maria da Silva Pinto, destacamos as vozes de:

a) José Pedro Xavier da Veiga – nas *Efemérides Mineiras*, em data de 19 de setembro de 1869, Xavier da Veiga registra o óbito de Luís Maria da Silva Pinto, consagrando-lhe uma

¹⁹ Localizada na Rua Cláudio Manuel nº 129. Centro. Atualmente, República Maracangalha, propriedade da Escola de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto, UFOP.

página biográfica, em que aponta os seus *relevantísimos serviços à administração pública de Minas Gerais desde a última fase do governo colonial e durante meio século*. Dizendo-o homem muito inteligente, extraordinariamente trabalhador e dotado de espírito de organização e de pesquisa, Xavier da Veiga (1897, p. 47-52), afirmando nunca ter visto o dicionário, disserta:

Também durante muitos anos, o major Luís Maria da Silva Pinto possuiu e dirigiu oficinas tipográficas em Ouro Preto, editando nelas muitos livros, alguns bem volumosos, e em tempos difíceis para a imprensa no interior do país. Entre os aludidos livros figura um dicionário português, de, sua própria composição, ao qual deu o título de Dicionário da língua brasileira e cujos exemplares são hoje raríssimos.

b) Affonso E. de Taunay²⁰ – na obra *Inopia científica e vocabular dos grandes dicionarios portuguezes* (1932, p. 147), Taunay destaca:

Quarenta annos após o apparecimento do Diccionario de Moraes, novo tentame de igual natureza ao do lexicographo fluminense se daria no Brasil muito embora delle resultase obra de mediocre valor, hoje quasi totalmente esquecido: o *Diccionario da Lingua Brasileira*. Pela terceira vez, creio, apparecia o nosso patronymico nacional á portada dos dictionarios da lingua. Fizera Bluteau garbo de que o seu tambem [seria] *brasilico* entre numerosos outros predicados. E Moraes, como bom brasileiro, timbrara em lembrar que o seu lexico recolhera milhares de palavras de sua terra. Mas Silva Pinto fora adiante: redigira um diccionario da lingua brasileira. Infelizmente, porém, não lhe correspondeu a obra á altissonância do programma constante do patriotico titulo. Deve ter sido composto por homem inteligente e lido, que se valeu não ha duvida e muito, dos trabalhos de Moraes, mas nem por isto deixou de levantar em homenagem á riqueza vocabular da lingua luso-brasileira, até hoje tão deficiente, tão mesquinhamente invetariada. É um tanto obscura a biographia deste nosso segundo dictionarista Luiz Maria da Silva Pinto.

c) Eduardo Frieiro – no artigo *um velho dicionário impresso em Minas*²¹(1955), destacamos as impressões de Frieiro:

Acham-se vinculados aos primeiros tempos da Tipografia em Minas três nomes que não podem ser esquecidos: o do mineiro Padre Viegas de Meneses, o do português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal e o do goiano Luís Maria da Silva Pinto. [...]. Administrava a oficina provincial o major Luis Maria da Silva Pinto, que durante várias décadas foi o principal impressor de Ouro Preto, já como gerente do estabelecimento oficial, já como editor particular, proprietário da Tipografia de Silva, cuja marca tenho encontrado em diversas obras dadas a lume de 1827 a 1848. Algumas eram de autoria do operoso Silva Pinto, que chegou mesmo a publicar um Diccionario da lingua brasileira, portátil, de 1.132 páginas, para remediar a penúria de vocabulários, ocorrente na Província. Era o Dicionário uma compilação apressada feita pelo próprio impressor, que também editou, para uso das escolas de primeiras letras, numerosos voluminhos, dos quais posso citar os títulos de alguns que possuo, a saber: Ortografia ou Arte de escrever (1829), Aritmética ou Arte de contar (1831), Princípios da Moral cristã (1846) e Gramática brasileira ou Arte de falar, conforme

²⁰ TAUNAY, 1932, p.182.

²¹ FRIEIRO, 1955, p.390-397.

as regras da Manuel Borges Carneiro (1847). Embora se intitulasse Dicionário da língua brasileira, nada tinha que ver com a fala dos aborígenes nem com os particularismos da língua corrente no Brasil. Era um pequeno léxico da língua portuguesa, com alguns escassos brasileirismos, colhidos provavelmente em Moraes Silva. O caso é que, naquela época, achando-se os Brasileiros ainda na lua de mel da independência nacional, o espírito nativista, então muito alvoroçado, não se contentava unicamente com a autonomia política: almejava romper todos os laços que ainda nos atavam à repudiada Metrópole, inclusive o liame infrangível da língua materna. Como não era possível fabricar uma, com peças totalmente novas, chamava-se brasileira à língua que, sem deixar de ser portuguesa, é de qualquer forma também a nossa.

d) L. G. – que assina a nota do recorte do jornal²² (sem data), abaixo apresentado:

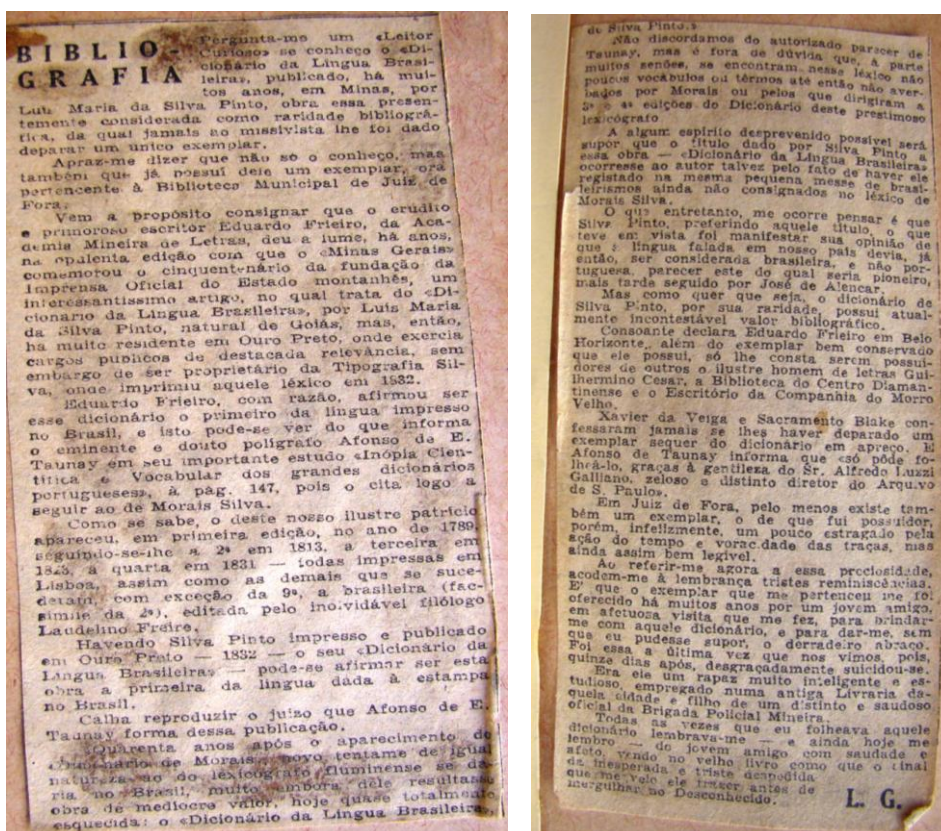


FOTO 5: Notícia de jornal
Fonte: acervo pessoal

e) Paulo Mario Beserra de Araujo – neste início de século XX, quando a ciência linguística se volta para a análise de dicionários e as versões digitais de obras se encontram disponibilizadas na internet, Araujo (2009) realizou um “ensaio metalexiconográfico analítico, comparativo e crítico” do *Diccionario* de Silva Pinto, publicado com o título *Um diccionario sem auctor versus hum ‘auctor’ com diccionario*. Esse pesquisador, buscando estudar o que motivou Silva Pinto a delimitar a macroestrutura de seu dicionário (cf. Araujo, 2009, p. 9-10), mostra inúmeras semelhanças da obra desse autor – o *Diccionario da Lingua Brasileira* com a obra

²² Recorte encontrado na contra-capa do volume do *Diccionario* do Museu da Inconfidência em Ouro Preto, porém não há informações sobre a autoria.

“sem autor declarado, pelo editor, impressor e livreiro Francisco Rolland”²³; denominada *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, edição de 1806, “disponível desde 23 de fevereiro de 2007, no *website books.google*, obtida do original existente na *Taylor Institution Library*, da *Oxford University*, Oxford, Inglaterra.”²⁴ Após um cuidadoso estudo, Araújo conclui que a “análise comparativa efetuada permite constatar que a semelhança entre as duas obras está além do que pode ser classificado como compilação.”²⁵

Apresentamos, a seguir, a folha de rosto do *Diccionario da Língua Brasileira*:

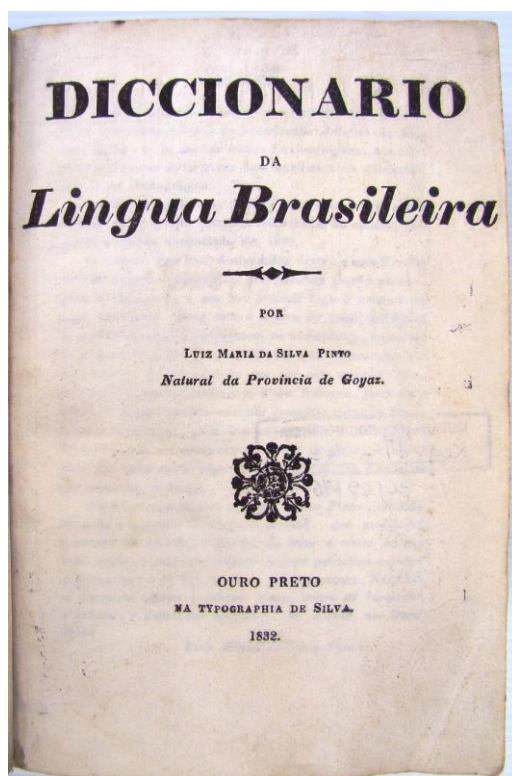


FOTO 6: *Diccionario da Língua Brasileira* (1832)
Fonte: acervo pessoal

Diferentemente de seu colega editor, responsável pela obra similar portuguesa, Silva Pinto assina a obra brasileira. Com esse comportamento, o consulente entende que cabe a ele, além da edição, a autoria do dicionário. Entretanto, no prólogo apresentado, esse autor se coloca como impressor, não como autor – “me suggerio o projecto de imprimir este auxiliante da Grammatica e da Orthographia”; deixa claro, também, que a obra ao ser editada já contava com um número de leitores ou “assignantes” mais do que suficientes para sua confecção. Isso nos leva a refletir que Silva Pinto realizou um trabalho de edição de uma obra portuguesa, de fácil manuseio, visando atender aos brasileiros. Salientamos que apesar do

²³ ARAUJO, 2009, p. 13.

²⁴ *Ibidem*, p. 10

²⁵ *Ibidem*, p. 78

título se referir à variante do português brasileiro, esse dicionário tem um caráter normativo, até mesmo preconceituoso, conforme podemos inferir no trecho do prólogo, em que destacamos a preocupação do autor em mostrar que no nosso léxico havia palavras da língua portuguesa, *e não somente d'aquellas que proferem os Índios*. Posição conservadora, sem dúvida.

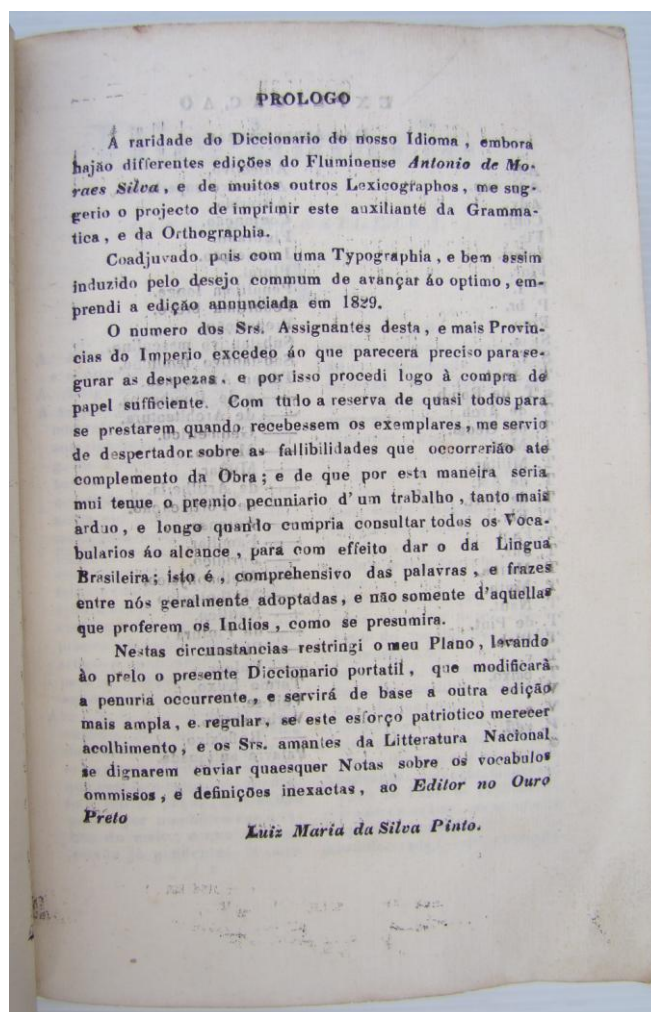


FOTO 7: Prologo do Diccionario da Lingua Brasileira
Fonte: acervo pessoal

Mais do que descrever o léxico brasileiro dos primeiros anos dos oitocentos, com certeza, o *Diccionario da Lingua Brasileira* do goiano Luiz Maria da Silva Pinto, tinha como objetivo ser prescritivista, conduta bastante comum nessa época.

Publicado dez anos depois da Independência do Brasil, o dicionário, nesse contexto, constitui-se como um instrumento de divulgação da nova nação e da posição política de seu editor diante dos acontecimentos históricos. Como homem respeitado na sociedade local, em um período em que o Brasil acabava de ser tornar independente de Portugal, Silva Pinto se preocupava com os rumos que a língua portuguesa poderia tomar e,

como editor, colocou-se como “protetor” do português lusitano, “bem falado” em terras brasileiras.

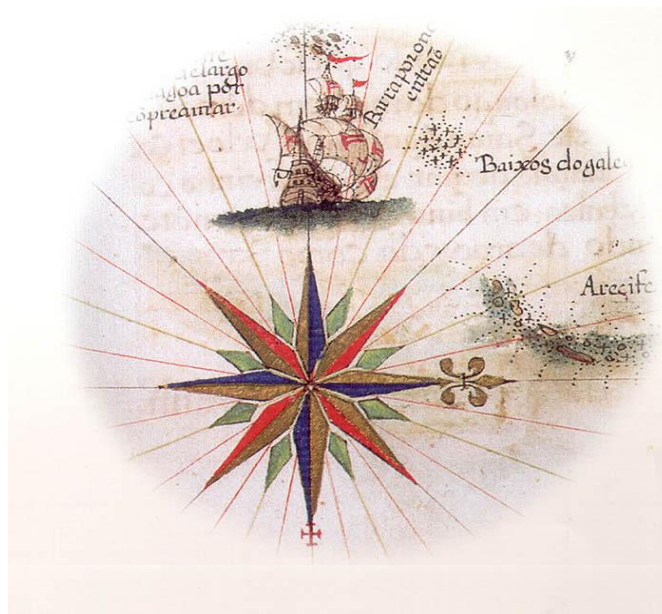
A imagem que apresentamos, a seguir, destaca a página do dicionário que trata das abreviaturas da obra, com a inserção de várias terminologias, dentre elas, a *terminologia náutica*, objeto de análise desta Pesquisa.

EXPLICACAO	
DAS ABREVIATURAS.	
Adj.	Adjectivo.
Adj. sup.	Adjectivo superlativo.
Adv.	Adverbio.
Conj.	Conjunção.
Fig.	Figurado.
Interj.	Interjeição.
Plur.	Plural.
P. l.	Penultima longa.
P. br.	Penultima breve.
Prep.	Preposição.
S. m.	Substantivo masculino.
S. f.	Substantivo feminino.
T. Anat.	Termo Anatomico.
* T. de Bomb.	— de Bombeiros.
T. de Arch.	— de Architectura.
T. de Geom.	— Geometrico.
T. Med.	— Medico.
T. Militar.	— Militar.
T. de Art.	— de Artilheia.
T. de Fort.	— de Fortificação.
T. For.	— Forense.
T. Fam.	— Familiar.
T. Jur.	— Juridico.
T. Metha.	— Methaphysico.
T. Myth.	— Mythologico.
T. Naut.	— Nautico.
T. de Pint.	— de Pintura.
T. Pleb.	— Plebeo.
T. Vulgar.	— Vulgar.
T. baixo.	— Termo baixo.
V.	— Veja se.
V. act.	— Verbo activo.
V. refl.	— Reflexivo.
* Pal.	— Palavra antiquada.

IMAGEM 1: Lista de abreviaturas, proposta pelo *Diccionario da Lingua Brasileira*.

Dada a estreita relação entre cultura e léxico, abordaremos no próximo capítulo as grandes navegações, destacando a navegação portuguesa em terras brasileiras.

Capítulo 2



Capítulo 2 – Contextualização histórica

2.1. As grandes navegações

A aventura marítima portuguesa não foi um marco isolado. Ela se fez no contexto de uma das maiores aventuras expansionistas empreendidas pelo homem e se tornou conhecida como *grandes navegações*. De costas para Castela e de frente para o mar, a única forma de Portugal expandir seus domínios era enfrentar as águas desconhecidas.

Desde 1385, com a ascensão de D. João I ao trono após a Revolução de Avis, antes de qualquer outro país europeu, Portugal já possuía um Estado centralizado, apoiado por uma burguesia mercantil forte e disposta a investir na expansão, a fim de ampliar suas possibilidades de lucros. Construíram caravelas, principal meio de transporte marítimo e comercial do período, desenvolvidas com qualidade superior às de outras nações. Neste país também houve a preocupação com os estudos náuticos, pois os portugueses chegaram a criar até mesmo um centro de estudos: a Escola de Sagres. Nesse centro, o Infante Dom Henrique, filho do Rei Dom João I, reuniu numerosos pilotos, cartógrafos e astrônomos, cujos trabalhos favoreceram o avanço da arte de navegar e impulsionaram a expansão marítima portuguesa. A partir daí com o aprimoramento da cartografia – em especial com o desenvolvimento das cartas náuticas – e com o avanço das técnicas de navegação, recorrendo ao que havia de mais novo no campo científico, tais como a ampliação dos conhecimentos sobre correntes marítimas, o uso do astrolábio e da bússola que permitia navegações mais seguras; privilegiando a situação geográfica de seu país, os portugueses partiram para as grandes expedições marítimas.

Entre os grandes obstáculos vencidos para que fossem além do conhecido mar Mediterrâneo, estavam o medo e várias pré-concepções. Foi necessário um longo processo de mudanças para que o povo europeu apostasse na teoria da esfericidade da Terra e se “convencesse” de que havia alguma possibilidade de ir além das águas já navegadas desde muito tempo.

Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com dois objetivos principais: descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a Era das Grandes Navegações e Descobrimientos Marítimos.

O início da expansão portuguesa deu-se em 1415, com a conquista da cidade de Ceuta, no norte da África, na costa do atual Marrocos, importante centro comercial da época – ponto de convergência de caravanas de comerciantes árabes. Depois de Ceuta, os portugueses

continuaram suas conquistas, contornando a África, em um trajeto conhecido como périplo africano. A expansão portuguesa incluiu a ilha da Madeira, os Açores, Cabo Verde, a ultrapassagem do Cabo Bojador (grande obstáculo para a continuação da viagem e muito temido pelos navegadores por causa das fortes ondas e dos nevoeiros comuns na região) Senegal e Serra Leoa.

Durante o périplo africano, os portugueses desenvolveram a caravela, um tipo de barco adaptado à navegação em mar aberto, e começaram a esboçar o audacioso plano de contornar o sul da África e chegar às Índias.



MAPA 1: As grandes navegações²⁶

A chegada dos portugueses ao litoral da América em 1500 foi, portanto, uma consequência da expansão ultramarina, anteriormente realizada em vários cantos do mundo.

As grandes navegações transformaram Portugal em um império respeitado em toda à Europa: o interesse despertado pelas viagens transoceânicas não só permitiu a expansão dos conhecimentos náuticos, com o desenvolvimento da bússola, do astrolábio, das embarcações e de mapas rudimentares denominados portulanos; mas, também, por ser o primeiro país europeu a iniciar a expansão ultramarina, teve seu comércio ampliado, dominou povos e terras, impôs um sistema de colonização, imprimindo aí sua soberania, religião, cultura e língua.

²⁶ NAVEGAÇÕES. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt>>. Acesso em: 1 Abr. 2011.

O desenvolvimento do comércio europeu, nos séculos XV, XVI e XVII, favorecido pelas práticas mercantilistas das monarquias absolutistas, foi também chamado de "revolução comercial". A revolução comercial caracterizou-se pela integração da América, África e Ásia à economia europeia, através da navegação pelo Oceano Atlântico; pelo aumento da circulação de mercadorias e de moedas; pela criação de novos métodos de produção de manufaturas; pela ampliação dos bancos, dos sistemas de crédito, seguros e demais operações financeiras. O crescimento da agricultura, da mineração, da metalurgia, da navegação, da divisão do trabalho, do comércio colonial promoveu uma grande acumulação de capital preparando a Europa para avanços importantes na produção o corridos a partir do século XVIII.

2.2. As navegações na época do Brasil Colônia

A primeira exploração do litoral do território descoberto foi feita pela própria esquadra de Cabral, que seguiu paralelamente à costa em direção norte, procurando um porto onde os navios ficassem abrigados. A partir daí, nos primeiros trinta anos, o contato com as terras brasileiras ficou limitado ao envio de algumas expedições de reconhecimento e defesa do litoral e outras, com o objetivo de explorar o pau-brasil, único artigo que poderia ser convertido em lucros para Portugal.

Em 1530, Dom João III enviou ao Brasil a expedição de Martim Afonso de Sousa, cujos principais objetivos eram verificar a existência de metais preciosos, explorar e patrulhar o litoral e estabelecer os fundamentos da colonização do Brasil. Martim Afonso percorreu quase todo o litoral brasileiro: de Pernambuco, enviou dois barcos para explorar o litoral norte; organizou expedições rumo ao sertão, partindo de Cabo Frio e de Cananeia; chegou até a foz do rio da Prata e depois retornou ao litoral paulista, onde fundou a vila de São Vicente (1532). Ali se organizaram alguns povoados, iniciou-se o plantio da cana e foram construídos os primeiros engenhos da colônia. Começava assim a colonização efetiva do Brasil, apoiada, inicialmente, na produção de açúcar para o mercado externo.

O aproveitamento sistemático dos recursos da terra brasileira em benefício da metrópole portuguesa permitiu a fixação de populações europeias na região, o que contribuiu para a incorporação dos modelos sociais, culturais e religiosos europeus no Novo Mundo.



MAPA 2: “Terra Brasilis”²⁷

A busca de colônias constituía um dos principais objetivos dos países mercantilistas europeus. As áreas coloniais eram um excelente mercado consumidor dos manufaturados europeus e fornecedor de matérias-primas e produtos agrícolas tropicais.

As colônias eram vistas como instrumentos de poder das metrópoles. Por isso, a produção foi organizada de acordo com a política econômica do *mercantilismo*, tendo como objetivo o fortalecimento do Estado nacional e a acumulação de riquezas monetárias nas mãos das burguesias europeias. Cada metrópole preocupava-se fundamentalmente e manter a posse de suas colônias, como bem mostra Cáceres (1993, p. 19),

A administração colonial estava centralizada na metrópole e tinha por finalidade básica garantir que as colônias gerassem produtos para a metrópole a baixos custos e consumissem os manufaturados metropolitanos a *preços mais altos*. O elemento mais importante desse sistema era o monopólio comercial das metrópoles sobre as colônias, cuja economia girava em torno das necessidades econômicas metropolitanas e de sua burguesia.

Até mesmo as formas de produção das colônias eram organizadas de acordo com as necessidades metropolitanas. No Brasil colônia, por exemplo, foi introduzida a escravidão, a fim de se obter uma produção em larga escala, necessária à economia europeia. Essas colônias em áreas tropicais, que produziam para o mercado externo, eram chamadas *colônias de exploração*²⁸. Sua economia era baseada na grande propriedade, na monocultura e no trabalho compulsório, isto é, obrigatório.

Com o estado português no Brasil, aumentaram tanto as exportações quanto as importações e, conseqüentemente, a necessidade de um satisfatório transporte marítimo.

²⁷ TERRA BRASILIS. Disponível em: <<https://www.mar.mil.br/dhn/dhn/historico.html>>. Acesso em: 1 Abr. 2011.

²⁸ CÁCERES, 1993, p. 19.

Durante o século XVI e início do século XVII, o Brasil tornou-se o maior produtor de açúcar do mundo e o responsável pela riqueza dos senhores de engenho, da Coroa e de comerciantes portugueses; porém, foi só com a vinda da família real portuguesa para o Brasil que a navegação brasileira se intensificou.

A chegada ao Rio de Janeiro do Príncipe Regente D. João e da Rainha D. Maria I, fugindo das guerras napoleônicas na Europa, foi um marco na história da marinha brasileira. Nessa época, a marinha portuguesa encontrava-se decadente, mas sua capacidade foi ampliada para poder apoiar a “Esquadra Real” e os navios estrangeiros, já que o fluxo aumentou consideravelmente em virtude da abertura dos portos brasileiros ao comércio com outras nações. Podemos dizer que a transmigração da Família Real portuguesa foi fundamental para que, mais tarde, ocorresse a independência unificada de todo o território de colonização portuguesa na América. A cidade do Rio de Janeiro tornou-se sede do governo português, o que gerou um surto de progresso em vários setores da sociedade colonial.



IMAGEM 2: Primeira esquadra brasileira²⁹

Posteriormente, com as tentativas das Cortes de fazer D. Pedro regressar para a Europa, iniciou-se a cisão da Marinha de Portugal. Desde o princípio de 1822 alguns comandantes de navios passaram a obedecer somente ao Príncipe e o apoiaram nas ocasiões em que houve ameaças de uso de força. Começava, nesse período, a se formar o embrião da marinha do Brasil.

²⁹ ESQUADRA. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search%3Fq%3D%2522Marinha%2BImperial%2BBrasileira>>. Acesso em: 1 Abr. 2011.

2.3. As navegações na época do Brasil Império

Com a independência do Brasil, o primeiro governo encontrou a difícil tarefa de unificar o extenso território brasileiro, em cujo litoral encontravam-se os principais centros urbanos, ou seja, era emergencial que o Estado possuísse uma Esquadra e estabelecimentos de apoio para manter a unidade nacional. Para eliminar os focos de resistência interna à autoridade do novo Imperador, que eram mais fortes nas províncias da Bahia, Maranhão, Grão-Pará e Cisplatina, e rechaçar qualquer tentativa de recolonização por parte da antiga metrópole, foi necessário o aprestamento de forças terrestres e, principalmente, o preparo de uma força naval capaz de obter o domínio do mar, interceptar a vinda de reforços portugueses, bloquear as posições inimigas e manter livres as comunicações marítimas do novo Império; garantindo a unidade nacional. Era preciso, além da Esquadra, possuir a capacidade de reparar os navios existentes e construir outros.

Segundo Bittencourt³⁰, em fins de 1822, “o material flutuante ainda era muito escasso, com navios que tinham sua origem na Marinha de Portugal e que passaram a constituir o primeiro núcleo da Esquadra brasileira, composto pelas Fragatas *União* e *Real Carolina*; Corvetas *Maria da Glória* e *Liberal*; Brigue *Real Pedro*, Brigue-Escuna *Real*, 13 escunas – das quais sete encontravam-se estacionadas no Prata – e de, aproximadamente, 20 navios-transportes e canhoneiras. Os outros navios estacionados no Rio de Janeiro, somente três eram utilizáveis, a Nau *Martins de Freitas*, a Fragata *Sucesso* e o Brigue *Reino Unido*, os quais foram prontamente reparados no Arsenal de Marinha. A Nau *Príncipe Real*, que trouxe D. João VI ao Brasil, só pôde ser utilizada como navio-prisão, devido ao péssimo estado que se encontrava.”

De acordo com Vale (1971, p. 10),

[...] a princípio, parecia não haver falta de oficiais para a nova Marinha: 160 tinham se estabelecido no Brasil desde 1808, mas a maioria era de portugueses, e tornou-se necessário verificar primeiro sua lealdade. Com esta finalidade Cunha Moreira estabeleceu uma comissão, em 5 de dezembro de 1822, para perguntar a cada oficial se ele desejava servir ao Brasil ou voltar para Portugal. Ficou logo claro que a grande maioria aderiu à causa brasileira, e quando foram retirados os nomes dos mais velhos e dos incapazes, restou um total de 94. Era evidente que o Brasil tinha oficiais superiores em número suficiente, mas a quantidade de oficiais inferiores dava apenas para guarnecer os navios já em comissão nos estabelecimentos de guerra.

Nesse período, a Marinha Imperial Brasileira possuía em seus quadros profissionais oriundos de diversos grupos sociais. O engajamento e o recrutamento de pessoal

³⁰ MARINHA IMPERIAL. Disponível em: <http://www.mar.mil.br/diversos/Artigos_selecionados/Documentos/marinha_imperial.pdf>. Acesso em: 25 Abr. 2011.

para a marinhagem ocorriam de forma voluntária, por contrato (geralmente estrangeiros) ou pelo recrutamento à força (vagabundos e criminosos) e, posteriormente, em decreto emitido em fevereiro de 1823, permitiu-se a admissão de escravos na Marinha. Muitos eram oriundos da Marinha de Portugal; despertavam, portanto, desconfiança. Outros tantos não tinham experiência no mar. Apesar desses problemas, o governo imperial conseguiu unificar a marinha brasileira da época.



IMAGEM 3: Marinha Imperial³¹

É consenso que o instrumento decisivo para alcançar a Independência do Brasil certamente foi a feliz decisão do Governo Imperial, de aprestar uma Esquadra capaz de garantir o controle no mar, negando-o aos portugueses; possibilitar o deslocamento de tropas de maneira mais rápida; cortar as linhas de recebimento de suprimento e reforço do inimigo pelo mar.

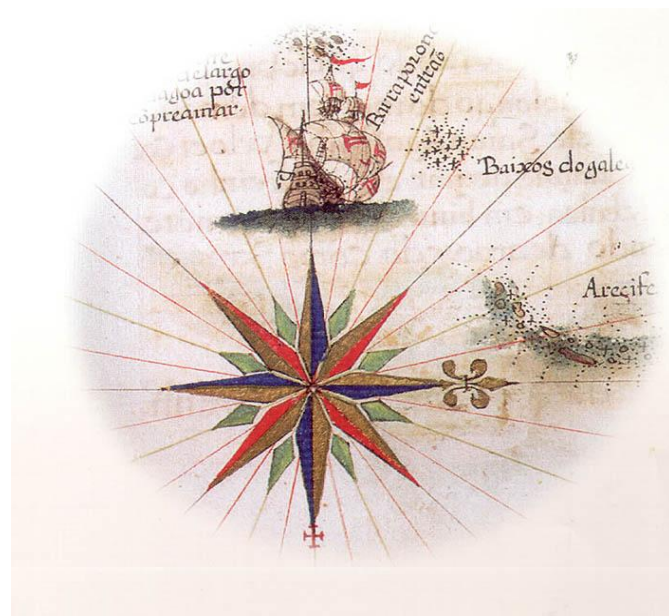
2.4. Considerações

Como se sabe, os marinheiros envolvidos nas viagens marítimas portuguesas eram, fundamentalmente, gente do povo, pouco instruída, não lhes sendo acessível, portanto, o domínio de uma terminologia muito elaborada. Mesmo assim, ela existe, é dicionarizada e merece ser estudada. Podemos dizer que ao desenvolvimento das ciências e técnicas náuticas em Portugal, correspondeu o florescimento de toda uma terminologia vernácula, herdada no Brasil.

³¹ MARINHA IMPERIAL. Disponível em: < https://www.mar.mil.br/menu_h/noticias/06092010/02.html>. Acesso em 25 Abr. 2011.

Depois dessa breve exposição acerca das grandes navegações que, rudimentares nos séculos XIV e XV, ultrapassaram o nível da prática rotineira já nos primeiros anos do século XVI, passamos a apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

Capítulo 3



Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos

Como já apontado na Introdução, nossa pesquisa insere-se na área do léxico, mais especificamente do léxico especializado, referente aos termos náuticos. Em nosso entender, o léxico especializado ou a terminologia e suas unidades – os termos – não se separam artificialmente do resto da língua, mas encaixam-se, fazendo parte integrante dela. Nessa perspectiva, não concebemos a terminologia nem os termos, seus objetos de análise, como um *mundo à parte* da realidade linguística de uma língua. Ao contrário, acreditamos que as terminologias presentes em um dicionário são constituídas de subsistemas – tais como termos médicos, termos da arquitetura, termos náuticos, dentre muitos outros – que interagem dentro de um sistema maior que é o léxico geral.

Sobre esse tema, Murakawa (2002, p. 21) discorre:

[...] o léxico de uma língua se compõe de dois grupos de unidades lexicais: num 1º grupo, as unidades são compreendidas e empregadas do mesmo modo por todos os membros da sociedade; num 2º grupo, as unidades são apenas compreendidas e empregadas por parte maior ou menor dessa sociedade e são usadas no seu emprego correto pelos membros de um grupo particular.

De acordo com essa linguista, por necessidade de se compor uma terminologia, as pessoas buscam na língua comum unidades léxicas que passarão a ter, daí por diante, um significado específico.

Nessa visão, seguimos as propostas teóricas defendidas por Cabré (1999) no âmbito da teoria comunicativa da terminologia. Segundo essa terminóloga, os termos são unidades lexicais *de fato* que assumem significados especializados quando usadas em determinados âmbitos de especialidade. Assim sendo, podemos encontrar inúmeros termos que têm por base unidades da língua corrente que migram para registros linguísticos especializados, como, também, encontramos unidades lexicais terminológicas formadas por estruturas morfológicas comuns às estruturas de palavras que encontramos no léxico da língua corrente.

Sabemos que, nos últimos anos, os estudos terminológicos conheceram um desenvolvimento notável, com os avanços da Linguística em geral e da lexicologia em particular, tendo-se, hoje em dia, uma visão muito mais ampla da unidade lexical de uma linguagem especializada.

Neste estudo, partimos de um tema ou de um “assunto” – ou seja, da terminologia náutica, trabalhamos, pois, com o percurso “do conceito à palavra”, ou “da ideia ao signo”, nos moldes do método onomasiológico:

Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, examina as várias maneiras com as quais essa ideia encontrou expressão na palavra.³²

Em seguida, estendemos nossa análise à palavra ou ao signo linguístico – percurso semasiológico e voltamos ao *onoma*.

Para os conceitos de léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia, adotamos como base teórica Matoré (1953), Biderman (1978, 1991, 1998, 1999, 2001); Cabré (1999); Barros (2007, 2009); Krieger e Finatto (2004); Krieger (2006).

Para a análise dos dados, ao longo do tempo, tomamos como base norteadora a concepção de Linguística Histórica tal como apresentada por Bynon (1977, p. 1-2) e Cohen (1996, p.3), que postulam:

A Linguística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo; seu domínio é, portanto, a língua no seu aspecto diacrônico.

As limitações do trabalho diacrônico são tantas que não se pode abrir mão de informações que possam nos facilitar o acesso à língua antiga.

3.1. Objetivos

Nosso objetivo geral nesta pesquisa é realizar um estudo sincrônico e diacrônico do léxico correspondente à terminologia náutica, presente no *Diccionario da Lingua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, publicado na cidade de Ouro Preto, no ano de 1832.

Como objetivos específicos, almejamos:

- 1) estudar as origens dos termos náuticos. Sabemos que ao desenvolvimento das ciências e técnicas náuticas em Portugal, correspondeu o florescimento de toda uma terminologia vernácula, mas há outros termos provenientes de línguas como o catalão, o italiano e o árabe;
- 2) conferir se os *termos* selecionados se encontram presentes em obras lexicográficas de referência nos séculos XVIII, XIX, XX; e, se os mesmos mantiveram seus significados; e, ainda, se constam como “termos náuticos”;
- 3) consultar o *corpus* do Projeto DHPB / CNPq com o objetivo de verificar se os termos constantes no *Diccionario da Lingua Brasileira* integraram, no passado, o nosso léxico e, se havia variantes ortográficas da palavra nos textos escritos dos séculos XVI, XVII, XVIII;
- 4) o Brasil é composto por numerosas culturas que se vêem refletidas em nossas escolhas vocabulares através do tempo, inclusive, no campo das línguas de especialidade. A

³² BERTOLDI citado por Babini, 2006, p. 38.

exploração econômica das terras americanas constitui um episódio da História que se refletiu de maneira significativa não só na incorporação de novas palavras no Português do Brasil, mas na progressiva modificação semântica e lexical de diversos termos no fluir do tempo. Assim, temos como um dos objetivos analisar o repertório textual concernente à navegação econômica da colônia, em documentos e textos originais, o que constitui uma das fontes primárias para a compreensão de nossa própria trajetória histórica;

- 5) verificar se a terminologia náutica presente no *Diccionario da Lingua Brasileira* descreve a realidade brasileira nessa área ou se faz parte desse dicionário somente com o objetivo de enriquecer nosso léxico;
- 6) apontar os termos náuticos do dicionário Aurélio – século XX. Comparar esses termos com o primeiro dicionário impresso no Brasil, ou seja, o *Diccionario da Lingua Brasileira*, verificando se houve manutenção, expansão ou mudança nesse léxico de especialidade;
- 7) é notório que os marinheiros, envolvidos nas viagens e na empresa dos Descobrimentos, eram, fundamentalmente, gente do povo, gente simples que tripulava os navios e executava a maioria das operações necessárias à manobra do barco não, lhes sendo acessível, portanto, o domínio de uma terminologia elaborada. Supomos que a terminologia usada por estes profissionais teria de ser forçosamente simples (ou simplificada), constituída por muitos termos provenientes da língua corrente, que lhes permitissem conceitualizar realidades especializadas (como as relacionadas com a navegação, com as manobras envolvidas neste processo, com as partes do navio e com os instrumentos que dele fazem parte). Esse léxico está presente no *Diccionario da Lingua Brasileira* e / ou no *Aurélio – século XX*?
- 8) contribuir para o desenvolvimento da investigação histórica na área da Terminologia, disponibilizando um estudo da área de especialidade devidamente analisado.

3.2. Características do *Diccionario da Lingua Brasileira*

Em termos de microestrutura, o *Diccionario da Lingua Brasileira* apresenta basicamente a entrada e a classe morfológica, seguida da definição. Quando recebe “marcas de uso”, essas vêm entre parênteses, depois da classificação morfológica e antes da definição, se o vocábulo só tem uma acepção, como mostra o verbete em destaque:

Alcaxas, s. f. (T. naut.) Espaço entre cinta e cinta do navio.

Poucas vezes o *Diccionario da Lingua Brasileira* apresenta duas acepções, como em *abotoadura*; raras vezes apresenta três, como em *arruela*, e nunca apresenta abonações. Algumas vezes, realiza pequenos comentários.

Abotoadura, s. f. o aparelho de botões do vestido. No plur. (T. naut) As peças de ferro, que estão debaixo das mezas e segurão as enxarcias com suas bigotas. *Abotueaduras* parece ser corrupção deste vocabulo.

Arruela, s. f. (T. de Armaria) Circulos pequenos de huma, ou muitas cores. (T. Nautico) Argolinhas de ferro. (T. de Ourives) Peçaço de prata que se vasa.

Quando apresenta duas ou mais acepções, a “marca de uso” vem sempre antes de cada definição, como é o caso do termo *arruela*, que é definida pelo autor como *termo de armaria*, *termo náutico* e *termo de ourives*.

3.3. Métodos e procedimentos

Para a realização deste trabalho, utilizamo-nos do volume digital, da edição microfilmada, iniciada no ano de 1982, pelo Arquivo Público Mineiro, localizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, certificado pela documentação apresentada a seguir:

The image shows two pages of microfilm documentation from the Arquivo Público Mineiro. The left page is the 'IMAGEM DE ABERTURA' (Opening Image) and the right page is the 'TÉRMINO DA MICROFILMAGEM' (End of Microfilming). Both pages contain fields for film number, codification, and a summary of the film's content.

IMAGEM DE ABERTURA
INICIO DA MICROFILMAGEM EM 17 / 08 / 1982

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
SETOR DE PROCESSAMENTO TÉCNICO
MICROFILMAGEM

FILME Nº Avulso
CODIFICAÇÃO
ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (Orgão)

RESUMO DO FILME
(Indicação resumida dos documentos constantes deste filme e respectivas datas ou épocas).

DICIONARIO
DA
LINGUA BRASILEIRA
POR
LUIZ MARIA DA SILVA PINTO
OURO PRETO - 1832

TERMO
A documentação constante deste filme foi submetida à prévia preparação e organizada sob orientação do detentor da mesma, sendo a microfilmagem realizada com observância das normas técnicas exigidas para a fiel reprodução em todos os detalhes.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
MÁRIA APARECIDA F. GORGOLHO
Resp. Setor de Microfilmagem

Ana Hugueta dos Santos
Classe de Serviço Arquivística

TÉRMINO DA MICROFILMAGEM EM : 17 / 08 / 1982

ORDEM DE COLOCAÇÃO DOS DOCUMENTOS
CONTIDOS NESTE FILME :

DICIONARIO
DA
LINGUA BRASILEIRA
POR
LUIZ MARIA DA SILVA PINTO
OURO PRETO - 1832

FILME Nº Avulso
CODIFICAÇÃO
Arquivo Público Mineiro
ORGÃO

TERMO DE ENCERRAMENTO E AUTENTICAÇÃO
Atesto que a microfilmagem da documentação constante deste filme foi executada obedecendo as normas técnicas exigidas pelo Decreto nº 64.398, de 24 de abril de 1969, que asseguram a fiel reprodução daqueles documentos na sua integridade, inclusive para efeito de prova em juízo ou fora dele.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
MÁRIA APARECIDA F. GORGOLHO
Resp. Setor de Microfilmagem

A sequência da documentação contida neste filme tem continuidade no filme nº

FIM

IMAGEM 4: Documentação da obra digitalizada

Realizamos, primeiramente, a leitura do *Diccionario da Lingua Brasileira* e fizemos o levantamento das unidades lexicais que remetem ao mundo da navegação. Observamos, inicialmente, para proceder a essa seleção, as “marcas de uso” que se referem à terminologia *náutica*. Em uma segunda etapa, lemos todos os outros verbetes, uma vez que temos consciência de que muitas terminologias, dentre elas a náutica, não se encontram marcadas. Partimos, portanto, como já mencionamos, de um *corpus* dicionarístico, referente à terminologia náutica, que se intitula da língua brasileira, do início do século XIX e, posteriormente, organizamos um *corpus* composto por 153 unidades léxicas, constituído de 117 substantivos, 3 adjetivos, 32 verbos e 1 advérbio.

Feita a recolha, os dados foram organizados em fichas lexicográficas.

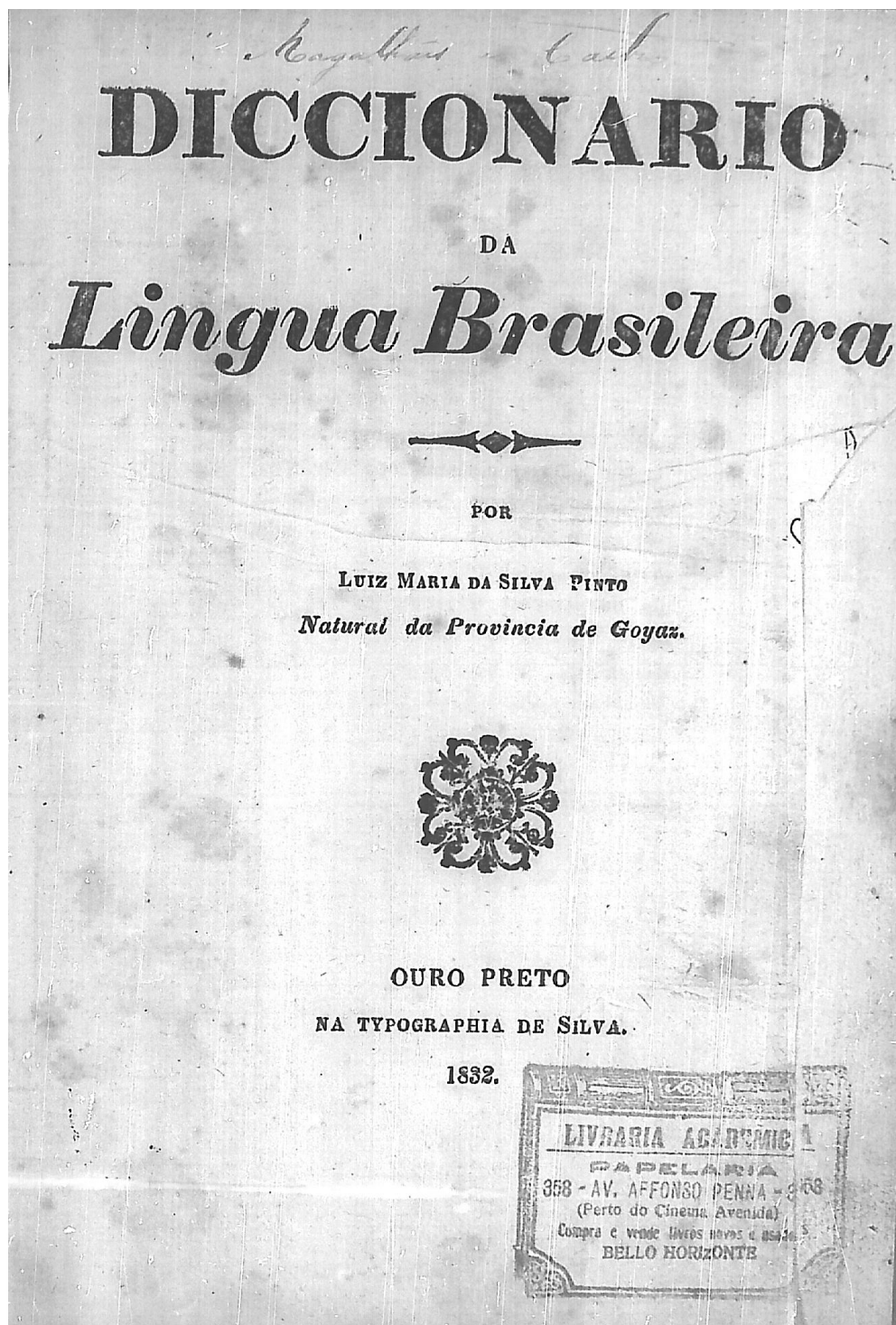


IMAGEM 5: Obra utilizada, digitalizada pelo APM

3.3.1. Fichas lexicográficas

Para sistematizar e analisar os dados, elaboramos uma ficha, que chamamos de lexicográfica, para cada unidade léxica selecionada. Nesta seção, apresentaremos a constituição dessa ficha.

(Número da ficha)

Apresentação do termo selecionado da obra em formato digital	
Apresentação do termo digitado	

Registro em dicionários:	
→ Cunha:	
→ Bluteau:	
→ Moraes e Silva:	
→ Laudelino Freire:	
→ Aurélio:	
.....	
Abonação do termo em Banco de Dados	
→ Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:	

Comentários:	Origem:

Figura 3: Ficha Lexicográfica

- a) Do lado esquerdo, na parte de cima, apresentamos o número da ficha lexicográfica, em negrito.
- b) Na primeira divisão da ficha, na parte superior, destacamos a unidade lexical que será analisada, colando não só o termo, mas, todo o verbete, copiado da versão digital da obra; em seguida, no lado esquerdo, esse verbete é digitalizado, objetivando, desse modo facilitar a leitura.
- c) Na segunda parte da ficha, destacamos como cada um dos cinco dicionários consultados definem o termo. Quando isso não ocorre, ou seja, quando um dos dicionários não registra o termo, indicamos “n/e” (não-encontrado) no espaço seguinte ao nome do autor.
- d) Quando o termo é abonado pelo Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII, constituído por textos da época do Brasil Colônia, copiamos a abonação no espaço abaixo da linha pontilhada.
- e) A última parte da ficha é composta por comentários e aponta, ainda, a origem do termo.

Por meio das fichas, consultando os autores das obras lexicográficas correspondentes a períodos diversos, podemos visualizar se a unidade lexical em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; e, também, podemos conhecer sua origem. A ficha aponta, ainda, se o termo ocorreu ou não no Brasil no período

colonial. Além de analisar o termo coletado, a ficha lexicográfica constitui uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

Segue o modelo de uma ficha preenchida:

Ficha 43

Calmaria, s. f. (T. Naut.) Falta de vento.
Calmaria, s. f. (T. Naut.) Falta de vento.
→ Cunha: calma <i>s.f.</i> ‘grande calor atmosférico, geralmente sem vento’ XV; ‘serenidade, sossego’, 1813. Do it. <i>calma</i> , derivado do latim tardio <i>cauma</i> e, este, do grego <i>kauma</i> ‘calor ardente, chama’. [...] <i>calmaria s.f.</i> ‘calma’ XVI.
→ Bluteau: Calmaria. Tanquilidade das aguas do mar. <i>Malacia, & Fem.</i> Amanheceo o dia feguinte em, huma terrivel <i>Calmaria</i> . Queiròs, Vida do Irmão Bafto, pag. 351.
→ Moraes e Silva: <i>calmaria, s.f. de Naut.</i> Tempo de calma no mar, em que o navio não surde. “estar o mar em <i>calmaria</i> ” [...].
→ Laudelino Freire: <i>s.f. De calma + aria.</i> Cessação do vento e do movimento das ondas. [...].
→ Aurélio: [<i>De calma + aria</i>] <i>S.f.</i> 1. Ausência de ventos e/ou do movimento das ondas.
.....
→ Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq: [...] <i>por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas, e chuueiros tão escuros e medonhos, e tão fortes ventos, que era cousa d'espanto, e no meio dia ficavamos numa noite mui escura.</i> <i>PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA..[A00_0751, p. 142].</i>
Comentários: Somente Moraes e Silva define <i>calmaria</i> como termo náutico, mas todos os outros dicionários, em suas definições, remetem o significado desse termo a tempo e atmosfera. Origem: italiana < latina.

FIGURA 4: Ficha Lexicográfica preenchida

Nesta parte de construção das fichas, nos apoiamos em dicionários e banco de dados, tomamos como referência o dizer de Bluteau (1712, v.1) quando afirma que

As palavras não significam por sua natureza, mas por instituiçam dos homens; & cada Nação, assim barbara, como polida, deu principio, & sentido às palavras, de que usa. Daqui nace, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não hã evidencia mais certa, & permanente, que a q nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritas, ou impressas.

3.3.2. Sobre os dicionários consultados

Para a análise das unidades léxicas coletadas, contamos com obras lexicográficas consideradas de referência, a saber:

- a) *Vocabulario Portuguez e Latino*, de autoria de P. Raphael Bluteau (século XVIII). Selecionamos esse dicionário por ser uma obra que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até início do século XVIII, aumentando e atualizando aproximadamente em cinco vezes o vocabulário até então dicionarizado, conforme destaca Verdelho³³ e, principalmente, por ser reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa. De acordo com Murakawa (2007, p.173), a obra de Bluteau “não é uma obra lexicográfica que trata apenas das palavras, mas também trata de coisas e por isso deve ser considerada um dicionário ou um vocabulário enciclopédico”. De acordo com a mesma autora, “na maioria das vezes, a informação enciclopédica completa a informação linguística das entradas e neste aspecto o *Vocabulario* se transforma num repositório da cultura portuguesa e também da cultura universal.”³⁴ Ainda sobre a importância de termos selecionado essa obra, que se organiza em torno de um *corpus* real de língua, apoiamo-nos dizeres em Murakawa (2007, p. 187):

Entre os inúmeros e variados méritos que o *Vocabulario* possui um deles merece ser ressaltado: o início de uma lexicografia portuguesa baseada em um *corpus* de referência organizado a partir de obras dos séculos XV ao XVIII, pertencentes às mais diversas áreas de conhecimento do período de setecentos; e o registro dessas obras, acompanhando os exemplos, no interior dos verbetes indicando volume, página, parágrafo, fólio e, quando existia, até mesmo a edição consultada.

A composição do *Vocabulario* constituiu um longo e conturbado empreendimento, que ocupou quase 50 anos da vida de Rafael Bluteau. Na dedicatória a D. João V, Bluteau lembra a necessidade de uma obra que fizesse justiça à grandeza da língua portuguesa, de Portugal e, sobretudo, do seu rei, “objectivos que conferem ao *Vocabulario* uma dupla função política, pois para além de contribuir para a afirmação do português no panorama linguístico europeu, concorre para a construção da imagem de um monarca ilustrado e mecenas”.³⁵

³³ VERDELHO, 2002, p. 23.

³⁴ MURAKAWA, 2007, p. 186-187.

³⁵ SILVESTRE, 2001, p. 2.

VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO,

AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO, BELLICO, BOTANICO,
Brafico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico,
Etymologico, Economico, Florifero, Forente, Fructifero, Geographico, Geometrico,
Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichthyologico, Indico,
Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Mulico, Meteorologico,
Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Po-
etico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quan-
titativo, Rethorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimi-
co, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico,
Uranologico, Xenophonico, Zoologico,

AUTORIZADO COM EXEMPLOS
DOS MELHORES ESCRITORES PORTUGUEZES, E LATINOS;

E OFFERECIDO

A EL REY DE PORTUGAL,

D. JOAÕ V.

PELO PADRE

D. RAPHAEL BLUTEAU

CLERIGO REGULAR, DOUTOR NA SAGRADA
Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta
Maria de França, & Calificador no sagrado Tribunal
da Inquisição de Lisboa.

COIMBRA

No Collegio das Artes da Companhia de JESU Anno de 1712.
Com todas as licenças necessarias.



IMAGEM 6: O Vocabulario de Bluteau

- b) *Diccionario da Língua Portugueza*, de autoria de António de Moraes Silva (século XIX). Tomando como base o *Vocabulário Portuguez e Latino*, Moraes constroi seu dicionário utilizando-se, também, de obras de vários autores, acrescentando outros mais que P. Raphael Bluteau o que, talvez por influência do Tribunal do Santo Ofício e, ainda, pela censura literária, tenham sido deixadas por esse último, conforme destaca Murakawa³⁶. Segundo, ainda, essa autora³⁷, “o *Diccionario* de Moraes pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira”. Nesta pesquisa, utilizamos para consulta o volume digitalizado, da edição de 1813.

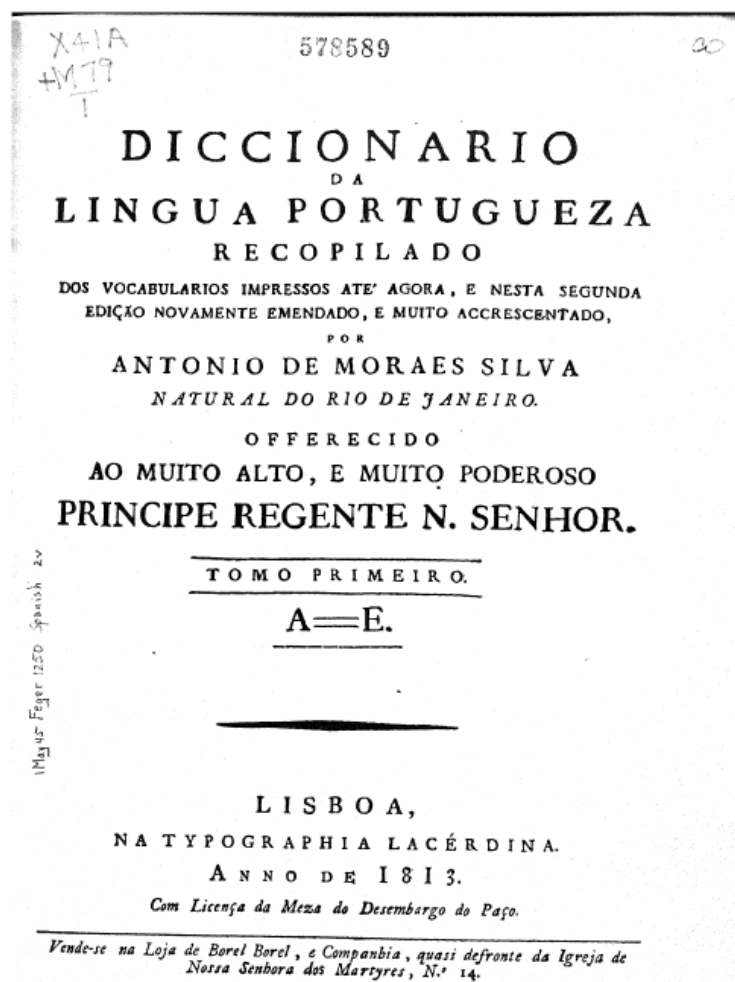


IMAGEM 7: O *Diccionario* de Moraes Silva

³⁶ MURAKAWA, 2007, p.31.

³⁷ *Op. cit.*, p.119.

- c) O *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire (primeira metade do século XX) foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX, por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, por incluir muitas locuções, expressões e brasileirismos. Laudelino de Oliveira Freire, seu autor, nasceu em Lagarto, SE, em 26 de janeiro de 1873, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de junho de 1937. Formou-se em Direito em 1902. Foi advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo. Eleito em 1923, para a Cadeira n. 10, na sucessão de Rui Barbosa, como membro da Academia Brasileira de Letras, lá organizou trabalhos em lexicografia, tendo apresentado em 1924 um plano de dicionário de língua portuguesa. A comissão encarregada desse dicionário foi dissolvida em 1934. A obra (1939-1944) é publicação póstuma, composta em cinco volumes, impressa pela editora *A Noite*, com a colaboração de J. L. de Campos, Vasco Lima e Antônio Soares Franco Júnior.



IMAGEM 8: *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire

- d) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004). Optamos por essa obra pelo fato de este ser considerado como um dicionário padrão da sociedade brasileira, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. É um dicionário que, embora conte com limitações, apresenta grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos baseados em linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.
- e) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de autoria de Antônio Geraldo da Cunha. Consta em nossa ficha esse dicionário com o objetivo principal esclarecer a origem dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua

portuguesa. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais vocábulos adquiriram ao longo do tempo, podendo com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

Após a consulta a essas obras, visando constatar se os termos selecionados encontravam-se ou não presentes nelas, observando, ainda, suas origens e as marcas de uso, passamos, posteriormente, a consultar o Banco de Dados do *Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII*.

3.3.3. Sobre o Banco de Dados

O Banco de Dados PDHPB / CNPq integra o Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII, e é constituído por uma base informatizada que reúne textos do português do Brasil ou sobre o Brasil colonial, dos mais variados gêneros, escritos por autores brasileiros e portugueses radicados no país desde o século XVI.

O Projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII* (DHPB), do Programa Instituto do Milênio – CNPq, com sede na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (Universidade Estadual Paulista), *Campus* de Araraquara, foi idealizado e construído pela linguista Maria Tereza Camargo Biderman e, com seu falecimento em 2008, está sendo coordenado pela também linguista Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. É um projeto de um dicionário histórico, diacrônico, portanto, documental que tem como objetivos específicos:

- 1) reunir numa obra de consulta o léxico da língua portuguesa que, no período do Brasil Colonial, fixou um repertório lexical que veio a constituir o português brasileiro; 2) registrar as unidades lexicais substantivos, adjetivos e verbos que compõem a nomenclatura do Dicionário Histórico; 3) extrair dos contextos, inseridos no banco de dados, todas as acepções que a palavra-entrada ou lema possui, acompanhadas do contexto e de completa informação bibliográfica; 4) registrar a data mais antiga que a entrada apresenta no conjunto de todos os documentos que compõem o banco de dados.³⁸

Utilizando dois programas computacionais – o Philologic e o UNITEX 2.0, o Banco de Dados do DHPB foi construído no Laboratório de Lexicografia da UNESP, sede do Projeto, estabelecido o ano de 1500, com a carta de Caminha, a datação documental mais antiga; e o ano de 1808, data da chegada da família real ao Brasil, sua datação mais perto da contemporânea.

³⁸ MURAKAWA, 2010, p. 331.

Sobre os textos utilizados, eles se constituem os mais variados possíveis, conforme nos aponta Murakawa (2010, p.334):

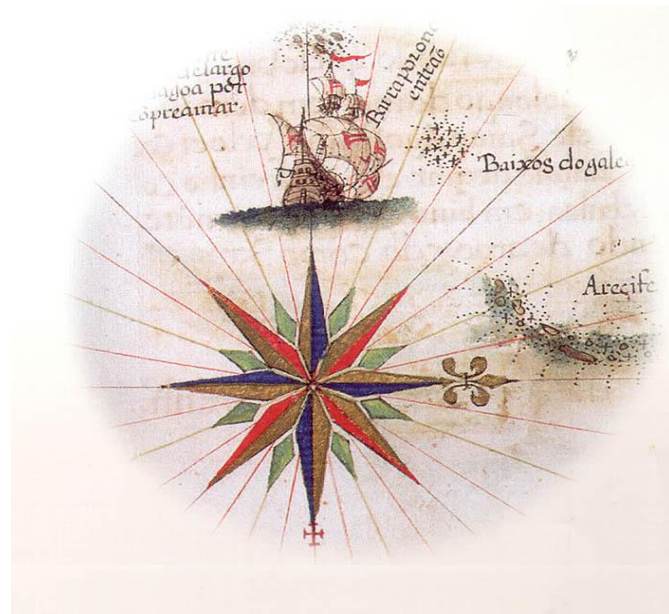
Com relação à tipologia das obras escolhidas, há que se ressaltar que, tendo em vista os objetivos específicos do DHPB, elas foram as mais variadas possíveis: obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Pe.Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; documentos cartoriais; atos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; constituições dos bispados no Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, etc., e muitas outras, num conjunto que pode ser considerado “monumental” para os fins a que foi proposto.

Contando com aproximadamente 7 milhões e 500 mil ocorrências, esse Banco de Dados, por nós consultado, permitiu que dele extraíssemos as unidades lexicais comuns aos 153 termos constantes no nosso *corpus* em estudo.

A utilização do Banco de Dados do Projeto DHPB permitiu que conferíssemos se os termos que compõem nosso *corpus* se encontram contextualizados em textos do período colonial brasileiro; e, ainda, que observássemos suas variações.

Depois de explicitarmos as posições teóricas adotadas e os métodos e procedimentos de que lançamos mão nesta pesquisa, passemos, no próximo capítulo, à descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.

Capítulo 4



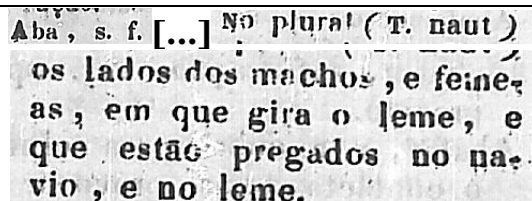
Capítulo 4 – Apresentação e Descrição dos Dados

Conforme já relatado no Capítulo 3, para cada um dos 153 termos, marcados como “termo náutico” no dicionário DLB, construímos uma ficha lexicográfica. Essa ficha nos dá várias informações: 1) transcreve o verbete selecionado do DLB; 2) aponta sua origem; 3) mostra se o dado selecionado é considerado “termo náutico” pelos lexicógrafos a) Bluteau (séc. XVIII); b) Moraes e Silva (séc. XIX); c) Laudelino Freire (séc. XX); d) Aurélio (séc. XXI); 4) indica, por meio de abonações, se o termo em estudo – na forma apresentada pelo dicionário em análise ou em suas variantes ortográficas e fonéticas – consta no Banco de Dados do Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII, que reúne textos escritos por brasileiros ou sobre o Brasil durante o período colonial; 5) realizam-se comentários, com o objetivo de fornecer esclarecimentos para posterior análise.

A seguir listamos essas fichas, em ordem alfabética.

A

Ficha 1



Aba, s. f. [...] No plural (T. naut)
os lados dos machos, e femeas,
as, em que gira o leme, e
que estão pregados no na-
vio, e no leme.

→**Aba, s.f** [...] No plural (T. naut) os lados dos machos, e femeas, em que gira o leme, e que estão pregados no navio, e no leme.

→**Cunha:** aba¹ sf. ‘parte pendente de um objeto’ XIII, *abaa* XIV | De origem duvidosa; talvez se filie ao lat. *ālāpa*, através de uma forma **āpāla*, como se poderia depreender do port. ant. *abaa* [...].

→**Bluteau:** Diz-se da extremidade, ou de algum acrescentamento na extremidade de coufas naturaes, ou artificiaes, como em obras de marcenaria, carpintaria, & outras, [...].

→**Moraes e Silva:** não consta com essa acepção.

→**Laudelino Freire:** s.f. [...] 4. Os lados de uma cousa, as metades, as partes laterais, as bandas: *aba* da fôlha, da janela, etc

→**Aurélio:** [...] 3. Prolongamento, ger. dobrável, de tampo de mesa ou de outros móveis. [...] 8. Fig. Proteção, amparo, arrimo.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não existem ocorrências de *aba* como termo náutico.

Comentários: nenhum dos dicionários define *aba* como termo náutico.. || Origem: duvidosa (*latina).

Ficha 2

Abotoadura, s. f. O aparelho de botões do vestido. No plur. (T. naut). As peças de ferro, que estão debaixo das mezas e segurão as enxarcias com suas bigotas. *Abotucaduras* parece ser corrupção deste vocabulo.

Abotoadura, s.f. [...] No plur. (T. naut) As peças de ferro, que estão debaixo das mezas e segurão as enxarcias com suas bigotas. *Abotucaduras* parece ser corrupção deste vocabulo.

→**Cunha**: a.boto.ado, -adura, -amento, -ar → BOTÃO. [...] Do a. francês. AbotoADURA | 1813, *botoadura* XIV.

→**Bluteau**: Abotoadûra. (Termo de navio) São huns ferros, que vem debaixo das mezas de guarnição, & tem mão na enxarcia com suas bigotas.

→**Moraes e Silva**: abotoadúras, s. f. pl. naut. Peças do navio, de ferro, que vem debaixo das mezas de guarnição, e tem mão na enxarcia com suas bigotas.

→**Laudelino Freire**: s.f. De *abotoar* + *dura*. Ato de abotoar. [...] Jôgo de botões que se tomam no aparelho do navio com linha alcatroada em forma de cruz, etc. ABOTOADURAS, s.f. pl. O mesmo que *abatocaduras*. ABATOCADURAS, s.f. pl. De abatocar + dura – s. *Náut.* Nome genérico que designa as cadeias, chapas e cavilhas que seguram as mesas das enxarcias reais contra o costado do navio. || Var. morf.: Batocaduras.

→**Aurélio**: [De abotoar + -dura] S.F. Marinh. Conjunto de botões que ligam dois cabos ou duas pernas do mesmo cabo.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não existem ocorrências de *abotoadura*, *abotoaduras*, *abotucaduras*, *abatocaduras* como termo náutico.

Comentários: todos os dicionários consultados apresentam *abotucadura(s)* como termo náutico, ou da marinha ou de navio. || Origem: francesa.

Ficha 3

Abroquelar, v. a. cobrir com broquel (T. nau) Bracear por sota vento ao virar de bordo, depois de ter dado geito ao braço do velacho por barlavento.

Abroquelar, v.a. cobrir com broquel (T. nau.) Bracear por sota vento ao virar de bordo, depois de ter dado geito ao braço do velacho por barlavento.

→**Cunha**: abroquelar; BROQUEL: sm. ‘escudo antigo, redondo e pequeno’ | bru- XVI | Do a. francês *bocler* (hoje *bouclier*), de *bocle* ‘guarnição de metal no centro do escudo’ e, este, do latim *bŭcŭla*, dim. de *bucca* ‘boca’ || AbroquelAR | XVII, *abru-* XVI.

→**Bluteau**: não consta.

→**Moraes e Silva**: ABROQUELÁR, v.at. Cobrir com broquel. § ___se, no f. guardar-se, forrar-se, emparar-se. *Arte de furtar*, p. 322.

→**Laudelino Freire**: ABROQUELAR Náut. Bracear por sotavento, ao virar de bordo, depois de ter dado jeito ao braço do velacho por barlavento.

→**Aurélio**: [De *a*⁻² + *broquel* + *-ar*².] [...] 2. Resguardar ou cobrir com broquel ou escudo. 3. Fig. Proteger; defender, resguardar, escudar. [...]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não existem ocorrências de *abroquelar* como termo náutico.

Comentários: somente Laudelino Freire aponta *abroquelar* como termo náutico. Sua definição é idêntica à do DLB. || Origem: francesa.

Ficha 4

Açafrão, s. m. -- ões no plur.

[...]

T, Naut. o largo do leme junto ao couce, que serve para facilitar o movimento delle.

Açafrão, s.m. --ões no plur. [...] T, Naut. o largo do leme junto ao couce, que serve para facilitar o movimento delle.

→**Cunha:** s.m. 'planta da fam. das iridáceas' / *çaffram* XIV / Do árabe *az-zafaran*.

→**Bluteau:** ÁC,AFRAM, [...] do Arabico *Zabafaran*.[...] Açafrão. (Termo de návio.) He o largo do leme, junto à patelha, & serve para facilitar o movimento do mesmo leme.

→**Moraes e Silva:** AÇAFRÃO, s.m. t. naut. O largo do leme junto à patelha, o qual serve para facilitar o seu movimento.

→**Laudelino Freire:** AÇAFRÃO, s.m. Ár. *Azzaferan*. Planta bulbosa, da família das iridáceas (*Crocus sativus*). *Náut.* Madeira exterior, larga, junto a palhêta do leme, ao qual facilita os movimentos.

→**Aurélio:** açafrão. [Do ár. *az-za'farân*, do persa.] S.m. *Bot.* Planta herbácea da família das iridáceas (*Crocus sativus*), de procedência europeia, e possuidora de um bolbo perene. 2. *Bot.* A flor dessa planta, açafior. 3. *Bras.* V. urucu¹ (2).

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não apresenta ocorrência para *açafrão* como termo náutico.

Comentários: Aurélio e Cunha só definem *açafrão* como nome de planta. Os outros dicionários apontam *açafrão* como 1) nome de planta; 2) termo náutico. || Origem: árabe.

Ficha 5

Agarruchar, v. a. (T. naut.)
atar com garruchas.

Agarruchar, v.a. (T. naut.) atar com garruchas.

→**Cunha:** Garrocha > garra : *céltico.

→**Bluteau:** AGARROCHAR. Ferir com garrocha. *Jaculo figere, transfigère, transverberare.* Vid. Garrocha.

→**Moraes e Silva:** AGARRUCHAR, v. at. Naut. Apertar, atar com garruchas [...] mesurarão as velas, e agarrucharão os *papafigos*.

→**Laudelino Freire:** AGARROCHAR, v. tr. dir. De a + garrocha + ar. Ferir com garrocha, farpear. || Instigar, excitar, incitar, estimular. AGARRUCHADO, adj. p. p. de agarruchar¹. *Náut.* Apertado com garruchas. AGARRUCHAR, [...] Ant. *Náut.* Atar ou apertar com garruchas.

→**Aurélio:** agarruchar. [De a⁻² + garrocha + -ar²] V. t.d. 1. Apertar ou atar com garrucha (2). [Cf. *agarrochar* e *agarrunchar*.] agarrochar. [De a⁻² + garrocha + -ar².] V.t.d. 1. Ferir ou picar com garrocha; garrochar. 2. Incitar, estimular. 3. Atormentar, mortificar. [...] agarrunchar. [...] V.t.d. Ligar com garruncho. [...]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não apresenta ocorrência para *agarruchar* como termo náutico.

Comentários: Moraes e Silva e Laudelino Freire apontam *agarruchar* como termo náutico. ||
Origem: duvidosa (*céltico).

Ficha 6

Alcaxas, s. f. (T. naut.) Espaço entre cinta e cinta do navio.

Alcaxas, s.f. (T. naut.) Espaço entre cinta e cinta do navio.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** T. de navio. He tomado o vão entre cinta, & cinta da banda de fora da nao.

→**Moraes e Silva:** s.f. pl. t. naut. O vão entre cinta e cinta pelo costado do navio.

→**Laudelino Freire:** ALCAXAS, s.f. O mesmo que *alcaicha*. ALCAIXA. Náut. 1. Espaço entre as cintas e verdugas, por fora dos navios. || 2. Faixa branca pintada na altura da bateria, pela parte exterior. || 3. Uma ou mais ordens de debrum branco no colarinho das camisas dos marinheiros.

→**Aurélio:** não constam os lemas *alcaicha*, *alcaxa*, *alcaixa*, *alcaxas*.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não apresenta o termo *alcaxas* e suas variantes.

Comentários: Bluteau, Moraes e Laudelino apresentam *alcaxas* como termo náutico. ||
Origem: controvertida (Houaiss, 2001).

Ficha 7

Aldrope, s. m. (T. nautico) Cabo que se ata à manga da bomba. V. Gualdrope.

Aldrope, s.m. (T. nautico) cabo que se ata à manga da bomba. V. Gualdrope.

Gualdrope, s.m. Cabo, que se ata no extremo da cana do leme, e nas amuradas para o governar melhor.

→**Cunha:** aldrope- sm. ‘cabo com que se puxa a picota da bomba, a bordo, ou se auxilia o governo do leme’ | *aldrope* XVI, *gualdrope* XVIII | Do ing. *guide-rope*, provavelmente.

→**Bluteau:** ALDROPE. (Termo de navio) Vid. Gualdrope. Sem largarem os *Aldropes* das bombas das mãos, de dia, nem de noite.

→**Moraes e Silva:** ALDRÓPE, s.m. Cabo, que se ata á manga da bomba, para augmentar a força ou para poderem zonchar mais pessoas. *Couto*, 4.1.5.§ Talvez se toma pólo manúbrio, ou manga, e será o mesmo que *Gualdrope*, cabo que se ata ao leme, para o segurar melhor, e governa-lo. *Idem*, 7.10.3.

→**Laudelino Freire:** ALDROPE, s.m. O mesmo que *galdrope*. Galdrope, s.m. Náut. Cabo com que se puxa a picota da bomba, a bordo, ou se auxilia o governo do leme.

→**Aurélio:** aldrope- (Galdrope. [Do ing. *guide rope*.]) S.m. *Constr. Nav. Ant. V. gualdrope*. Gualdrope. [Var. De *galdrope* < ingl. *guide-rope*] S.m. *Const. Nav.* 1. Corrente, cadeia ou cabo de arame que transmite à cana do leme os movimentos da roda do leme [...] 2. Nas embarcações miúdas, cada um dos cabos presos às duas pontas da meia-lua do leme, para manobra deste.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não constam *aldrope* e suas variantes.

Comentários: Em todas as obras consultadas, *aldrope* e *gualdrope* são termos ligados a arte de navegação. || Origem: inglesa.

Ficha 8

Alestar, v. a. Por lesto. Ter prestes. çafar entre os náuticos.

Alestar, v.a. Por lesto; Ter prestes, çafar *entre os náuticos*.

→**Cunha:** alestar, não consta. *Lesto*: de origem obscura.

→**Bluteau:** LESTO. O mesmo que lestes. *Vid.* No seu lugar. (De maneira, que ficou lesto o navio. Britto, Viagem do Brasil, pag. 85.) / LESTES, & prestes. Preparado, posto em ordem, coufa prompta para algum fim. *Paratus, a, um Cic. Vid. Prestes.*

→**Moraes e Silva:** ALÉSTAR, v.at. fazer lesto, desembaraçar Amaral, f.51.v. *mandou alestar as peças do leme que vinhão recolhidas; i.é, ter prestes, safar, se não é erro por assestar.*

→**Laudelino Freire:** ALESTAR, v.r.v. De *a* + *lesto* + *ar*. Tornar lesto, pronto ou desembaraçado (tr. dir.; pr.) “*Alestar os empregados.*” “*Minerva o enrija e alesta.*” (Odorico Mendes). “*Aleste-se!*”

→**Aurélio:** ALESTAR [De *a*-² + *lesto* + -*ar*.²] [...]1. Tornar(-se) lesto; apressar(-se); ativar(-se).

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Cinco dias se deteve a caravela em Cabo-Verde, os quaes acabados, levou ferro, e se pôz lesta a seguir viagem aos 26 do mesmo Dezembro [...].

PADRE JOSÉ DE MORAES (1860) [1759], *LIVRO III - ENTRADA DA COMPANHIA DE JESUS NA CAPITANIA DO GRÃO-PARÁ - CAP. X - FELIZ VIAGEM PARA A MISSÃO DO MARANHÃO DO GRANDE PADRE ANTONIO VIEIRA, GRANDE EMBARAÇO QUE TEVE ANTES DA SUA PARTIDA, PODERES E MERCÊS COM QUE O DESPEDIO O PISSIMO E SEMPRE AUGUSTO REI O SR. D. JOÃO IV..* [A00_0279, p. 281].

Comentários: nenhum dos dicionaristas apontam *alestar* como termo náutico, embora Bluteau e Moraes apresentem abonações indicando que esse lexema remete ao universo marítimo. || Origem: obscura.

Ficha 9

Alforge, s. m. [...]

Alforjes no Navio

vio he a parte da poppa nos encontros, e a ré com humas janellas para os lados, que lhe servem de ornato.

Alforge, s.m. [...] *Alforjes* no Navio he a parte da poppa nos encontros, e a ré com humas janellas para os lados, que lhe servem de ornato.

→**Cunha:** alforje sm. “duplo sacco, fechado nos extremos e aberto no meio”/ 1899, *alforje* XVI, *alforja* 1871 | Do ar. Al- hurğ.

→**Bluteau:** ALFORGE, ou Alforjes, he huma especie de facola de couro, ou de outra matéria dividida em duas algibeiras, em que se mete alguma provisãõ necessaria para a jornada, & nas bestas se põem nas ancas, ou de huma, & outra parte do arçãõ da sella, & na gente de pè se carrega nos ombros co hua parte ao peito, & outra às coftas. Derivase Alforge do Arábico *Ahfodia*, & do verbo *Ahfad*, que valo mesmo que guardar, porque no Alforge guarda o viandante, o que leva para o seu sustento. [...].

→**Moraes e Silva:** Apresenta *alforje*, mas não como termo náutico.

→**Laudelino Freire:** ALFORJE, s.m. Ar. Al-khurj. [...] ALFORJES, s. m. pl. Náut. Saliências nos dois cantos da pôpa.

→**Aurélio:** alforje ou alforje- s. m. [Do ár. *al-hurğ.*] 1. Duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, formando como que dois bornais, que se enchem equilibradamente, sendo a carga transportada no lombo de cavalgaduras ou ao ombro de pessoas. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não apresenta ocorrências para *alforje*, *alforje* como termo náutico.

Comentários: dentre os dicionaristas consultados, somente Laudelino Freire aponta *alforjes* (na forma plural) como termo náutico. || Origem: árabe.

Ficha 10

Almeida: s. m. (T. naut.) O
vão por onde entra a cana do
leme acima do cadaste.

Almeida: s.m. (T. naut.) O vão por onde entra a cana do leme acima do cadaste.

→**Cunha:** almeida sf. ‘abertura por onde entra a cana do leme’ XVI. De origem controvertida.

→**Bluteau:** Almeida do leme, ou almeida da nao He por onde entra a cana do leme por cima do cadafte. Não fei que tenha nome proprio latino. Calcule pella *Almeida* da nao abaixo em bergantim. Barros, Decad. 2. fol.68. col.2.

→**Moraes e Silva:** ALMEIDA, s.f.t. de Naut. O vão, por onde entra a cana do leme por cima do cadaste. A almeida *do leme*. Barros.

→**Laudelino Freire:** ALMEIDA, s. f. Ar. *Almayda*. Náut. Abertura ou vão, por onde entra a cana do leme, acima do cadaste; parte côncava da popa do navio.

→ **Aurélio:**almeida. S. f. *Constr. Nav.* 1. Parte curva do costado dos antigos navios de popa quadrada, logo abaixo do painel da popa, e que com este forma ângulo obtuso ou uma curvatura.

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não apresenta ocorrências para *almeida* como termo náutico.

Comentários: todas as obras indicam *almeida* como termo náutico. || Origem: árabe (Sousa & Moura)

Ficha 11

Amura, s. f. (T. naut.) cabo
grosso, que prende nos pu-
nhos das velas, e se fixão na
amurada.

Amura, s.f. (T. naut.) cabo grosso, que prende nos punhos das velas, e se fixão na amurada.

→**Cunha:** muro sm. Amura sf. ‘tipo de cabo náutico’ XVI. Der. Regress. De *amurada*.

→**Bluteau:** Amura. Termo de navio. He hum cabo grosso, que vai do punho da vela grande, & do traquete a borda da nao, para estender as velas, quando o vento he escaffo. Não tem palavra propria latina.

→**Moraes e Silva:** AMURA, s. f. t. naut. A quadra de proa nas embarcações. Cast. 2. c. 101. § it. Cabo, que prende em uma ponta da vela grande; e a vem fixar na borda, ou amurada da não.

→**Laudelino:** AMURA, s. f. Cabo com que se mareiam os papafigos e as velas menores, cutelos e varredouras. || 2. Quadra da proa.

→**Aurélio:** amura. [Der. regress. de *amurada*.] S. f. 1. *Constr. Nav.* Bochecha (3). 2. *Marinh.* Cabo com que se puxa para vante o punho de barlavento de uma vela redonda, de modo que ela receba bem o vento. 3. *Marinh.* Cabo com que se prende ao mastro, ou na direção da proa, o punho da amura de uma vela latina.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não contém o termo *amura*. || Origem: portuguesa < latina

Ficha 12

Amurada, s. f. (T. naut.) A parte exterior, e interior do bordo do navio, onde se fixão as amuras.

Amurada, s. f. (T. naut.) A parte exterior, e interior do navio, onde se fixão as amuras.

→**Cunha:** a.mur.a, -ada – MURO sm. ‘parede forte que circunda um recinto ou separa um lugar do outro’ fig. defesa, proteção XIII. Do latim *murus* –i || *Amura* sf. 1 tipo de cabo náutico’ XVI. Der. Regress. de *Amurada* sf. 1 face interna do costado de uma embarcação’ XVI. [...].

→**Bluteau:** AMURADAS da nao caravela, ou outra Embarcaçãõ. Saõ mais altos da parte de dentro. *Latere navis interiora*. Nas *Amuradas* das caravellas. Damiaõ de Goes. Fol. 70. col. 3.

→**Moraes e Silva:** AMURÁDA, s. f. A parte mais alta dos bordos da não; onde se fixão as amuras. *Góes Cron. Man. 70.* § O costado do navio pola parte de dentro. “ encostar-se nas *amuradas*.” *correu o canhão contra a amurada de bombordo*”

→**Laudelino Freire:** AMURADA, s. f. De *amura* + *ada*. Prolongamento do costado do navio, acima da parede interna do casco.

→ **Aurélio:** [F. subst. de *amurado*.]S. f. 1. Constr. Nav. Face interna do costado de uma embarcação. 2. Constr. Nav. Prolongamento do costado da embarcação, acima do convés descoberto; borda da embarcação. 3. P. ext. Muro de arrimo; paredão.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Muito confiderada ferà a eleição dos Cabos, para afsifir à polvora; trazer cartuxos; apagar fogo; cuidado da artelharia; do arpeo, & ronda das amuradas com lenternas, em vigia das balas ao lume da agoa, para as tomarem por dentro.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* () [A00_2496, p. 61].

Comentários: todas as obras consultadas apresentam *amura* ou *amuradas* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina

Ficha 13

Anrique, s. m. (T. naut.) Corda em que a boia se prende á ancora,

Anrique, s.m. (T. naut.) Corda, em que a boia se prende á ancora.

→**Cunha:** consta ourinque sm. ‘espécie de espinhel’ | XVI, *ourinquis* pl. XV | O voc. port. talvez se relacione com o cast. *orinque*, o a. cat. *orri* e o fr. *orin*. todos derivados do neerl. *ooring*. ‘anel que sutenta o cabo das embarcações’.

→**Bluteau:** ANRIQUE da Anchora. He huma corda, que fe amarra na unha da Anchora, & vem acima da. agoa, & na ponta fe lhe põem huma boya; Serve paraq cortandofe a amarra, com que a não efa amarrada, fe vâ depois buscar a Ancora. Naõ tem palavra própria latina. Na Historia de Fern. Mendes Pinto fol. 262, col.2. efa erradamente, *Ourique*, em lugar de *Anrique*.

→**Moraes e Silva:** ANRÍQUE, s. m. t. de Naut. Corda, com que se prende a boya á unha da ancora.

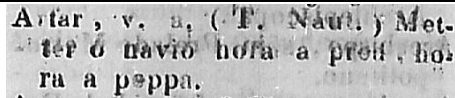
→**Laudelino Freire:** ANRIQUE, s. m. Corda com que se prende a bóia à unha da âncora.

→**Aurélio:** arinque¹ [Var. de *ourinque* (q. v.)].S.m. Marinh.1.Linha que prende o ferro a uma bóia para indicar a posição daquele quando se encontra fundeado; ourinque, anrique. / arinque² S. m. Bras. SC 1. Espécie de espinhel.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não contém o termo *anrique*.

Comentários: todos os dicionários apresentam *anrique* como termo náutico. || Origem: castelhana (orinque) < neerlandesa (oorring).

Ficha 14



Arfar, v. a. (T. Naut.) Met-
ter o navio hora a proa, ho-
ra a poppa.

Arfar, v.a. (T. Naut.) Metter o navio hora a proa, hora a poppa.

→ **Cunha:** arfar vb. ‘respirar com dificuldade, ansiar, ofegar’ XVI. Talvez do lat. vulg. **arefãre* (cláss. *arefacère* ‘secar’) || arfANTE 1899.

→ **Bluteau:** ARFAR. (Termo Nautico) *Arfar* a não. Levantar a não com alternadas agitaçoens a popa, & a proa. Arfa a nao. [...] A grande capitania, que recebe, Com aproa ogrossô mar, que *Arfando* (bebe.Pereira. Ulyssca. Cant. 5. oit. 16.Arfar. [...]).

→ **Moraes e Silva:** ARFAR, v. n. Balancear erguendo-se, e tombando, ou pendendo, a não. *Euf. 2.5. B. 3. 7. § Arfar o cavallo*, empinar-se, por-se em femeas. § fig. Restituir-se a cima a coisa elastica acurvada: v. g. *as tranças da palmeira arfão com algum peso*.

→ **Laudelino Freire:** ARFAR, v. r. v. *Náut.* Balancear ou oscilar o navio, abaixando ora a popa ora a proa; jogar (intr.): “No oceano *arfam* três caravelas” (Pôrto Alegre). “Que importa a borrasca, se a nau tem a prende-la os rijos dentes de ferro da âncora?”

→ **Aurélio:** arfar [Do lat. vulg. **arefare* <lat. *arefacere*, ‘secar’, poss.] [...] 4.Mar. Balouçar, oscilar (a embarcação) no sentido longitudinal, erguendo a proa. [...].

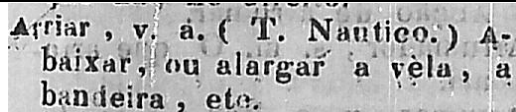
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

As naus entre montanhas de mar ainda quando arfavam mal se viam.

JOSÉ ALVARES DE OLIVEIRA (1981) [n.d.], *HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS*[A00_0395,p.95]

Comentários: todos os dicionários apresentam *arfar*, também, como termo náutico. || Origem: duvidosa (*latim vulgar)

Ficha 15



Arriar, v. a. (T. Nautico.) A-
baixar, ou alargar a vèla, a
bandeira, etc.

Arriar, v. a. (T. Náutico) Abaixar, ou alargar a vela, a bandeira, etc.

→ **Cunha:** arriar vb. ‘abaixar, descer (o que estava suspenso ou levantado)’ XVI. Do cast. *arriar*, deriv. Do lat. **arrēdāre* “preparar, dispor”. Cp. ARREAR.

→ **Bluteau:** ARRIAR, ou Arrear. (Termo Nautico.) Alargar, abater, & ... Arriar a efcota. He alargar a ditta corda, paraque naõ tome a vela tanto vento. *Verjoriam laxare*. Arrias velas. V. Amainar. O que, estiver de sotavento, *Arrie* o velacho, Britto, Viagem do Brazil, pag. 268.

Arriar a bandeira. Abaxalla. *Bellicum, vexilium demittere*. (*mitto,*) pondolhe a proa com a bandeira, que Arriará, & ifará com espaço. Britto, Viagem do Brasil, pag. 269.

→ **Moraes e Silva:** ARRIÁR, v. at. Abater, amainar: v.g. *arriar as bandeiras, velas*. § Afroixar: v.g. *arriar as escotas, para que a vèla não vá tão enfunada*. § Arriar-se: segurar-se a cabo, para se alar para algum posto. *Cast. 2. 157*.

→ **Laudelino Freire:** ARRIAR, v.r. 2ª- *Arriar é abaixar*, e, em sua origem, têrmo náutico. *Arriar a vela* (*ad-retro, ad-retrare*, cf. francês, cognato, *arrière*).

→**Aurélio:**arriar [Do cat. *arriar*.] Verbo transitivo direto.1.Abaixar, descer (o que estava suspenso ou levantado). [...] 4.Marinh. Deixar correr pouco a pouco (um cabo que aguenta um peso).

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

O que de feubrir vellas, & não forem das noffas, tirará hũa peffa, feguindo-as com o farol afezo, para o acompanharem os mais. Se as efrangeiras passarem de duas, tantas vezes, como forem as embarcações, iſsarà, & arriará, hum farol de correr junto ao principal, para advertirſe que eſte movimento não he do mar, & deſparando hũa peffa a Capitana, volte avifala.

FRACISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00_2496, p. 59].

Comentários: todos os dicionário apresentam *arriar*, entre outras acepções, como termo do universo marítimo acima consultados. || Origem: castelhana.

Ficha 16

Arruella, s. f. [...] (T. Nautico, co) Argolinhas de ferro.

Arruella, s.f. [...] (T. Nautico) Argolinhas de ferro.

→**Cunha:** arruela sf. ‘chapa com furo circular pelo qual se introduz o parafuso, a fim de que a porca não desgaste a peça que vai ser aparafusada’ | XV, *roela* XIV | Do ant. fr. *roelle* (hoje *rouelle*), deriv. Do lat. tard. *rotella*, dim. De *rōta* ‘roda’.

→**Bluteau:** ARRUELAS. Arruelas. (Termo de Navio) São humas argolinhas de ferro, que se metem nas cavilhas ate ajustar o buraco para se lhe meter a chaveta. Não tem termo proprio Latino.

→**Moraes e Silva:** (arruella) [...] t. de Naut. *Arruellas* são argolinhas de ferro, que se mettem na cavilha ate ajustar o buraco, para se lhe metter a chaveta: *aninas* lhe chamão nos engenhos d’assucar.

→**Laudelino Freire:** ARRUELA, s.f. Fr. Ant. *roele*. Circunferência, em forma de moeda, em escudos heráldicos. || 3. Peçaço redondo de prata que se obtém vazando a prata fundida no tijolo. || 4. Chapa de ferro, na ponta da cavilha. || 5. Arco de ferro, para apertar ou reforçar, usado em construções navais.

→**Aurélio:** arruela [De *ar*⁻⁴ + *ruela*².] s.f. 1.Chapa redonda, de aço, com furo circular, na qual se mete o parafuso a fim de que a porca não desgaste a peça que vai ser aparafusada. 2.Heráld. Besante de brasão; roel. 3.Peçaço de prata lavrado em tijolo.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*As aſpas da Roda larga, & grande ſuſtentaõ aos arcos, ou circulos della; & dentro apparecem os Cubos, ou covas feitas no meyo da Roda, & unidos hũa outro, cõ o fundo fechado do forro interior da meſma Roda entre os dous arcos della, aſſegurados cõ muitas cavilhas de ferro, & com ſuas **arruellas** & chavetas, metidas, & atraveſſadas, para enchavetar as pôtas das cavilhas; cauſa de não bulirem os arcos, nẽ os Cubos ao cahir da agua, & de ir a Roda com ſuas voltas ſegura.*

ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], *LIVRO II - CAPITVLO I - DA EſCOLHA DA TERRA PARA PLANTAR CANNAS DE AſſUCAR, & PARA OS MANTIMENTOS NECEſſARIOS, & PROVIMENTO DO ENGENHO* [A00_2577, P. 48].

Comentários: de todos os dicionários acima consultados só o Aurélio não apresenta *arruela* como termo náutico. || Origem: francesa.

**Avencadura, ou Ovencadura.
(T, naut,) Enxarcia real,**

Avencadura, ou Ovencadura. (T, naut.) Enxarcia real,

→**Cunha:** Não constam avencadura e ovencadura. Consta ovém: sm. '(Marinh.) cordas grossas de navio' 1813. Do a. fr. *hobent* (ou *hobenc*) deriv. do escandinavo ant. *höfudbendur* (pl. de *höfudbenda*), de *benda* 'corda' e *höfud* 'cabeça'.

→**Bluteau:** AVENC,ADURA, Avençadura. (Termo de Marinhagem) Chamaõ-lhe outros Enxarcia Real. *Vid.* Ovencadura. Qual voltando pela *Avencadura*. Na antena mayor, contra a procella A vela grande quer ver amainada. Inful. De Man. Thomas, livro 2. oit. 86.

→**Moraes e Silva:** AVENCADURA. V. Ovencadura. Enxarcia real. T. de Naut. OVENCADÚRA (ovencadúra), s. f. t. de Naut. A enxarcia real; o feixe, ou totalidade dos ovens. OVÉM (ovém), s. m. t. de Naut. Nome commum a todo cabo, que serve de ter mão nos mastros, *descendo das gargantas d'elles ate ás mesas de guarnição*.

→**Laudelino Freire:** AVENCADURA, s. f. *Ant.* O mesmo que *ovencadura*. OVENCADURA, s. f. *Náut.* Conjunto de ovéns; a enxarcia real. OVÉM, s. m. *Ant.fr. hauban. Náut.* Cada um dos cabos que aguentam os mastros para a borda.

→**Aurélio:** não constam avencadura e ovencadura. Consta ovém. Ovém [Do escand. ant. *höfudbendur*, pelo fr. ant. *hobent* ou *hobene*.] Substantivo masculino. 1.Constr. Nav. Cada uma das pernas da enxárcia: "Desarmam o toldo de lona à proa, [...] colhem os guardins, as enxárcias, os ovéns, os brandais, todo o cordame, em suma, capaz de ser tocado pela ramaria do arvoredado debruçado na calha." (Raimundo Moraes, *Na Planície Amazônica*, p. 77.).

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Que experimentamos já, quando noutra jornada do Brasil, padecemos nelle hum horrivel naufragio. De presente pela força com que jugava, furto na Ilha da Madeira, abrio o calcès por duas partes; rebentando o estay mayor, & muita avencadura.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00_2496, p. 14].

Comentários: de todos os dicionários acima consultados só o Aurélio não apresenta *avencadura*, *ovencadura*. Os outros apresentam esse lexema como termo náutico. || Origem: francesa

B

Banzeiro, a. j. (T: Naut.) Diz-se do mar quando não faz grandes ondas: e do jogo que anda igual para os parceiros.

Banzeiro, adj. (T. Naut.) Diz-se do mar quando não faz grandes ondas: e do jogo que anda igual para os parceiros.

→**Cunha:** banzar 'espantar, pasmar, surpreender' 1813 Do lat. **bilanciare*, de *bilancia* 'balança'. Do significado primitivo de 'oscilar, mover-se como balança', passaria ao de 'ondear', de que resultaria o de 'ficar estonteado' [...] banzeiro XVI.

→**Bluteau:** BANZEIRO. Inquieto. Mal seguro. Mar banzeiro, nem quieto, nem tormentofo. [...] Mas como o mar, com a calamaria andave *Banzeiro*. Barros, I. Dec.fol.27.col.I. [...].

→**Moraes e Silva:** BANZEIRO, adj. t. de Naut. Diz-se do mar que não tem ondas, mas que se agita vagarosamente. [...].

→**Laudelino Freire:** banzeiro, adj. Diz-se do mar quando faz pequenas ondas e se agita vagorosamente [...].

→**Aurélio:** Adjetivo. 1. Diz-se do mar que se agita vagorosamente e em pequenas ondas. [...].

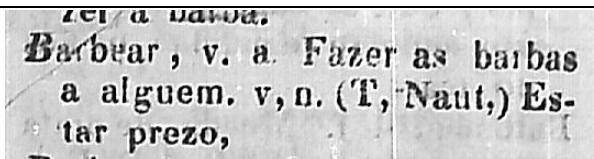
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Os mesmos remos padecerão tantas falhas no seu exercício, quantas forem as inconstâncias, assim no mar, como dos navios inquietos, e inclinados já para um, e para outro lado nos mares banzeiros, e muito mais nos alterados; e assim muitas e muitas vezes não chegarão a ágoa, e circularão em seco apontando os ares, mas não virando os mares.

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEXTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS - CONTÉM INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS, E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM, COM NOVA INVENÇÃO DE REPRESAR AS MARÉS, PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO, ACCRESCEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA - CAP. 2º - SOBRE A MESMA MATÉRIA DO PRIMEIRO INVENTO [A00_1965, p. 393].

Comentários: todos os dicionário apesentam *banzeiro*, entre outras acepções, como termo do universo marítimo. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 19



Barbear, v.a. Fazer as barbas a alguém. v,n. (T, Naut,) Estar prezo,

→**Cunha:** barba – sf. ‘cabelos do rosto do homem’ XIII. Do lat. *barba* –ae [...].

→**Bluteau:** BARBEAR. Fazer a barba. Cic. Barbear. (Termo Nautico) *Barbeando*, os navios fobre as amarras trinta, & outo dias. Britto, Viagem do Brafíl, pag. 180.

→**Moraes e Silva:** BARBÉAR, v.at. Fazer as barbas a alguém.§ v.n.t. de Naut. estar abarbado, preso: v.g. *barbeando os navios sobre a amarra. Brito, Viag.*

→**Laudelino Freire:** BARBEAR, v.r.v. De *barba* + *ear*. Fazer ou talhar as barbas a (tr. dir.; pr.) [...] 2. Abarbar (o cavalo) para medir a alçada (tr. dir.). [...] 3. Amarrar (tr. dir.).

→ **Aurélio:** *barbear* [De *barba* + *-ear*².] Verbo transitivo direto. 1. Fazer a barba a. Verbo pronominal. 2. Fazer a própria barba [...].

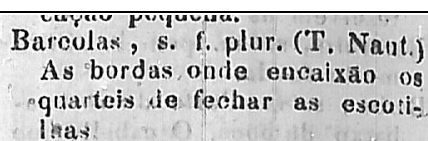
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Depois que com singular felicidade, estiverão sem nenhum dano, tantos navios, barbeando sobre a amarra, trinta & oito dias, no perigofo furgidouro da Cofta do Recife, á terça feira da Semana Santa, onze de Abril, principiamos noffa derrota.

FRACISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR () [A00_2496, p. 36]

Comentários: Bluteau e Moraes e Silva apresentam *barbear* como termo náutico, significando “prender, estar preso”. Na 3ª acepção desse verbo, Laudelino Freire, define-o como *amarrar*, mas não o classifica como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 20



Barcolas, s. f. plur. (T. Naut.)
As bordas onde encaixão os
quarteis de fechar as escotilhas.

Barcolas, s.f. plur. (T. Naut.) As bordas onde encaixão os quarteis de fechar as escotilhas.

→**Cunha**: *barco*, -ola → BARCA - ‘tipo de embarcação’ XIII. Do lat. tard. *barca*, de origem hispânica [...] *barcola* 1899

→**Bluteau**: BARCOLAS, *Barcôlas*. (Termo de navio). São humas bordas, mais altas, em que encaixão os quarteis, com que se cobrem as escotilhas, & depois se passa hum varão; ou cadeu de ferro, em que ficam fechadas. Não temos palavras propria Latina.

→**Moraes e Silva**: BARCÓLAS, (*barcôlas*) s. f. plur. T. de Naut. As bordas onde encaixão os quarteis de fechar as escotilhas.

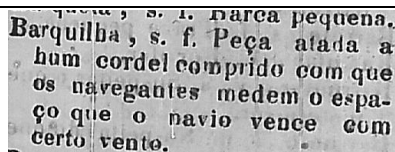
→**Laudelino Freire**: BARCOLAS, s.f. pl. *Náut.* Bordas em que se encaixam os quarteis de fechar as escotilhas.

→**Aurélio**: não consta.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Aurélio não apresenta o lexema *barcola*. Em todos os outros dicionários, esse lexema é apresentado como termo náutico. || Origem: hispânica < latina.

Ficha 21



Barquilha, s. f. Peça pequena.
hum cordel comprido com que
os navegantes medem o espaço
que o navio vence com
certo vento.

Barquilha, s.f. Peça atada a hum cordel comprido com que os navegantes medem o espaço que o navio vence com certo vento..

→**Cunha**: *barca* – do latim tardio *barca*, de origem hispânica.

→**Bluteau**: não consta *barquilha*, mas *barquinha* – [...] He como um barco de pescar ordinario mas com quilha alta, & torre por baixo, que vem de proa até popa, & os furos por onde vai a corda com facilidade. [...].

→**Moraes e Silva**: BARQUÍLHA (*barquilha*), s. f. t. Naut. Peça de madeira da feição de um quarto de circulo atada a um longo cordel, a qual se lança por popa, e dando-se-lhe corda por tempo medido pela ampolheta, se recolhe, para saber-se o espaço que o navio vinga com certo vento em certo tempo, e isto pouco mais, ou menos, outros dizem *barquinha*.

→**Laudelino Freire**: BARQUILHA, s. f. De *barca* + *ilha*. Mar. Peça de madeira de forma triangular ou dum quadrante, presa a um cordel, que se lança da popa dum navio para avaliar a velocidade da sua marcha; *barquinha*.

→**Aurélio**: não consta *barquilha*, consta *barquinha* – [Dim. de *barca*.] Substantivo feminino.[...] 4.Ant. Náut. Dispositivo com que, na época dos descobrimentos marítimos do séc. XV, se determinava a velocidade do navio.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

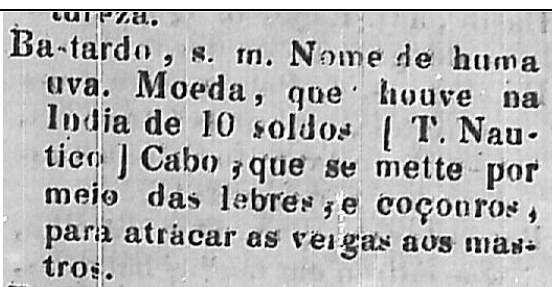
A prática, que usam os navegantes sobre a navegação de Leste a Oeste é ordinariamente, a que chamam *barquinha*, que é uma taboinha no fim de um comprido cordão enrodilhado em um rodízio, a qual taboinha largam sobre o mar da popa abaixo, tendo na mão uma ampolheta, e, segundo a velocidade, com que o peso da *barquinha* levada das ágoas desenrola o cordel do seu rodízio, inferem a velocidade; ou andadura do navio, para o que o cordel tem sua conta, que regulam pela ampolheta, e dela foram seus cálculos, e destes suas idéas de quanto anda em cada minuto, em cada quarto, em cada hora, e em cada sangradura.

Quão sujeita seja a erros esta barquinha, se pode logo inferir do seu cômputo, e cálculo; que não é outra cousa mais, que uma conjectura, ou estimativa tão irregular, e diversa, como a diversidade dos pilotos, e navegantes.

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEXTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS - CONTÉM INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS, E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM, COM NOVA INVENÇÃO DE REPRESAR AS MARÉS, PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO, ACCRESCEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA - CAP. 4º - DE ALGUAS OUTRAS ADVERTÊNCIAS SOBRE A NAVEGAÇÃO [A00_1967].

Comentários: Moraes e Silva e Laudelino Freire classificam *barquilha* como termo náutico. Aurélio, na 4ª acepção para o lexema *barquinha*, apresenta esse termo como náutico, indicando, ainda, ser termo antigo. No Banco de Dados consultado, só encontramos a variante *barquinha*. || Origem: hispânica < latina.

Ficha 22



Bastardo, s.m. Nome de huma uva. Moeda, que houve na Índia de 10 soldos. [T. Nautico] Cabo, que se mette por meio das lebres, e coçouros, para atracar as vergas aos mastros.

→**Cunha:** **bastardo** adj. sm. ‘que nasceu fora do matrimônio’ ‘degenerado da espécie a que pertence’ XIV. Do a. fr. *bastard*, hoje *bâtard* [...] AbastardAR vb. ‘alterar, corromper’ 1813.

→**Bluteau:** Bastardos. (Termo de navio) São huns cabos, que se metem pello meyo das lebres & coçouros, com que se atra Atracão as vergas aos mattos. [...] Ficou a Galé Pheniz fem *Bastardo*. Malaca conquift. livro 1.oit.32.

→**Moraes e Silva:** BASTÁRDO (bastárdo), s. m. [...] Bastardos, t. de Naut. Cabos, que se mettem por meyo das lebres, e coçouros, com que se atração as vergas aos mastros.§ Parece ser véla, que se mettia nas galés, quando queraõ fazer força de véla. B. 4. 10.7 e *mettendo os bastardos por o alcançar*.

→**Laudelino Freire:** BASTARDO, adj. Fr. *bâtard*. [...] 3. Cabo náutico de atracar vêrgas nos mastros. || 4. *Náut.* Vela triangular de pequenas embarcações.

→**Aurélio:** bastardo [Do fr. ant. *bastart*.] [...] 10.Marinh. Cada um dos cabos de que se compõem os enxertários das vergas de gávea. 11.Marinh. Pequeno cabo munido de caçoilos e destinado a aguentar a boca de lobo da carangueja ou retranca de encontro ao mastro. 12.Mar. V. *vela de bastardo*.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Além do significado mais conhecido, todos os dicionários indicam *bastardo* e *bastardos*, também, como termo náutico. || Origem: francesa

Ficha 23

BEQUE
Beque, s. m. (T. naut.) A ex-
treimidade da proa.

Beque, s.m. (T. naut.) A extremidade da proa.

→**Cunha:** beque¹ sm. ‘estrutura saliente que forma a parte alta da proa dos navios antigos’ XVI. Do fr. *bec*, deriv. do lat. *beccus* ‘bico’.

→**Bluteau:** BEQUE, Bèque. He na Proa do Baxel a ultima obra de madeira, em que de ordinario affenta a figura de algum animal, ou monstro marinho. [...].

→**Moraes e Silva:** BÉQUE (béque), s. m. t. de Naut. A extremidade da proa, onde o ordinario vái alguma figura. *Viriato*, 17.20. *O mar Tyrrbeno* os beques vão rasgando.

→**Laudelino Freire:** BEQUE, s. m. Fr. *bec*. Extremidade superior da proa em forma de bico. || 2. *Pop.* Nariz grande. || 3. *Pop.* Parte posterior dos vestidos das mulheres. || *Ant. Gír.* Bôca.

→**Aurélio:** beque¹ [Do fr. *bec*, us. no fr. ant. em vez de *avant*.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Estrutura saliente, em geral inclinada para fora, que forma a parte alta da proa dos navios antigos, a fim de servir de apoio ao gurupés. 2. *Pop.* V. *narigão* (2).

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

As antigas tem, como temos dito, na circunferência 5 peças, que são casco, duas falcas, e dous talabardões; outras tantas tábuas, ou mais algũa levarão as nossas, ou só 4 se forem bem largas; e para se segurarem nas cavernas não serão necessários mais pregos, do que as de casco; logo nesta parte ficará quasi o mesmo: porém como estas tábuas vão a rematar no beque, e fazer a proa, ali poupam toda a ferramenta, que levam de mais os cascos com o accrescentamento das conchas, e bocheças; e nesta parte levam as táboas menos pregos.

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], QUINTA PARTE - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS - CONTÉM UM NOVO MÉTODO PARA A SUA AGRICULTURA; UTILÍSSIMA PRAXE PARA A SUA POVOAÇÃO, NAVEGAÇÃO, AUGMENTO, E COMÉRCIO, ASSIM DOS ÍNDIOS, COMO EUROPEOS - CAP. 9º - DE MELHOR MÉTODO PARA A FACTURA DAS CANOAS DO AMAZONAS [A00_1959, p. 363].

Comentários: todos os dicionários indicam *beque* como termo náutico. || Origem: francesa.

Ficha 24

Bigotas, s. m. plur. (T. Nautico) São como huns moitões com tres furos pelo meio, chatos, e sem roldanas, por onde se enfião os colhedores das velas.

Bigotas, s.m. plur. (T. Nautico) São como huns moitões com três furos pelo meio, chatos, e sem roldanas, por onde se enfião os colhedores das velas.

→**Cunha:** bigota – BIGA: sf. ‘carro romano de duas ou quatro rodas, puxado por dois cavalos’ 1844. Do lat. *bīga* || bigota sf. ‘antiga peça de embarcação’ 1813.

→**Bluteau:** BIGOTA de navio. Bigôtas. (Termo de navio) faõ huns paos redondos, mas chatos, com tres buracos, por onde passaõ os colhedores, para fazer a enxarcia.

→**Moraes e Silva:** BIGÓTAS, (bigótas) s. f. pl. t. de Naut. Moitões chatos sem roldanas, aburacados pelo meyo com furos, por onde passaõ colhedores de vélas .

→**Laudelino Freire:** BIGOTAS, s. f. *Naut.* Montão chato sem roldana, furado pelo meio para dar passagem aos colhedores das velas, e a cabos da enxárcia.

→**Aurélio:** bigota [Do it. *bigotta*.] Substantivo feminino. 1. *Marinh.* Ant. Poleame surdo, de madeira, de forma lenticular biconvexa, com uma goivadura na orla para receber uma alça de

fixação, e três furos de face a face, usado aos pares, com um colhedor ligando-os, empregado para tesar ovéns, brandais, estais, etc.

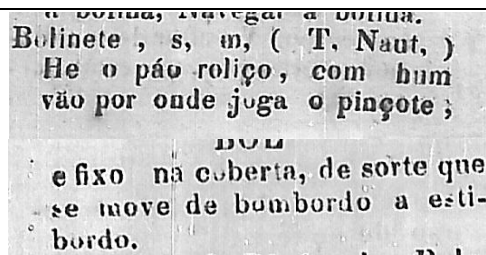
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Fazem-se igualmente *vigotas* de 25 palmos de comprido e hum de grosso e seu preço he de 500 até 400 rs.

LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], CARTA VIGESIMA: [A00_0846].

Comentários: todos os dicionários indicam *bigota* como termo náutico. No Banco de Dados consultado, consta a variante *vigotas*. || Origem: latina.

Ficha 25



Bolinete, s, m, (T. Naut,)
He o páo roliço, com hum
vão por onde joga o pinçote ;
e fixo na coberta, de sorte que
se move de bombordo a esti-
bordo.

Bolinete, s,m, (T. Naut.) He o páo roliço, com hum vão por onde joga o pinçote, e fixo na coberta, de sorte que se move de bombordo a estibordo.

→**Cunha:** molinete ‘espécie de cabrestante que sustenta a âncora em navios pequenos’ ‘movimento giratório rápido que se faz com a espada, com um pau etc.’ XVI. Do fr. *Moulinet* ‘moinho pequeno’ [...].

→**Bluteau:** BOLINETE, Bolinète. (Termo de navio). He hum pão roliço, que está fixo na cuberta, de maneira que se mova redondamente de Bombordo para Estibordo. Tem hum buraco, por onde passa, & joga o Pinçote. Não temos palavra propria Latina.

→**Moraes e Silva:** BOLINETE (bolinète), s. m. t. de Naut. Páo roliço, que está fixo na coberta, de maneira que se mova, e borneye de bombordo a estibordo; tem um vão por onde joga o Pinçote.

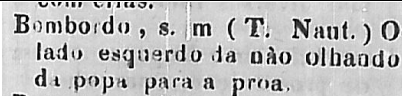
→**Laudelino Freire:** BOLINETE, s. m. Cilindro de madeira, na coberta do navio, o qual serve de cabrestante para a manobra. || 2. Bateia.

→**Aurélio:** bolinete (ê). [De *moulinete* (ê), poss.] Substantivo masculino. 1.Constr. Nav. Molinete. 2.Vaso de madeira para lavagem das areias auríferas. [Cf. *bulinete*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não constam bolinete, molinete com a acepção náutica.

Comentários: todos os dicionários indicam *bolinete* como termo náutico, ou referente a navio. || Origem: francesa.

Ficha 26



Bombordo, s. m (T. Naut.) O
lado esquerdo da não olhando
da popa para a proa.

Bombordo, s.m (T. Naut.) O lado esquerdo da não olhando da popa para a proa.

→**Cunha:** bombordo sm. ‘(Mar.) o lado esquerdo da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente’ | XVI, *babordo* XV | Do fr. *bâbord*, deriv. do neerl. *bakboord*. Com visível influência de *BOM*.

→**Bluteau:** BOMBORDO. (Termo de navio) He a parte esquerda da não, estando huma pessoa com a cara para a proa. *Sinistrum latus navis*. Faz tal pendor para *Bombordo*. *Queiròs*, Vida do Irmaõ Bafo, fol. 124. col.1.

→**Moraes e Silva:** BOMBÓRDO (bombórdo), s. m. t. de Naut. O lado da náó opposto a estribórdo. *Naufr. De Sep.73.*

→**Laudelino Freire:** BOMBORDO, s. m. De *bom* + *bordo*. *Náut.* 1- Lado esquerdo do navio, olhando-se para a proa. || 2. Tudo o que fica ao lado esquerdo do navio.

→**Aurélio:** bombordo [Do neerl. *bak boord*, 'bordo das costas, do dorso' (do timoneiro, quando o governo da embarcação se fazia com um comprido remo colocado a estibordo), pelo fr. *babord*, talvez com infl. de *bom*.] S. m. 1.Mar. O lado esquerdo da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente. [v. *estibordo* e *boreste*.]

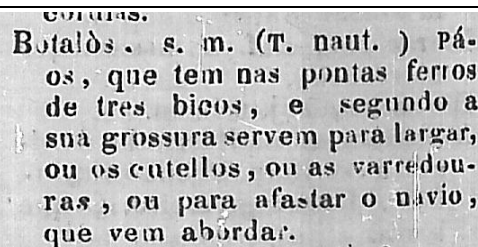
.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Da banda de bombordo me arrebataram os aparelhos com o jogar da nao.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 55].

Comentários: todos os dicionários indicam *bombordo* como termo náutico, ou referente a marítimo. || Origem: francesa..

Ficha 27



Botalòs, s.m. (T. naut.) Páos, que tem nas pontas ferros de tres bicos, e segundo a sua grossura servem para largar, ou os cutellos, ou as varredouras, ou para afastar o navio, que vem abordar.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** BOTALOS. Botâlos. (Termo de Navio) São huns paos com huns ferros nas pontas, com tres bicos, que se botão pelos costados dos navios para se largar os cutellos, para que com mais pressa se chegue ao navio, a que se dá caça. E embaixo no costado se botão outros botalos mais grossos, em que se largão outras velas, a que chamão Barredouras, & estes Botalos servem também para se fincarem no costado de outro navio, para afastar para fora. Não tem nome proprio Latino.

→**Moraes e Silva:** (botalós), s. m. pl. t. de Naut. Páos com ferros de tres bicos nas pontas, que servem para se largarem os cutellos, e sendo *botalós* mais grossos, para largar as varredouras, que vão polo lados; os *botalós* afastam tambem o navio que vem abordar.

→**Laudelino Freire:** BOTALÓS, (botalós) s. m. pl. *Náut.* Paus com ferros de três bicos nas pontas, para vários serviços a bordo.

→**Aurélio:** botaló [De *botar*¹ + *a*³ + *ló*¹.] Substantivo masculino. Mar. 1.Ant. Pontaete com que os navios afastavam os inimigos que tentassem abordá-los. 2.Pau que sai pela popa de embarcação de vela que usa catita, para caçá-la.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta o termo botalós.

Comentários: todos os dicionários indicam *botalos* como termo náutico, ou marítimo. || Origem:onomatopaica - “etim. voc. trissilábico oxítono formado de todo um segmento fonológico que representava a oração imperativa *bota a ló*, isto é, ‘bota a vela da embarcação virada para captar o vento.’” (Houaiss, 2001).

Ficha 28

Bracear, v. n. Mover os braços.
v. a. (T. Naut.) Marear as velas.

Bracear, v. n. Mover os braços. v. a. (T. Naut.) Marear as velas.

→**Cunha**: bracear- consta no verbete de *braço* - sm. ‘cada um dos membros superiores do corpo humano’ XIII. Do lat. *brac(c) hūm* [...] braceAR XVII

→**Bluteau**: Não consta.

→**Moraes e Silva**: BRACEÁR (braceár), v. at. Mover os braços.§ t. de Naut. *Bracear as velas. H. Naut. Tom. 3. mareá-las por meyo dos braços. [...]*.

→**Laudelino Freire**: BRACEAR, v.r.v. De *braço* + *ear*. O mesmo que *bracejar* (intr.). 2. *Náut.* Movimentar horizontalmente (as vêrgas) em tórno do mastro, por meio de cabos chamados *braços* (tr. dir.): “Árduos *penóis braceia*, rebraceia, té que o sôpro à feição lhe enfuna as velas.” (Odorico Mendes).

→**Aurélio**: bracear [De *braço* + *-ear*².] Verbo transitivo direto. 1. *Marinh.* Fazer girar (a verga) no plano horizontal, alando pelos braços [v. *braço* (21)], para que a vela fique convenientemente disposta em relação ao vento. [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Bluteau não dicionariza *bracear*. Todos os outros dicionaristas indicam *bracear* como termo náutico ou remete ao universo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 29

lar breve.
Braço, s. m. Membro do corpo humano desde o hombro ate a mão. pernas dianteiras do cavallo, e outros quadrupedes. A parte do instrumento de cordas, onde estas se titillão. A peça que atravessa o arco da cruz. Peça da cadeira, onde encosta os braços quem està sentado nelle. Porção de mar entre duas costas pouco apartadas. No plur. (T. Naut.) Cabos que vem da ponta da verga, e servem para marear de hum para outro bordo.

Braço, s.m. membro do corpo humano desde o hombro até a mão. Pernas dianteiras do cavallo, e outros quadrupedes. A parte do instrumento de cordas, onde estas se titilião. A peça que atravessa o arco da cruz. Peça da cadeira, onde encosta os braços quem està sentado nelle. Porção de mar entre duas costas pouco apartadas. No plur. (T. Naut.) Cabos que vem da ponta da verga, e servem para marear de hum para outro bordo.

→**Cunha**: *braço*, sm. ‘cada um dos membros superiores do corpo humano’ XIII. Do lat. *brac(c)hūm* [...].

→**Bluteau**: Braços. (Outro termo de navio) ão huns cabos, que vem da ponta da verga, com que se marea a hum bordo, & outro, se poderá exprimir em Latim com circumlocução.

→**Moraes e Silva**: BRÁÇO (bráço) t. de Naut. São os pegão em cavernas para levantar o grosso navio, e estes são *braços primeiros*. § Braços segundos são as ultimas partes, que botão cavernas da quilha para cima. § Braços são cabos, que vem da ponta da verga, em que se mareya de um bordo a outro, quando braceyão.

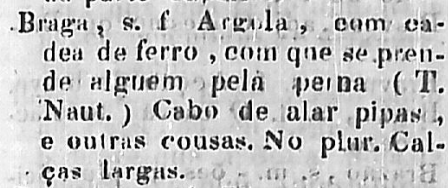
→**Laudelino Freire**: BRÁÇO s. m. Lat. *brachium* Náut. Cabos fixos às extremidades das vêrgas, e que servem para as fazer girar em tórno do mastro.

→**Aurélio:** braço [Do gr. *brachíon*, pelo lat. *brachiu.*] Substantivo masculino. Marinh. Cada um dos cabos singelos ou dobrados que, presos aos laises das vergas redondas, se destinam a dar-lhes movimento no sentido horizontal e a aguentá-las para ré. ~ V. *braços*. Braço da âncora. 1. Marinh. Cada uma das duas partes recurvadas da âncora, no extremo inferior da haste, que formam a cruz e terminam pelas patas. Braço da verga. 1. Marinh. Cada um dos cabos ou teques presos às extremidades da verga e que servem para fazê-la girar no plano horizontal. [Cf. *amantilho* (2).]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta *braço* como termo náutico.

Comentários: todos os dicionaristas indicam *braço*, também, como termo náutico, ou da marinha. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 30



Braga, s. f. Argola, com cadea de ferro, com que se prende alguém pela perna (T. Naut.) Cabo de alar pipas, e outras cousas. No plur. Calças largas.

Braga, s.f. Argola, com cadea de ferro, com que se prende alguém pela perna (T. Naut.) Cabo de alar pipas, e outras cousas. No plur. Calças largas.

→**Cunha:** braga sf. “calção, geralmente curto e largo, que se usava outrora’ XV; ‘grilheta’ XVI. Do lat. *braça* [...].

→**Bluteau:** Braga. Argola de ferro, que prende na perna com huma cadca, que prende por cima. Pôr a braga a hum negro. *Servo catenas injicere*. E para que experimente a fujeição pezada, lhe lança a dura *Braga* carregada. Lobo, o Defengan. Pág. 135. Braga chamaõ nos navios a huma corbalas, quando embarção [...].

→**Moraes e Silva:** BRÁGA (brága), Cabo do navio, com que alão caixas, pipas, e outras coisas pesadas. [...] § Braga, no sing. *Cast.* 5. c. 59. “Lançou-se a gente na agua, que lhe dava pela *braga*.”

→**Laudelino Freire:** BRAGA, s. f. Lat. *braça*. Argola de ferro que cingia a parte inferior da perna do condenado a trabalhos forçados, prendendo-o a uma corrente de ferro atada à cintura do mesmo ou à argola de outro condenado; grilheta. || 2. Cálerea com que se içam cousas pesadas, como caixas, pipas, etc. || 3. Cabo que serve para sustar o recuo de um canhão. || 4. Muro que servia de tranqueira, nas antigas fortificações. || 5. *Lus.* Casta, laia, qualidade. BRAGAS, s. f. pl. *Ant.* Calças largas e curtas; calções. || 2. *Lus.* Ceroulas.

→**Aurélio** braga [Do lat. *braca.*] Substantivo feminino. Marinh. Gato de escape ou manilha, com que se prende o chicote da amarra à paixão² (q. v.), no paiol da amarra.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta *braga* como termo náutico.

Comentários: todos os dicionaristas indicam *braga*, também, como termo náutico, ou da marinha. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 31

ga com que se prende.
Bragueiro, s.m. Funda, de que usa o que he quebrado. Especie de manteo para cobrir os genitães (T. Naut.) Cabo que atravessa o leme, para segurallo na falta das femeas. Cabo encostado ao Castello da proa, fixo em huma argola, e com huma bigota de hum furo na ponta, e serve para impedir que não afaste, nem corte a escota no costado. Cabo de amarrar.

Bragueiro, s.m. Funda, de que usa o que he quebrado. Especie de manteo para cobrir os genitães (T. Naut.) Cabo que atravessa o leme, para segurallo na falta das femeas. Cabo encostado ao Castello da proa, fixo em huma argola, e com huma bigota de hum furo na ponta, e serve para impedir que não se afaste, nem corte a escota no costado. Cabo de amarrar.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: Bragueiro, (Outro termo de navio) He hum cabo fixo em huma argola, encostado ao castello da proa, que tem na ponta hum bigota de hum olho, & serve para que se não afaste, nem corte a escota no costado. [...].

→**Moraes e Silva**: BRAGUÉIRO (braguêiro), s. m. [...] § t. de Naut. Cabo que atravessa o leme pelo meyom para que faltando as fêmeas se não perca. F. M. G. Também se chama assim outro cabo fixo em uma argola, encostado ao Castello da proa, que tem na ponta uma bigota de um olho, e serve para que não affaste, nem corte a escota no costado.

→**Laudelino Freire**: BRAGUEIRO, s.m. De *braga* + *eiro*. Cabo que atravessa o leme para o segurar no caso de se quebrarem as fêmeas. || 2. Braga de segurar a artilharia ou cousas pesadas. || 3. Cabo de atracar. [...].

→**Aurélio**: bragueiro [De *braga* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Cinta ou funda para hérnias e rupturas. 2.Cueiro, fralda.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta o termo *bragueiro*.

Comentários: De todos os dicionários analisados, só Aurélio não apresenta *bragueiro* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 32

Brandaes, s.m. pl. (T. Naut.) Especie de cabos; os grandes passão da enxarcia dos mastareos pelas gaveas, e vem a fazer fixo nos ouvens da enxarcia grande. Os de gávea obvem das pontas dos mastereos a fazer fixo no costado do navio.

Brandaes, s.m. (T. Náutico) Especie de cabos; os grandes passão da enxarcia dos mastareos pelas gaveas, e vem a fazer fixo nos ouvens da enxarcia grande. Os de gávea vem das pontas dos mastereos a fazer fixo no costado do navio.

→**Cunha**: brandal sm. ‘tipo de cabo usado a bordo’ | *-dáes* pl. 1813 | Do cat. brandal.

→**Bluteau**: BRANDAES. (Termo de navio) Brandaes grandes são huns cabos, que passão da enxarcia dos mastarcos pelas gaveas, & vem a fazer fixos ao redor dos fouvês da enxarcia

grande. Brandaes da Gavea, faõ huns cabos, que vem das pontas dos mastarcos a fazer fixo ao costado da nao. Não temos palavra propria Latina.

→**Moraes e Silva:** BRANDÁES, s.pl.masc. t. de Naut. *Brandaes grandes*: uns cabos que passam da enxárcia dos mastaréos pelas gáveas, e vem a fazer fixo ao redor dos ouvens da enxárcia grande. § *Brandaes da Gávea*: cabos, que vem das pontas dos mastaréos a fazer fixo ao costado das náos.

→**Laudelino Freire:** BRANDAL s. m. De brando + al. Náut. Cada um dos cabos que aguentam os mastaréos para a borda.

→ **Aurélio:** brandal [Do cat. *brandal*, poss.] Substantivo masculino. Marinh. 1.Cada um dos cabos que aguentam os mastaréos, para um e outro bordo e um pouco para ré. 2.Cada um dos cabos que aguentam os mastros de embarcação miúda para um e outro bordo e um pouco para ré. [Cf. *estai*.] ESTAI, [Do fr. ant. *estai*, *estay* (atual *étai*).] Substantivo masculino. 1.Marinh. Qualquer dos cabos que aguentam a mastreação para vante. 2.Marinh. Qualquer cabo destinado a suportar em posição vertical um turco, chaminé, balaústre ou qualquer outra peça do equipamento da embarcação. 3.Bras. Constr. Nav. Haste metálica geralmente cilíndrica, que serve para manter em posição qualquer parte ou peça da embarcação. [Cf. *brandal*.]

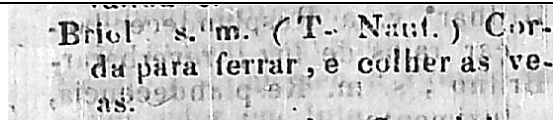
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Por 5 *Brandaes* de 2 libras a 640 [...].

LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], CARTA PRIMEIRA [A00_0404, p. 71].

Comentários: Todos os dicionários analisados apresentam *brandal*, *brandaes* como termo náutico, ou da marinha. || Origem: catalã.

Ficha 33



Briol, s.m. (T. naut.) Corda para ferrar, e colher as velas.

→**Cunha:** briol, sm. ‘tipo de cabo usado nas embarcações a vela’ 1813. Do cast. *briol*, deriv. do a. fr. *braivel* (hoje *breuil*), dim. de *braie* ‘braga’.

→**Bluteau:** BRIOES. (Termo de marinagem.) São huns cabos, com que se colhem as velas, quando se querem ferrar. *Funes contrabendis, ou colligendis velis*.

→**Moraes e Silva:** BRIÓES, s.m. pl. t. de Naut. Cordas que servem para ferrar, e colher as vélas. (briyoes).

→**Laudelino Freire:** BRIOL, s. m. Cast. *briol*. Náut. Cabo de ferrar as velas. || 2. Gir. Vinho de qualidade inferior. BRIOL, adj. Lus. Bêbado, ébrio.

→**Aurélio:** briol [Do esp. *briol*.] Substantivo masculino. 1.Marinh. Cada um dos cabos fixos nas esteiras das velas redondas destinados a carregar o pano de encontro às vergas respectivas. [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta o termo *briol*.

Comentários: Todos os dicionários analisados apresentam *briol* como termo náutico, ou da marinha. || Origem: castelhana < francesa.

Ficha 34



Buçardas, s.f. (T. Naut.) pãos que atravessão a roda da proa para reforçá-la.

→**Cunha:** não consta.
 →**Bluteau:** BUC,ARDAS. Buçardas. (Termo de navio) São huns páos tortos, que atravessão a roda de proa pella banda de dentro, para fortificar; & em navios pequenos, nellas allenta o malto do traquete. Naõ tem palavra propria Latina.
 →**Moraes e Silva:** BUÇÁRDAS, s.f.pl. t. de Naut. São uns páos tortos, que atravessão a roda de proa pela banda de dentro para a reforçarem. §. Nos navios pequenos o mastro do traquete assenta sobre as *buçardas*.
 →**Laudelino Freire:** não consta.
 →**Aurélio:** não consta.

 →**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Só Bluteau e Moraes apresentam o verbete *buçardas* e o indicam como termo náutico, ou da marinha. || Origem: controvertida.

Ficha 35

depois de exprimua.
Burra, s. f. A femea do burro.
 Cofre para dinheiro [T. fa-
 mil] Nome de huma corda
 da mezena. [T. Naut.]

Burra, s.f. A femea do burro. Cofre para dinheiro (T. familiar) Nome de uma corda da mezena [T. Naut.].

→**Cunha:** burro – do latim *burrus* ‘ruço, vermelho’.
 →**Bluteau:** Burra de Mezena. He huma corda, que serve na vela da popa.
 →**Moraes e Silva:** BÚRRA, s. f. Jumenta, a femea do burro. § famil. Cofre para dinheiro, ordinariamente chapeado, e forrado. § Uma corda de mezena. t. de Naut.
 →**Laudelino Freire:** BURRA, s. f. Fêmea do burro; jumenta. || 2. *Náut.* Cabo de mezena. [...].
 →**Aurélio:** Burro [...] *Mar* Cada uma das pequenas talhas engatadas nos lais da retranca e nas alhetas do navio, uma por bordo, e destinadas a aguentá-la quando a vela estiver caçada [...].

 →**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *burra*, *burro*, também como termo ligado à vida marítima. || Origem: portuguesa < latina.

C

Ficha 36

CAB
Cabresto, s. m. Corda, para pren-
 der a besta na estribaria. e
 que serve na falta de freio.
 O freio do prepucio. No plur
 [T. Naut.] Cabos, que vem
 do guropez a fazer fixo no cos-
 tado em humas argolas à proa.

Cabresto, s.m. Corda, para prender as bestas na estribaria e que serve na falta de freio. O freio do prepucio. No plr. (T. Naut.) Cabos, que vem do “guropez” a fazer fixo no costado em humas argolas à proa.

→**Cunha:** cabresto sm. ‘arreio, freio’ | XIII, -bestro XIV | Do lat. *capistrum* [...].

→**Bluteau:** Cabresto (Termo de Mariagem) faõ huns cabos, que vem da ponta do gurupez a fazer fixo em humas argolas, que estaõ no costado da nao à proa. A falta do termo proprio latino defculpará aos que fallarem por circumlocaçãõ.

→**Moraes e Silva:** CABRÈSTO, s. m. [...] t. de Naut. Cabos, que vem da ponta do gurupés a fazer fixo em umas argolas, que estão no costado da náõ á proa. [...].

→**Laudelino Freire:** CABRESTOS, s. m. Lat. *capistrum*. [...] 2. *Náut.* Cabo grosso que segura o gurupés a argolas fixas no costado do navio. || 3. Corrente, correia ou corda que prende o cabeçalho à canga; socairo.

→**Aurélio:** cabresto (ê). [Do lat. *capistru*, com metátese.] Substantivo masculino. Constr. Nav. Cada uma das correntes de ferro que aguentam o gurupés para a roda de proa. Bras. Reforço de linha, ou de arame fino, aplicado na extremidade da vara ou caniço de pesca. Bras. N.E. Ligamento de cordas que prendem os bancos à jangada. [...].

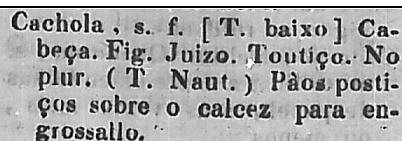
.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

[...] chegada a occasião de levar âncora, se lhe prende o **cabresto**, e se larga, ou solta a roda, a qual quanto mais tesa estiver, tanto mais força porá no **cabresto**; e quando por si só não seja sufficiente para a levantar, o fará com muita brevidade, ajudada com alguns poucos serventes, porque as cordas como violentadas hão de buscar o seu natural.

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEXTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS - CONTÉM INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS, E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM, COM NOVA INVENÇÃO DE REPRESAR AS MARÉS, PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO, ACCRECEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA - CAP. 4º - DE ALGUAS OUTRAS ADVERTÊNCIAS SOBRE A NAVEGAÇÃO () [A00_1967, p. 402].

Comentários: Todos os dicionários analisados apresentam *cabresto* como termo náutico, ou de marinagem. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 37



Cachola, s. f. [T. baixo] Cabeça. Fig. Juizo. Toutiço. No plur. (T. Naut.) Pãos postiços sobre o calcez para engrossallo.

Cachola, s.f. (T. baixo) Cabeça. Fig. Juizo. Toutiço. No plur. (T. naut.) Pãos postiços sobre o calcez para engrossallo.

→**Cunha:** cacho – provavelmente do latim vulgar **cacculus* [...] cachOLA sf. ‘pop. Cabeça’ XVIII [...].

→**Bluteau:** CACHÓLAS, Cacholas. (Termo de navio) São huns postiços em cima do calcez, para o engrossar, quando não tem grossura proporcionada ao Navio. Não temos palavra propria Latina.

→**Moraes e Silva:** CACHÔLAS, t. de Naut. Pãos postiços sobre o calcez para o engrossar. [...].

→**Laudelino Freire:** CACHOLA, s. f. *Mar.* Tábua que se prega no tópo do calcês de um mastro afim de que a água se não introduza entre os encaixes do madeiro. || 2. Cavidade na cabeça do leme, onde se introduz a cana. [...]

→**Aurélio:** [De *cacho*² + *-ola*¹, poss.] Substantivo feminino. 1.Pop. V. *cabeça* [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não foram encontradas ocorrências.

Comentários: Só Aurélio não apresenta *cachola* como termo náutico. ||
Origem:controvertida.

Ficha 38

Calabre, s. m. [T, Naut.) cor-
da grossa.

Calabre, s.m. (T. Naut.) corda grossa.

→**Cunha:** calabre, cabre sm. '(Marinh.) amarra de cabo' l *cabre* XVI, *caaure* XIV l Do ant. port. *caabre*, deriv. Do a. fr. *caable* e, este, provavelmente do lat. tard. *capūlum* 'corda'

→**Bluteau:** Calabre, que se ata à ancora. *Funis ancorarius. Cæfar*. Calabre, com que se ata 'a verga ao masto. *Anquina, æ Fem. Penult. long.* [...].

→**Moraes e Silva:** CALÁBRE (caláb're), s.m.t. de Naut. Corda grossa; amarreta para varios usos.

→**Laudelino Freire:** CALABRE, s. m. Corda grossa, feita de piaçaba, a que se prendem os alcatruzes das noras. || 2. *Náut.* Cabo grosso; amarra.

→**Aurélio:** calabre [Do port. ant. *caabre* (v. *cabre*), poss. com infl. do port. ant. *calabre*, 'catapulta'.] S. m. 1.Corda grossa: "Diz Cristo que é mais fácil entrar um calabre pelo fundo de... a agulha, que entrar um avarento no Reino do Céu" (P.º Antônio Vieira, *Sermões*, II, p. 259). 2.Marinh. Amarra de cabo; cabre. 3.Constr. Cabo² (4)

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Acham-se alguns de tal grossura, que servem de calabres e amarras de embarcações. FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO. (1872) [1642], RELAÇÃO GEOGRAPHICA HISTORICA DO RIO BRANCO DA AMERICA PORTUGUEZA. COMPOSTA PELO BACHAREL FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO () [A00_0713, p. 262].

Comentários: Todos os dicionários analisados apresentam *calabre* como termo náutico, ou da marinha. || Origem: francesa < latina.

Ficha 39

Calabrote, s. m. [T. Naut.)
Calabre . menos grosso. Açou-
te feito de hum pedaço de
calabrote .

Calabrote, s.m. (T. Naut.) Calabre menos grosso. Açoute feito de hum pedaço de calabrote.

→**Cunha:** calabre, cabre sm.(Marinh.) amarra de cabo' l *cabre* XVI, *caaure* XIV l Do ant. port. *caabre*, deriv. Do a. fr. *caable* e, este, provavelmente, do lat. tard. *capūlum* 'corda' || *calabrETE* XV || *calabrOTE* 1813.

→**Bluteau:** CALABROTE, Calabrôte, *Vid.* Calabre. Calabre pouco grosso. Com que a nao se amarra em terra. Com hum calabrote forte. Jacinto Freire, *mihi* pag. 198. [...].

→**Moraes e Silva:** CALABRÓTE, s. m. t. de Naut. Sorte de calabre menos grosso; de um pedaço delle se faz açoute; donde se toma *calabrote* por açoute, de que usa o comitre, ou mestre, para castigar a maruja.

→**Laudelino Freire:** CALABROTE, s. m. De *calabre* + *ote*. Calabre pouco grosso. || 2. Ponta de cabo de açoute.

→**Aurélio:** calabrote [De *calabre* + *-ote*¹.] Substantivo masculino. 1.Corda de pequena grossura. 2.Marinh. Cabo² (6) de pequena bitola: "Atrás dos soldados chegaram marujos a brandir calabrotes e chuços" (Xavier Marques, *O Sargento Pedro*, p. 135).

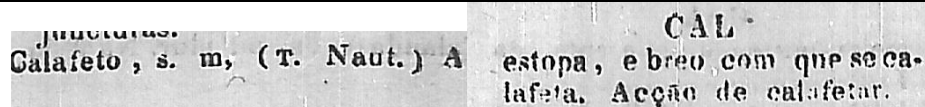
.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Mandarfeha aos Mefres, que cinjão a enxarfea; levem area para as cubertas; tomem boças nas vergas; nas ancoras; nas efcotas; contra-efais: & os bateis pela popa, com dous calabrotes, hum mais baganão, do que outro.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR () [A00_2496, p. 61].

Comentários: Todos os dicionários analisados remetem *calabrote* a *calabro* – termo náutico, ou de marinagem. || Origem: francesa < latina.

Ficha 40



Calafeto, s.m. (T. Naut.) A estopa, e breo com que se calafeta. Acção de calafetar.

→**Cunha:** Calafetar vb. 'tapar, vedar' XIII. Do it. *calafatare*, provavelmente do ar. *qálfat*. De origem incerta; o voc. árabe talvez derive do lat. vulg. **calefare* (cláss. *calefacēre*) 'aquecer', por ser a operação de derreter o alcatrão, submetendo-o ao fogo, uma das mais importantes que pratica o calafate [...].

→**Bluteau:** CALAFETO, Calafeto. Coufa, que se ufa para calafetar, como estopa, & outra coufa semelhante, ou a acção de calafetar. [...].

→**Moraes e Silva:** CALAFÊTO, s. m. t. de Naut. A estopa, e breu, com que se *calafeta* o navio: v.g. "o navio cospia o calafeto." A acção de calafetar.

→**Laudelino Freire:** s. m. De *calafetar*. O mesmo que *calafetagem*. [...] 2. Estôpa ou outra substância, com que se calafeta; calafêto. CALAFETAR, v. r. v. Ital. *Calafatare. Mar.* Tapar com estôpa, introduzida à força (as juntas, buracos ou fendas de uma embarcação), e embebendo de pez, alcatrão, para velar a água (tr. Direto): "Espalma as naves, *calafeta as fendas*, repara as bordas, o massame, as velas." (Pôrto Alegre).

→**Aurélio:** calafeto (ê). [Dev. de *calafetar*.] Substantivo masculino. 1. Calafetagem (2). [Pl.: *calafetos* (ê). Cf. *calafeto*, do v. *calafetar*.] CALAFETAR, [Do cat. *calafatar*, 'calafetar', pelo esp. ant. *calafetar*.] Verbo transitivo direto. 1. Vedar com estopa alcatroada (as juntas, buracos ou fendas de uma embarcação). 2. Tapar, vedar com pano, papel, massa, etc. (fenda ou buraco de tonéis, assoalhos, tabiques, etc.). [...].

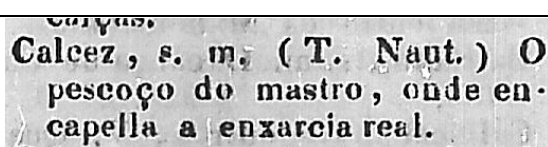
.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

E não cause estranheza o calafetar das canoas, porque pôsto que aqui se fazem de um só pau, como no Brasil, são porém abertas pela proa e pela pôpa, e acrescentadas pela borda com falcas, para ficarem mais altas e possantes; e assim as costuras destas, como os escudos ou rodelas com que se fecham a proa e pôpa, necessitam de calafeto.

ANTÓNIO VIEIRA (1925) [1654], CARTA LXV - AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL 1654 () [A00_0157, p. 373].

Comentários: Moraes e Silva apresenta *calafeto* como termo náutico, Laudelino Freire e Aurélio, apresentam acepções que remetem ao universo da marinha. Bluteau não faz nenhuma referência. || Origem: italiana.

Ficha 41



Calcez, s.m. (T. naut.) O pescoço do mastro, onde encapella a enxarcia real.

→**Cunha:** calcês, '(Const. Nav.) parte da seção retangular, no extremo superior de um mastro ou mastaréu' | -ceses pl. XVI | Do it. *calcése*, deriv. do lat. tardio *calcēse*, adaptação do lat. *carchesium* e, este, do gr. *karchēsion*, 'vaso para beber' parte superior do mastro, cesto da gávea'.

→**Bluteau:** CALCEZ, Calcêz. (Termo de Navio.) he o pesçoço do mastro para riba, aonde encapella a Enxarcia Real. Falta palavra propria Latina. Pela muita força o Mastareo abriu o *Calcez* por duas partes. Brito, Viagem ao Brasil, pag. 67. [...]

→**Moraes e Silva:** CALCÊZ, s. m. t. de Naut. O pesçoço do mastro para riba, onde encapella a enxarcia real. *F. Mend. c. 7.*

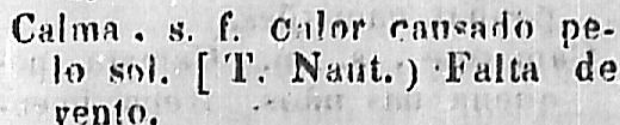
→**Laudelino Freire:** CALCEZ ou CALCÊS, s. m. Lat. *carchesium*. Náut. Parte quadrada do mastro ou mastaréu, desde a romã para cima, e na qual encapella a enxarcia real.

→**Aurélio:** calcês [Do it. *calcese* < lat. vulg. **calcese* < lat. cláss. *carchesiu*.] Substantivo masculino. 1. Marinh. Parte de seção retangular, no extremo superior de um mastro ou mastaréu, logo acima da romã. [Pl.: *calceses* (ê).]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionários analisados apresentam *calcez* como termo náutico, ou da marinha. || Origem: italiana.

Ficha 42



Calma, s.f. calor causado pelo sol. (T. naut.) Falta de vento.

→**Cunha:** calma sf. 'grande calor atmosférico, geralmente sem vento' XV; 'serenidade, sossego' 1813. Do it. *calma*, deriv. Do lat. tardio *cauma* e, este, do gr. *kauma* 'calor ardente, chama' [...].

→**Bluteau:** calma borralho. Phrafe Nautica. Emparelhado onde elle participa da outra linha da cofta transfversal, [...] Bonança. Por em calma ao mar. *Mare tranquillarem placare, fedare. Vid. Abonancar.* Seus alterados mares punha em *Calma*. Inful. De Man. Thomas, liv. 2. Oit.69.

→**Moraes e Silva:** CÁLMA, s. f. t. de Naut. tempo, em que não há a menor aragem, nenhum vento. § *Calma*, entre os Nautas, falta de vento, calmaria. "cahir em calma"; "ficar em calmaria."

→**Laudelino Freire:** CALMA s. f. B. lat. *cauma* do gr. *kauma*. Hora do dia em que há mais calor. || 2. Falta de vento, cessação de agitação no mar, bonança, calmaria. [...].

→**Aurélio:** calma [Do gr. *kaûma*, 'calor ardente', pelo lat. tard. *cauma*.] S.F. 1. Grande calor atmosférico, em geral sem vento; calmaria [...]. 3.V. *calmaria* (1). 4.Fig. Serenidade de ânimo; sossego, tranquilidade; calmaria, malacia. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Este dia todo nom ventou vento, senam choveo muita água, e fazia tam grande calma que nom se podia soportar.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA () [A00_0078, p. 35].

Comentários: Nem todos os dicionários citam o termo como náutico, mas todos eles abonam ou exemplificam o termo como relativo ao mar. || Origem: italiana < latina.

Ficha 43

Calmaria, s. f. (T. Naut.) Falta de vento.

Calmaria, s. f. (T. Naut.) Falta de vento.

→**Cunha**: calma *s.f.* ‘grande calor atmosférico, geralmente sem vento’ XV; ‘serenidade, sossego’, 1813. Do it. *calma*, derivado do latim tardio *cauma* e, este, do grego *kauma* ‘calor ardente, chama’. [...] *calmaria sf.* ‘calma’ XVI.

→**Bluteau**: CALMARIA, Calmaria. Tanquilidade das aguas do mar. *Malacia, & Fem.* [...] Amanheceo o dia seguinte em, huma terrivel *Calmaria*. Queirós, Vida do Irmão Bafto, pag. 351.col.I.

→**Moraes e Silva**: *calmaria*, s.f. de Naut. Tempo de calma no mar, em que o navio não surge. “estar o mar em *calmaria*” [...].

→**Laudelino Freire**: s.f. De *calma* + *aria*. Cessação do vento e do movimento das ondas. [...].

→**Aurélio**: [De *calma* + *aria*] *S.f.* 1. Ausência de ventos e/ou do movimento das ondas. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

[...] por cinco ou seis dias tivemos grandes *calmarias*, trovoadas, e chuueiros tão escuros e medonhos, e tão fortes ventos, que era cousa d'espanto, e no meio dia ficavamos numa noite mui escura.

PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA..[A00_0751, p. 142].

Comentários: Somente Moraes e Silva define *calmaria* como termo náutico, mas todos os outros dicionários, em suas definições, remetem a tempo e atmosfera. || Origem: italiana < latina.

Ficha 44

Canjar, v. a. (T. Naut.) Ir a vante.

Canjar, v.s. (T. Naut.) Ir avante.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: não consta.

→**Moraes e Silva**: CANJAR, v.r. t. de Naut. Surdir á vante, “ os ventos ponteiros fazião desandar o que o navio *tinha canjado*.” i. é, os ventos abatião o que o navio tinha surdido, vingado. *Freire*.

→**Laudelino Freire**: CANJAR, v. intran. Ant. Trocar de côr ou de rumo; cambiar. Canjar, s. m. Ár. *kandjar*. Espécie de punhal de lâmina comprida, afiada dos dois lados; alfanje.

→**Aurélio**: não consta.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva apresenta *canjar* como termo náutico. || Origem: duvidosa (*italiana) (Houaiss, 2001).

Ficha 45

Carlinga, s. f. (T. Naut.) He hum encaixe, onde na sobrequilha da não, ou navio, assenta o pé do mastro grande, e do traquete, por outro nome pia,

Carlinga, s.f. (T. Naut.) He hum encaixe, onde na sobrequilha da não, ou navio, assenta o pé do mastro grande, e do traquete, por outro nome pia,

→**Cunha**: carlinga sf '(Constr. Nav.) ant. forte peça de madeira, fixa à sobrequilha, com um encaixe onde entra a mecha do pé do mastro real' XVI: (Aeron.) cabina XX. Do fr. *carlingue*, deriv. do a. escand. *kerling* 'mulher' 'carlinga', por uma comparação de ordem sexual.

→**Bluteau**: CARLINGA. (Termo de navio). He na sobrequilha hum encaixo, ou covafinha, onde assenta o masto grande, & às vezes o do traquete. Por outro nome chamõlhe *Pia*. O Padre Filiberto Monet com termos Grego-Latinos, chama a Carlinga, *Hiftodoche, es. Fem. & Hiftopus, odis. Mafe*. O pé do masto se encaixa em hum buraco quadrado da Carlinga. *Pterna mali, ou pés mau, ou talus mali inditur, ftatuitur in quadro biftodoches cavo*. A Carlinga ferve de de baze ao masto, & a quilha de pedestal. *Hiftodoche, feumodius bafin, dyrochus verò ftylobaten navali malo fubminiftrat*. A ,agoa, que a nao fazia, era pola *Carlinga* Comentar. De Affonfo d'Albuquerque, pag. 22.

→**Moraes e Silva**: CARLINGA, s. f. t. de Naut. Na sobrequilha dos navios é um encaxe, onde assenta o pé do mastro grande, e do traquete; aliás se diz *pia*. *Comment. d'Albuq. P.22. Couto, 6.9.21.*

→**Laudelino Freire**: CARLINGA, s. f. Náut. Peça fixada na sobrequilha, ou abertura nesta praticada, e em que encaixam os mastros; sobrequilha. || 2. Aeron. Lugar onde fica o piloto. || 3. Tabuleta com furos em baixo do banco da vela da jangada, e na qual se prende o pé do mastro, mudando-se de um furo para o outro, conforme a conveniência da ocasião; carninga.

→**Aurélio**: carlinga [Do fr. *carlingue*.] Substantivo feminino. 1. Ant. Constr. Nav. Forte peça de madeira, fixa à sobrequilha, e em cuja face superior há um encaixe de seção quadrangular, onde entra a mecha do pé do mastro real. 2. Constr. Nav. Gola metálica fixa no convés (quando o mastro não vai até à quilha) e onde se apoia o pé do mastro: "As meias arrendadas foram atiradas à carlinga do mastro." (Xavier Marques, *Jana e Joel*, p. 173.) 3. Cabina (3). 4. Bras. N.E. Tabuleta com furos, embaixo do banco da vela de uma jangada, e na qual se prende o pé do mastro, mudando-se de um furo para o outro, segundo a conveniência da ocasião. [Var.: *carninga*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *carlinga* como termo náutico. || Origem: francesa.

Ficha 46

Carregadeiras, por outro nome Sirgideiras. s. f. plur, (T. Naut.) Cabos delgados para colher ou carregar as velas. Dous moitões com cabo fixo no enxertario para arriar a verga.

Carregadeiras, por outro nome Sirgideiras. S.f. plur, (T. Naut.). Cabos delgados para colher ou carregar as velas. Dous moitões com cabo fixo no enxertario para arriar a verga.

→**Cunha**: do latim *carrus* – carregadeira 1813.

→**Bluteau:** CARREGADEIRAS, ou Sirgideiras. (Termo de Marinhagem) Carregadeiras da mezena, faõ huns cabos delgados, cõ que se carrega a vela, & se colhe ... colligendo velo poftico. Carregadeiras. (Outro termo de marinhagem.) São dous moutoens com hũ cabo fixo no enxertario, que serve para arriar a verga a baixo quando faz tempo.

→**Moraes e Silva:** CARREGADEIRAS, s. f. pl. t. de Naut. ou Sirgideiras: cabos delgados com que se colhem, ou carregão as velas. § Dois moitões com cabo fixo no enxertario, para arriar a verga quando faz tempo.

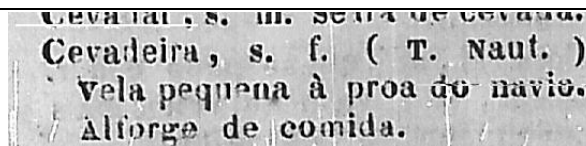
→ **Laudelino Freire:** s. f. pl. *Lus. Gír.* As pernas. CARREGADEIRA, s. f. De carregar + deixara. Cabo delgado, com que se carregam ou colhem as velas dos navios. [...].

→**Aurélio:** carregadeira [De *carregar* + *-deira*.] Substantivo feminino. 1.Marinh. Cabo delgado com que se carregam ou colhem as velas. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não constam carregadeiras nem sirgideiras.

Comentários: todos os dicionários apresentam *carregadeiras* como termo náutico, de marinhagem ou do mar. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 47



Cevadeira, s. f. (T. Naut.)
Vela pequena à proa do navio.
Alforge de comida.

Cevadeira, s.f. (T. Naut.) vela pequena à proa do navio. Alforge de comida.

→**Cunha:** do latim *cibare*.

→**Bluteau:** CEVADEIRA. Vela pequena, que se põem na proa. *Proclinati ad proram mali velum*.

→**Moraes e Silva:** CEVADEIRA, s. f. vela pequena de proa. t. de Naut. § Alforge de comer. Couto, 5.1.13. *não levão mais que suas armas, e cevadeiras com farinha de trigo. Cont. de Trancoso.* § *Homem da minha cevadeira*; i. é, da minha conversação. *Eufr. 5.1. Hist. Naut.* 1. 456. “*Sem alforge, e cevadeira:*” os Apóstolos despedidos por J. Christo. *Feo, Sem. De Nossa Senhora das Neves*, p.115. “Rumecan General com 7. ou 8. mil de cavallo da sua *cevadeira*.” *Couto*, 4.9.5.

→**Laudelino Freire:** CEVADEIRA, s. f. de cevar + deira. *Náut.* Pequena vela, suspensa de uma vêrga, que atravessa horizontalmente o gurupês.

→**Aurélio:** cevadeira [De *cevada* + *-eira*.] Substantivo feminino. 1.Saco que se adapta ao focinho das cavalgaduras para lhes dar a cevada ou outro alimento; bornal, embornal. 2.Marinh. Ant. Verga de cevadeira. 3.Marinh. Ant. Vela quadrangular que envergava na verga do mesmo nome, por baixo do gurupês. [Cf. *sevadeira*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Apartados os dous navios da sombra da terra, descubriose então da Armada, que rendido o noffo do Pirata, o levava á toa. E metendolhe brevisflimamente vellas de estay, cutellos, joanetes, barredouras (álem da mefena, & levadeira que lhe faltou) adiantava grande caminho, em pouco tempo: fugindo a hum cortar, para servirlhe o vento a todo pano. o vento a todo pano.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00_2496, p. 42].

Comentários: todos os dicionários apresentam *cevadeira* como termo náutico ou relativo ao mar. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 48

Chapeleta, s. f. (T. Naut.) Couro pregado sobre o pão chamado *nabo*. O salto da pedra atirada à superfície da água.

Chapeleta s.f. (T. Naut.) Couro pregado sobre o pão chamado de nabo. O salto da pedra atirada à superfície da água.

→**Cunha:** do a. f. *chapel*.

→**Bluteau:** CHAPELETA. Chapeleta. (Termo de navio) He hum couro pregado em cima de hum pão redondo, que chamaõ Nabo. *Coriaceum tegumentum, i. Neut.*

→**Moraes e Silva:** CHAPELETA, s. f. t. de Naut. Coiro pregado sobre o pão, a que os Nauticos chamão *Nabo* da Bomba, de esgotar o fundo dos navios.

→**Laudelino Freire:** CHAPELETA, s. f. Cast. *chapelete*. Chapelinho. || 2. Válvula nas bombas que se usam a bordo.

→**Aurélio:** [De *chapéu*¹ (< fr. ant. *chapel*) + *-eta* (ê), seg. o padrão erudito.] Substantivo feminino. 1.V. *chapéu*¹ (1). 2.Válvula de bola (q. v.) usada nas bombas [v. *bomba* (4)]. 3.V. *ricochete* (1). 4.Mancha de rubor nas faces. *chapéu*¹ [Do fr. ant. *chapel*, atual *chapeau*.] Substantivo masculino. 1.Peça de feltro, palha, etc., com copa e abas, e destinada a cobrir a cabeça. [Aum.: *chapelão*, *chapeirão*; dim. irreg.: *chapelete*, *chapeleta*. Sin. (bras., gír.): *tampa* e *penante*.] Marinh. A parte superior do cabrestante.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Embora não conste em todos os dicionários como termo náutico, as definições apresentadas remetem a esse termo. || Origem: portuguesa < francesa.

Ficha 49

Chapiteo, s. m. (T. Naut.) O remate mais alto da popa, e proa. No edifício, *Chapitel* he o remate delle.

Chapiteo, s.m. (T. Naut.) O remate mais alto da popa, e proa. No edifício, *Chapitel* he o rematte delle.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** CHAPITEO. Chapiteo. (Termo de navio. Por quanto hum homem podia divisar do Chapiteo da ná. Barr. 2. Dec. pag. 186.col.2.

→**Moraes e Silva:** CHAPITEO/ Chapitel, V. *Chapitéo*. *Palm*. 3.111.Chapitéo, s. m. t. de Naut. o chapitéo da ná. *Barros*, 2.186 *quanto um homem podia divisar do chapitéo da ná. Amaral*, 2. É a parte mais alta, em que se remata a popa, e proa, onde frequentemente havia castellos, e então o *Chapiteo* rematava os castellos, bem como na arquitectura civil os chapitéis rematão os edificios. *Seg. Cerco de Diu*, f.157. "*chapitéos da Igreja*." *M. Pinto*, 6.214.

→**Laudelino Freire:** CHAPITÉU, s. m. De *capitel*. A parte mais elevada da proa e da pôpa do navio.

→**Aurélio:** não constam chapitéo, chapitéu.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Era tam grande o mar que à entrada da baía, em 9 braças de fundo, me deu o mar por riba do chapitéo e veio quebrar no convés.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 107].

Comentários: Aurélio não lista *chapiteo* em seu dicionário. Para os demais autores consultados, *chapiteo* é um termo de navio. || Origem: não encontrada.

Ficha 50

Chaveta, s. f. (T. Naut.) Ferro com que se re em as cavilhas fechando por cima das arruelas. Ferro no eixo, que não deixa sáhir o que está enfiado nelle.

Chaveta s.f. (T. Naut.) Ferro com que se 're em' as cavilhas fechando por cima das arruelas. Ferro no eixo, que não deixa sálvio o que está enfiado nelle.

→**Cunha:** chaveta - do latim *clavem*.

→**Bluteau:** CHAVETA. Chaveta. (Termo de navio) Chapa de ferro, da largura de dous dedos estreita para a ponta; fecha por cima das arruelas, para que se não pôlãõ tirar as cavilhas. *Clavorum retinaculum, i. Neut.*

→**Moraes e Silva:** CHAVÊTA, s. f. t. de Naut. Peça de ferro, que fecha por cima das arruelas, para reter as cavilhas; ou se mette no extremo de algum eixo, paranão sair o que está enfiado nelle.

→**Laudelino Freire:** CHAVÊTA, s. f. De *chave*. Peça de ferro, na extremidade de um eixo, para não deixar sair as rodas, ou peça que segura uma cavilha. || 2. Cavilha. || 3. Haste em que jogam as dobradiças. || 4. *Lus.* O mesmo que *chavelha*.

→**Aurélio:** chaveta (ê). [De *chave* + *-eta* (ê).] Substantivo feminino. 1. Peça na extremidade dum eixo, para fixar as rodas. 2. Peça para segurar a cavilha. 3. Haste em que jogam as dobradiças. 4. Bras. SP Peça de madeira que prende a canga à tiradeira. [Pl.: *chavetas* (ê). Cf. *chaveta* e *chavetas*, do v. *chavetar*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

[...] e estas fontes como outros tantos Cyfoens enchem delivel com aagoa dorio aquellas praças logo que amachina se interrompe; machina ha destas, q.' consta de quatro centas chapas deferro , ecada chapa de oito Libras , fora as cavilhas, e *chavetas* do mesmo metal [...].

ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME (1896) [n.d.], MEMORIAS SOBRE A EXTRACÇÃO DO OURO NA CAPITANIA DE MINAS GERAES () [A00_0761, P. 420].

Comentários: Todos os dicionários apresentam o termo *chaveta* ligado ao mundo marítimo. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 51

Cheleira, s. f. (T. Naut.) peça de madeira nas nãos, junto ás portinholas, com vãos, onde se mettem as balas.

Cheleira, s.f. (T. naut.) peça de madeira nas nãos, junto ás portinholas, com vãos, onde se mettem as balas.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** CHELÈIRA, s. f. Nas nãos de guerra, é peça de madeira, que corre ao longo do costado, junto ás portinholas, e onde estão as ballas, vi uns vãos feitos para isso nas *cheleiras*. (do Inglez *Shelf*) *Exame de Artilheiros*.

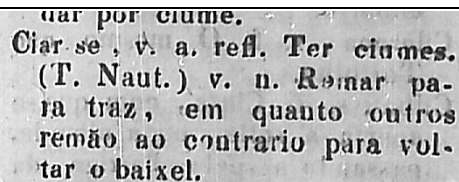
→**Laudelino Freire:** CHELEIRA, s. f. Lugar em que empilham as balas, na bateria de um navio. || 2. Peça de madeira em que, a bordo, se encaixam baldes.

→**Aurélio:** não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta

Comentários: Em suas acepções, os dicionários de Moraes e Silva e Laudelino Freire apontam o termo como do universo náutico. Os demais dicionaristas não citam o termo. || Origem: não encontrada.

Ficha 52



uar por ciume.
Ciar se, v. a. refl. Ter ciumes.
(T. Naut.) v. n. Remar pa-
ra traz, em quanto outros
remão ao contrario para vol-
tar o baixel.

Ciar se, v.a. refl. Ter ciumes. (T. Naut.) v.n. Remar para traz, em quanto outros remão ao contrario para voltar o baixel.

→**Cunha:** ciar vb. ‘remar para trás’ | *cear* XVI | Do cast. *ciar*, talvez deriv. de *cia* ‘quadril’, pelo esforço que faz esta parte do corpo ao ciar.

→**Bluteau:** CIAR, ou ciarsê. ter ciumes. *Emulari. Vid. Ciume, & Ciofo.* Pois se *Christo* se *Cia* tanto de morrer algum hómem, antes que elle morra pelos homens. OP. Ant. Vieira.

→**Moraes e Silva:** CIAR-SE t. de Naut. Remar para traz, ao tempo que os outros remeiros do lado opposto remão para diante para voltar a galé. V. *Ciavoga. Cast. 2.161. V. Cear*; como escrevem *Barros, e Castanheda.* CIAVÓGA, s. f. t. de Naut. Volta em redondo, que se dá á galé, remando os de um lado, e ciando os do outro. *Cast.*

→**Laudelino Freire:** CIAR, v. intr. *Náut.* Remar no sentido contrário ao andamento para recuar ou para voltar a embarcação, vogando a direito os remeiros do outro lado. || 2. Mover-se para trás:” *Cia* a igara, e reparte um silvo extenso.” (Pôrto Alegre).

→**Aurélio:** ciar¹ [Do esp. *ciar*, poss.] Verbo intransitivo. 1. Remar para trás. 2.P. ext. Mover-se para trás. [Cf. *siar* e *cear*.]

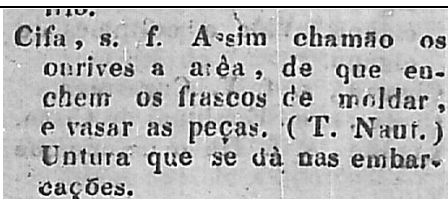
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Vista já, posto que em sombras, a pintura do corpo natural desta Região, a benevolência do seu clima, a fermosura dos seus .Astros, a distancia das suas costas, o curso cia sua navegação, o movimento dos seus mares, objectos, que mereciaõ mais vivos, e dilatados rascunhos [...].

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO PRIMEIRO* [A00_0567, p. 13].

Comentários: Dentre os dicionários consultados, somente o de Bluteau não cita o termo *ciar-se* como náutico. || Origem: castelhana.

Ficha 53



Cifa, s. f. Assim chamão os
ourives a arêa, de que en-
chem os frascos de moldar,
e vasar as peças. (T. Naut.)
Untura que se dà nas embar-
cações.

Cifa, s.f. Assim chamão os ourives a arêa, de que enchem os frascos de moldar, e vasar as peças. (T. Naut.) untura que se dà nas embarcações.

→**Cunha:** cifa sf. ‘areia que os ourives empregam para moldar’ 1813. Do ar.sãifã.

→**Bluteau**: não consta.
 →**Moraes e Silva**: CIFA, s.f. é untura, que se dá aos navios feita de gordura, ou azeite de peixes, &c. B. 4.8.16. “daria 100. quintões de *Cifa* (que é azeite de peixe). “*Couto V. de Lima, 6. 16 lhe mandassem munições, remos, cifa, cotonias [...]*.
 →**Laudelino Freire**: s.f. ár. *saifa* Areia de que os ourives enchem os frascos de moldar e vazam as peças que eles depois têm de lavar.
 →**Aurélio**: cifa [Do ár. *sayf*, 'espada'; 'areia fina (sentido metafórico)']. Substantivo feminino. 1. Areia que os ourives empregam para moldar.

 →**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva abona o termo *cifa* como náutico. || Origem: árabe.

Ficha 54

Cifar, v. a. (T. Naut. Dar cifa)

Cifar, v.a. (T. Naut.) Dar cifa.

→**Cunha**: de cifa sf. ‘Do ar.sãifã.
 →**Bluteau**: CIFAR. Termo Nautico. Mandou logo Cifar, & baltecer trinta navios. Jacinto Freire, mihi 322. Cinco navios varados, & *Cifados* para se lançarem ao mar. Couto 8. Dic. 129. col.1.
 →**Moraes e Silva**: CIFÁR, v. at. De Naut. Dar cifa aos navios. “cifar e alimpar os navios” Cron. F. III. P. 3. c. 77. *mandou cifar, e bastecer trinta navios. Freire, cinco navios varados e cifados para se lançarem ao mar. Cast. 8. fol. I col. I* “cifados, e ensevados os navios, para que ficassem mais ligeiros.” e a f. 250. *como as embarcações estavam cifadas, e enseyadas, prendeo logo o fogo nellas. V. Cifa.*
 →**Laudelino Freire**: CIFAR, v. tr. dir. De *cifa* + *ar. Ant.* Untar com cifa (os navios). || 2. Aparelhar ou abastecer (embarcação) para se lançar à água.
 →**Aurélio**: não consta.

 →**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Dos dicionários consultados, não citam o termo nas obras de Aurélio e Cunha. || Origem: árabe.

Ficha 55

Cinta, s. f. Faixa de apertar o corpo. Cintura, onde se aperta a cinta. Peça das columnas, e pedestaes, (T. Naut.) Pãos de reforçar o forro do costado de popa à proa.

Cinta, s.f. Faixa de apertar o corpo. Cintura, onde se aperta a cinta. Peça das columnas, e pedestaes. (T. Naut.) Pãos de reforçar o forro do costado de popa à proa.

→**Cunha**: cinta sf. ‘faixa para apertar a cintura’ XIII. Do lat. *cincta*, part. De *cingere* || cintAR 1881 || cinto¹ adj. ‘cingido’ XIV. Do lat. *cinctus -ūs*, part. De *cingere* || cinto² sm. ‘faixa ou tira que cinge o meio do corpo com uma só volta’ XIII. Do lat. *cinctus -ūs* || cintura sf. ‘a parte média do tronco humano, situada abaixo do peito e acima dos quadris’ I *cin-* XIV, *çim-* XV I Do lat. *cinctura* || cintUR·ÃO sm. ‘cinto grande’ 1813.
 →**Bluteau**: Cintas, (Termo de navio) São huns páos, que cingem o navio da popa até a proa, pela parte de fora, abraçando toda aquella madeira em distancia huma da outra de palmo, & meyo, ou dous palmos de largo; ou faõ huns páos, q cõrrem davante a Ré sobre as estacas, que ellas foraõ correndo ao longo das *Cintas* do costados. [...].

→**Moraes e Silva:** [...] t. de Naut. Páos que vão por fora do costado de popa á proa, e servem de reforço ao taboado, ou forro do costado. *Barros*.

→**Laudelino Freire:** CINTAS, s. f. pl. Tábuas pregadas aos caibros junto à cumieira e paralelas a esta, de dois em dois metros mais ou menos, para dar firmeza aos planos do madeiramento. || 2. Pranchões que cingem o navio da pôpa à proa.

→**Aurélio:** cinta [Do lat. *cineta*, fem. do part. pass. de *cingere*.] Substantivo feminino. .Constr. Nav. Fiada de chapas mais grossas, dispostas de proa à popa no forro exterior do costado de navios de ferro, à altura do convés da borda-livre, com o fim de aumentar a resistência do casco e do próprio costado; cintado. [...]1. Bras. Mar. G. Dispositivo instalado numa embarcação de casco de ferro ou de aço, e que atenua ou neutraliza a deformação que o magnetismo da embarcação causa nas linhas de força do magnetismo terrestre, assim reduzindo muito a eficácia das minas e torpedos eletromagnéticos que se possam encontrar na rota. Cinta couraçada. 1. Constr. Nav. Cinta de chapas de couraça, para proteger navio encouraçado, e que se estende desde abaixo da sua linha de flutuação até pouco acima dela.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *cinta* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 56

Clara, s. f. O branco glutinoso do ovo. (T. Naut.) No beque do navio he hum pão que vai por baixo da curva, e por cima do talhamar.

Clara, s. f. O branco glutinoso do ovo. (T. Naut.) No beque do navio he hum pão que vai por baixo da curva, e por cima do talhamar.

→**Cunha:** clara - Claro adj. 'orig. luminoso, brilhante, iluminado' fig. nítido, inteligível, manifesto' XIII. Do lat. *clarus* [...].

→**Bluteau:** [...] Clara do Beque. Palavra de Navio. He hum pão, que vay por cima do Talhamar, & por baxo da curva. Chamafe *Clara*, porque tem feus vãos, para por ella passár o mar.

→**Moraes e Silva:** CLARA, s.f. [...] Clara do beque: pao que vai por cima do talhamar, e por baixo da curva, t. de Naut..

→**Laudelino Freire:** CLARA, s.f. [...] 4. Abertura em algumas peças do navio.

→**Aurélio:** clara [F. subst. do adj. *claro*.] s. f. 4.Mar. V. *aberta* (9). 5.Constr. Nav. Designação comum a algumas aberturas existentes no casco ou no aparelho das embarcações. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todas as obras apontam *clara* como termo de navio, entre outras acepções. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 57

Colhedor, s. m. Que colhe as
frutas das arvores, No plur.
[T. Naut.] Cabos, que para for-
tificar os mastros, passam pe-
las bigotas fixas nas pontas
dos ovens da enxarcia, e nas
que estão fixas na abotadura.

Colhedor s.m. Que colhe as frutas das árvores. No plur.(T. Naut.) Cabos, que para fortalecer os mastros passam pelas bigotas fixas nas pontas dos ‘ovens’ da enxarcia, e nas que estão fixas na abotoadura.

→**Cunha:** colhedor – de colher. Do latim *colligere*.

→**Bluteau:** Colhedôres. (Termo de navio). São huns cabos, que passam pelas bigotas, que estão fixas nas pontas dos ovens da Enxarcia, como também por aquelas, que estão fixas na abotocadura, para fortalecer os mastros. Demandam toda a força, & vão a poder de muito cabo. [...].

→**Moraes e Silva:** s.m. [...] t. de Naut. cabos, que passam pelas bigotas fixas nas pontas dos ovens da enxarcia, e por outras fixas na abotoadura para fortalecer os mastros.

→**Laudelino Freire:** COLHEDOR, adj. E s.m. De colher + dor. O que colhe; o que recebe. Colhedores, s. m. pl. Cabos delgados que, enfiando pelos buracos de duas bigotas ou sapatos, servem para tesar os ovéns; estais.

→**Aurélio:** [De *colher* (ê) + *-dor*.] Adjetivo. Marinh. Cabo com que se tesa um estai, um ovém, etc., e que gorne em um par de bigotas, uma das quais é presa no chicote do cabo a tesar, e a outra num ponto apropriado do convés, do costado, de um mastro, etc

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apontam *colhedor* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 58

Opposição.
Contrapunho, s. m. [T. Naut.]
cabo pegado na ponta da ve-
la grande, e do traquete para
ajudar a amarra.

Contrapunho, s.m. [T. Naut.] cabo pegado na ponta da vela grande, e do traquete para ajudar a amarra.

→**Cunha:** contra (latim) +punho (latim)

→**Bluteau:** (Termo de navio) He hum cabo, que está pegado na ponta da vella grande, & do traquete, que serve de ajudar a amarra. Não tem nome proprio Latino.

→**Moraes e Silva:** CONTRAPÚNHO, s. m. t. de Naut. Cabo pegado na ponta da vela grande, e do traquete, para ajudar a amarra.

→**Laudelino Freire:** CONTRAPUNHO, s. m. De contra + punho. Náut. Cabo, fixo na ponta da vela grande e do traquete, para auxiliar a manobra.

→**Aurélio:** contrapunho [De *contra-* + *punho*.] Substantivo masculino. 1.Marinh. Cabo ligado à ponta da vela grande e do traquete e que serve para auxiliar a manobra.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apontam *contrapunho* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Corda, s. f. Fios torcidos de estopa, etc. entre si de diversas grossuras, e para diversos usos. Nos instrumentos musicos he de intestinos de animaes, ou de arame. No relógio he de aço. Cordilheira. Extremidade do muscolo. No plur. (T, Naut.) Chapas de lata, que vão davante à re nas cobertas.

Corda, s.f. fios torcidos de estopa, etc. entre si de diversas grossuras e para diversos usos. Nos Instrumentos musicos he de intestinos de animaes, ou de arame. No relógio he de aço. Cordilheira. Extremidade do muscolo. No plur. (T. Naut.) Chapas de lata, que vão davante à re nas cobertas.

→**Cunha**: corda, sf. ‘cabo de fios vegetais unidos e torcidos uns sobre os outros’ ‘fios de vibra em alguns instrumentos’ XIII. Do lat. *chōrda*, deriv. Do gr. *chordē* ‘tripa, corda musical feita com tripas’ [...].

→**Bluteau**: CORDA, Corda de navio. *Funis nauticus, i. Mafe. Rudens, tis Mafe*. Plauto faz este nome do genero feminino; mas melhor he fazelo do genero masculino à imitação de Catullo, Virgilio, Ovídio, Lucano, Silio Italico, & Juvenal. *Vid. Ancora. Vid. Calabre. Cordas*, com que se governa as antenas. *Funes opiferi*. Corda, com que se attá a antena ao mafto. *Anquina, e Fem. Cinna*. Corda, que puxa à firtga. [...].

→**Moraes e Silva**: CÓRDAS, s.f. pl. t. de Naut. São umas latas davante a re, em todas as cobertas.

→**Laudelino Freire**: CORDA, s. f. Lat. *chorda*. Peça de fios unidos e torcidos uns sôbre os outros e que serve para prender ou apertar.[...].

→**Aurélio**: corda [Do lat. *chorda*.] Substantivo feminino. Constr. Nav. Ant. Cada uma das vigas longitudinais que, nas naus, galeões, etc., juntamente com os vaus e as latas, aguentavam os pavimentos. 10. Marinh. Pedaco de cabo ligado ao badalo do sino de bordo. [É este, a bordo, o único cabo que tem o nome de *corda*. Cf. *sicorda*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

Falta só a indústria de as ir puxando para diante para cada vez irem avançando, e é fácil pondo na ponta de cada pao alguma roda, ou régoa entesada em cordas com ãa roldana, e um calabre, cujas pontas vão prender na extremidade dos ângulos, que seguram

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEXTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS - CONTÉM INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS, E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM, COM NOVA INVENÇÃO DE REPRESAR AS MARÉS, PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO, ACCRESCEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA - CAP. 12º - DOS OUTROS TRÊS MODOS DE SERRAR MADEIRA COM INGENHO PORTÁTIL [A00_1975, p. 431].

Comentários: todos os dicionários apontam *corda* como termo náutico, exceto Laudelino. ||
Origem: portuguesa < latina < grega.

Ficha 60

Cossouro, s. m. (T. Naut.) Bola de ferro furada no meio, onde se mette o mastro. Na espora he a roda com dentes.

Cossouro, s.m. (T. Naut.) bola de ferro furada no meio, onde se mette o mastro. Na espora he a roda com dentes.

→**Cunha**: cossouro, sm. ‘roseta de espora’ 1813. De origem obscura.

→**Bluteau**: COSSOUROS do navio. Saõ humas bolas de ferro, furadas no meyo, em que se mette o maço. Servem para os Enxertarios. [...].

→**Moraes e Silva**: COSSOUROS, s. m. pl. t. de Naut. Bolas de ferro furadas no meyo, em que se mette o mastro; servem para os enxertarios. § Cossouro da espora; roda que está na púa.

→**Laudelino Freire**: COSSOURO, s. m. Bola de ferro com orifício ao centro onde se embebe o mastro. § 2. Roseta de espora.

→**Aurélio**: cossouro [De or. obscura.] S.M. 1. Roseta de espora. [F. paral.: *cossoiro*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: todos os dicionários remetem o significado do termo *cossouro* ao mundo náutico. || Origem: obscura

Ficha 61

Costa, s. f. Terreno, que se levanta em ladeira. Terra junta ao mar. No plur. costelas do corpo. (T. Naut.) curvas, e outras peças, que sostêm o costado. Nos ins.

[...]

a sola, etc. *Dar á costa*, naufragar, encalhar, e fig. deitar-se a perder, arruinar-se, ficar pobre, sem bens. *De*

Costa, s.f. Terreno, que se levanta em ladeira. Terra junta ao mar. No plur. costelas do corpo. (T. Naut.) curvas, e outras peças, que sostêm o costado. [...] *Dar á costa*, naufragar, encalhar [...].

→**Cunha**: costa sf. ‘(no pl.) espáduas’ XIII; ‘costela’ XIII; ‘litoral’ XIV. Do lat. *cōsta* ‘costela, ilharga, lado, flanco’ [...].

→**Bluteau**: COSTA do mar (chamada, porque de ordinario he ..., & costumamos dizer, A cofta do monte; ou porque a terra junto ao mar de ordinario he curva a modo de ...Correr a cofta. *Navali excursione oram* Depois de corrida toda a cofta. Proximo laure, Tacito, fallãdo em huma armada. Navegar cofta a cofta. Luttus radere. Vr. V. Coftear. Dar á cofta. Allidi ad eram, ou ad oram maritimam. Com náos deftroçadas tem qualí à Cofta. Chagas, Cart. Espirit. Tom. 2.91. Fez fazer mytos navios para guardar a cofta. Varias naves ad oram maritimam tuendam ...

→**Moraes e Silva**: CÔSTA, s. f. Terreno que se vái erguendo, e fazendo ladeira. § *Ir cósta a riba*; i. é, debaixo para cima; e fig. com dificuldade. § *Correr a costa*; ir ao longo, perto della; e assim *navegar costa a costa*; sem se empégar, nem emmarar. § *Dar à costa*: vir encalhar, ou naufragar nella com tormenta, ou varar nella de proposito: v.g. deu este navio á costa; o tempo forte deu elle á costa.” náos lançadas á costa.” B 4.5.3.

→**Laudelino Freire**: : COSTA, s. f. *Ant. Anat. Costela*. || 2. Região próxima do mar; borda do mar, litoral, praia. || 3. Porção de mar próxima da terra.

→ **Aurélio:** [...] 2.Litoral (2). 3.Porção de mar próxima da terra. 4.A costa da África em geral. [Nesta acepç., figura em vários vocábulos ou expressões, como, p. ex., *pano da costa* e *sabão-da-costa*.] 5.Encosta, declive. Dar à costa. 1. Mar. Encalhar (a embarcação) no litoral, por acidente ou má visibilidade, ou impelida por tormenta; ir à costa. 2. Fig. Perder-se, arruinar-se. Ir à costa. 1. Mar. Dar à costa (1).

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

[...] e eles os poseram. aly nom pode deles auer fala nẽ entẽ dimento que aproueitasse polo mar quebrar na *costa*. soomente deulhes huũ barete vermelho e huũa carapuça de linho que leuaua na cabeça e huũ sombreiro preto.

PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00_0335, p. 01].

Sesta-feira, 2 dias de Novembro, veo a gente que tinha mandada em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina *dera à costa* por falta de amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado (sòmente morreram sete pessoas, seis afogados e um que morreo de pasmo); e que o bragantim *dera também à costa*, e porém que lhe nom fizera nojo, e o batel do galeam e da capitaina tinhão são [...].

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00_0078, p. 73].

Comentários: todas as obras indicam *costas*, dentre outras acepções, como termo ligado à vida marítima. Como termo náutico o DLB apresenta, também a expressão *dar à costa*. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 62

Cruzar, v. a. Por em forma de cruz. Atravessar pelo meio. Fig. Sobmetter-se, conformar-se. (T. Naut.) Pairar.

Cruzar, v.a. Por em forma de cruz. Atravessar pelo meio. Fig. Sobmetter-se, conformar-se (T. Naut.) Pairar.

→ **Cunha:** cruzar → CRUZ [...] Do lat. *crux crúcis* [...] cruzAR vb. ‘fazer cruzada’ XIII; ‘percorrer, atravessar’ XVII [...].

→ **Bluteau:** CRUZAR. Andar atravessando de huma parte a outra. Cruzar o mar., allí como diz Cicero,..... Andão os Piratas cruzando o mar. Pirate maré infestum havent. Ex Cicer ou maré navibus interclu... ou claufum tenent. Outras duas velas Cruzarão largo tempo o mar. Britt. Viagem ao Brafil, pag. 56. Dos que Nos Estreytos do mar se levantão as ondas, & andão os mares Cruzados. Vieir. Tom. 6. pag. 481.

→ **Moraes e Silva:** CRUZÁR, v. at. Pôr em cruz: v. g. cruzão as vergas. *Mousinho, Afonso, Afric.* § Andar bordejando, pairar. Brito, Viag. Brás. P.56. *duas velas cruzarão largo tempo o mar.* Vieira. *andão os homens cruzando as cortes; atravessando daqui para allí no mesmo lugar. Cruza este terreiro a cavallo: cruza os mares.*

→ **Laudelino Freire:** CRUZAR, v. r. v. De cruz + ar. Ocupar ou vigiar certa extensão do mar, percorrendo-a em tôdas as direções (intr.; tr. ind.; com prep. *em*): “As esquadras federais *cruzaram*, verão e inverno, durante anos.” (Rui). “Uma esquadra destinada a *cruzar* no Báltico.” (Aulete).

→ **Aurélio:** cruzar [De *crux* + *-ar*²].[...].3.Cortar; atravessar: *A Avenida Rio Branco cruza a Presidente Vargas;*“Cruzam o firmamento as estrelas cadentes...” (Martins Fontes, *Verão*, p. 154). 4.Passar por; percorrer; atravessar: *Lembrava-se bem do tempo em que cruzara aquelas estradas.*5.Transpor, penetrar: *Saiu dizendo que jamais voltaria a cruzar aqueles umbrais.*6.Percorrer em diversos sentidos: *cruzar os mares; cruzar estradas.* [...]. 8.Encontrar-se, vindo em direções opostas:“cruzara com um caboclo espadaúdo e rijo” (Herman Lima, *Garimpos*, p. 142). [...] 10.Percorrer o mar em direções diversas.11.Estar

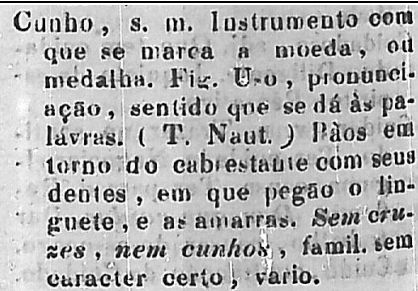
atravessado; colocar-se de través. 12. Encontrar-se, vindo em direções opostas; cruzar-se [...] Cruzar (16): *Os navios cruzaram-se em pleno equador*; [...].

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Em que se declara o clima da Bahia, como cruzam os ventos na sua costa e correm as águas.
GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DESCRIÇÃO TOPOGRÁFICA DA BAHIA (PARTE SEGUNDA - TÍTULO 2)* [A00_0178, p. 133.]

Comentários: Os dicionários consultados apresentam abonações que remetem ao termo *cruzar* na acepção de marítimo. || Origem: portuguesa < latina

Ficha 63



Cunho, s. m. Instrumento com que se marca a moeda, ou medalha. Fig. U-o, pronúnciação, sentido que se dá às palavras. (T. Naut.) Pãos em torno do cabrestante com seus dentes, em que pegão o linguete, e as amarras. *Sem cruces, nem cunhos*, famil. sem caracter certo, vario.

Cunho, s.m. Instrumento com que se marca a moeda, ou medalha. Fig. Uso, pronúnciação, sentido que se dá às palavras. (T. Naut.) Pãos em torno do cabrestante com seus dentes, em que pegão o linguete, e as amarras. *Sem cruces, nem cunhos*, famil. sem caracter certo, vario.

→ **Cunha:** cunho sm. “placa de ferro para marcar moedas, medalhas etc.” XV. Do lat. *cūnēus* -ī.

→ **Bluteau:** Cunhos. (Palavra de navio) São huns páos pregados à roda do cabrestante por baxo, com seus dentes, em que pega o linguete, & as amarras, quando viraõ. Não temos palavra propria Latina.

→ **Moraes e Silva:** CUNHO, Cunhos, t. de Naut. páos pregados á roda do cabrestante com seus dentes, em que pega o linguete, e as amarras, quando virão.

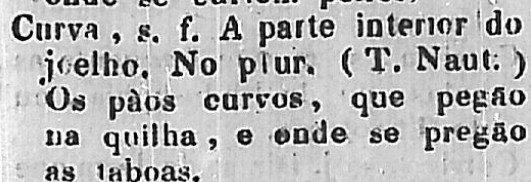
→ **Laudelino Freire:** CUNHO, Cunhos, s. m. pl. Náut. Espaço, junto ao lais, tendo aberto perpendicularmente um gorne, onde passam certos cabos que manobram a vela que lhes fica superior. || 2. Náut. Paus pregados em tórno do cabrestante nos quais pelo linguete. || 3. Pedacos de pau curtos pregados no lugar conveniente e que servem para dar volta aos cabos de mareação.

→ **Aurélio:** cunho [Do lat. *cuneu*.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Peça de metal incudiforme, que se fixa na amurada das embarcações, nos turcos, ou nos lugares por onde possam passar cabos de laborar, para dar-lhes volta. 2. Tip. Cada uma das peças de metal que, com o auxílio de chave, servem para apertar a fôrma na rama. [Sin., nesta acepç.: *aperto* e (desus.) *cunha*. V. *enviesado*.]

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *cunho* como termo de navio. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 64



Curva, s. f. A parte interior do Joelho. No plur. (T. Naut.) Os páos curvos, que pegão na quilha, e onde se pregão as taboas.

Curva, s.f. A parte interior do joelho. No pl. (T. Naut.) Os pãos curvos, que pegão na quilha, e onde se pregão as taboas.

→**Cunha**: curv`a, -ado, -ar -atura → CURVO Curva sf. ‘qualquer linha ou superfície curva’ 1500; ‘(Geom.) lugar geométrico de um ponto que se desloca no espaço com um único grau de liberdade’ 1844 || curvADO | -bado XIV | Do lat. *curvātus*, part. de *curvāre* [...].

→**Bluteau**: Curva. (Termo de Navio) *Curvas* de cõvez faõ as chaves da náó, que fortificão os lados. Parece, que faõ o que Plinio chama *Navium coft & arum. Fem. Plur.* Curva do falcão do Beque, he huma *curva* particular, em que prega o Talhamar. A quilha estava podre, podres as *Curvas*, ou cavernas. Vieira, Tom. 10.220. E dando entre duas ondas impetuofas, Taboas rendeo, & as *Curvas* mais forçofoas Malaca conquift. livro. 1. oit. 35.

→**Moraes e Silva**: CÚRVA, Curvas, t. de Naut. as costas, ou peças de páo curvas, que nascem da quilha, nas quaes se pregão as táboas do costado; cavernas. *Vieira. § Curva do falcão do beque*; é uma curva onde se prega o talhamar.

→**Laudelino Freire**: CURVAS, s.f. pl. *Mar.* Madeiros arqueados que partem do *costado* do navio.

→**Aurélio**: curva [F. subst. de *curvo*.] S.F. 1.Geom. Lugar geométrico de um ponto que se desloca num espaço com um único grau de liberdade; linha curva. [O conceito pode abranger, como caso particular, a linha reta.]. Curva de giração. 1. Lus. *Mar.* Curva de giro (q. v.). Curva de giro. 1. Bras. *Mar.* A que o centro de gravidade duma embarcação descreve quando se mantém o leme carregado para um dos bordos; curva de giração.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

A madeira é leve, mas muito liada, que não fende, de que se tiram curvas para barcos, e que se fazem vasos de sellas, e d'estas folhas podem manter bichos de seda, e os levarem a estas partes.

GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DAS ARVORES MEANS COM DIFFERENTES PROPRIEDADES, DOS CIPÓS E FOLHAS UTEIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 9) [A00_0185, p. 252].

Comentários: todos os dicionaristas apresentam *curva* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 65

Curvatão, s. m. . ões no plur.
(T. Nautico.) Vão onde assenta a gavea, Entre os Ferreiros, são dous paos do folle, onde se prega a perada.

Curvatão, s.m. –ões no plur. (T. Naut.) Vão onde assenta a gavea, Entre os *Ferreiros*, são dous pãos do folle, onde se prega a ‘perada’.

→**Cunha**: curvo. Do latim *curvus*.

→**Bluteau**: CURVATAM, Curvataõ. (Palavra de Navio) Curvatão do gurupez, he donde se poem o vão para assentar a gavea. *Carchefij fulcimentum, i. Neut.* Curvatoens, tambem faõ huns páos fortes, em que se pregão as perchas do beque. Curvatoens do folle, em officina de fundidor, faõ dous páos, em que se prega huma táboa de madeyra, a que chamaõ *Perada*.

→**Moraes e Silva**: CURVATÃO, s. m. t. de Naut. No *Curvatão* do gurupés está o vão para assentar a gávea. § *Curvatões do folle de ferreiro*; são dois páos, onde se prega uma táboa chamada *perada*.

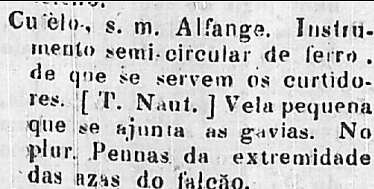
→**Laudelino Freire**: CURVATÃO, Curvatões, s. m. pl. Náut. Duas peças do mastro, acima da romã, nas quais assentam os vaus reais.

→**Aurélio**: curvatão [Do esp. *curvatón* < cat. *corbató*.] Substantivo masculino. 1.Constr. Nav. Ant. Cada uma das duas fortes peças de madeira presas à romã do mastro ou mastaréu, e sobre as quais assenta o cesto da gávea.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionaristas apresentam *curvatão* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 66



Cutêlo, s. m. Alfange. Instrumento semi-circular de ferro, de que se servem os curtidores. [T. Naut.] Vela pequena que se ajunta as gáveas. No plur. Pennas da extremidade das azas do falcão.

Cutêlo, s.m. Alfange. Instrumento semi-circular de ferro de que servem os curtidores. [T. Naut.] Vela pequena que se ajunta as gáveas. No plur. Pennas da extremidade das azas do falcão.

→**Cunha:**cutelo sm. ‘faca’ | *coitello* XIII, *coytelo* XIII | Do lat. *cūltēllus* [...].

→**Bluteau:** Cutelos. (Termo de navio) Armando-lhe joanetes, & Cutelos, que não trazia. Britto, *Viagem do Brasil*, pag. 120.

→**Moraes e Silva:** CUTÊLO, s. m. Alfange. [...] Velas pequenas, que se ajuntão quando há bom vento. Britto, *Viagem*. Metter cutelos, e varreduras.

→**Laudelino Freire:** CUTELOS, s. m. pl. *Mar.* Pequenas velas quadrangulares que servem de suplemento às outras e se desfraldam quando o vento é favorável. || 2. Pedacos de lona ou brim que saem do painel das velas quando estas se cortam.

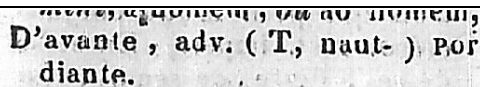
→**Aurélio:** cutelo¹ [Do lat. *cultellu*, ‘faquinha’.] S. m. 3.Ant. Marinh. Cada uma das velas suplementares quadrangulares, caçadas junto às testas do velacho e da gávea, quando o vento era de feição, para aumentar a superfície do pano; vela de cutelo.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionaristas apresentam *cutelo* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

D

Ficha 67



D'avante, adv. (T, naut-) por diante.

D'avante, adv. (T, naut-) por diante.

→**Cunha:** não consta *d'avante*, porém há *avante*. adj. ‘adiante, para frente’ XIII. Do lat. tard. *ābantē* [...] *auantal* XIV || vante sf. ‘a metade dianteira da embarcação’ XVI.

→**Bluteau:** DAVANTE. Em prafe Nautica vai tanto, como por diante. Fez tomar o navio por *Davante*. Barros, Dec. 4. fól. 57. Saltaraõ no Castello *Davante*. Barros, 1. Dec. 116. col.2. Antes de darem por *Davante*. Britto, *Viagem do Brasil*, 284.

→**Moraes e Silva:** D'AVANTE, adv. t.de Naut. V. *Avante*. Barros. Surdir, obedecer ao leme, ou governo, e mareação, que se faz, para fazer cabeça, e navegar.

→**Laudelino Freire:** não consta.d'avante AVANTE, s.m. Despor. O mesmo que atacante. Avante! Interj. Voz que exprime incitamento e equivale a “vamos para diante!” Prossigamos!

→**Aurélio:** não consta d'avante, consta avante. [Do lat. vulg. *abante*.] Advérbio. 1.Adiante: *Mais avante começava a selva.*2.Para adiante, para a frente: *Marchemos, avante!*

Interjeição. 3. Para a frente.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Quinta-feira, no quarto de alva, me deu por **davante** o vento sudoeste, levando as velas cheas do vento nordeste, que foi a mor afronta que nesta viagem nós tínhamos visto. E com o vento sudoeste lançámos as naos ao paio.*

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 65].

Comentários: somente Bluteau e Moraes e Silva indicam *d'avante* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 68

Desaferrar, v. a. Soltar coisa preza com ferro, ou a ferro, Soltar, largar o que estava prezo. Fig, Tirar a força das mãos, das unhas, etc. (T. naut.) Levantar ancora.

Desaferrar, v.a. Soltar coisa preza com ferro, ou a ferro. Soltar, largar o que estava prezo. Fig. Tirar a força das mãos, das unhas, etc. (T. naut.) Levantar ancora.

→ **Cunha:** des`a`ferr`ar, -olhar - FERRO, sf. 'metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte' XIII. Do lat. *ferrum* -i [...] DES·AferrAR XVI [...].

→ **Bluteau:** DESAFERRAR. Tirar alguma coufa do ferro com que está prezo. *Aliquid ferreo vinculo exfolvere*. Defaferrar da mão, dos dentes, das garras, unhas, &c, he tirar por força que as ditas coufas tem aferrado. *Aliquid è manibus, dentibus, unguibus avellere, evellere, revellere, (vello, vulfi, vullere, evellere, revellere, (vello, vulfi, vulfum) Ex Cic. Defaterrar do Porto. Levantar ferro. Solvere è portu, ou folvere navem. Cic. Despois de Defaferrar do Porto. Ancoris folutis. Cic. Nem allí quizerão Defaferrar do Porto. Jacinto Freyre, mihi pag. 27.*

→ **Moraes e Silva:** DESAFERRAR, v. at. Soltar alguma coisa do ferro, a que estava presa. v. g. desaferrarão a embarcação inimiga: a preza te desferro. *Lobo, Egl.7. § Desaferrar do porto: levantar ferro, ancora.*

→ **Laudelino Freire:** DESAFERRAR, v. r. v. De des + aferrar. Levantar ferro ou âncora (o navio) (intr.; tr. ind.; com prep. de): "O navio *desaferrou*". "A primeira esquadra às ordens de Lencastre, *desaferrou*, do pôrto de Woolwich" (Rebêlo da Silva).

→ **Aurélio:** desaferrar [De *des-* + *aferrar*.] Verbo transitivo direto. 1. Soltar (o que estava aferrado, preso com ferro). 2. Soltar (o que estava seguro). Verbo transitivo direto e indireto. 3. Fazer desistir; dissuadir: *Não conseguimos desaferrá-lo daquela ideia.*

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: todas as acepções, exceto as apresentadas por Aurélio, remetem ao universo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 69

Desancorar, v. a. (T. naut.) Levantar ancora.

Desancorar, v.a. (T. naut.) Levantar ancora.

→ **Cunha:** Do lat. *ancōra*, deriv. do gr. *ágkyra*

→ **Bluteau:** DESANCORAR. Levantar a ancora. *Anchoras toliere*. Vid. Ancora.

→ **Moraes e Silva:** DESANCORÁR, v. at. Levantar a ancora, o ferro do navio. § v.n. Desaferrar.

→**Laudelino Freire:**DESANCORAR, v.r.v. De des + ancorar. Levantar a âncora de (tr. dir.).
|| 2. Levantar âncora (intr.).

→**Aurélio:** desancorar [De *des-* + *ancorar.*] Verbo t.d. Desus. 1.Levantar a âncora de: *desancorar um barco.* Verbo intransitivo. 2.Levantar âncora; desaferrar do porto.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *desancorar* como termo náutico. Aurélio acrescenta: “termo em desuso. || Origem: portuguesa < latina < grego.

Ficha 70

Descahir, v. n. [T. naut.] Apartar-se do rumo por causa da corrente etc. Soffrer decadencia de bens, de valimento, etc. Ir a mal o que estava bem. Declinar.

Descahir, v. n. [T. naut.] Apartar-se do rumo por causa da corrente etc. Soffrer decadencia de bens, de valimento, etc. Ir a mal o que estava bem. Declinar.

→**Cunha:** não consta descair, consta cair. cair vb. ‘corresponder a, tocar a’ ‘ir ao chão’ | XIV, *caer* XIII | Do lat. *cadere* || cadente adj. 2g. ‘que vai caindo’ ‘cadenciado, ritmado’ XVIII. Do lat. *cadens -ēntis* ‘que tomba, que cai’ || caÍDO | 1572, -hi- XVI || caIMENTO | -hi- XVIII || DEcaÍDO | *decau-* XIII || DEcaiMENTO | -cay- XV || Decair XIII || DEScaÍDA | -hi- 1813 || DEScaÍDO XVI || DEScaIMENTO XVI || DEScair | XVI *descayr* XV || queda sf. ‘baque, tombo’ [...].

→**Bluteau:** DESCAHÍR. (Termo Nautico) He nas viagens por mar, cõ a força do vento, das mares, ou das correntes, perder o rumo, & fahir da derrota, que se tem tomado. *itinere ventorum*, ou *aquarum vi de*..... (*Fle.to, flexi, flexum*) Como pairava, podia *Descahir* com o vento. Britto viagem do Brafil, 37. O Galeão foy *Descahindo* com a corrente. Queyros, Vida do Irmão Bafto, 311. col.2. *Descahir* do valimento. *In principis offensionem incurrere*, ou *cadere*. Cic.

→**Moraes e Silva:** DESCAHIR, v. n. t. de Naut. Apartar-se do rumo por força do vento contrario, de aguagens, ou correntes. B.1.4.5. “não querendo o navio fazer cabeça (por tomar vento d’avante) *começou de ir descahindo sobre hum baixo.*

→**Laudelino Freire:** DESCAIR, v.r.v. De des+cair. Náut. Desviar-se do rumo ou direção, derivar (intr.). || Abrandar, amainar (intr.): “O vento começa a descair.” (Aulete).

→**Aurélio:** [De *des-* + *cair.*] V. t. d.[...] 4.Mudar de rumo, derivar (embarcação). [...] 9.Estar inclinado em (certa direção) [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

[...] *quando voltou encontrara huma armada de vinte náos Hollandezes que lhe impedirão o poder lançar da sua gente a que pretendia no porto de Tamandaré, e, por descahir muito com as correntezas, apenas podera tomar o porto dos Touros, onde fizera desembarcar o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros [...].*

LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], CARTA UNDECIMA [A00_0832, p. 401].

Comentários: todos os dicionários apresentam *descahir* como termo náutico ou remete ao universo marítimo. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 71

Dobrar, v. a. voltar parte de alguma cousa sobre outra. Fazer girar sobre o eixo, *fallando de hum sino; e de hum*

[...]

cabo; (T. Naut.) Passar além delle. Curvar, Commoveo, mover algum. Amansar. Accrescentar outro tanto. Dobrar-se. fig. Augmentar-se em dobro. V. n. Voltar.

Dobrar, v.a. voltar parte de alguma cousa sobre outra. Fazer girar sobre o eixo, *fallando de hum sino; e de hum cabo*; (T. Naut.) Passar além delle. Curvar, commover, mover algum. Amansar. Accrescentar outro tanto. Dobrar-se fig. "Augmentar-se" em dobro. v.n. Voltar.

→**Cunha**:dobrar, vb.'duplicar, aumentar, tornar mais completo, mais extenso'curvar, abater, domar' 'modificar, passar além de, torneando' XIII. Do lat.tardio *duplāre*,de *duplus* 'dobro',deriv.de *duo* 'dois' [...].

→**Bluteau**:DOBRAR, Dobrar hum cabo. (Termo nautico) [...].

→**Moraes e Silva**: DOBRÁR, v. at. Voltar a porção, ou parte de uma coisa sobre outra parte; v. g. um ramo do panno sobre outro, a parte de uma folha de papel sobre outra; a ponta de um prego, ou arame, sobre o mais.§ *Dobrar o Cabo*; t. de Naut. passar além delle navegando. fig. ao dobrar de *huma assomada*, *Lobo*, Egl. 5.

→**Laudelino Freire**: DOBRAR, v. r. v. Lat. *duplicare*. Passar além dando volta, costeando ou torneando (tr. dir.) "As primeiras navegações regulam-se pelas balizas que deixaram os predecessores, e pelos mesmos cabos que êles *dobravam*." (Latino Coelho).

→**Aurélio**: dobrar [Do lat. *duplare*.] Verbo transitivo direto. 1.Tornar duas vezes maior; duplicar: *As chuvas dobraram o volume de água da represa*.4.Voltar ou virar (um objeto) de modo que uma ou mais partes dele se sobreponham a outra(s): *Após a cerimônia os soldados dobraram a bandeira*.5.Fazer vergar; curvar; flexionar, flectir: *dobrar os joelhos*; Ao redor de nós, o vento selvagem que *dobra* vergônteas, ondeia cidreiras e despetala flores." (Mário da Silva Brito, *Conversa Vai, Conversa Vem*, p. 12). 6.Passar além de, circundando: *Vasco da Gama dobrou o cabo da Boa Esperança em 1498*. 7.Teatr. Interpretar dois ou mais papéis numa mesma peça. 8.Vergar-se, curvar-se. 9.Ceder, transigir. 10.Pôr-se (o Sol). 11.Bras. Gorjear, cantar (pássaro). 12.Bras. PA Proceder a uma dobração (2). Verbo pronominal. 13.Tornar-se maior; aumentar(-se). 14.Curvar-se, inclinar-se; vergar.15.Afrouxar(-se); ceder. [Pres. ind.: *dobro*, etc. Cf. *dobro* (ô), s. m.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

O vento era sueste, que nos era escasso pera dobrar(e)mos o cabo de Sant' Agostinho. As águas nesta paragem correm a loeste com muita força.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA () [A00_0078, P. 36].

Comentários: Bluteau e Moraes e Silva apontam *dobrar* como termo náutico. Laudelino Freire e Aurélio não o fazem, mas apresentam abonações que mostram o termo como do universo marítimo. || Origem: portuguesa < latina.

Dormente, adj. Adormecido. Entorpezido. Que está fixa, fullando de huma ponte. No plur. (T. Naut.) Diz-se de huns pãos que vão fechar nas buçardas da proa, e em que se assenta a coberta. Na atafona são dois

DOR

pãos, em que descansão os emparamentos, sobre que anda a mó.

Dormente, adj. Adormecido. Entorpezido. Que está fixa, fullando de huma ponte. No pl. (T. Naut.) Diz-se de huns pãos que vão fechar nas buçardas da proa, e em que se assenta a coberta. Na atafona são dois pãos, em que descansão os emparamentos, sobre que anda a mó.

→ **Cunha**: dormente → DORMIR. Dormir, vb. ‘deixar de estar acordado, descansar no sono’ XIII. Do lat. *dormīre* || AdormENTAR | XIII, dormentar XIV || Adormir XIII || dormÊNCIA XX || dormENTE¹ adj. ‘aquele que dorme’ ‘diz-se das plantas cujas folhas se enrolam ou se desdobram de noite’ ‘entorpezido’ ‘que está assentado, firme’ XIV. Do lat. *dorm(i)ens* – (*i)entis*, part. pres. de *dormīre* || dormENTE² sm. ‘cada um dos paus da coberta de um navio’ ‘travessas em que se assentam os trilhos da linha férrea’ XVI. O termo começa a usar-se nestas acepções como oposto a elevadiço, móvel, não-fixo. Assim, *ponte dormente* é aquela que é fixa, em oposição a *ponte elevadiça*; daí o uso substantivado e sua expansão.

→ **Bluteau**: Dormentes. (Termo de navio) São os em que se forma a coberta, & vão a fechar em buçardas da Proa.

→ **Moraes e Silva**: DORMENTES, s. m. pl. t. de Naut. São páos, em que se forma a coberta, e vão fechar nas buçardas da proa. § na Atafona, São 2. páos em que se descansão os emparamentos: nos Engenhos de assucar, páos em que assenta a ponte da moenda. § *Os Sete Dormentes*. V. C. *Flos Sanct. De Fr. Diogo do Rosario*, que traz a sua história curiosamente, “acordarão os dormentes.” P. d’Aveiro, c. 91.

→ **Laudelino Freire**: DORMENTE, s.m. *Náut.* Cada um dos paus com que se forma a coberta e que vão fechar nas buçardas da proa. || 2. Uma das peças da atafona. || 3. cada uma das travessas em que assentam os carrís das linhas férreas.

→ **Aurélio**: dormente [De *dormir* + *-ente*.] Substantivo masculino. 1. Peça fixa de marcenaria ou de serralharia, assim chamada em contraposição a outras do mesmo tipo ou aparência, porém móveis. 2. Peça da atafona. 3. Cada uma das peças de madeira em que se pregam as tábuas do soalho. 4. Constr. Nav. Cada uma das fortes vigas de madeira que correm de proa à popa, sobre o topo das balizas, e sobre as quais se apoiam os topos dos vaus. 5. Constr. Nav. Cada uma das vigas de madeira que correm de proa à popa, presas às cavernas de embarcação miúda, um pouco abaixo do alcatrate, e sobre as quais se apoiam as bancadas dos remadores.[...].

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

[...] *extrae-se muita madeira para fazer ãa só canoa; eu bem sei que este seria só per si fraco inconveniente no Amazonas, por abundar tanto nele, e nas suas matas a madeira; mas ainda que esta seja muita, e esteja à escolha, sempre custa a cortar, e a conduzir, e a lavrar; de sorte, que chamando-se embarcações de um só pao inteiriças, necessitam de muitos mais paos, do que as embarcações ordinárias: um pao para fazer o casco; outros dous paos para tirar as duas cavernas; outros dous para os dous talabardões; e todos esses são paos grandes: 4 paos famosos para construir as duas bochecas, e as duas conchas da proa: sem falar nos muitos outros paos para **dormentes**, bancos, mastros, e mais requisitos E por ventura são estas embarcações mais fortes, e duráveis, que as ordinárias?*

PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE QUINTA - EM QUE MOSTRA UM NOVO, E FÁCIL MÉTODO DA SUA AGRICULTURA: O MEIO MAIS ÚTIL PARA EXTRAIR AS SUAS RIQUEZAS, E O MODO MAIS BREVE PARA DESFRUTAR OS SEUS HAVERES PARA MAIS BREVE, E MAIS FACILMENTE SE EFEITUAR A SUA POVOAÇÃO E COMÉRCIO - TRATADO 4º - DA FACTURA DAS CANOAS, OU EMBARCAÇÕES DO AMAZONAS - CAP. 2º - DOS MUITOS INCONVENIENTES QUE TEM ESTA PRAXE DAS CANOAS [A00_1923, P. 193].

Comentários: todos os dicionários apresentam *dormente* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 73



Driça, s. f. (T. Naut.) Corda de içar, e marear as velas.

Driça, s.f. (T. Naut.) Corda de içar, e marear as velas.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** DRIC,A. Corda de roldana, ou cabo, com que se levantaõ, & abaixaõ as vergas dos navios. [...].

→**Moraes e Silva:** DRIÇA, s. f. t. de Naut. Corda de içar, e marear as velas. *Couto*, 8.36 cortou a driça da vela. *Epanaforas, H. Naut. 2.134 enxarcea, e driça fizerão de huma linha de pescar.*

→**Laudelino Freire:** DRIÇA, s. f. ital. *drizza*. Corda com que se içam pavilhões, vêrgas de navio, etc.; adriça. ADRIÇA, s. f. De a + ital. *drizza*. Náut. Cabo para içar velas ou bandeiras nos mastros dos navios.

→**Aurélio:** driça [Do it. *drizza*, pela f. *driça*.] S. f.. 1. Marinh. Ant. Adriça. Adriça [De a-⁵ + it. *drizza*, pela f. ant. *driça*.] 1. Marinh. Cabo de laborar utilizado para içar bandeira, flâmula, roupa, maca e determinadas vergas e velas; driça: "De improviso flutuaram todas [as canoas], com rangidos de adriças e palpitações do velame, que o vento encopava e propelia." (Xavier Marques, *Jana e Joel*, p. 53.) A meia adriça. 1. Marinh. Diz-se de bandeira içada até 2/3 da distância vertical que vai do lais da verga ou do tope do mastro ao local de onde foi içada a meio. 2. Mar. Gír. Um tanto embriagado; tocado.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

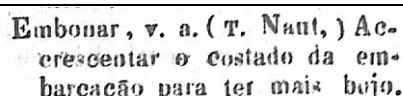
Do entrecasco de duas qualidades que ha de Imbira, se fazem rijissimas cordas e ainda amarras, escotas, driças, etc. para as embarcaçoens que navegão pella costa e reconcavo; assim como estôpa para calafates e outros uzos.

LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], CARTA VIGESIMA: [A00_0846, p. 762].

Comentários: todos os dicionários apresentam *driça* como termo náutico. || Origem: italiana.

E

Ficha 74



Embonar, v. a. (T. Naut.) Acrescentar o costado da embarcação para ter mais bojo.

Embonar, v.a. (T. Naut.) Acrescentar o costado da embarcação para ter mais bojo.

→**Cunha:** em bon ar, -o - bom, boa adj. 'que tem as qualidades adequadas à sua natureza ou função' 'benévolo, bondoso, benigno' [...] EMbonAR 1813. Do cast. *embonar* || EMbono 1813. Do cast. *embono*.

→**Bluteau:** (Termo Nautico) *Embonar* hum navio. He fobre o proprio madeyro, com taboas grossas, ou com novos madeyros, & com novo taboado dar bojo a hum navio, que por falta delle não fultenta a vela. *Navis latera lignis, tabulifque novis vestire.* [...].

→**Moraes e Silva:** EMBONÁR, v.at.t. de Naut. |Acrescentar o costado do navio, que fique mais bojudo, para aguentar melhor o panno.

→**Laudelino Freire:** EMBONAR, v. tr. dir. De embono + ar. Náut. Reforçar exteriormente o costado de (um navio).

→**Aurélio Embonar** [Do esp. *embonar.*] Verbo transitivo direto. 1.Constr. Nav. Colocar embono em (uma embarcação).

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *embonar* como termo náutico ou naval. || Origem: castelhana.

Ficha 75

Embono, s. m. [T. Naut] Ac-
crescentamento de bojo ao cos-
tado do navio.

Embono, s.m. [T. naut.] Accrescentamento de bojo ao costado do navio.

→**Cunha:** em`bon`o - BOM. bom, boa adj. ‘que tem as qualidades adequadas à sua natureza ou função’ ‘benévolo, bondoso, benigno’ [...] EMBono 1813. Do cast. *embono*.

→**Bluteau:** Embôno. (Termo Nautico). Hà dous generos de *embono*. *Embono*, que se faz fobre o proprio madeyro, desfozendo o costado, & pondo o costado fobre o *embono*. Outro *embono* faz fobre o proprio costado com taboado grosso. *Vid.* Embonar.

→**Moraes e Silva:** EMBÔNNO, s. m. Augmento de bojo, que se dá o costado do navio, para que possa aguentar melhor o panno; faz-se sobre o antigo costado, pondo-lhe outro.

→**Laudelino Freire:** EMBONO, s. m. Náut. O bôjo ou saliência do costado de qualquer navio embonado; embonada. EMBONOS, s. m. pl. Náut. Madeiras que servem para embonar o navio. || 2. Paus que fixam sôbre o costado para facilitar o desembarque.

→**Aurélio:** [Do esp. *embono.*] S. m. 1.Ant. Constr. Nav. Revestimento de madeira, aplicado sobre o casco de embarcação, desde o fundo até à linha-d’água, quando ela mostra grande tendência para se inclinar. 2.Ant. Constr. Nav. Revestimento suplementar com estrutura celular que, em navios metálicos, corria a um e outro bordo, ao longo do costado, desde um pouco acima da linha-d’água até certa profundidade, e destinado a melhorar a proteção do navio contra as explosões de torpedos ou minas; contracarena. [Cf., nesta acepç., *cóferdã* (2).] 3.Bras. N. N.E. Grande viga de pau de jangada ou de outra madeira leve, presa ao longo da borda de algumas embarcações de boca estreita com o fim de aumentar-lhes a estabilidade e amortecer-lhes o balanço lateral.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *embono* como termo náutico. || Origem: castelhana.

Ficha 76

Embornal, s. m. O sacco com cevada, ou milho, em que se mette o focinho da besta. (T. Naut.) Buracos no costado do navio para escoar a agua, que cahe na coberta

Embornal, s.m. O sacco com cevada, ou milho, em que se mette o focinho da besta. (T. Naut.) Buracos no costado do navio para escoar a agua, que cahe na coberta.

→**Cunha**: embornal - bornal sm. ‘saco de pano utilizado para transportar provisões, ferramentas etc.’ 1813. De origem incerta || Embornal 1813. Embornais sm. Pl. “(Const. Nav.) abertura que se faz no costado de embarcação rente com o convés, para escoamento das águas da baldeação ou da chuva’ 1813. Do it. *imbrunali*.

→**Bluteau**: Embornâes. (Termo de Navio) São huns buracos nos costados da náó, junto das cubertas, donde fáhe a lagoa dellas para o mar. [...] Há outros Embornaes nos Trin... da cuberta, por onde a agoa vay para o porão, donde despois se tira com a bomba.

→**Moraes e Silva**: EMBORNÁL ou Ambornal, s. m. Saco, em que se dá cevada, ou milho ás bestas, mettendo-lho no focinho. § *Embornâes*, t. de Naut. buracos no costado do navio ao nivel das cobertas, por onde se escò a agua, que cái nellas; tem umas angas de pano alcatroado, ou oleado, pelas taes se sái fóra a agua. *Amaral*, 51. V. *orndes*.

→**Laudelino Freire**: EMBORNAL, s. m. De em + bornal. Saco em que se dá cevada ou milho ás bêstas, para o que se lhe prende em tórno da bôca; cevadeira:”Eu vi você uma bichinha cabia num *embornal*, está ouvindo?” (C. Neto).

→**Aurélio**: embornal² [Do cat. ant. *embrunal*, poss. pelo esp. *embornal*.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Abertura que se faz no costado de embarcação, rente com o convés, para escoamento das águas da baldeação ou da chuva.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Eraõ valerosos ambos os Commandantes; e tratando já como desempenho da sua honra a occasião a que ella mesma os conduzia, foy tanta a força, que pozeroã nos remos, e fizeraõ de véla, que na noite logo do dia 9 fe meteraõ de baixo das baterias inimigas, com hum tal desprezo de chuveiros de balas, que quando os Hollandezes se confideravaõ só acomettidos, se viraõ entrados; mas recobrando-fe do primeiro fufto, empenharaõ de sorte toda a sua constancia na opposição da furia dos golpes, que já corria o sangue pelos **embornaes** de hum, e outro bordo.*

BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (1749) [1718], ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHAÕ - LIVRO V [A00_2517, p. 183].

Comentários: De todos os dicionários consultados, somente o Laudelino Freire não apresenta *embornal* como termo náutico. || Origem: incerta (*italiana).

Ficha 77

Encalamentos, s. m. plur. (T. Naut.) Peças de madeira que atravessão os braços do navio para o segurar.

Encalamentos, s. m. plur. (T. Naut.) Peças de madeira que atravessão os braços do navio para o segurar.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: ENCALAMENTOS (Termo de navio) São os que atravessaõ os braços, & as posturas do navio para fortificar. [...].

→**Moraes e Silva:** ENCALAMÉNTOS, s. m. pl. t. de Naut. Peças de madeira, que atravessão os braços, e posturas do navio, para as fortificar.

→**Laudelino Freire:** ENCALAMENTO, s. m. *Náut.* Peça de madeira que fortalece o navio, atravessando-lhe os braços.

→**Aurélio:** não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta

Comentários: Somente o Aurélio não apresenta o termo náutico *encalamento*. || Origem: não encontrada.

Ficha 78

Encapellar, v. a. Levantar a on-
da, e fazella dobrar sobre si.
V. u. (T. Naut.) Vir caindo
sobre o calcez até descançar
nos vãos.

Encapellar, v.a. Levantar a onda, e fazella dobrar sobre si. V.n. (T. Naut.) vir caindo sobre a calcez até descançar nos vãos.

→**Cunha:** encapelar – CAPELO - sm. ‘capacete da armadura’ XIII. Do lat. vulg. *cappëllus* || ENcapelADO sm. | em- XV || ENcapelAR | -llar XIX.

→**Bluteau:** Encapellar (Termo de Mariagem) Diz-se da enxarcia, ou cordas, que vem cahindo pelo calcêz, ou peçoço do masto, até affentarem em cima dos vãos, & quando se tirão, diz-se Defencapellar.

→**Moraes e Silva:** ENCAPELLÁR, v. at. Levantar, encrespar, e fazer dobrar o apice, ou lingua da onda sobre si mesma, como succede andando o mar mui grosso. *o mar encapella as ondas. Mansinho*, f. 35 § “*assombrar as terras, encapella os mares. Barreto*, v. do Evangelho. § Encapellar, n. t. de Naut. vir caindo a enxarcia, ou cordas pelo calcez, até assentarem sobre os vãos. [...].

→**Laudelino Freire:** ENCAPELAR ou ENCAPELLAR, v.r.v. De em + capela + ar. Náut. Ir introduzindo a encapeladura da enxarcia, alça, etc., pelo calcês ou lais de qualquer mastro, mastaréu ou vêrga até ficar assente sôbre os vaus ou cunhos dos madeiros (intr.). || 2. Agitar-se e amontoar-se formando serras (falando do mar ou das ondas) (intr.; pr). “Ventos sopraram, o mar *encapelou*.” Súbito *encapela-se* as ondas,...” (Paranapiacaba). || 3. Levantar, encrespar (tr. dir.; pr): “O oceano *encapelava* as ondas.” (Pôrto Alegre).

→**Aurélio:** encapelar² [De *en*-² + *capelo*¹ + -*ar*².] Verbo trans. Dir. [...] 2. Levantar, erguer, encrespar (o mar, as ondas, etc.). Verbo intransitivo. 3. Encrespar-se, agitar-se (o mar, as ondas); encapelar-se. 4. Marinh. Introduzir no calcês ou lais a enxarcia, a alça, etc. Verbo pronominal. [...] 6. Encapelar (3): “E as vagas do oceano que ameaçava tragá-los encapelavam-se aos pés deles” (A. Herculano, *Lendas e Narrativas*, I, p. 147).

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Qual sereno mar, que num instante As ondas sobre as ondas encapela.
TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [1863], CARTA 3a [A00_1215, p.84].

Comentários: todos os dicionários apresentam *encapelar* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 79

Encodar-se, v. a. refl. [T. Naut.]
Prender-se de poppa, ou ficar
com ella debaixo d’agua.

Encodar-se, v.a. refl. [T. Naut.] Prender-se de poppa, ou ficar com ella debaixo d’agua.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** Não consta.

→**Moraes e Silva:** ENCODÁR-SE, v. recipr. t. de Naut. *Encodar-se a náó:* pender a popa, ou ficar com ella debaixo da agua. (de *coda*, Italiano). Cast. 2. f. 161.

→**Laudelino Freire:** ENCODÁR-SE, v. pr. De em + coda + ar. Inclinat a pôpa ou metê-la debaixo de água (o navio).

→**Aurélio:** não consta encodar ou encodar-se. Consta encodeamento [De *encodear* + *-mento*.] Substantivo masculino. 1.Ação de encodear.2.Crosta, côdea.

.....

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Moraes e Silva e Laudelino Freire apresentam *encodar-se* como termo náutico. || Origem: italiana.

Ficha 80

Enfrechadura, s. f. (T. Naut.)
Cabos, que atravessão os covens, como escadas.

Enfrechadura, s.f. (T.Naut.) Cabos, que atravessão os covens, como escadas.

→**Cunha:** [...] do fr. *fleche*, de origem germânica. [...] *frechal* 1813.

→**Bluteau:** Enfrechadura (Termo de Marianhagem) São huns cabos, que atravessão os ouveins a modo de escadas formã transverfã Scal... nautic.. arum. Fem. Plur. Virgilio lhe chama Pontes. Neste sentido entendem os Commentadores este verso do livro da Eneida: [...].

→**Moraes e Silva:** ENFRECHADURA, s. f. t. de Naut. São cabos, que atravessão os oveis, a modo de escadas.

→**Laudelino Freire:** ENFRECHADURA, s. f. O mesmo que *enfrechate*. *Enfrechate*, s. m. De *enfregar*. Náut. Cada um dos cabos paralelos e horizontais, nos ovéns das enxarcias. *Enfregar*, v. tr. De *en* + *frecha* + *ar*. Náut. Pôr enfrechates em.

→**Aurélio:** enfrechadura s. f. 1. Constr. Nav. O conjunto de enfrechates duma enxárcia. *Enfrechate* s. m. 1. Constr. Nav. Cada um dos degraus, feitos de cabo, madeira ou ferro, presos aos ovéns, formando escada, para que por ela possa subir ao mastro o pessoal empregado na manobra de um veleiro.

.....

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apontam *enfrechadura* como termo náutico. || Origem: francesa < germânica.

Ficha 81

Enora, s. m. (T. Naut.) Pão de atochar o mastro.

Enora, s.m. (T. Naut.) Pão de atochar o mastro.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** ENORAS. (Termo de Navio) São dous paos, a que antigamente chamavaõ Posquetes, servem de atochar o malto.

→**Moraes e Silva:** ENÓRAS, s. f. pl. t. de Naut. Pãos de atochar o mastro. V. *Posquetes*. *Posquêtes*, s. m. pl. t. de Naut. antiq. V. *Enoras*.

→**Laudelino Freire:** ENORA, s. f. lat. *ora*. Náut. 1. Abertura, nos vários pavimentos do navio, por onde os mastros vão assentar na carlinga. || 2. Abertura circular no convés, à ré, por onde se enfia a cabeça da madre do leme. || 3. Peça de madeira, com que se atocha o mastro.

→**Aurélio:** [De *en*-² + lat. *ora*, 'extremidade'; 'cabo', 'amarra'.] S. f. 1. Constr. Nav. Abertura feita num convés, e por onde enfurna um mastro ou eixo de um cabrestante.

.....

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apontam *enora* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 82

Envergar, v. a. - guei. (T. Nautico.) Enrolar as velas com os envergues nas vergas. Vergar.

Envergar, v.a. -guei (T. Naut.) Enrolar as velas com os envergues nas vergas. Vergar.

→**Cunha:** envergado, -adura, -ar - VERGA verga, sf. 'vara flexível' | XIII, *virga* XIII | Do lat. *virga* || ENvergADO XVII || ENvergADU`RA 1844 || ENvergAR XVII [...].

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** ENVERGÁR, v. at. t. de Naut. Atar, e enrolar as velas nas vergas com os envergues. *Couto*, 6.9.21. § V. Vergar: v.g. *envergar um prego*. § Cobrir, tapar com vergas.

→**Laudelino Freire:** ENVERGAR, v.r.v. *De en +vergar. Mar.* Enrolar e atar com os envergues (as velas) nas vergas (tran. dir.). || Ligar (o pano) às vergas ou aos estais para servirem na manobra (tr. dir.).

→**Aurélio:** Envergar [De *en*² + *verga* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1. Marinh. Atar (vela) a uma verga ou a um estai. 2. Curvar, arquear: *Envergou o bambu*. 3. Vestir, trajar: *envergar um fraque*. Verbo intransitivo. Verbo pronominal. 4. Vergar-se, curvar-se. [Conjug.: v. *largar*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: todos os dicionários apontam *envergar* como termo náutico, exceto Bluteau onde o termo não foi encontrado.. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 83

Envergues, s. m. plúr. (T. Nautico.) Os cabos, que atão a vela por huns ilhòs á verga.

Envergues, s.m. plr. (T. Naut.) Os cabos, que atão a vela por huns ilhòs á verga.

→**Cunha:** verga, sf. 'vara flexível' | XIII, *virga* XIII | Do lat. *virga* || ENvergADO XVII || ENvergADU`RA 1844 || ENvergAR XVII [...].

→**Bluteau:** ENVERGUES. (Termo de marinhagem.) Saõ huns cabos, que fazem fixos ilhòs com as vergas no gorotil. *Fumes, quibus coneraEtum velum alligatur ad antennas*.

→**Moraes e Silva:** ENVÉRGUES, s. m. pl. t. de Naut. Cabos, que fazem fixos, e atão as velas por uns ilhós ás vergas. V. *Gorotil*.

→**Laudelino Freire:** ENVERGUES, s. m. pl. de envergar. Mar. Amarrilhos; gaxetas fixas nos ilhoses do guratil das velas que as atam contra as suas vêrgas ou vergueiros.

→**Aurélio:** envergues [Dev. de *envergar*.] Substantivo masculino plural. 1. Marinh. Cabos ou cordas que prendem a vela à verga.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *envergues* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 84

Escacear, v. n. (T. naut.) Ir faltando, ou diminuindo, v. a. Dar com escaceza. [No primeiro sentido se toma tambem figuradamente.]

Escacear, v.n. (T. Naut.) Ir faltando, ou diminuindo, v.a. Dar com escaceza. [No primeiro sentido se toma tambem figuradamente).

→**Cunha**: escasso adj. ‘parco, avaro, raro’ XIII. Do lat. **excarpsus*, part. De *excerpere* || *escassEAR* || *escacear* XVI [...].

→**Bluteau**: ESCACEAR. (Termo Nautico) Ir faltando. Escacear o vento. Remiffius flure ventum. O vento escacea. *Ventus remittit, ou se remittit*. Por lhe *Escacear* o vento, as não seguiu. Damiaõ de Goes 22.1. Escacear. Dizfe de outras, que sem largueza, & com dificuldade se comunicaõ. Vendo a ambiçaõ, com que As chamas se arroja o peito, Escacearaõ as luzes, Por não honrar nos reflexos. Crift. Dalma, 117. Vid. Escassear.

→**Moraes e Silva**: ESCACEÁR, v.n.t. de Naut. Escacear os ventos; não os aproveitar mettendo todas as velas, ou levando-as enrisadas; ou de outro modo, que o vento não faça vingar o navio, quanto pudera se fosse todo aproveitado. *H. naut. t. 398*.

→**Laudelino Freire**: ESCASSEAR, v.r.v. De *escasso* + *ear*. Náut. Não aproveitar toda a ação de (o vento) diminuindo o pano (tr. dir.).

→**Aurélio**: escassear [De *escasso* + *-ear*².] Verbo transitivo direto. Verbo transitivo direto e indireto. 1. Dar com escassez, com parcimônia; não prodigalizar: *Não escasseia presentes; S. M. não escasseia mercês aos que o servem*. Verbo intransitivo. 2. Fazer-se escasso; tornar-se diminuto; minguar, rarear [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

Deixa esta ilha entre si e o morro de Tinhare outra bahia mui grande, com fundo e porto, em que pódem entrar náos de todo o porte, e tem grande ancoradouro e abrigada á sombra do morro, de que se aproveitam muitas vezes as náos que vem do reino, quando lhe escacea o vento, e não podem entrar na bahia da ilha para dentro.

GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA ENSEADA DA BAHIA, SUAS ILHAS, RECONCAVOS, RIBEIROS E ENGENHOS (PARTE SEGUNDA - TITULO 3) [A00_0179, p. 146].

Comentários: Dos dicionários consultados, só Aurélio, não apresenta o verbo *escacear* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 85

Escatelado, adj. (T. naut.)
Furado na ponta,

Escatelado, adj. (T. naut.) Furado na ponta.

→**Cunha**: escatelADO 1881 sm. ‘(Constr. Nav.) fenda ou furo na extremidade de uma cavilha, para receber chaveta que não a deixe sair do lugar’. De origem controversa.

→**Bluteau**: ESCATELADO. (Termo de Navio) Cavilha Escatelada, quer dizer furada na ponta depois de passada a Abita, & a curva, para se fechar, atraveffandolhe a chaveta, em cima de huma arruela.

→**Moraes e Silva**: ESCATELÁDO, adj. T. de Naut. *Cavilha escatelada*; furada na ponta, depois de passada a abita; e a curva, para se fechar com a chaveta em cima de uma arruela.

→**Laudelino Freire**: ESCATELADO, v. tr. dir. De *escatel* + *ar*. Fechar (a cavilha) com a chaveta em cima da arruela. || 2. Furar na extremidade (a cavilha).

→**Aurélio**: *escatelar* [De *escatel* + *-ar*².] Verbo trans dir. Constr. Nav. 1. Abrir escatel em (uma cavilha). 2. Introduzir a chaveta no escatel de (uma cavilha). *Escatel* [De or. obscura.] S.

m.1.Constr. Nav. Fenda ou furo na extremidade de uma cavilha, para receber chaveta que não a deixe sair do lugar. [Pl.: *escatéis*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta..

Comentários: Todos os dicionários consultados apresenta esse termo como náutico. || Origem: cotrovertida.

Ficha 86

Escoas, s. f. plur. (T. naut.
Peças, que fortificação as cavernas, d' avante a rè, pela parte de dentro.

Escoas, s.f. plur. (T. Naut.) Peças, que fortificação as cavernas, d'avante a rè, pela parte de dentro.

→**Cunha:** escoas sf. '(Const. Nav.) cada uma das carreiras de tabuado do forro interior do navio, de maior espessura, destinadas a consolidar os pontos fracos das balizas' XVII. Do cat. *escoa*, deriv. de **escosa*, participio do antigo verbo *escondre*.

→**Bluteau:** Escoas. (Termo da carpintaria de humano) São afque fortificaõ as cavernas davante arepella parte de dentro. Fundamentor.umnavis interiorra munimenta, or um Plur. Neut.

→**Moraes e Silva:** ESCÔAS, s.f. pl. t. de Naut. Peças, que fortificação as cavernas por dentro d'avante á ré. *H. Naut. I 320*.

→**Laudelino Freire:** ESCOA, s.f. Cada uma das peças que fortificam interiormente as cavernas de uma embarcação. || Obs.: Usado mais no pl.

→**Aurélio:** escoas(ô). [Do cat. *escoa*.] s. f.. Constr. Nav.1.Cada uma das carreiras de tabuado do forro interior do navio, de maior espessura, destinadas a consolidar a ligação dos braços às cavernas. [Em geral são três ou quatro carreiras, colocadas até junto à sobrequilha.] 2.Cada uma das cantoneiras longitudinais dispostas paralelamente à sobrequilha, e assentes nos pontos onde as cavernas começam a subir, para consolidação interna da ossada do navio.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Sapucaya he madeira de muita duração e rijeza; a natureza das sapucayas he serem direitas e monstrozadas em altura e grossura, pello que dellas se fazem quilhas para náos do maior póрте, sobre quilhas, cadastes, váos, cintas, dormentes, escoas: alem do que em terra se fazem dormentes, ou grandes vigas para os corpos de Engenhos e armazens do maior comprimento e grossura.

LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], CARTA VIGESIMA: [A00_0846, p. 739].

Comentários: Todos os dicionários consultados indicam *escoa* como termo náutico. || Origem: catalã.

Ficha 87

Escorrer, v. a. Fazer correr o liquido. V. n. Correr o liquido. (T. naut.) v. a. Passar além sem tomar, nem avistar porto.

Escorrer, v.a. Fazer correr o liquido. v.n. correr o liquido. (T. Naut.) v.a. Passar além sem tomar, nem avistar porto.

→**Cunha:** escorrer - CORRER. vb. [...] Do lat. *cŭrrĕre* || corRED'EIRA sf. 'trecho de rio onde as águas correm céleres' 1844 || ESCorrer XVI. Do lat. ex-cŭrrĕre [...]

→**Bluteau:** Escorrer. (Termo Nautico.) Escorrer huma terra, huma província. Passar alē navegando,fem descobrilla. [...] Porque com o efuro da noite lhe naõ fucedeffe Escorrer a

terra, (assim dizem afeuzo defencontro os marinheiros.) D. Franc. Man. Epan. 3. pag., pag 319. Dobrou o Cabo de Bon Esperança, *Efcorreo* a Ethiopia, passou a Arabia.. Vieira, Tom. 2.140.

→**Moraes e Silva:** ESCORRÈR, at. t. de Naut. Passar além, sem tomar, ou ver algum Porto, ou Terra, onde querião ir, ou que se havia de encontrar. Vieira. “*escorreu* a Ethiopia.” *Albuq.* 4.1. *F. Mendes*, c.6.b.2.7.7.

→**Laudelino Freire:** ESCORRER, v.r.v. De *es* + *correr*. Náut. Ant. Correr ao longo da costa de, costear. (tr. dir.).

→**Aurélio:** *escorrer* [Do lat. *excurrere*.] Verbo trans. Dir. 1.Fazer correr ou esgotar (o líquido). 2.Tirar a (alguma coisa) o líquido com que se achava misturada, fazendo-o correr gota a gota. 3.Deixar sair; deitar, verter: *O ferimento escorria um líquido sanguinolento*. Verbo intransitivo. [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Somente o Aurélio não apresenta *escorrer* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 88

**Escoteira, s. f. (T. naut.) A
peça, onde se fixa a escota.**

Escoteira, s.f. (T. Naut.) A peça, onde se fixa a escota.

→**Cunha:** - escota sf. ‘(Mar.) cabo para governar as velas do navio’ XV. Do ant. fr. *escoute* (hoje é *coute*), deriv. do gótico **skaut* || *escoteIRA* XVI || *escotILHA* XV.

→**Bluteau:** ESCOTEIRAS. (Termo de navio.) Saõ huns paos, onde se fazem fixas as escotas da gávea. *Ligna, quibus superiores navis verfori firmantur*.

→**Moraes e Silva:** ESCOTEIRAS, s. f. pl. t. de Naut. Peças de navio, onde se fixão as escotas. Goes, Cron. Man. 4.c.78. a escoteira, no sing. *Couto*, 4.7.II. “das escoteiras.”

→**Laudelino Freire:** ESCOTEIRA, s. f. Náut. Peça por onde passam as escotas.

→**Aurélio:** *escoteira* [De *escota* + *-eira*.] s. f.. 1.Ant. Constr. Nav. Armação constituída de duas colunas fixas no convés por ante a vante dos mastros, ligadas por um travessão no qual se enfiavam malaguetas onde davam volta as escotas das gáveas; *escotel*. Escota (ô). [Do fr. ant. *escoute* (atual *écoute*), poss. do gót. **skaut*.] s. f..1.Marinh. Cabo de laborar fixo no punho da escota (q. v.), e que permite caçar o pano, *i. e.*, estender a vela pelo punho respectivo, de modo que apresente ao vento toda a sua superfície. [A escota irá mais ou menos folgada ou entrada, de acordo com a maré. Nas velas redondas há duas escotas, uma por barlavento e outra por sota-vento; nas latinas, apenas uma.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *escoteira* como termo náutico. || Origem: francesa < gótica.

Ficha 89

**Escotilha, s. f. (T. naut.) Es-
pécie de alçapão no convez
do navio, por onde se desce
para as cobertas.**

Escotilha, s.f. (T. Naut.) espécie de alçapão no convez do navio, por onde se desce para as cobertas.

→**Cunha:** *escotilha* - escota sf. ‘(Mar.) cabo para governar as velas do navio’ XV. Do ant. fr. *escoute* (hoje é *coute*), deriv. do gótico **skaut*

→**Bluteau:** ESCOTILHA. Especie de alçapão, no convez do navio, por onde se decê as mercaneiras, & os mantimentos para estarem debaixo de cuberta. *Efcotilha grande*, he a porta principal da nao, por onde se metem as coufas de mayor volume. Efcotilhas.[...]. Os ouviraõ no ar ir eparzidos Pella Efcotilha dentro derribados. [...].

→**Moraes e Silva:** ESCOTÍLHA, s. f. t. de Naut. Especie de alçapão, com que se fecha a entrada para as cobertas, e porão do navio: usão-se nos tablados da scena theatral.

→**Laudelino Freire:** ESCOTILHA, s.f. *Cast.* escotilha Náut. Alçapão ou abertura nas cobertas e porão do navio. || 2. *Lus.* Abertura na parte superior do tonel, para limpeza da vasilha e entrada de uvas ou bagaço. ||

→**Aurélio:** escotilha [Do esp. *escotilla*, fonte tb. do fr. ant. *escoutille* (atual *écoutille*).] Substantivo feminino. 1. Constr. Nav. Abertura de grande ou médio tamanho, feita em qualquer pavimento de uma embarcação, para trânsito de pessoal, aeração ou iluminação das cobertas, ou passagem de carga. [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

O ignorante Capitão, passado de hum chuço pelos peitos, cahio da efcotilha abaixo.
FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496, p. 41].

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *escotilha* como termo náutico. ||
Origem: francesa.

Ficha 90

Escouves, s. m. ult. l. - ezes no plur. (T. naut.) Buraco na proa da embarcação, por onde sahe a amarra,

Escouves, s.m. ult. l.-ezes no plr. (T. Naut.) Buraco na proa da embarcação, por onde sahe a amarra.

→**Cunha:** sm. '(Const. Nav.) tubo ou manga de ferro por onde passa a amarra da âncora, para ir do convés ao costado, de onde desce ao mar' | *escouvē* XVI | de origem incerta.

→**Bluteau:** ESCOVENS, ou Efcouves. (Termo de navio) Saõ na proa huns buracos redondos, por onde fahem as amarras. [...].

→**Moraes e Silva:** ESCÒUVES, s. m. pl. t. de Naut. Buracos na pròa dos navios, por onde sáem as amarras. *Alburq.* P. I. f. 8. *escouves*.

→**Laudelino Freire:** ESCOUVES, ESCOUVÉM., Lat. *excubiæ*. Abertura para a passagem da amarra, no costado do navio.

→**Aurélio:** escovem [De or. incerta; poss. do cat. *escobenc* < cat. *escova*.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Tubo ou manga de ferro por onde passa a amarra da âncora, para ir do convés ao costado, de onde desce ao mar. [Cf. *escovem*, do v. *escovar*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *escouves* como termo náutico. ||
Origem: incerta (*castelhana).

Ficha 91

Estibordo, s. m. [T. naut.] O lado direito do navio ; olhando da poppa para a proa.

Estibordo, s.m. (T. Naut.) O lado direito do navio, olhando da poppa para a proa.

→**Cunha:** estibordo, sm. "(Mar.) o lado direito da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente" | 1813, *estribordo* XV | Do fr. ant. *estribord* (hoje *tribord*, apócope de

estribord), deriv. do neerl. *stierboord* || boreste 1884. de *estibordo* (com supressão da última sílaba e colocação da penúltima no principio). Neologismo atribuído ao almirante brasileiro Saldanha da Gama. O aviso de 14/02/1884 do Ministério da Marinha do Império do Brasil mandou substituir *estibordo* por *boreste*, para evitar confusão entre *bombordo* e *estibordo*.

→**Bluteau**: ESTIBORDO. Querem alguns, que seja de *Dextribordo*. He o lado do navio, para quem está na popa com a cara voltada para a proa. [...].

→**Moraes e Silva**: ESTIBÓRDO, s.m.t. de Naut. Para quem está na popa da náó, como rosto para a proa, é o lado direito (de *Stribord*, Inglez).

→**Laudelino Freire**: ESTIBORDO, s.m. Din. *Styrbord*. Lado do navio à direitos de quem olha da popa para a proa.

→**Aurélio**: *estibordo*[Do port. arc. *estibordo* (< fr. ant. *estribord* [atual *tribord*] neerl. *stierboord*, poss.), com dissimilação.] Substantivo masculino.1.Mar. O lado direito da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente. [Cf. *bombordo* e *boreste*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

*E quando menos conta faziam das vidas do cesto da gávea gritou o gajeiro: terra pela proa e como o temporal os ia empurrando para o rolo da costa por falta de governo, desfizeram os bolsos do traquete e braceando por **estibordo** foram costeando a dita terra e dando vista de um abra e uma entrada puseram proa a ela e a todo o risco, sem sondar a entraram e fixas as amarras na habita desabossadas as âncoras deram fundo.*

JOSÉ ALVARES DE OLIVEIRA (1981) [n.d.], HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS [A00_0395, p. 97].

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *estibordo* como termo náutico. || Origem: francesa < neerlandesa.

Ficha 92

Estiva, s. f. [T. naut.] Contrapezo para o navio ir em equilibrio. Grades de pão no porão por baixo da carga. A

primeira carga que vai sobre ella. Grades de pão estreitas na estribaria para escoarem por baixo dellas a ourina dos cavallos. Especie de registro em que se taxa o preço do pão, azeite, etc.

Estiva, s.f. (T. naut.) Contrapezo para o navio ir em equilibrio. Grades de pão no porão por baixo da carga. A primeira carga que vai sobre ella. Grades de pão estreitas na estribaria para escoarem por baixo dellas a ourina dos cavallos. Especie de registro em que se taxa o preço do pão, azeite, etc.

→**Cunha**: *estiva*, sf. ‘a primeira porção do navio’ ‘armação do tabuleiro duma ponte de madeira’ | *estiba* XV | Do it. *stiva* || *estivADOR* 1858 || *estivAR* XVI. Do it. *stivare*, deriv. do lat. *stipāre*.

→ **Bluteau**: ESTIVA. Estiva. Termo Nautico. He palavra Italiana, ou se deriva do Francéz *Eftive*. He o contrapeço da carga do navio, que se dá a cada lado delle, para o ter em equilibrio. Nas suas cartas pag.362. Ufa D. Francisco Manoel deisa dicção no fentido moral. Vemos, que a náó da India se carrega por conto, & esta *Eftiva* do que leva a paciencia do homem não a sabe outro homem, que lha carrega de injurias, cujo excessõ do homem não a sabe outro homem cujo excessõ permite a providencia por castigallos a ambos, este com a sua fraqueza, aquelle cõ a sua tyrannia. *Vid.* Equilibrio. *Vid.* contrapeço. *Vid.* Estivar.

→**Moraes e Silva**: ESTÍVA, s.f. t. de Naut. O contrapeço que se põe ao navio, para ir em equilibrio, se vai mais carregado de alguma parte. § Grades de páos, que no porão vão por baixo da carga, para que não assente no costado, e receba alguma humidade. § Grades de pão

mui estreitas, com que se pavimentão estrebarias, para que a urina se escoe por ellas. § Especie de registo, em que se taxa o preço do pão, azeite, palha, &c. pelos officiaes competentes. *Leis de 1765.* § A carga primeira, que se carrega no navio.

→**Laudelino Freire:** ESTIVA, s.f. Lat. *stiva. Mar.* Todo o fundo interno de um navio, da pôpa à proa. || 2. *Mar.* A primeira camada de carga que se mete em um navio, e que é ordinariamente a mais pesada; o contrapêso que se põe ao navio para o equilibrar e não descair para o lado mais carregado. || 3. *Mar.* Grade de pau, assente no porão do navio, sôbre o qual se arruma a primeira carga, para o isolar da umidade.

→**Aurêlio:** estiva [Do it. *stiva.*] Substantivo feminino. 1. A primeira porção de carga do navio. 2. Bras. *Mar. Merc.* Serviço de movimentação de carga a bordo dos navios nos portos, o qual compreende a retirada e a arrumação desta nos porões e nos conveses. [Cf., nesta acepç., *resistência* (16).] 3. Bras. P. ext. O conjunto dos estivadores [v. *estivador* (2)]. 4. Bras. Os gêneros que formam a base do comércio de secos e molhados, especialmente os gêneros em grosso. 5. Pesagem dos gêneros ou mercadorias estivadas. 6. Bras. N. Ponte feita de um só pau, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços ou pantanosos. [Cf., nesta acepç., *estivado* (2).] 7. Bras. MG RS Ponte tosca, feita de varas ou paus atravessados sobre um córrego.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Provido do que lhe foi necessario, sahiu Thomaz de Souza Villa Real do porto da foz do Ferreiro no Rio Vermelho em 22 de Dezembro do anno passado, ficando aquelle porto quatorze leguas abaixo da villa o mais proximo d'ella que permite navegação mesmo a pequenos botes, como eram os que elle tinha feito : assim mesmo as restantes trinta e quatro leguas que estimou navegar até à foz do Rio Vermelho lhe deram bastante trabalho por ser este rio pouco rico de aguas, e por ser o seu fundo em partes de pedra, que ainda oppondo grande obstaulo à navegação, vem a ser este menor do que é o de passar as canôa ou botes nas paragens em que o fundo é de arêa, e tão brando que não aguenta as **estivas** sobre que se poderão arrastar as canôas [...].*

JOAQUIM MARIA NASCENTES DE AZAMBUJA. (1891) [1797], *VIAGEM DE THOMAZ DE SOUZA VILLA REAL PELOS RIOS TOCANTINS, ARAGUAYA E VERMELHO: ACOMPANHADA DE IMPORTANTES DOCUMENTOS OFFICIAES RELATIVOS Á MESMA NAVEGAÇÃO...* [A00_0710, p. 47].

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *estiva* como termo náutico. || Origem: italiana.

Ficha 93

Estribo, s. m. Peça em que se firmão os pès para montar a cavallo, ou para entrar no Coche, etc. No plur. (T. naut.) Os primeiros cabos que na enfreixadura servem de degrãos. *Perder os estribos*, fig. Perturbar-se, não saber onde firmar-se, ou em quem confiar.

Estribo, s.m. Peça em que firmão os pès para montar a cavallo, ou entrar no Coche, etc. No plur. (T. Naut.) Os primeiros cabos que na enfreixadura servem de degrãos. *Perder os estribos*, fig. Perturbar-se, não saber onde firmar-se, ou em quem confiar.

→**Cunha:** estribo → ESTRIBEIRA. estribeira, sf. ‘estribo de montar à gineta’ | -eyra XIII, *estrebeyra* XIII etc. | Do a. fr. *estrivière*, de origem germânica || estribAR XV || estribO | *estrybo* XV.

→**Bluteau:** Estribos. (Termo de mariagem). São os primeiros cabos, que fervem como de degraos á enfrechadura. *Vid.* Enfrechadura.

→**Moraes e Silva:** ESTRÍBO, s. m. Peça de madeira (V. Caçanbas), onde metal, em que o Cavalleiro mette as pontas dos pés, e se firma para montar.§ Nos coches, obra feita para se subir por ella aos cochas.§ *Estribos*, t. de Naut. primeiros cabos, que servem como de degraos a enfrexadura.

→**Laudelino Freire:** ESTRIBO, s.m. Germ. *streup. Náut.* Cabo brando à maneira de sanefa, encapelados nas vêrgas, para servir de apoio aos pés dos marinheiros quando ferram o pano.

→**Aurélio: estribo-** s.m. [...]. 1.Marinh. Cabo cujos chicotes são presos aos laises de uma verga e cujo seio é, a espaços, aguentado à verga por meio de pedaços de cabos denominados *andorinhos*. Serve de apoio aos pés dos marinheiros que trabalham na verga. [Tb. o pau da bujarrona e, por vezes, a retranca têm estribo.] 2.Peça de aço colocada transversalmente a uma armadura longitudinal num concreto, para mantê-la em posição ou para resistir a certos esforços. 3.Fig. Arrimo, apoio, esteio.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *estribo* como termo náutico. ||
Origem: francesa < germânica

Ficha 94

Estribordo. V. Estibordo.

Estribordo, (T. Naut.) v. Estibordo.

→**Cunha:** estibordo, sm. “(Mar.) o lado direito da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente’ | 1813, *estribordo* XV | Do fr. ant. *estribord* (hoje *tribord*, apócope de *estribord*), deriv. do neerl. *stierboord* || boreste 1884. de *estibordo* (com supressão da última sílaba e colocação da penúltima no princípio). Neologismo atribuído ao almirante brasileiro Saldanha da Gama. O aviso de 14/02/1884 do Ministério da Marinha do Império do Brasil mandou substituir *estibordo* por *boreste*, para evitar confusão entre *bombordo* e *estibordo*.

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** ESTRIBÓRDO, V. *Estibordo. Cast. Ined.* 11. 536, *opposto a babordo, vulgo bombordo.* ESTIBÓRDO, s.m.t. de Naut. Para quem está na popa da náó, como rosto para a proa, é o lado direito (de *Stribord*, Inglez).

→**Laudelino Freire:** ESTRIBORDO, s.m. Ant. O mesmo que *estibordo*. ESTIBORDO, s.m. Din. *Styrbord*. Lado do navio à direitos de quem olha da popa para a proa.

→**Aurélio:** não consta.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta *estribordo*, só *estibordo*.

Comentários: Exceto Bluteau e Aurélio, todos os demais dicionários apresentam o lema *estribordo*, mas remetem para o termo *estibordo*. || Origem: francesa < neerlandesa.

Ficha 95

.....
Estrinca, s. f. (T. naut.) Es-
pecie de escotilha nas embar-
cações, por onde sahe a amar-
ra.

Estrinca, s.f (T. Naut.) Especie de escotilha nas embarcações, por onde sobe a amarra.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** ESTRÍNCA, s.f.t. de Naut. Espécie de escotilha nos navios. *H.Naut.* 2.f.222. por ella saí a amarra donde está envolta, e daí tem o nome (*strinca*, corda, em Italiano).

→**Laudelino Freire:** ESTRINCA, s.f. Ingl. *string*. Espécie de escotilha por onde passa a amarra.

→**Aurélio:** não consta

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva e Laudelino Freire apresentam *estrinca*. || Origem: inglesa

F

Ficha 96

insectos.
Ferrar, v. a: Pregar ferraduras. Foxerir ferrão, ou remate de ferro. Marcar com ferrete. Guarnecer de cintas, ou chapas de ferro. Cravar. Segurar com harpêo, ou ferir com elle. (T. naut.) Colher as velas. Lançar ancora. Fig. Tomar porto. (T. de Marcineiro) Metter porcas. *Ferrar no sono*, adormecer.

Ferrar, v.a. Pregar ferradura. Foxerir ferrão, ou remate de ferro. Marcar com ferrete. Guarnecer de cintas, ou chapas de ferro. Cravar. Segurar com harpêo, ou ferir com elle. (T. Naut.) Colher as velas. Lançar ancora. Fig. Tomar porto. (T. de Marcineiro) Metter porcas. *Ferrar no sono*, adormecer.

→**Cunha:** ferrar→ FERRO. ferro, sf. 'metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte' XIII. Do lat. *ferrum* -i || Aferrar XVI || AferrO sm. XVIII [...] Do lat. *ferramenta*, nom. pl. de *ferramentum* 'instrumento ou utensílio de ferro' || ferrÃO 1813 || ferrAR XIII || ferrARIA XIII || ferrEIRO XIII || ferrENHO XVI || ferrEO 1572.

→**Bluteau:** Ferrar (Termo Nautico) Ferrar velas, ou ferrar o panno. *Vela colliger*, Vendofe em perigo *Ferrara* todo panno. Britto, viagem do Brasil. 277. A não ditofa *Ferrava* a vela. Barretto, vida do Evang. 213.77.

→**Moraes e Silva:** FERRAR, v. at. t. naut. Colher: v.g. *ferrar a vela, o panno*.§ Lançar ferro ou ancora; f. tomar porto:vg. *ferrarão o porto de Coulão*: *Vieira-Freire*: ferrou a barra.

→**Laudelino Freire:** FERRAR, v.r.v. De *ferro* + *ar*. *Náut.* Colhêr, amarrar (tr. dir.): "Trabalhados de perigos, lançai, nautas nos nossos portos ferro, *ferrai velas*." (Filinto Elísio). 118. Atracar (a embarcação) (tr.dir.). || Colhêr (as velas) (tr. dir. intr.): "ferrar as velas". "nunca as ondas tormenta resolveu mais arriscada. *Ferra, ferra* (bradou) que é enorme o perigo." (Filinto Elísio) || Deitar o navio ferro (intr.). Folgar.

→**Aurélio:** ferrar [De *ferro* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. [...] 5.Marinh. Colher (vela ou toldo) atando-os com amarrilhos a uma verga, estai ou vergueiro: "navegou terra a terra à sombra da costa; ferrou panos e fundeou sobre viotes." (Galpi, *Narrativas Militares*, p. 23).

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

[...] *mas não sei se com este vento se com outro, que lhe deo nas velas, quando ia já pera a ferrar pendeo tanto a sua náu, que tomou agoa pelas portinholas da artilharia, e calando-se pelas escotilhas, que ião abertas, foi entrando tanta, que em continenti se foi ao fundo com seu dono [...]*

FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO QUINTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU GASPAR DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO

GOVERNADOR DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA - CAPITULO SEXTO - DE COMO O CAPITÃO BALTHAZAR DE ARAGÃO SAHIO DA BAHIA COM HUMA ARMADA CONTRA OS FRANCEZES, E SE PERDEO [A00_2084, p. 195].

Comentários: todos os dicionários citados apresentam *ferrar* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Folgar, v. n. Cessar de trabalhar. Alegregar-se, ter gosto de alguma cousa. v. a. (T. naut.) Alargar.

Folgar, v.n. Cessar de trabalhar. Alegregar-se, ter gosto de alguma cousa v.a. (T. Naut.) Alargar.

→**Cunha:** folgar vb. "descansar, ter alívio, desapertar" | XIII, follegar XV | Do lat. *fōllīcārē* 'respirar como fole', deriv. de *fōllis* || fôlego | XIII, *folgo* | XVI | Deverbal do a. port. *folegar* || folga | *folgua* XV | folgAD·IO XV folgADO XIII || folgANÇA | -cia XIII | folgAZÃO | *folgasão* 1813 || folguEDO XVI || RESfolegar XVII.

→**Bluteau:** FOLGAR. Coflar do trabalho. Descançar. Andar ocioso. Otiari (or, atus fum) Cic. Como fosse à Cidade de Syracufa para folgar, & não para trabalhar. *Cum se Syracufas otiandi, non negotiandi*.....

→**Moraes e Silva:** FÓLGAR, v.at. Largar, ou alargar: v.g. folgar o leme: t. naut.§ v.n. Cessar do trabalho.

→**Laudelino Freire:** FOLGAR, descansar (intr.; tr.ind.; com prep. *em*): "Os piratas, *folgando, em grupos se dispersam*" (Paranapiacaba). || 3. Ter prazer, alegrar-se, regozijar-se (intr.; tr.ind.; com prep. *com, de, em*): "Desabe o firmamento sôbre a Terra; tudo pereça! *Folgará* minh'alma." (Paranapiacaba) "*Folgo* muito *em ver-te*". || || ||

→**Aurélio:** folgar [Do lat. tard. *follicare*.] Verbo transitivo direto. 1. Dar folga ou descanso a: [...] 2. Tornar largo; desajustar; desapertar: *folgar a roupa*. 3. Tornar menos penoso; tornar leve, suave, folgado [...]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta *folgar* como termo náutico.

Comentários: Somente Moraes e Silva apresenta *folgar* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

G

Ficha 98

Garrucha, s. f. Antigamente era o mesmo que Albarda. Polé de dar tratos. (T. Naut.) Cabo que se mette na relinga por entre os chicotes.

Garrucha, s.f. Antigamente era o mesmo que Albarda. Polé de dar tratos. (T. Naut.) Cabo que se mette na relinga por entre chicotes.

→**Cunha:** garrucha sf. 'orig. pau curto com que se armavam as bestas' | *guarrucha* XV | ; 'pistola de carregar pela boca' XX. Do cast. *garrucha*.

→**Bluteau:** GARRUCHA. He palavra Castelhana. VID. Polé de tormento, & tratos de polé. As cataftas, as *Garruchas*, as fogucigueiras. Vieira, Tom. 10.76.col.1.

→**Moraes e Silva:** s.f.t. naut. Garruchas são, ou erão cabos, que se mettem nas relingas por entre os chicotes, donde se fazem as puas das bolinas; daqui vem agarruchar, &c.

→**Laudelino Freire:** GARRUCHAS, s.m. pl. *Náut.* 1. Argola de ferro pregadas no garotil das velas latinas. || 2. Cabos que se metem nas relingas por entre chicotes.

→**Aurélio:** *Garrocha* [Do esp. *garrocha.*] [...].Marinh. Poleame de laborar constituído de duas caixas sobrepostas a topo e com os eixos das suas rodas dispostos paralelamente ou perpendicularmente um em relação ao outro.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Moraes e Silva, Laudelino Freire apresentam *garrucha* com termo náutico. Aurélio dá como termo náutico *garrocha.* || Origem: castelhana.

Ficha 99

Gavea, s. f. [T. Naut.] Arma-
ção de taboa com feição de
grade do cimo dos mastros.
Vela, que toma o nome da
gavea sobre que anda.

Gavea, s.f. (T. Naut.) Armação de taboa com feição de grade do cimo dos mastros. Vela, que toma o nome da gavea sobre que anda.

→**Cunha:** gávea, sf. '(Náut.) espécie de tabuleiro ou plataforma, a certa altura de um mastro' | *gauea* 1572 | Do lat. med. *gabia* (cláss. cavêa), com provável interferência do it. *gàbbia* || ESgaivAR XX || gaiva sf. 'jaula, fosso' 1813 || gaivEL 1899 || gajeiro sm. 'marinheiro que vigia da gávea' | -geiro 1813 Do it. *gàggia* e, este, do genovês *gàgia*, deriv. Do lat. *cavêa*.

→**Bluteau:** Gávea. (Termo Nautico.) He huma especie de gayola, ou guarita, allentada em huma roda de taboas, no alto dos matos, ferve para recolher as velas, quando as ferraõ. *Carchesium, ij. Naut. Catull. Mali corbita, e Fem.*

→**Moraes e Silva:** s.f. naut. É armação de taboas, como uma meza com bordas na ponta do mastro.

→**Laudelino Freire:** GAVEA, s.f. Lat. *cavea*. Náut. Espécie de gaiola, tabuleiro, plataforma ou guarita assente em uma rodas de tábuas no alto dos mastros e atravessada por êle. || 2. Vela que ocupa o lugar imediatamente superior à grande. GÁVEAS, s.f.pl. Conjunto das três velas das galeras. || 2. A gávea e o velacho, nos brigues.

→**Aurélio:** [Do lat. **gavia*, por *cavea*, 'gaiola'.] s. f. Marinh. 1.Cada um dos mastarêus que espigam logo acima dos mastros reais. [Nos navios de três mastros, denominam-se, a partir de vante, *mastaréu do velacho*, *mastaréu da gávea* e *mastaréu da gata*.] 2.Mastaréu que espiga logo acima do mastro real grande. 3.Cada uma das vergas que cruzam nos mastarêus de gávea. [Nos navios de três mastros, chamam-se, a partir de vante, *verga do velacho*, *verga da gávea* e *verga da gata*. Antigamente chamavam-se *traquetes*, sendo, a partir de vante, *traquete de proa* ou *de vante*, *tranquete da gávea* e *traquete da gata*.] 4.Verga que cruza no mastaréu de gávea grande. 5.Cada uma das velas que envergam nas vergas de gávea. [Nos navios de três mastros, denominam-se, a partir de vante, *vela do velacho*, *vela da gávea* e *vela da gata*. Antigamente chamavam-se *traquetes*.] 6.Vela que enverga na verga de gávea grande. 7.Mar. Cesto de gávea.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Com as vellas que anoitecer a Capitana, ha de navegar até que aclare o dia. Succedendo largar mais pano, ascenderà dous faroes na popa, & hum na gavea..

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR () [A00_2496, p. 57].

Comentários: todos os dicionários apontam *gávea* como termo náutico. || Origem: italiana.

Ficha 100

Gio, s. m. (T. Naut.) O tra-
vessão sobre que a cana do
leme anda , e sobre que se for-
mão as obras chamadas mortas
da poppa.

Gio, s.m. (T. Naut.) O travessão sobre que a cana do leme anda, e sobre que se formão as obras chamadas mortas da poppa.

→**Cunha**: gio, sm. '(Náut.) peça que entalha no contracadaste do navio' 1813. De origem obscura.

→**Bluteau**: GIO. (Termo da carpintaria de huã nao.) He hum travessão, fobreque anda a cana do leme, & fobre o qual fe formaõ as obras mortas da popa. *Ligneæ compages in puppi transversa.*

→**Moraes e Silva**: GÍO, s.m. naut. Travessão, sobre que anda a cana do leme, e sobre que se formão as obras mortas da popa.

→**Laudelino Freire**: GIO, s.m. Náut. Nome de duas peças curvas de madeira, que formam angula, entalhando-se entre si e no contracadaste.

→**Aurélio**: gio [De or. obscura.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Nas popas quadradas, cada uma das peças dispostas horizontalmente, entalhadas e cavilhadas no contracadaste, constituindo, assim, como que as cavernas de tais popas.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta..

Comentários: todos os dicionários apontam *gio* como termo náutico. || Origem: obscura.

Ficha 101

Guinada, s. f. (T. Naut.) Ac-
ção de guinar. Gargalhada,
fallando de riso.

Guinada, s.f. (T. Naut.) Acção de guinar. Gargalhada, *fallando de riso.*

→**Cunha**: guinar vb. 'bordejar, desviar-se rapidamente' XVI. De origem obscura || **guinADA** XVI.

→**Bluteau**: GUINADA, Guináda, & Guinar, faõ termos Nauticos. *Vid. Guinar.*

→**Moraes e Silva**: GUÍNADA, s.f. O acto de guinar: t. naut. "de duas *guinadas* que deu (com a sua náó) sobre duas galés ... ambas se despejarão deixando os cascos vasios:" (remettidas para as ababroar.) B.2.3.6. Amaral.

→**Laudelino Freire**: GUINADA, s.f. Angl.-sax. *winan*. Náut. Desvio que o navio faz da sua esteira bordejando. || 2. salto que o cavalo dá para furtar o corpo ao castigo do cavaleiro.

→**Aurélio**: guinada [De *guinar* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1. Mar. Desvio da proa para um ou outro bordo, que afasta o navio, deliberadamente ou por força das circunstâncias, do rumo em que vinha: "Havia um torvelinhar surdo e vago de coisas no tombadilho: eram as ondas que, às vezes, à menor *guinada*, apesar de todo o cuidado no leme, embarcavam pelo través, pela alheta" (Virgílio Várzea, *Nas Ondas*, p. 45).

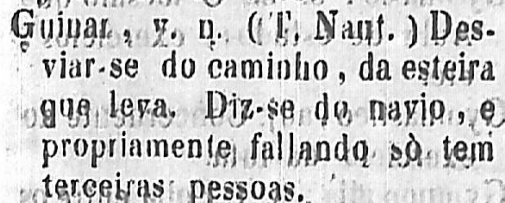
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

*Como saía a lua, se fez o vento lés-nordeste e ventou com tanta força que nom podíamos com a vela. Indo assi correndo com gram fol. 5 mar, deu a nao ãa **guinada** e, em preparando de ló, nos arreventou o masto do traquete pelos tamborettes, de que sentimos muita fortuna, e amainámos a vela e fomos correndo ao som do mar, até que foi de dia.*

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA () [A00_0078, p. 33].

Comentários: todos os dicionários apontam *guinada* como termo náutico. || Origem: obscura (*anglo saxão).

Ficha 102



Guinar, v. n. (T. Naut.) Des-
viar-se do caminho, da esteira
que leva. Diz-se do navio, e
propriamente fallando sò tem
terceiras pessoas.

Guinar, v.n. (T. Naut.) Desviar-se do caminho, da esteira que leva. Diz-se do navio, e propriamente fallando sò tem terceiras pessoas.

→**Cunha:** guinar vb. ‘bordejar, desviar-se rapidamente’ XVI. De origem obscura *guinADA* XVI.

→**Bluteau:** Guinar. (Termo Nautico.) He quando o navio se desvia alguma coufa, hora de huma, hora de outra parte, feguindo sempre o mesmo rumo. *Conftanti sempre curfa de via aliquantum desle.....*

→**Moraes e Silva:** GUINÁR, v.n. naut. Desviar-se o navio um pouco da esteira, que leva, hora a um bordo, hora a outro, mas seguindo sempre o mesmo rumo. *Amaral, 6. Fomos guinados a elas. Fern. Mend. c.5.*

→**Laudelino Freire:** GUINAR, v.r.v. Mover-se às guinadas, desviar-se (a embarcação da sua esteira) (intr.).

→**Aurélio:** guinar [Da mesma or. incerta que o esp. *guiñar*; poss. da raiz **gin-*, de criação expressiva.] Verbo intransitivo. Verbo transitivo circunstancial. 1. Mover-se às guinadas; oscilar: *Bêbado, guinava à direita e à esquerda.* 2. Mar. Desviar (a embarcação), de propósito ou por força das circunstâncias, a proa do rumo que vem seguindo, para outro rumo; dar uma guinada (1). 3. P. ext. Dar guinada (3): *Desorientado, o ciclista guinava a torto e a direito.* 4. Desviar-se com rapidez. Verbo transitivo direto. 5. Desviar com rapidez, ou repentinamente: *Guinou a embarcação para não se chocar com o rochedo.*

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

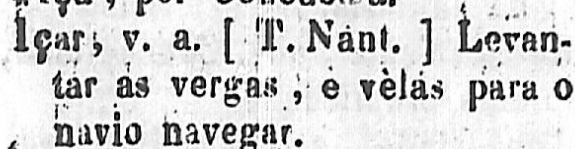
*A ruindade d'esta barra consiste principalmente em ser muito estreito o seu canal, e dar este uma volta pelo meio dos dous baixos que o rodeão, e promettem naufragio infallivel, se a embarcação **guinar** para algum dos lados.*

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS (1920) [1767], MEMORIAS PARA A HISTORIA DA CAPITANIA DE S. VICENTE HOJE CHAMADA DE S. PAULO [A00_0169, P. 123].

Comentários: todos os dicionários apontam *guinar* como termo náutico. || Origem: obscura.

I

Ficha 103



Içar, v. a. [T. Naut.] Levantar as vergas, e velas para o navio navegar.

Içar, v.a. (T. Naut.) Levantar as vergas, e velas para o navio navegar.

→**Cunha:** içar, vb. ‘erguer, levantar’ XVIII. Do fr. *hisser* e, este, do neerl. *hijsen*, ou do baixo al. *hissen* || içAMENTO XX.

→**Bluteau:** IC,AR (Termo Nautico) Levantar as velas. *Vella attollere*. Na bonança *Içar* até os topos. Vieira, Tom.3.pag.76. *Içaraõ* de gávea, perdendo ancoras, & amarras. Ciabra, Exhortaç. Militar,24. verf. As velas *Içadas* nos palancos. Jacinto Freyre, 259.

→**Moraes e Silva:** IÇÁR, v.at. Levantar as vergas, e as velas para navegar. *Freire*.

→**Laudelino Freire:** IÇAR, v.r.v. Al. *hissen*. Levantar, erguer, alçar (tr. dir, bitr., com prep. a, com):”*Içar o cordame*.” “Via-se entre homens armados que a arrebatavam, *içando-a* à garupa de ginete sôfrego.” (C. Neto). “Com táureas cordas brancas velas *içam*.” (Odorico Mendes).

→**Aurélio:** içar [Do fr. *hisser*.] Verbo t.d. 1.Erguer, alçar, levantar: *içar velas*;"Apenas o vapor começou a enfrentar o Feliz, este *içou* a bandeira brasileira, saudando-o." (Virgílio Várzea, *Nas Ondas*, p. 150). [Conjug.: v. *laçar*. Pres. ind.: *iço*, etc.; pret. perf.: *icei*, etc.; pres. subj.: *ice*, *icem*. Cf. *isso*, *issei*, o top. *Icém*, e o v. *inçar*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Fizeram-se primeiro que tudo cabos, porém o arbusto foi cortado fóra de tempo, e o linho cortido por pessoas imperitas, e que não sabiam o tempo que se devia gastar no cortimento, nem o modo com que se deviam separar a capa do linho; e os fabricantes dos mesmos cabos, não só pouco habeis em fazerem o fio, mas ignorando mais o modo de lhe dar o alcatrão, beneficio essencialissimo para perfeição dos mesmos cabos: porém assim mesmo me servi logo de alguns, ainda que poucos, nas embarcações, da esquadra, aonde serviram tão bem como os outros que tinham as embarcações, de sorte que um d'elles serviu muito tempo ao cabrestante para *içar* a aguada e mantimentos do navio Santo Antonio; e depois de soffrer todo aquelle trabalho sem quebrar, o applicaram ao ministerio da guingorra, aonde durou muito tempo.*

MARQUEZ DO LAVRADO (1863) [1799], RELATORIO DO MARQUEZ DE LAVRADIO, VICE-REI DO RIO DE JANEIRO, ENTREGANDO O GOVERNO A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUSA, QUE O SUCCEDEU NO VICE-REINADO. [A00_0851, p. 471].

Comentários: todos os dicionários apontam *içar* como termo náutico. || Origem: francesa.

L

Ficha 104

Lais, s. m. (T. Naut.) A
ponta verga.

Lais, s.m. (T. Naut.) A ponta verga.

→**Cunha:** lais, sm. ‘(Náut.) a ponta da verga’ | *lays* XVI | De origem obscura.

→**Bluteau:** Lais. Chamão os marinheiros à ponta das vergas: a da Mezena se chama penna. LAIZ. (Termo nautico.) Extremidades das vergas. *Cornu antemnarum*. Virgilio diz *Cornua antemn*..... (Enforcasse no Laiz da verga. Decad. 1. de Barr. Pág. 110.col.4.).

→**Moraes e Silva:** LÁIS, s.m. t.naut. A ponta da verga. *Barros*. o lais da verga.

→**Laudelino Freire:** LAIS, s.m. Náut. Ponta da verga.

Lais de Guia, s.m. Náut. Nó que se dá no seio do cabo com um dos chicotes para formar bôlso.

→**Aurélio:** lais [De or. obscura.] s. m. Marinh.1.Cada uma das extremidades de uma verga: "Os [marinheiros] que ofereciam resistência nas abordagens ou davam combate, eram içados, depois, no *lais* das vergas" (Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 103).2.Extremidade oposta ao pé, num pau de surriola. [Pl.: *laises*. Cf. *Láis*, antr., f. menos boa, porém usual, de *Lais*.] Lais de guia. 1. Marinh. Nó que se dá no chicote de um cabo, formando uma alça ou balso, e serve para encapelá-lo ou para fazer um laço de correr.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Querendo a Capitana fallar aos navios, no lays da verga grande sotavento, largarà huã flamula; tirar à a huã peffa; por fêhá à capa.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496, p. 55].

Comentários: todos os dicionários apontam *lais* como termo náutico. || Origem: obscura.

Ficha 105

Leme, s. m. *Entre nauticos*, he hum pranchão formado de varios madeiros, posto ao alto no cadaste do navio, e que se move para hum e outro lado, por meio de huns gonzos fixos, que tem os machos fixos no mesmo pranchão, e encaixados nas femeas, que estão fixas no cadaste. O ferro da dobradiça, que encaixa no leme. Fig. Direcção. Duas estrelas iguaes na Constellação chamada *Barca*.

Leme, s.m. *Entre Nauticos*, he hum pranchão formado de vários madeiros, posto ao alto no cadaste do navio, e que se move para hum e outro lado, por meio de huns gonzos fixos, que tem os machos fixos no mesmo pranchão, e encaixados nas fêmeas, que estão fixas no cadaste. O ferro da dobradiça, que encaixa no leme. Fig. Direcção. Duas estrelas iguaes na Constellação chamada Barca.

→**Cunha:** leme sm. 'aparelho usado na parte traseira do barco e do avião e que serve para lhes dar direcção' XV. De origem obscura.

→**Bluteau:** LEME. Pao que anda junto do cadafte, que quebra, & aparta as ondas para huma & outra parte, & he o total governo da nao. Dizem que Tiphys companheiro dos Argonautas, na expedição de Colchos inventara o leme, pelo que obfervou no Minhoto, quando voa alto, que troce a aza, para lhe dar nelle o vento em poppa, & subir, & baixar, como quer. Outros dizem que dos peixes, que com cauda regulaõ nas aguas feu caminho, fe tomou a invenção do leme. Clavus, i. Ma... Gubernaculum, i. Neut. Cic. No Commento da Oitava 74. do Canto 5. da Lufiada, aonde diz Camões, *Esta pa..., logo o leve leme*.

→**Moraes e Silva:** LÈME, s.m. Governalho, peça de madeira grossa plana de certa largura, que vai em gonzos no meyo da popa do navio, e outros vasos de navegar, d'alto a baixo, e serve de os fazer voltar a proa a diversos rumos, voltando ao leme. § O ferro da dobradiça, que se embebe no vão da femea, é sobre que joga a janella, ou porta. § *Não dar o navio pelo leme, ou não obedecer ao leme*, se diz, quando não proeja, ainda que manejem o leme, e o virem.

→**Laudelino Freire:** LEME s.m. B. lat. *limo*. Aparelho situado na parte traseira do barco e que serve para lhe dar direcção. || 2. Ferro ou dobradiça que se embebe no vão da fêmea e sôbre que joga a porta ou janela.

→**Aurélio:** leme [De or. obscura.] s. m. 1.Constr. Nav. Peça ou dispositivo instalado na popa da embarcação, e que serve para lhe dar direcção, para governá-la. 2.Dispositivo instalado na cauda do avião e que regula a direcção do aparelho. 3.Ferro que se embebe no vão da fêmea e sobre o qual se move a porta ou a janela. 4.Fig. Direcção, governo, governança. Leme de direcção. 1. Aer. Leme que governa o avião no plano horizontal.Leme de fortuna. 1. Marinh. V. *esparrela* (4).Leme de ló. 1. Marinh. Posição do leme com sua porta voltada para barlavento. Leme de profundidade. 1. Aer. Leme que governa o avião no plano vertical.Leme horizontal. 1. Constr. Nav. Cada um dos lemes que governam o submarino no plano vertical

(profundidade). Leme vertical. 1. Constr. Nav. Cada um dos lemes que governam o submarino no plano horizontal (rumo). Perder o leme. 1. Ficar atarantado, sem saber o que fazer; desorientar-se, desorientar-se. Ter o leme. 1. Governar, administrar, dirigir.

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Avistarão esta Costa em 15 de Junho, e por não conhecerem a paragem, que era a enseada de Vasabarris, lançarão ferro, mas era tão forte o vento Sul, e correm alli tanto as agoas, que se quebrarão duas amarras, e querendo entrar por conselho de hum Francez chamado Honorato, que veio á terra com dous Indios em huma jangada, e lhes facilitou a entrada, tocou a náu e deo tantas pancadas, que lhe saltou o leme fóra, e arrombou, pelo que alguns se lançarão a nadar, e se afogarão em as ondas [...].

FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUZA - CAPITULO VIGESIMO QUARTO - DA JORNADA, QUE GABRIEL SOARES DE SOUZA FAZIA ÁS MINAS DO SERTÃO, QUE A MORTE LHE ATALHOU [A00_2060, P. 148].

Comentários: todos os dicionários apontam *leme* como termo náutico. || Origem: obscura.

Ficha 106

.....
Leva, s. f. (T. Naut.) Acção de levantar ancora para fazer-se á vèla. *Entre Militares*; Condução de recrutas.

Leva, s.f. (T. Naut.) Acção de levantar ancora para fazer-se á vèla. Entre Militares, Condução de recrutas.

→ **Cunha:** leva - LEVAR levar, vb. ‘transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar’ XIII. Do lat. *lĕvāre* [...].

→ **Bluteau:** LEVA. (Termo Nautico.) A acção de levantar as ancoras do porto para a partida. *Anchorarum fublatio*, ou *Navis è portu...*, *onis*. *Fem.* Tocar a leva. He dar aviso com a trôbeta, que se recolhão os q estão na praya, quando o baxel está para partir. Dare tubâ fignum recipiendi in navem. (Julio Cefar farfallando na retirada dos foldados diz, *Milites figno recipiendi dato non confite....* (Manda já tocar a leva. Ciabra, Exhort. Militar, pag. 26.)

→ **Moraes e Silva:** LEVA, s.f. O acto de levantar ancora para sair do porto: v.g. “peça de leva”; a que se atira para fazer sinal de botar fóra: e que *tocar leva com a trombeta*; para acodirem a bordo os que hão-de ir na náu, que está para levantar ferro. *M. Conq. Vieira*.

→ **Laudelino Freire:** LEVA, s.f. De *levar*. O ato de levantar ferro; o levantar da âncora para navegar. || Náut. Cabo folgado, que passa por um furo do costado do navio e vai prender-se no sapatilho dos arganéis das portas. || 5. Pop. Andadura.

→ **Aurélio:** leva [Dev. de *levar*.] s. f. 1. Ant. Mar. Ato de levantar âncora para navegar. 2. Alistamento de tropa; recrutamento. [...].

.....
→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionários apontam *leva* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 107

**Liame, s. m. (T. Naut.) Ma-
deira das curvas, com que se
lião por dentro as peças do
costado do navio.**

Liame, s.m. (T. Naut.) Madeira das curvas, com que selião por dentro as peças do costado do navio.

→**Cunha: liame** sm. ‘aquilo que prende uma coisa a outra, ligação’ XVIII. Do lat. *ligamen - inis* ‘laço, fita’, de *ligāre*.

→**Bluteau: LIÂME**. A madeira das curvas, com q por dentro fe lião os costados dos navios. *Lignam quibus navium latera intus coagmentantur*. João de Barros diz Liação. (Foy cortada algũa liação para galês. Decada 2 fol.39.col.4.) (Na mefma Decada diz Liame:Contarão-se hum a soma de madeiras da anaf... para liames, fol. 12. col.1.) (os que fabricão obra naval, tiraõ della curvas, & liames ,.....Valcone. Noticia do Brafíl, 259.)

→**Moraes e Silva: LIÂME**, s.m.t. de Naut. A madeira das curvas com que se ligão, e atão as peças do costado dos navios. *Barros. Ined. III.f.506*. “tavoados, e *liame*.”

→**Laudelino Freire: LIÂME**, s.m. Lat. *ligamen*. Liação. *Náut.* A madeira das curvas com que se ligam e atam as peças do costado dos navios. || Náut. Cordame de navio de vela.

→**Aurélio: liame** (â). [Do lat. *ligamen*.] s. m.1. Aquilo que prende ou liga uma coisa a outra; ligação [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Nas varzeas de arêa se dão outras arvores reaes: a que os Indios, chamam curuá, as quaes se parecem na feição, na folha, na côr da madeira, com carvalhos; e acham-se alguns de vinte e cinco a trinta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras miudas; mas não é muito fixo ao longo da terra; a qual tambem serve para liames de navios e barcos, e para taboado; e de pesado se vai ao fundo.

GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DAS ARVORES REAES E PAUS DE LEI (PARTE SEGUNDA - TITULO 8) [A00_0184, p. 243].

Comentários: Só Aurélio não apresenta *liame* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 108

**Linguete, s. m. (T. Naut.)
Peça de pão, ou de ferro,
côm que se tolhe que não
desande o cabrestante, embe-
bendo-a nas mossas deste.**

Linguete, s.m. (T. Naut.) Peça de pão, ou de ferro com que se tolhe que não desande o cabrestante, embebendo-a nas mossas deste.

→**Cunha: linguete** - LÍNGUA.[...] Do lat. *līngŭa* || *lígula* sf. [...] Do it. *lingueta*. dimin. de *līngua* [...].

→**Bluteau: LINGUETE**, ou lingoete. (Termo de navio) He hum pão, que encayxa nos cunhos, para ter mão do cabrestante, que não ande, depois que se tem levado a ancora, ou algum fardo. *Machin.... nautic.....*

→**Moraes e Silva: LINGUÈTE**, s.m.t. de Naut. Peça de pão ou ferro que se embebe nas mossas do cabrestante, para que não desande, depois que se tem levado a ancora, ou algum

fardo. V. *Cunhos*. CUNHOS, s.m.pl. t. de Naut. páos pregados à roda do cabrestante com seus dentes, em que se pega o linguete, e as amarras, quando virão.

→**Laudelino Freire**: LINGUETE, s.f. De língua. Peça de ferro ou madeira que se embebe nas rodas dentadas, para que estas não desandem.

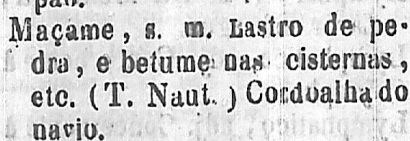
→**Aurélio**- não consta linguete, consta lingueta. lingueta (guê). [De *língua* + *-eta* (ê); it. *lingueta*.] Substantivo feminino. 1.P. us. Língua (1) pequena. 2.Qualquer objeto pequeno semelhante a uma língua. 3.Fiel da balança. 4.Peça chata e delgada que faz parte dalguns instrumentos de sopro. 5.Peça móvel, de ferro, das fechaduras, que se encaixa, quando movida pela chave, na chapatesta, trancando a porta ou gaveta. 6.Dispositivo móvel para fechar portas sem o auxílio da chave: "constatou [o serralleiro] que nada poderia fazer, desde que a porta do chuveiro não dispunha propriamente de fechadura, mas de uma simples lingueta" (Fernando Sabino, *Medo em Nova Iorque. A Cidade Vazia*, p. 118). 7.Pedaço de couro utilizado como fecho em pastas, valises, malas, etc. 8.Pedaço de couro que, no sapato de atacador, protege o peito do pé. 9.Ladeira ou rampa em cais, junto à qual atracam as embarcações. 10.Mús. V. *martinete*⁴ (1). 11.Bras. PE Rampa natural que se inclina para o mar ou para o rio. 12.Ant. Rampa, num cais, para embarque e desembarque de passageiros.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Só Laudelino Freire não apresenta *linguete* como termo náutico. Aurélio apresenta lingueta. || Origem: italiana.

M

Ficha 109



Maçame, s.m. Lastro de pedra, e betume nas cisternas, etc. (T. Naut.) Cordoalha do navio.

→**Cunha**, não consta..

→**Bluteau**: Maçame. Termo Nautico. He todo o encordoamento da nao, allim dos Brandaes, como da Sirgideira, Brioens, Apagalanaes,, & toda a mais Enxárcia. Funium, velorum, aliorum, ad regendam navim instrumentor ... apparatus, (Domar, onde hião os Marinheiros da queda dos paos, & do Maçame. Brito, *Relação da viagem do Brafil*, 69.)

→**Moraes e Silva**: MAÇAME, s.m. t. de Naut. Toda a cordoalha do aparelho de um navio. Brito.

→**Laudelino Freire**: não consta.

→**Aurélio**: não consta.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**:

*Que lhes concede todos os mantimentos, assi secos, como molhados, que tiuerem nos almazens do Recife, & fortalezas, pera se sentirem delles, & fazerem suas viagens, largando aos soldados os de que elles necessitarem pera seu sustento, & viagem ; mas nam lhes outorga o **maçame** pera os nauios, porque promete darlhos aprestados, pera quando partirem pera Olanda.*

NÃO TRAZ O NOME DO AUTOR, MAS É DO DR. JOÃO DE MEDEIROS CORRÊA, SEGUNDO A OPINIÃO GERAL DOS BIBLIOGRAPHOS (1899) [1653], BREVE / RELAÇAM / DOS VLTIMOS / SVCESSOS DA GVERRA / DO BRASIL, RESTITUIÇÃO DA CIDADE MAU- / RICIA, FORTALEZAS DO RECIFE DE PER- / NAMBUCO, & MAIS

PRAÇAS QUE OS / OLANDESES OCCUPAUAÕ NA- / QUELLE ESTADO|. [A00_1127, p. 175].

Comentários: Laudelino Freire e Aurélio não apresentam o verbete *maçame*. || Origem: não encontrada.

Ficha 110

Madre, s. f. Útero. Leito do rio. Anticamente Mãe. Título de Freiras. [T. Naut.] Pão que atravessa a escotilha. O madeiro principal do leme. Cabo delgado, que se enfia pelas lebres dos enxertarios. Madre-pia. V. Piamater.

Madre, s.f. Útero. Leito do rio. *Anticamente* Mãe. Título de Freiras. (T. Naut.) Pão que atravessa a escotilha. O madeiro principal do leme. Cabo delgado, que se enfia pelas lebres dos enxertarios. Madre-pia v. Piamater.

→**Cunha**: [...] Do lat. *mater-tris* [...].

→**Bluteau**: Madre. (Termo de navio.) He hum pao, que atravessa a escotilha com seu encaixo, para assentar nos quarteis da mesma escotilha.

→**Moraes e Silva**: MÁDRE, s.f. t. de Naut. páo, que atravessa a escotilha, com seu encaixe para assentar nos quarteis della. § Nas pontes de madeira, são os páos, que formão o assento para as estivas, e assentão nas asnas ao longo da ponte.

→**Laudelino Freire**: s.f. Lat. *mater*; *matrem*. Naut. Pau que atravessa a escotilha com seu encaixe para assentar nos quartéis dela. || O madeiro principal à roda do qual ou sôbre o qual se entalham outros menores até perfazer o composto da grossura ou largura necessária para o objeto que se exige, como os mastros, o leme, etc. || O madeiro que prega na roda de proa, e sôbre o qual está construído o beque. || O madeiro central do cabrestante, à roda do qual se entalham as mais peças, de que se compõe, e que forma o peão ferrado, sôbre o qual se move a máquina. || O madeiro prolongado pelo cadaste que forma a parte principal do safrão, onde se pregam os machos e emecha a cana do leme. || Cada uma das peças mais grossas de que se formam os mastros, quando não são feitos de um só pau.

→**Aurélio** madre [Do lat. *mater*, 'mãe'.] Substantivo feminino. 1. Constr. Nav. A parte central, mais grossa, de que se formam o mastro, o cabrestante e outras partes do aparelho do navio, quando não são feitos de uma peça única. 2. Marinh. Cabo de fibra ou de algodão, em torno do qual se cocham os cordões de um cabo calabroteado ou de um cabo metálico. Madre do leme. Constr. Nav. 1. Eixo que penetra no casco do navio e transmite movimento ao leme. 2. Parte reforçada nos lemes de certas embarcações (antigas ou miúdas), à qual se prendem as governaduras, e que se prolonga acima da porta do leme para fixar-lhe a cana ou a meia-lua.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: todos os dicionários apresentam *madre* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 111

Majarrona, s. f. (T. Naut.)
Vela triangular de navio, que
do mastro do velacho vem
ter à ponta do gurupès.

Majarrona, s.f. (T. Naut.) Vela triangular de navio, que do mastro do velacho vem ter à ponta do gurupès.

→**Cunha:** bujarrona sf. “(Mar.) tipo de vela’ 1858; ‘insulto, afronta 1899. Do cast. *bujarrón*, deriv. do b. lat. *Bŭlgārus* ‘búlgaro’, empregado como insulto, por tratar-se de hereges pertencentes à Igreja ortodoxa grega. Cp. BUGRE.

→**Bluteau:** Não constam *bujarrona*, *bojarrona* e *majarrona*.

→**Moraes e Silva:** MAJARRONA, s.f. t. de Naut. Vela de navio que vem da ponta do mastareo do velacho a ponta do gorupês, vulgo *bojarrona*, talvez porque bója muito quando cheya.

→**Laudelino Freire:** MAJARRONA, s.f. Corr. De *bujarrona*. Bujarrona, s.f. Náut. Vela latina triangular, que se iça à proa sôbre um pau próprio. || Pau em que se iça essa vela. →**Aurélio** não constam *majarrona* ou *bojarrona*. Bujarrona S. f. 1. Marinh. Vela triangular içada entre o mastro de vante e o gurupês ou a proa da embarcação à vela: "A toalha de espuma, rasgada para um lado e para outro, tufou, ferveu, subiu, alcançou parte do convés, molhou a bujarrona" (Josué Montelo, *Cais da Sagração*, p. 159). [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: todos os dicionaristas remetem o termo *majarrona* a *bujarrona* ao universo marítimo. Bluteau não cita nem um, nem outro. || Origem: castelhana.

Ficha 112

Malaqueta, s. f. (T. Naut.]
Pão torneado, mais grosso em
huma de suas extremidades,
que serve para dar volta aos
cabos delgados da marcação do
navio. Na roda do leme he
huma como manivela, em que
os homens que vão ao leme,
fazem força para o mo-
ver. Dâ-se tambem este nome
ao remate do pão da bandeira,
e de outros.

Malaqueta, s.f. (T. Naut.) Pão torneado, mais grosso em uma de suas extremidades, que serve para dar volta aos cabos delgados da marcação do navio. Na roda do leme he uma como manivela, em que os homens que vão ao leme, fazem força para o mover. Dâ-se tambem este nome ao remate do pão da bandeira e de outros.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** MALAQUETAS. Termo de navio. São todo o pão, em que se dá volta a qualquer cabo que seja.

→**Moraes e Silva:** MALAQUETA, s.f. t. de Naut. Páo, em que se reata o cabo de corda do navio para o fazer fixo; é como um crescente, e está pregado pelo meyo.

→**Laudelino Freire:** MALAQUETA, s.f. Ant. Cavilha náutica, o mesmo que *malagueta*. MALAGUETA s. f. Náut. Cavilha de pau torneado que se enfia nos fusos das mesas do amurado e da meia nau para dar volta aos cabos de laborar. || Cada um dos cabos salientes da roda do leme.

→**Aurélio:** não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Aurélio não cita o termo. Para os demais autores, *malaqueta* é termo de navio. || Origem: obscura (Houaiss, 2001).

Ficha 113

Michelos, s. m. plur. (T. Naut.)
Cabos, que servem para se-
gurar a amarra, quando se
leva a ancora.

Michelos, s.m. plur. (T. Naut.) Cabos, que servem para segurar a amarra, quando se leva ancora.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: não consta.

→**Moraes e Silva**: MICHELOS, s. f. pl. t. de Naut. As cordas, além da amarra, que servem de levar a ancora.

→**Laudelino Freire**: MICHELOS, s. f. pl. *Náut.* Cabos pequenos, terminados de um lado por um olhal, e de outro por um chicote que serve para conservar verticais as vêrgas ou mastaréis que têm de ser içados ou arreados. || 2. Cabos que se tomam nos andrabelos quando se içá alguma peça do aparelho.

→**Aurélio**- não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva e Laudelino Freire arrolam o verbete *michelos*. ||
Origem: obscura (Houaiss, 2001)

Ficha 114

Molhelha, s. f. Especie de al-
mofada de palha, de que se
são os mariolas ao pescosco
para assentar sobre ella a can-
ga. (T. Naut.) Troxa de
fio de carreta, e estopa, que
serve para afastar as escutas
da gávea, e velaxo.

Molhelha, s.f. Especie de almofada de palha, de que são os mariolas ao pescosco para assentar sobre ella a canga. (T. Naut.) Troxa de fio de carreta, e estopa, que serve para afastar as escotas da gávea, e velaxo.

→**Cunha**: não constam molhelha ou monelha.

molhe sm 'paredão construído no mar para servir de cais acostável ou para quebrar a impetuosidade das vagas' | XVI, *mole* XVI | Provavelmente do cat. *molh* e, este, talvez, do lat. *mōlēs* 'massa'.

→**Bluteau**: MOLHELHA. Hum tufo de palha, que trazem os mariolas ao pesçoço. *Collare* O adjectivo, *a, um*. He de Propercio. Quer dizer, coufa de palha.

→**Moraes e Silva**: MOLHÊLHA, s.f. Tufo de palha, que os mariolas trazem no pesçoço, e sobre que assenta a canga, para não os molestar [...].

→**Laudelino Freire**: MOLHELHAS, s.f.pl. Náut. Pedacos de lona estofados com estôpa, que se pregam nas peças de madeira branda em que os cabos laboram, para as tornar mais suaves às encapeladuras.

→**Aurélio**: molhelha (ê). [De or. controversa.] Substantivo feminino. 1.Lus. Marinh. Monelha. Monelha (ê). Substantivo feminino.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Laudelino e Aurélio citam *molhelha* como termo náutico. || Origem: controvertida (*catalão).

Ficha 115

Moucarrão, -ona, m. f. -ões, -
onas no plur. Muito mouco.
Moucarrões, entre Nauticos,
são huns pãos, que servem
para empavezar o navio.

Moucarrão, -ona, m.f.-ões, -onas no plur. Muito mouco. *Moucarrões, entre Nauticos*, são huns pãos, que servem para empavezar o navio.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** adj. chulo. Muito mouco. *Eufr.* 3.5. *Moucarrões*, s.m.pl. t. de Naut. Pãos, que estão pelo bordo do navio, que servem para o empavezar.

→**Laudelino Freire:** [...] s.m.pl. Paus de empavesar o navio.

→**Aurélio:** moucarrão [De *mouco* + *-arrão*.] Adjetivo. 1.Muito mouco. [Fem.: *moucarrona*.]

Mouco [De or. obscura.] Adjetivo. 1.Que não ouve, ou que ouve pouco ou mal; surdo. 2.Diz-se do ouvido de quem é mouco (1): "Palavras loucas, ouvidos moucos" (prov.). s. m. 3.Aquele que é mouco (1); surdo. [Aum.: *moucarrão*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva e Laudelino Freire apontam *moucarrão* como termo náutico. || Origem: obscura.

N

Ficha 116

Nabo, s. m. Hortaliça conhecida. (T. Naut.) Peça de madeira furada, e redonda, que tem por cima a chapeleta pregada.

Nabo, s.m. Hortaliça conhecida. (T. Naut.) Peça de madeira furada e redonda, que tem por cima a chapeleta pregada.

→**Cunha:** nabo sm. 'planta herbácea da fam. das crucíferas' XIII. Do lat. *nāpus* [...].

→**Bluteau:** Nabo. Palavra de navio. He hum pão redondo, furado, que em cima tem hum couro pregado, aq chamão Chapeleta.

→**Moraes e Silva:** NABO, s.m. t. de Naut. Peça de páu redonda furada, que tem por cima a chapeleta, nas bombas.

→**Laudelino Freire:** NABO, do lat. *napus*. Náut. Peça de madeira ou bronze, em forma de tronco de cone com abertura no centro e válvula para regular a aspiração da bomba.

→**Aurélio** nabo [Do lat. *napu*.] Substantivo masculino. 1.Bot. Planta herbácea, da família das crucíferas (*Brassica napus*), cultivada por suas raízes comestíveis, arredondadas ou pontiagudas, roxas ou brancas, conforme a variedade. 2.A raiz desenvolvida dessa planta.3.Burl. Pessoa ignorante, néscia, estúpida. 4. Bras. S. A parte do mourão, da tranqueira, do poste ou do esteio, que fica enterrada no solo.[...]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Somente Aurélio é que não aponta *nabo* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 117

Nautico, adj. Pertencente à navegação. Que serve para dirigir a navegação. Que entende da arte de navegar. Homem do mar. *Nautica*, (como subst.) A Arte de navegar.

mem do mar. *Nautica*, (como subst.) A Arte de navegar.

Nautico, adj. (T. Naut.) Pertencente à navegação. Que serve para dirigir a navegação. Que entende da arte de navegar. Homem do mar. *Nautica*, (como subst.) A arte de navegar

→**Cunha:** nauta sm ‘marinheiro, navegador’ 1572. Do lat. *nauta* –ae, derivado do gr. *naútes* || náutica XVII || náutico XVII. Do lat. *nauticus* –a[...].

→**Bluteau:** NAUTICO. Coufa concernente à nautica, ou fabrica, & mariagem dos navios. *Nauticus, a, um. Determinaõ o nautico aparelho.* Camões, Cant.4. Oit. 76. Agulha nautica. Agulha de marcar. Vid. Agulha. (A agulha nautica buscando o Norte. Varella, Num. Vocal, 463.) Homem nautico. Os homens do mar. Os marinheiros. *Nautici, orum, Masc. Plur. Plin.* (A que os náuticos chamão Mef. Trança. Epanaphor. De D. Franc. Man. 468.)

→**Moraes e Silva:** NAUTICO, adj. Que respeita á navegação, e serve para a dirigir: v.g. náutico *aparelho*; Arte, agulha *nautica*. § Homem náutico; o que sabe a Arte de navegar. § Os náuticos: os homens do mar. *Epanaph.* De D. Franc. Man.

→**Laudelino Freire:** NÁUTICO, adj. Lat. *nauticus*. Relativo à navegação: “empresa náutica.”

→**Aurélio:** náutico [Do gr. *nautikós*, pelo lat. *nauticu*.] Adjetivo. 1. Relativo a marinheiro; navegante, nauta: *espírito náutico*; termo *náutico*. 2. Respeitante à navegação: *processo náutico*. ~ V. *almanaque* —, *carta* —a e *crepúsculo* —.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Fazia toda a prevençãõ dos mantimentos para a viagem, e de todos os aprestos para a expediçãõ, quando na manhaã de hum claro dia, por desattençãõ, que houve em huma salva, se ateou o fogo em a nao Serea com taõ irremediavel incendio, que se não pode extinguir, porque pegando logo nas amarras, foy levando a nao para o meyo do golfo, lançando-se a nado alguns Marinheiros, e Officiaes nauticos, que nella se achavaõ.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO OITAVO* [A00_0574, p. 344].

Comentários: Todos os dicionários consultados apresentam este termo como “da marinha”. || Origem: portuguesa < latina < grega.

O

Ficha 118

Orthodomia, s. f. Entre Nauticos, derrota do navio que segue hum dos rumo da agulha.

Orthogonal, adj. Na Geometria, diz-se da linha, que no plano cahe rectamente sobre a que lhe fica perpendicular.

Orthodomia, (T. Naut.) *Entre nauticos*, derrota do navio que segue hum dos rumos da agulha.

→**Cunha:** [...] Ort(o)- elem. Comp., do gr. *orthós* 'reto, direito', que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como *ortoéπia*, e em vários outros introduzidos na linguagem científica internacional a partir do séc. XIX [...] ortoDROM·IA | *orthodromia* 1844.

→**Bluteau:** ORTHODROMIA. (Termo Nautico.) Derivafê do Grego *Orthos, Direyto, & Dromos*, curfô. Val o mefmo que *Derrota em linha re....ta*. Tal he o caminho que faz hum navio, feguindo hum dos trinta & dous ventos, apontados na carta de marear.

→**Moraes e Silva:** ORTHODOMÍA , s.f.t. de Naut. Derrota do navio, que vai seguindo um dos 32. rumos da agulha.

→**Laudelino Freire:** não consta.

→**Aurélio-** Ortodromia [Do gr. *orthódromos*, 'que corre em linha reta', + *-ia*¹.] s.f.. 1.Náut. Arco de círculo máximo compreendido entre dois pontos da superfície da Terra, e que é o caminho mais curto para ir de um ao outro.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Só Moraes e Silva registra *orthodomia* , os demais dicionaristas citam *ortodromia*. || Origem: grega.

Ficha 119

Ostaes , s. m. plur. (T. Naut.)
· Cabos grossos que vem dos
· calcezes dos mastros fixar-se
· na proa com seus cadernaes.

Ostaes, s.m. plr. (T. Naut.) Cabos grossos que vem dos calcezes dos mastros fixar-se na proa com seus cadernaes.

→**Cunha:** não constam ostais e ostaes. Consta estai *s.m.* (Mar.) 'qualquer dos cabos que aguentam a mastreação para vante' XVII. Do antigo fr. *estaie* (hoje *étai*), de origem germânica.

→**Bluteau:** OSTAIS. (Termo de Marinhagem.) Saõ hũs cabos grossõs, que vem dos calces dos mastros, a fazer fixo à proa com feus cadernaes, o mefmo tem os mastareos, mas mais ligeiros. *Rudentes à malo ad proram intenti*. Francisco de Brito Freyre na relação da sua viagem do Brasil diz, Estay. (Rebentando o estay mayor, & a ovencadura, pag. 67.) *Vid.* Estay.

→**Moraes e Silva:** OSTÁES, s.m. pl. t. de Naut. Cabos grossos, que vem dos calcezes dos mastros a fazer fixo na pròa com seus cadernaes. *Cast.L.2.f.156.* outros dizem *Estáes*, como Brito, *Guerra Brasil*.

→**Laudelino Freire:** OSTAES, não consta. Ostai, s.m. Desc. O mesmo que *estai*. ESTAI , ou ESTAE, s.m. Ingl. *stays*. Náut. 1- Cada um dos cabos grossos que, fixos na proa, firmam a mastreação. || 2. Designação de outros cabos de navio. ESTAI DA RABECA, s.m. Cabo que vai por cima da mezena a coser ante a ré do calcês do mastro respectivo, vindo o outro chicote a passas a um sapatilho que se aguenta a uma alça cosida por ante-avante do mastro grande, a um têrço pouco mais ou menos da sua altura, e vai rondar a um olhal ao pé dêste mastro, abotoando por último o dito chicote ao vivo.

→**Aurélio-** não constam ostaes e ostais, consta estai. Estai- S. m. 1- Marinh. Qualquer dos cabos que aguentam a mastreação para vante.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta..

Comentários: Laudelino Freire e Aurélio não citam *Ostai*, mas *estai*. || Origem: francesa < germânica

Ficha 120

Ostagas, s. f. plur. (T. Naut.)
Cabos que sustentão vergas,
nos moutões de coroa, e vem
por cima da pega.

Ostagas, s.f. plur. (T. naut.) Cabos que sustentão vergas, nos moutões de coroa, e vem por cima da pega.

→**Cunha**: ostaga, sf. ‘cabo com que se arria horizontalmente, pelo terço, ao longo do mastro, uma verga de gávea’ XV. Do cast. *ostaga*, de origem germânica.

→**Bluteau**: OSTAGAS. (Termo de Marinhagem.) São hũs cabos, que sustentão vergas em huns moutões, que chamão de coroa, & vem por cima da pega. *Funes, quibus ligantur antenn...*(Nos quebrãrãõ súbitamente as ostagas da vela grande, & vindo a verga abayxo, &c. Peregr. De Fern. Mend. Pinto, fol.262.col.1.). [...].

→**Moraes e Silva**: OSTÁGAS, s.f.pl. t. de Naut. Cabos, que sustentão as vergas em uns moutões chamados de *Coroa*, e vem por cima da pega. *Amaral*,7.

→**Laudelino Freire**: s.f. Cast. *ostaga*. Náut. Cabo grosso, que vem por cima da pêga e sustenta as vêrgas em seus moitões.

→**Aurélio** ostaga [Do esp. *ostaga*.] s.f. l.Marinh. Cabo com que se arria horizontalmente, pelo terço, ao longo do mastro, uma verga de gávea.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Meteram de arribada, e carregado o traquete acima, e ferrada a mezena, apertaram as enxarcias, atezaram os estaes para segurança dos mastros e mastaréus. E para segurança das vergas reforçaram as ostagas e passaram bossas em ajuda aos enxertários. Tudo se fazia necessário a respeito do vento que tão furiosamente a suavizava pelas entenas que se queria levar diante de si.

JOSÉ ALVARES DE OLIVEIRA (1981) [n.d.], HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS [A00_0395, p. 96].

Comentários: Todos os dicionaristas arrolam *ostagas* como termo náutico ou da marinha. ||
Origem: castelhana.

P

Ficha 121

Pairar, v. n. *Entre os nauticos*, Andar o navio ás voltas sem fazer viagem. v. a. Soster, demorar.

Pairar, v.n. (T. Naut.) *entre os nauticos*, Andar o navio ás voltas sem fazer viagem v. a. Soster, demorar.

→**Cunha**: pairar vb. ‘adejar, voar vagarosamente’ XV. Do ant. prov. *pairar* e, este, provavelmente, do lat. *pariãre* [...].

→**Bluteau**: PAIRAR. (Termo Nautico.) Ir a nao flu.....tuando de hũa para outra, sem fazer viagem. *Hine inde flutare e, ou flu..... Plin. Cic.* (Toda a noyte tinhaõ pairado a arvore seca. H..... de Fern. Mend. Pinto, 68.2) João Hugo Lindrhotano, 3. part. India Oriental pag. 28. diz: *velis elatis integrum Maré fulcabamus, quod ...*(Pairou o General alguns dias. Britto. Relação

da sua viagem, pag. 64). Andar pairando. Diz-se com metáfora Náutica de quem anda buscando subterfúgios para evitar alguma coufa.

→**Moraes e Silva:** PAIRÁR, v.n. t. de Naut. Parar no mar, estar á capa, não surdir. *Cast.L.1.c.59.ed.I, não podendo pairar, andavão ás voltas. Albuq. P.4.c.2. com provisão para pairar toda calmaria.* § v.at. Soster, soffrer: v.g. pairar a tormenta sobre a amarra. § Pairar á tormenta; resistir-lhe, aturar. *Lavanha, Naufr. da Náo S. Alberto, f.15.* § Cruzar, bordejar em certa altura, esperando outro navio. *Freire, I. pag.17. Ed. de Paris. Sabio a comboyar as náos, que ... se esperavão da India, e pairando na altura do seu regimento, houve vista de hum Corsario Francez.*

→**Laudelino Freire:** PAIRAR, v.r.v. Náut. Estar à capa o navio; cruzar, bordejar (int.). Pairo, s.m. Náut. Ação de pairar. || 2. Estado do navio quando paira e que consiste em ter as velas estendidas, as escotas sôltas, ou conservar-se em árvore sêca, atado o leme.

→**Aurélio-** pairar[Do lat. *pariare*, 'ser igual', pelo provenç. *pairar*, 'aguentar', 'suportar', 'pacientar'.] Verbo intransitivo. 1.Cruzar (uma embarcação) em espaço relativamente restrito, com pequeno seguimento.[...]. 4.Mover-se ou agitar-se com lentidão no alto: *Pairam nuvens espessas;*"uma névoa subtil *pairava* acima dos pântanos." (Coelho Neto, *Treva*, p. 322); "*Paira* no silêncio do espaço a alma das gerações mortas." (Afonso Arinos,

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Ainda que a gente espalhada na terra, se recolheo com brevidade aos navios, houve detença com o de Ruy Diaz, que esteve ao largar quafi perdido em hũa rôcha, não arribando com o pano da proa, até lhe cortarem a amarra, que por descudo dos Officiaes, hia arrojando a ancora pelo fundo. Ao Galleão do Faleiro, rebentou outra, & não tendo outra talingada, foi preciso fazerse ao mar. Como estava nelle Manuel Freyre, que havia de acompanhar os ultimos navios, sem saber a occasião, vêdo-o á vella, a que já vinhão nove, com só o traquete, se pôz a caminho a Capitana, esperando os que lhe ficavão pela popa. Mas tanto que o Mestre de Campo mareou na volta da terra, para defamarrar os que ainda estavão furtos, ferrando outra véz o traquete, tornou a **pairar** com a mefena.*

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00_2496, p. 09].

Comentários: Todos os dicionaristas apontam pairar, também, como termo náutico. || Origem: provençal < latim.

Ficha 122

Palmejar, s. m. [T. Naut.] As
peças de madeira, que cin-
gem o navio de poppa à proa
por dentro.

Palmejar, s.m. (T.Naut.) As peças de madeira, que cingem o navio de poppa à proa por dentro.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** PALMEJAR. Bater as palmas. *Vid.* Palma da mão.

→**Moraes e Silva:** PALMEJÁR, s.m.t. de Naut. O *palmejar* são peças de madeira, que cingem o navio de poupa á proa por dentro, as quaes vão endentadas como a madeira da ligação, ou liames. *Hist. Naut.* I. f. 316. "no navio havia dous palmos de agua sobre o *palmejar*."

→**Laudelino Freire:** PALMEJAR, s.m. Prancha que reveste interiormente o arcabouço do navio.

→**Aurélio-** não consta.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Com exceção de Bluteau, todos os dicionaristas apontam *palmejar* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 123

PAL
Palomas, s. f. Cabos nas ver-
gas, onde se fixão as pontas
das ostagas.

Palomas, s. f. Cabos nas vergas, onde se fixão as pontas das ostagas.

→**Cunha:** paloma, sf. “(Náut.) cabo, corda’ 1813. Do it. meridional *paloma*, que corresponde a *paròma* em outras regiões || palomAR | *palonbar* XV || palomEIRA XV.

→**Bluteau:** PALOMAS. Termo de marinhagem. São hūs cabos, que estaõ nas vergas, onde se fazem fixas as pontas das ostagas.

→**Moraes e Silva:** PALOMAS, s.f. t. de Naut. Cabos, que estão nas vergas, onde se fazem fixas as pontas das ostagas.

→**Laudelino Freire:** PALOMAS, s.f. Cast. *paloma*. Espécie de cabo náutico.

→**Aurélio:** paloma [Do esp. *paloma*.] s. f. 1. Bras. Gír. Meretriz. 2. Ant. Pomba (1).

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Exceto Aurélio, todos os dicionaristas apontam *paloma* como termo náutico. || Origem: italiana.

Ficha 124

Palomba, s. f. *Entre Nauti-*
cos, Novello de mialhar.

Palomba, s.f. *Entre Nauticos*, Novello de mialhar.

→**Cunha:** palomba, sf. ‘(Náut.) cabo, corda’ 1813. Do it. meridional *paloma*, que corresponde a *paròma* em outras regiões. [...] *palonbar* XV [...]

→**Bluteau:** Não consta.

→**Moraes e Silva:** PALOMBA, s.f.t. de Naut. Cabos, que estão nas vergas, onde se fazem fixas as pontas das ortagas. | | Novelo de mealhar.

→**Laudelino Freire:** PALOMBA, s.f. Lat. *palumba*. Náut. 1. Corda da vela do estai. || 2. Fio grosso, com que se cose o cabo da tralha às orlas das velas, fazendo passar os pontos pelas côchas do mesmo cabo; fio de palomba. || 3. Novêlo de mealhar, de forma alongada || 4. Alça para içar no mastro a vêrga de uma vela latina.

→**Aurélio**→ palomba [Alter. de *paloma*.] s. f. Marinh. 1. Novelo de mialhar. 2. Espécie de ponto us. para coser as tralhas das velas, dos toldos, etc.; ponto de palomba.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Exceto Bluteau (que não apresenta o termo), todos os dicionaristas apontam *palomba* como termo náutico. || Origem: italiana.

Ficha 125

Patelha, s. f. (T. Naut.) O
couce do leme. Encaixa na
quilha no fundo do cadaste
sobre que joga o leme.

Patelha, s.f. (T. Naut.) O couce do leme. Encaixa na quilha no fundo do cadaste sobre que joga o leme.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** PATELHA, ou Patilha do leme, por outro nome Couce, he no fundo do cadafte hum encayxo na quilha, sobre que joga o leme.

→**Moraes e Silva:** PATÊLHA, s.f. t. de Naut. O couce do leme, e é no fundo do cadaste um encaixe na quilha, sobre que joga o leme.

→**Laudelino Freire:** PATELHA, s.f. Parte inferior do leme e a parte saliente da quilha, sôbre que êle se move.

→**Aurélio**→ não consta patelha. Patilha [Do esp. *patilla*, poss.] s. f. 1.Constr. Nav. Prolongamento da quilha para ré do cadaste, sobre o qual se apoia o pé da madre do leme, nas embarcações em que o leme tem de trabalhar afastado do cadaste (como, p. ex., nas de uma só hélice).

.....

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionaristas apontam *patelha/patilha* como termo náutico. || Origem: espanhola.

Ficha 126

<p>Pê, s. m. (com é aberto.) A parte do corpo, em que elle se sustenta. A parte da arvore chegada à raiz. A parte inferior, fallando do monte, do muro, de qualquer coisa. Medida igual a hum palmo e meio craveiro. Ao pé, junto, pegado. <i>Pê de pata</i>, O ferro que sustenta o varal da liteira. <i>Pê de vento</i>, Vento</p>	<p>repentino. <i>Pê de verso</i>, Certo número de syllabas. <i>Pê de exercito</i>, parte delle. <i>Pê de cabra</i>, Especie de alavanca fendida em hum dos extremos. <i>Pê de burro</i>, Marisco. <i>Pê de lebre</i>, Herva. <i>Pê de bezerro</i>, Herva. <i>Pê de gallinha</i>, Herva do Brasil. <i>Pê de carneiro</i>, [T. Naut.] páos perpendiculares da coberta até o porão, em que se sustenta a coberta.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[...] *Pê de carneiro*, [T. Naut.] Páos perpendiculares da coberta até o porão, em que se sustenta a coberta.

→**Cunha:** pé sm. ‘parte inferior da perna, que se articula com esta, assentado por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar’ | XIII, *pee* XIII | Do lat. *pes pēdis* [...].

→**Bluteau:** **Pés de carneyro.** Termo de navio. Saõ huns paos que estaõ perpendicularmente da cuberta ao porãõ, para sustentar a mesma cuberta. Os primeyros faõ os do porãõ, & ha outros entre pontes.

→**Moraes e Silva:** **Pes de carneiro**, t. de Naut. páos perpendiculares da coberta ao porão, para sustentar a coberta; e talvez tem môças, por onde os marujos descem.

→**Laudelino Freire:** **PÉ**, s.m. || T. Náut. A ponta da corda com que se vira a vela. **Pé de carneiro**, s.m. Náut. Pau, varão ou prumo de suporte.

→**Aurélio:** **pé-** [Do lat. *pede.*] [...] **pé de carneiro** [De *pé* + *de* + *carneiro.*] **Substantivo masculino.** 1. Constr. Nav. Qualquer peça ou parte da estrutura de uma embarcação que tenha forma de coluna. 2. Rolo pé de carneiro. [Pl.: *pés de carneiro.*]

.....

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta *pé-de-carneiro* como termo náutico.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *pé de carneiro* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 127

Pinçote, s. f. *Entre Nauticos*; pão pegado, á ponta da cana do leme para o governar. Tambem a bomba o tem.

Pinçote, s.f. *Entre nauticos*, pào pegado, á ponta da cana do leme para o governar. Também a bomba o tem.

→**Cunha: pinçote**, não consta.

→**Bluteau: PINÇOTE**. Termo de navio. He hum pao, que pega na ponta da cana do leme, & vem à cuberta da Timoneyra, por hũ bolinete, & serve para governar o leme.

→**Moraes e Silva: PINÇÓTE**, s.m.t. de Naut. Páo, que pega na ponta da cana do leme, e vem à coberta da timoneira por um molinete, e serve para governar o leme: há também *pinçote* da bomba. *H. Naut. Tom.3.*

→**Laudelino Freire: PINÇOTE**, s.m. Cast. *pinzote. Náut.1.* Alavanca de pau, na extremidade da cana do leme. || 2. Corda delgada, fixo por uma das extremidades à pena da vêrga, para amarrar a esta uma vela, quando fundeada a embarcação de velas latinas.

→**Aurélio** 1. Marinh. Nas canas do leme constituídas por duas peças ligadas em cotovelo, é aquela em que o timoneiro segura. [A outra é a *cana*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *pinçote* como termo náutico. || Origem: espanhola. || Origem: espanhola (Houaiss, 2001).

Ficha 128

PONTAL, s. m. Ponta de terra.
(T. Naut.) Altura do navio
da quilha até o convez.

Pontal, s.m. ponta de terra. (T. Naut.) Altura do navio da quilha até o convez.

→**Cunha:** *ponta sf.* ‘a parte ou o ponto em que alguma coisa termina, extremidade’ XIII. Do lat. *puncta -ae* ‘estocada’ [...] *pontAL*¹ sm ‘(Náut.) altura da embarcação entre a quilha e o convés principal’ XVI || *pontAL*² sm. ‘ponta de terra’ XVIII ||

→**Bluteau: PONTAL** (Termo de navio). He a altura que tem o navio da quilha até primeyra cuberta. *Navis altitudo à trabe.....* [...] Também em termos nauticos, Pontal para avante, & Pontal para a ré, he o que vay de altura de bordo da nao para a proa, & para a poppa entre as duas cubertas; chama-fe também *Pontal* o que vay de huma cuberta a outra; parece derivado do Francez, porque nos navios o que chamamos cuberta, os Francezes lhe chamão Ponte.

→**Moraes e Silva: PONTÁL**, s.m. Altura do navio desde a quilha até á primeira cuberta. *Cast. L.8.f.154.col.2* e *B.4.6.14. § it.* O que vai d’uma cuberta á outra. § *Pontal para a vante, ou para a ré*, é o que vai do bordo do navio para a pròda, ou para a popa. § Ponta de terra, que sai do mar: v.g. o pontal de *Cacilhas*.

→**Laudelino Freire: PONTAL**, s.m. De *ponta*. Altura da embarcação, entre a quilha e a primeira cuberta. || 2. Ponta de terra ou da penedia, que entra um pouco no mar, acima do nível da água.

→**Aurélio** → [1. Constr. Nav. Altura da embarcação entre a quilha e o convés principal. 2. Ponta de terra ou penedia que penetra um pouco no mar ou no rio. [...].

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *pontal* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 129

Ponte, s. f. Obra sobre arcos para passar rios. Algumas ha de barcas, e de madeira para fossos. A peça em que se volve a moenda no engenho de açucar. *Entre Nauticos*, a coberta do navio.

Ponte, s.f. Obra sobre arcos para passar rios. Algumas ha de barcas, e de madeira para fossos. A peça em que se volve a moenda no engenho de açucar. *Entre Nauticos*, a coberta do navio.

→**Cunha**: ponte sf ‘construção destinada a estabelecer a ligação entre duas margens opostas de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer’ XIII. Do lat. *pōns pontis* [...].

→**Bluteau**: Ponte. (Termo de navio.) Ponte corrida, he a cuberta do castello de Poppa até a proa. Ponte na orelha, he a cuberta do convez curva, para que com brevidade se defagoe o mar, que entrar nella. Não temos nomes proprios Latinos.

→**Moraes e Silva**: PÒNTE, s.f. t. de Naut. O mesmo que coberta do navio. *Cast. L.7.c.86. f.133. col.1. Amaral, c.2. Ponte*, nas galés, e navios obra feita para cima della se pelejar. B.3.4.7. lançar-lhe algumas panellas de pólvora sobre a ponte, que levava... forão queimar muitos Mouros, que vinhão debaixo: parece que era obra levadiça. Id. 2.3.5. *não com suas arrombadas com ponte, e redes. a sua não levava sobre a ponte tecida huma rede.* ibid.

→**Laudelino Freire**: PONTE, s.f. Lat. *pōns; pontem.* Mar. Coberta ou sobrado estabelecido em todo o comprimento do navio, seja para cobrir o porão e preservar as mercadorias, seja para dividir o navio em diversos andares como se divide uma casa de habitação. || 2. *Náut.* Pavimento acima da borda do navio, na direção de bombordo a estibordo, donde em viagem se dirige a manobra.

→**Aurélio**→ ponte [Do lat. *ponte.*] s. f. [...] 2.Ant. Constr. Nav. Cada uma das cobertas de um navio. Ponte de viés. 1. Lus. Ponte esconsa. Ponte esconsa. 1. Ponte (1) cuja direção é oblíqua à do curso de água que transpõe. [Sin., lus.: *ponte de viés.*] [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta como termo náutico.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *ponte* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 130

Porca, s. f. A femea do porco.

Pão, que atravessa os malhaes no lagar. A obra de madeira sobre o sino. *Entre Nauticos*, Nome de hum dos páos, que atravessão o carro da poppa, e vão acabar nos pés mancos. *Na atafona*, peça pregada na trave, com hum ferrão, onde anda o pião. Peça do parafuso, onde elle embebe as suas espiras. *Na impressão*, peça no someiro graude de cima, onde encaixa a arvore de ferro.

Porca, s. f. A femea do porco. Pão que atravessa os malhaes no lagar. A obra de madeira sobre o sino. *Entre Nauticos*, Nome de hum dos páos, que atravessão o carro da poppa, e vão

acabar nos pès mancos. *Na atafona*, peça pregada na trave, com hum ferrão, onde anda o pião. Peça dp parafuso, onde elle embebe as suas espiras. *Na impressão*, peça no someiro grande de cima, onde encaixa a arvore de ferro.

→**Cunha:porca**→ PORCO. porco, sm. ‘mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico’ XIII. Do lat. *pōrcus* -ī [...] porca¹ sf. ‘a fêmea do porco’ XIII || porca² sf. ‘peça em que se introduz o parafuso’ 1813. Segundo parece, a relação entre *porca*² e *porca*¹ decorre da semelhança que o órgão genital do porco apresenta com o parafuso

→**Bluteau**: Porcas. (Termo de Navio) Saõ hũs paos grossõs, que atrave fãõ o carro de poppa, & vãõ acabar em os pés mancos.

→**Moraes e Silva**: PÓRCAS, s.f.pl. páos grossos, que atravessão o carro da popa, e vãõ acabar nos pés mancos.

→**Laudelino Freire**: PORCA, s.f. Lat. porca. [...] 3. Pau do largar que atravessa os malhais. || Pau grosso que atravessa o carro da pôpa.

→**Aurélio**: Porca [Do lat. *porca*.] Substantivo feminino. Pequena peça de ferro, em geral sextavada ou quadrada, munida de furo em espiral que se atarraxa na extremidade de parafuso cilíndrico.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta como termo náutico.

.....
Comentários: Todos os dicionários apresentam *porca* como termo náutico, exceto Aurélio. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 131

.....
apresentar,
Proejar, v. n. Navegar com cer-
to rumo.
.....
Præmial De
.....

Proejar, v.n. Navegar com certo rumo.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: PROEJAR. (Termo Nautico.) Por a proa. vid. Proa. (Quem viffê huma não proejar contra hũa alta ferra. Epanaphor. De D. Franc. Man. pag.109)f

→**Moraes e Silva**: PROEJAR, v.n. Navegar para certo rumo: v.g. *uma nau proejando contra uma alta serra. Epanaforas.* § at. Buscar com a proa, demandar navegando. “*proejando* ao Oriente tantas vezes requestado.” “*proejarão* a uma calheta, quem com a cerração vararão, e escorrerão, até que a maré de todo lhes faltou.”

→**Laudelino Freire**: PROEJAR, v. intr. De *proa*. Aproar; dirigir-se; navegar em determinada direção.

→**Aurélio**: proejar [De *proa* + *-ejar*.] Verbo transitivo circunstancial. 1.P. us. Dirigir-se, navegar (em determinada direção); aproar: *O comandante proeja para nordeste;* “As galés de Castela sarparam, tenderam velas e demandaram a barra, proejando ao norte” (Antero de Figueiredo, *Leonor Teles*, p. 229). [Conjug.: v. *pelejar*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

.....
Comentários: Todos os dicionários apresentam *proejar* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

R

Ficha 132

Rabada, s. f. O rabo do peixe.
Antigamente trança para traz
cheia de laços de fitas (T.
nautico.) Parte da poppa,
onde está a camara de cima.

Rabada, s.f. o rabo do peixe. *Antigamente* trança para traz cheia de laços de fitas. (T. naut.) Parte da poppa, onde está a câmara de cima.

→**Cunha: rabada** → rabo. rabo, sm. ‘cauda’ ‘prolongamento da coluna vertebral de certos mamíferos’ XIII. || Do lat. *rāpum* -ī ‘nabo’[...] rabADA XVI [...]

→**Bluteau: RABADA**. Vid. Tomo 7. Vocabulário. Rabada, termo de navio. He o apofento da poppa no andar superior do navio por cima da camera, de modo, que dos tres andares, que ha na poppa, ao superior he que chamaõ Rabada, ao do meyo camera, e ao de baixo praça d’armas.

→**Moraes e Silva: RABÁDA**, s.f. *Do navio, galé. Couto, 10.10.5. poupa, onde está o leme.”poz-lhe a próa pela rabada.” Couto, 9.8.*

→**Laudelino Freire: RABADA**, s.f. De rabo. O mesmo que rabadela. || 2. Pôpa do navio.

→**Aurélio**→ rabada [De *rabo* + *-ada*¹.] s. f. 1. V. *rabadilha* (1). Rabadilha [De *rabada* + *-ilha*.] Substantivo feminino. 1. A parte posterior do corpo das aves, peixes e mamíferos; rabada, rabadela. 2. A porção do peixe que o pescador destina a seu próprio consumo em vez de vender; rabadela. Rabada 1. Rabo de boi, de porco ou de vitela, sem pele nem pelos, para uso na alimentação humana. 2. Cul. Iguaria preparada com rabada (2). 3. Rabicho (1). 4. Fig. O(s) último(s), numa corrida, fila, etc.; rabeira.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Embarcações de meia coberta, Botes, Igaritês, e Balças, ou Jangadas, que servem na conducção da quarta Partida Hespanhola, na fôrma que se apresentaram na Fronteira da Tabatinga em 7 de Março de 1781. CAPITAINA Maria Luiza, Barco de fôrma de meia coberta, de nove remos por banda, de um mastro, armada á redonda, remada de palamenta ou de remo pequeno ordinario. Tem uma formozza Camara, em que cabem vinte pessoas, seis por banda nos aposentos lateraes, e os mais na face da frente e fundos, tem um camarim á **rabada**, muito proprio para escrever, e outros exercicios privados, tudo muito bem asseiado, e pintado com seu cortinado de Damasco de lã carmezim; tem tres janellas por banda, e nove palmos de pé direito.*

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [n.d.], 2.^a PARTE: BAIXO RIO NEGRO - SUPLEMENTO À PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA [A00_2236, p.440].

Comentários: Exceto Aurélio (que não apresenta o termo), todos os dicionaristas apontam *rabada* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 133

Rabeca, s. f. Instrumento musico
de quatro cordas. (T. naut.) vela
que vai entre o mastro gran-
de, e o da poppa atravessada.
Enxergão pequeno de palha.

Rabeca, s.f. Instrumento musico de quatro cordas. (T. Naut.) vela que vai entre o mastro grande e a poppa atravessada. Enxergão pequeno de palha.

→**Cunha:** rabeça, sf. ‘designação antiquada do violino’ ‘utensílio de ferreiro, que serve para fazer girar a broca’ XVI. Do fr. *rebec*, deriv. do ant. fr. *rebebe* e, este, do ar. *rabāb* [...].

→**Bluteau:** RABECA, ou Rebeca. Pequeno instrumento mufico de cordas. Diriva fe do Arabico, *Rebab*, ou *Rebaba*, que no Lexicon Coptico, fegundo os Interpretes, he Lyra. Outros o derivão do Hebraico *Rebiac*, que fignifica o instrumento, a q os Latinos chamão Siftrum, outros finalmente o derivão de *Rebet*, que na linguagem Celtica, val o mefmo, que *Rebeca*. Confta a Rabeça de quatro cordas, & tange-fe com arco. Os feus fons agudos faõ muytos alegres, & defpertão o efpirito. O feo concerto he de quinta em quinta. Não temos em Latim palavra propria Latina: ferà preciso ufar das Comuas, como v.g. *Fides*, ium. Plur. Fem. ou *Fidis*, is. Fem. do qual ufa Columella no fingular, ou *Lyra*, ou *Cithara*, e Fem. *Barbitus*, de ordinario não fe acha, fenão em verfo. Não ferve acrescentar a *Fides*, nem a *Lyra*, *decumana*, nem *Primaria*; efte adjeçtivos não eftão aqui no feo lugar.

→**Moraes e Silva:** RABÉCA, s.f. Instrumento Musico de quatro cordas, que se ferem com hum arco de cerdas de cavallo.

→**Laudelino Freire:** RABECA, s.f. Ár. *rabeb*. Instrumento músico em forma de viola, com quatro cordas de tripa e de retrós, afinada em quintas (sol, ré, lá, mi) de que tiram os sons por meio de um arco guarnecido de crinas e prèviamente passadas pela resina; violino. || 2. Náut. Uma das velas latinas que servem para estais.

→**Aurélio**→rabeça [Do ár. *rabāb*, pelo fr. ant. *rebec* ou pelo provenç. ant. *rebec*.] Substantivo feminino. 1.Designação antiquada do violino. [F. paral.: *rebeca*; var.: *arrabeca*.] 2.Utensílio de ferreiro, que serve para fazer girar a broca; sanfona. 3.Lus. V. *fancho*. 4.Bras. Espécie de violino, com quatro cordas de tripa e sonoridade fanhosa, que se toca apoiando-o na altura do coração ou no ombro esquerdo, mas sempre com a voluta para baixo.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Somente Laudelino Freire apresenta *rabeça* como termo náutico. || Origem: francesa.

Ficha 134

Resbordo, s. m. (T. naut.) O segundo solho do navio, e o lugar onde elle se dobra mais.

Resbordo, s.m. (T. Naut.) O segundo solho do navio, e o lugar onde elle se dobra mais. Rescaldar. Escaldar muito.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** RESBORDO. Derivafe do Francez *Ribord*, que he a fegunda ordem de taboas, ou o fegundo folho do navio, & como cotovelo delle, ou o lugar onde mais fe dobra. (na costura da taboa do *Resbordo*. Britto, viagem do Brafil, pag. 86.)

→**Moraes e Silva:** RESBÓRDO, s.m. Naut. O segundo solho do navio, e como cotovelo delle, ou o lugar onde mais se dobra *Brito, Viag.* “na costura da taboa do *resbordo*.” (*rebord* em Francez he borda resaltada.)

→**Laudelino Freire:** RESBORDO, s.m. De *res* + *bordo*. Náut. Abertura feita no costado de alguns navios, na altura da primeira coberta, para carga e descarga de carvão ou de pequenos artigos. || 2. Abertura na amurada, para dar lugar à bôca do canhão.

→ **Aurélio**→Resbordo Substantivo masculino. Constr. Nav. 1. A primeira fiada de chapas (ou de tábuas, nas embarcações de madeira) do forro exterior do casco, de um e de outro lado da quilha. 2. Cisbordo. Cisbordo (ó). [De *cis*-¹ + *bordo*.] Substantivo masculino. 1. Ant. Constr. Nav. Grande abertura, com porta, no costado de certos navios, à altura de um pavimento, para embarque ou desembarque de objetos pesados ou de grandes dimensões; resbordo.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Recorrião os altos os Calafates, defaparelhavão as vergas os Marinheiros: não feçando as bombas, nem os baldes. Cõ que vencido o trabalho, ficou lêsto o navio, & estanque de hũa bãda, para crenar sobre ella em a manhã seguinte, que se tomou a agoa na costura da taboa de resbordo.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496, p. 17].

Comentários: Todos os dicionários apresentam *resbordo* como termo náutico. || Origem: francesa.

Ficha 135

Rumo, s. m. A linha, que denota hum dos ventos na agulha de marear. A direcção, que leva o navio. Palmo, e polegada d'agua, *entre os náuticos*. Fig. Maneira de proceder. A *rumo*, em boa ordem, em termos de ter bom effeito.

Rumo, s.m. A linha, que denota hum dos ventos na agulha de marear. A direcção, que leva o navio. (T. Naut.) Palmo, e polegada d'agua entre os nauticos. Fig. Maneira de proceder. A *rumo*, em boa ordem, em termos de ter boa effeito.

→**Cunha:** rumo sm. '(Náut.) cada uma das direcções marcadas na rosa-dos-ventos' 'caminho, direcção, vereda' | *rrumo* XV | Do cast. *rumbo*, deriv. do lat. *rhombus* e, este, do gr. *rhómbos* || rumAR 1844.

→**Bluteau:** Rumo na Rosa Nautica. *Index venti linea, ... Fem.* (O numero dos graos, & suas medidas, segundo diferentes *Rumos*. Vieyra, tom.10 pag.263.) *Vid.* Rosa.

→**Moraes e Silva:** RÚMO, s.m. Na rosa Nautica, a linha que denota hum dos 32 ventos. § A direcção que leva a proa do Navio por hum dos 32 rumos. § t. Naut. i. é, palmo, e polegada de agua, de sorte que seis rumos, ou palmos destes fazem sete ordinarios: v.g. *tem esta quilha tantos rumos.*" pegado (o monstro marinho) na quilha do galeão, por todo o comprimento delle, sendo de *vinte e hum rumos*, que são certo e cinco palmos." B.3.4.7. (por esta conta cada rumo são cinco palmos.) *ult. Ediç.: Tom.3. P.I p.462.*

→**Laudelino Freire:** RUMO, s.m. Ingl. *rhumb*. Cada uma das trinta e duas divisões ou linhas da rosa dos ventos, que representam as trinta e duas direcções marítimas adotadas pelos náuticos. || 2. Direcção do navio por estes rumos. || 3. Direcção, orientação, caminho. || 4. Antiga medida náutica que equivalia pouco mais ou menos a cinco palmos. || 5. Método, ordem de proceder, norma.

→**Aurélio:** rumo [Do esp. *rumbo*.] s. m. 1. Náut. Cada uma das direcções marcadas na rosa dos ventos. 2. Náut. Direcção do movimento da embarcação, quando se está navegando. 3. Náut. Ângulo que a direcção para onde aponta a proa da embarcação faz com a direcção do norte verdadeiro (*rumo verdadeiro*), ou com a direcção do norte magnético (*rumo magnético*), ou, ainda, com a direcção do norte da agulha (*rumo da agulha*). [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Segunda-feira, 30 dias do mês de Janeiro, tomei o sol e estava na altura do cabo de Sant' Agostinho e íamo-lo a demandar pelo rumo de loeste.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 38].

Comentários: Todos os dicionários apresentam *rumo* como termo náutico. || Origem: castelhana.

S

Ficha 136

Salamear, v. n. (T. naut.) Fazer celeuma. Cantar alternadamente.

Salamear, v.a. (T. Naut.) Fazer celeuma. Cantar alternadamente.

→**Cunha**: não consta.

→**Bluteau**: SALAMEAR. Termo de Marinheyro. Fazer a Saloma, ou Salema. *Vid.* Salema. *Vid.* Fayna. SALEMA. Vozaria de Marinheyros. He derivado da palavra Grego-Latina *Celeuma*. *Vid.* Fayna. (As *Salemas* ordinarias dos Marinheyros se fazem com taes vozes, que não faõ ouvidas muytas vezes. Britto, Viagẽ do Brafil, pag. 278.)

→**Moraes e Silva**: SALAMEÁR, v.n. Naut. Levantar, ou cantar a *celeuma*. *Cast.* 2.80 escreve *çalamear* “sem as naos apitarem, nem *çalamearem*, por não serem sentidos dos Rumes.” B.3.8.4. “homens do mar, que *çalameão*, para hum tempo pòrem toda a força.

CELEUMA, s.f. A vozeria, que faz a gente do mar, quando trabalha. *Cam.Lus.II.25.* A celeuma *medonha se levanta No rumo marinho, que trabalha.*

→**Laudelino Freire**: não consta.

→**Aurélio**: não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: somente Bluteau e Moraes e Silva apontam *salamear* como termo náutico. Os demais autores não citam o termo. || Origem: árabe (Sousa & Moura, 1830).

Ficha 137

Salema, s. f. Na Turquia, cortesia feita com certas palavras, em que entra a palavra Zalemaq. Nome de hum peixe. Entre nauticos, celeuma.

Salema, s.f. *Na Turquia*, cortesia feita com certas palavras, em que entra a palavra Zalemaq. Nome de um peixe. (T. Naut.) *Entre os nauticos* celeuma.

Celeuma, s.f. gritaria da gente do mar, quando trabalha.

→**Cunha**: salema, sf. ‘peixe teleósteo, percomorfo, da família dos pomadasídeos, da costa atlântica’ 1874. De etimologia obscura. [...] celeuma, sf. ‘vozeria, barulho, algazarra’ 1572. Do lat. *celeuma*, deriv. do gr. *kéleuma* ‘ordem’ ‘canto’ ‘grito’.

→**Bluteau**: SALEMA. Vozaria de Marinheyros. He derivado da palavra Grego-Latina *Celeuma*. *Vid.* Fayna. (As *Salemas* ordinarias dos Marinheyros se fazem com taes vozes, que não faõ ouvidas muytas vezes. Britto, Viagẽ do Brafil, pag. 278.)

→**Moraes e Silva**: SALÈMA, s.f. V. *Celeuma* naut.§ t. Turquesco, cortezia acompanhada de certas palavras, entre as quaes vem Zalemaq. *Barros*: “que fosse a Corte do Badur a lhe fazer a *salemea*.” CELEUMA, s.f. A vozeria, que faz a gente do mar, quando trabalha. *Cam.Lus.II.25.* A celeuma *medonha se levanta No rumo marinho, que trabalha.*

→**Laudelino Freire**: SALEMA, s.f. Ár. calam., s.f. Náut. O mesmo que celeuma. CELEUMA, s.f. Lat. *celeuma*. Vozeria de homens que trabalham juntos. || 2. Barulho, algazarra. || 3. Canto ou vozes de barqueiros; cantiga rude que entoia o marinho para estimular o trabalho. || 4. Alarma.

→**Aurélio**: não consta.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Exceto Aurélio (que não cita o termo), todos os demais dicionaristas apontam *salema* como termo náutico. || Origem: obscura.

Ficha 138

Sapatilhos, s. m. *Entre nauticos*, Ferros redondos, em que pegão as poas.

Sapatilhos, s.m. (T. Naut.) *Entre nauticos* Ferros redondos, em que se pegão as poas.

→**Cunha:** não consta sapatilhos, consta sapato. sapato, sm. ‘calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé’ | XVI, ça- XIII | De origem duvidosa, talvez do turco *çabata* || sapatA XVI [...] *sapatilho* 1873.

→**Bluteau:** SAPATILHOS. Termo de navio. São huns ferros redondos, em que prégão as poas, por fê não cortar a bolina; o mesmo tem a esteyra da vela, em q os brióis pégão. *Vid.* Sapato de ferro.

→**Moraes e Silva:** SAPATÍLHOS, s.m.pl. Naut. Ferros redondos, em que se pegão as poas, por se não cortar a bolina; há outros na esteira da vela, em que os brioes pégão.

→**Laudelino Freire:** SAPATILHO, s.m. De *sapato* + *ilho*. *Náut.* Aro de ferro forrado de chapas com meia cana na parte exterior e que serve para se aguentar nos punhos das velas, nos chicotes dos cabos, onde se introduzem os gatos, etc.

→**Aurélio:** sapatilho [De *sapato* + *-ilho*.] s. m. 1. A primeira folha seca arrancada da cana-de-açúcar, quando se limpa esta. 2. Marinh. Aro metálico, circular ou oval, geralmente de ferro zincado, com a periferia goivada, usado como berço e proteção às mãos [v. *mão* (19)], que se faz em cabos, sobretudo nos cabos de arame.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionaristas apresentam *sapatilhos* como termo náutico. || Origem: duvidosa (*turco).

Ficha 139

Sarpar, v. a. (T. naut.) Levantar.

Sarpar, v.a. (T. naut.) Levantar.

→**Cunha:** não consta sarpar, consta zarpar. zarpar, vb. ‘levantar âncora, fazer-se ao mar, partir’ XVII. Do cast. zarpar, deriv. do a. it. *sarpate* (hoje *salpare*), deriv. do lat. tard. **exharpate* e, este, do gr. *exharpázō*.

→**Bluteau:** SARPAP. Termo Nautico. He tomado do Italiano *Salpare*, ou *Sarpate*, que val o mesmo que Levantar ferro. *Solvere ... portu, ou solvere navem. Cic. C.... Vid.* Levantar. (foy tão furiosã a tempestade, que sobreveyo a estas duas galés, Sarpando entre hũas Ilhas. Vieyr.tom.5.pag. 326.) (Poucos dias antes que *Sarpaffe* a Armada. Jacintho Freyre, liv.4 § 83.)

→**Moraes e Silva:** SARPÁR, v.n. naut. Levantar, v.g. sarpar *a ancora*.

→**Laudelino Freire:** SARPAP, v.r.v. Cast. *zarpar*. O mesmo que *zarpar*: “*Sarpou* a corveta.” (Latino Coelho). ZARPAP, v.r.v. Cast. *zarpar*. Náut. O mesmo que *sarpar* (tr. dir.). || 2. Lus. Enganar, abusar da boa fé de, em proveito próprio (tr. dir.). || 3. Fugir, partir (intr.).

→**Aurélio:** Sarpar Verbo intransitivo. Verbo transitivo circunstancial. 1. Desus. V. *zarpar*: “As galés de Castela, havia meses ancoradas no Tejo, sarparam, tenderam velas e demandaram a barra” (Antero de Figueiredo, *Leonor Teles*, p. 229). Zarpar-[Do gr. *exharpázēin*, ‘levantar (âncora)’, pelo lat. **exharpate* e pelo it. ant. *sarpate*, atual *salpare*.] Verbo intransitivo. Verbo

transitivo circunstancial. 1. Levantar âncora; fazer-se ao mar; partir: "Quantas vezes em pequeno, ao contemplar o oceano, e ao ver os navios que zarpavam barra afora, senti o impulso ardente de Sindbad o Marítimo" (Sousa Bandeira, *Evocações e Outros Escritos*, p. 56). [Var. (ant.): *sarpar*.] 2. Bras. V. *fugir* (1 e 2). 3. Bras. Ir; partir.

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*E vendo o inimigo que todas as capitánias estavam juntas e tão perto d'elles, nos deitaram aquella nojte ás 10 horas 3 navios de fogo : um ficou sentado na arêa, que não pôde sahir, e os 2 sahiram, mas quiz Deos que vimos vir uma vela, e entendendo que fugiam, começámos todos a **sarpar** [...].*

desconhecido (1885) [1625], RELAÇÃO VERDADEIRA DE TODO O SUCCEDIDO NA RESTAURAÇÃO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, DESDE O DIA EM QUE PARTIRAM AS ARMADAS DE S. M. ATÉ O EM QUE EM A DITA CIDADE FORAM ARVORADOS SEUS ESTANDARDES, ETC [A00_0700, P. 512].

Comentários: Todos os dicionaristas apresentam *sarpar* como termo náutico. || Origem: espanhola < francesa.

Ficha 140

Sejar, V. Ciar, (T. naut.)

Sejar, V. Ciar, (T. Naut.).

→ **Cunha: sejar**, não consta.

→ **Bluteau:** Não consta.

→ **Moraes e Silva:** SEJAR, v. at. Ceiar, remar o navio de sorte que o faça voltar para hum lado, remando os remeiros de hum lado para vogarem á vante, e outros para traz, *Vieira*. "saber vogar quando se há de ir a diante, e *sejar* quando se há de dar volta."

→ **Laudelino Freire:** não consta.

→ **Aurélio:** não consta sejar, consta *ciar*¹ [Do esp. *ciar*, poss.] Verbo intransitivo. 1. Remar para trás. 2. P. ext. Mover-se para trás. [Cf. *siar* e *cear*.]

→ **Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Somente Moraes apresenta *sejar* como termo que remete ao universo náutico. Aurélio apresenta *ciar* e não *sejar*. Origem: não encontrada.

Ficha 141

Siar, v. a. V. Ciar (T. naut.)
Na Volateria, Cerrar a ave as azas em aferrando a relè, para baixar com ella mais depressa.

Siar, v.a. Ciar (T. Naut.) *Na Volateria, Cerrar a ave as azas em aferrando a relè, para baixar com ella mais depressa.*

→ **Cunha:** *siar*, vb. 'fechar (as azas), para descer mais depressa' XVIII. De origem obscura.

→ **Bluteau:** SIAR, ou CIAR. Termo de alta volateria. Siar as azas, na autoridade, que fe fegue, parece quer dizer. Fechar a ave as azas para cahir. (Eu vi hum Açor, afferrado a hũa Abetarda, dependurar-se à terra, & *Siar* as azas, para a fazer vir ao chão. *Arte da Caça*, pag.28)

→ **Moraes e Silva:** SIÁR, v.at.de *Volater*. Siar a ave as azas, he cerralas depois de afferrar a relé, para cair com ella mais depressa. § V. *Ceiar, e Ceivoga*.

→ **Laudelino Freire:** SIAR, v.tr. dir. fechar (as azas) para descer mais rapidamente.

→**Aurélio:** Siar Verbo transitivo direto. 1.Fechar (as asas), para descer mais depressa.[Cf. *ciar* e *cear*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Nenhum dos dicionários apresenta *siar* como termo náutico. || Origem: obscura.

Ficha 142

Sirgideiras, s. f. plur. *Entre nauticos, corda para atracar a enxarcia.*

Sirgideiras, s.f. plur. (T. Naut.) *Entre nauticos*, corda para atracar a enxarcia.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** SIRGIDEIRAS. (Termo de navio.) Cordas para atracar a enxárcia. São huns cabos com huns moutões pequenos, que fervem de apertar de huns ouvens a outros. Ha mais outras Sirgideyras, por bayxo das gaveas, que fervem do mesmo. Não temos palavra propria Latina.

→**Moraes e Silva:** SIRGIDEIRAS, s.f. naut. pl. Cordas para atracar a enxarcia.

→**Laudelino Freire:** SIRGIDEIRAS, s.f. De *sirgir* + *deira*. Corda própria para enxárcia. || 2. O mesmo que *serzideira*.

→**Aurélio:** não consta.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Bluteau, Moraes e Silva e Laudelino Freire apontam *sirgideiras* como termo náutico. || Origem: não encontrada.

Ficha 143

Sobrecevadeira, s. f. (T. naut.)
A vela, que fica sobre a cevadeira.

Sobrecevadeira, s.f. (T. Naut.) A vela, que fica sobre a cevadeira.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** SOBRECEVADEIRA. Véla pequena, que se põem sobre outra a que chamaõ *Cevadeyra*. Vid. *Cevadeyra*. (Largue hũ galhardete na *Sobrecevadeyra*. CEVADEIRA. Vela pequena, que se põem na proa. *Proclinati ad proram mali velum*.

→**Moraes e Silva:** SOBRECEVADÈIRA, s.f. Naut. vela pequena.

→**Laudelino Freire:** SOBRECEVADEIRA, s.f. De sôbre + cevadeira. Náut. Pequena vela de navio, sôbre a cevadeira. CEVADEIRA, s. f. de cevar + deira. *Náut.* Pequena vela, suspensa de uma vêrga, que atravessa horizontalmente o gurupês.

→**Aurélio:** não consta sobrecevadeira. 1- Cevadeira [De *cevada* + *-eira*.] s.f. [...] 2.Marinh. Ant. Verga de cevadeira. 3.Marinh. Ant. Vela quadrangular que envergava na verga do mesmo nome, por baixo do gurupês. [Cf. *sevadeira*.] [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionaristas apontam *sobrecevadeira* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 144

Sobregata, s. f. Entre nauticos, Vela, que fica sobre a gata.

Sobregata, s.f. (T. Naut.) *Entre nauticos*, Vela, que fica sobre a gata.

→**Cunha**: sobregata, não consta.

→**Bluteau**: Não consta. GATA.[...]Gata, nos navios he a vela de cima da mezena.

→**Moraes e Silva**: não consta. Consta GÁTA, s.f. Femea do gato.§ t. de Náutico Vela de cima da mezena.

→**Laudelino Freire**: SOBREGATA, s.f. De *sobre* + *gata*. Náut. 1. Segunda vela do mastro de mezena. || 2. Vêrga correspondente a essa vela.

→**Aurélio**: 1- Sobregata [De *sobr(e)*- + *gata*.] s. f. 1.Marinh. O joanete do mastro da gata.[...]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq**: não consta.

Comentários: Laudelino Freire e Aurélio apresentam o termo *sobregata*. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 145

Socairo, s. m. Cabo, amarra. Ao socairo, ao abrigo. Em seguimento. Para traz. Entre Nauticos, A ré, pela poppa do navio.

Socairo, s.m. Cabo, amarra. *Ao socairo*, ao abrigo. Em seguimento. Para traz. (T. Naut.) *Entre nauticos*, A ré, pela poppa do navio.

→**Cunha**: socairo¹, sm. '(Marinh.) parte de um cabo' XVI. Do cat. *socaire* 'o que estica uma corda', com influência de Cairo.

→**Bluteau**: SOCAIRO. Ao Socayro. Termo Nautico, antiquado. Val o mefmo que ao longo. Ir ao focayro da Fortaleza, com barco, ou navio. *Arcem vel nave legere*, ou *radere*. (Outras fultas, que estavão ao *Socairo* da Fortaleza. Barros 4. Dec. pag.650.) (Se abrigou com a Armada de remo, ao Socairo da não, & do Galeaõ. Lemos, Cercos de Malaca 15. verf.). A ré, pela poppa do navio.

→**Moraes e Silva**: SOCÁIRO, s.m. (composto de *so*, ou *sob* e *cairo* no fig. por amarra).§ Amarra de pòpa, *Castan. L.3.f.66*. "os que levavão a toa soltarão com medo o *socairo*, e a não dera a costa se outros não acodissem a tomar o *socairo*."§ *Ao socairo*, i.é., à ré, por detraz da poppa do navio. Lemos, Cerco de Malaca. Fig. *ao socairo da fortaleza*; i.é., emparado com ella, por traz della. *Barros. ir ao socairo de alguem*; i.é., seguindo-o. § Póde-se derivar talvez da palavra Irlandeza *socair*, que significa em posto abrigado do vento. (*Bullet, Memoires surla Langue Cellique, Tom.2 artigo soucair.*) *P.Per. L.I.f.133*. "retirar-se ao *socairo* de huma ponta de ilha, ou recife;" para detraz della. §

→**Laudelino Freire**: SOCAIRO, s.m. Náut. O cabo que vai sobejando e se vai colhendo quando se ala qualquer braço, tirador, etc.; o cabo de ala e larga que vai saindo do cabrestante. Pela popa do navio. || 2. Correia cujas pontas se prendem aos canzés dos carros e que serve para ajudar a sustê-los nas descidas.

→**Aurélio**: socairo¹ [Do cat. *socaire*.] Substantivo masculino.1.Marinh. A parte de um cabo que, depois de dar volta a um cabrestante, guincho, cabeça, etc., é aguentada à mão, para ir sendo colhida ou largada segundo as necessidades da manobra. Pela popa do navio se faz a ré. 2.Marinh. A parte de um cabo que está com volta em um cabeça ou noutra peça fixa. 3.Correia ou corda com que se sustêm carros nas descidas.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Do porto de Olinda á ponta de Pero Cavarim são quatro leguas. Da ponta de Pero Cavarim ao rio de Jaboatão é uma legua, em o qual entram barcos. Do rio de Jaboatão ao Cabo Santo Agostinho são quatro leguas, o qual cabo está em oito grãos e meio. Ao socairo d'este cabo da banda do norte podem surgir náos grandes quando cumprir, onde tem boa abrigada. Do Cabo até Pernambuco corre-se a costa norte sul.

GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *ROTEIRO GERAL COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A COSTA DO BRASIL (PRIMEIRA PARTE - PROEMIO)* [A00_0176, p. 30].

Comentários: Todos os dicionários apresentam *socairo* como termo náutico. || Origem: castelhana.

Ficha 146

Sumeas, s. f. plur *Entre nau-
ticos*, as taboas, com que se
repara o leme.

Sumeas, s.f. plu. (T. Naut.) As taboas, com que se repara o leme.

→**Cunha:** não constam Ximeas e Sumeas. Chúmeas, sf.pl. 'peças de madeira com que se consertam os mastros estalados' | 1873, *chúmbeas* 1813 | Provavelmente do ár. *jāma'á*; na var. *chúmbeas*, deve ter havido influência de CHUMBO.

→**Bluteau:** SUMEAS de leme, ou mafto.

→**Moraes e Silva:** SUMEAS, s.f. pl. Naut. Taboas com que o leme se refaz, e repara. *B.Per.*

→**Laudelino Freire:** SÚMEAS, s.f. pl. Naut.. Peças de madeira com que se conserta ou fortifica o leme. CHÚMEAS, s.f.pl. *Náut.* Peçaço de madeira cavada em uma das faces que se aplica ao longo de um mastro, de uma verga, etc, para reforçá-lo por meio de braçadeiras de ferro ou de arreataduras.

→**Aurélio:** Sumeas Substantivo feminino plural. 1.V. *chúmeas*. Chúmeas [Do ár. *ا(t)*, da raiz *ا*, 'juntar', 'agrupar']. Substantivo feminino plural. 1.Mar. Peças de madeira com que se consertam os mastros estalados. [Var.: *chúmbeas*, *súmeas*.]

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *sumeas* como termo náutico. || Origem: árabe.

T

Ficha 147

Tamborete, s. m. Cadeira rasa.
Tamborettes (entre Nauticos)
são as peças, que fechão os
mastros na coberta de cima.

Tamborete, s.m. Cadeira rasa. *Tamborettes* (entre Nauticos) são as peças, que fechão os mastros na coberta de cima.

→**Cunha:** **tambor** sm. '(Mús.) instrumento de percussão' | XV, *atanbor* XIII, *atambor* XIV | Do ar. *attanbûr* || **tamborETE** sm. '(Marinh.) orig. peça de madeira que arremata o mastro na coberta de cima' XVI; 'ext. banquetá' XVIII.

→**Bluteau: Tamborettes.** (Termo de navio) faõ huns paos, & taboas, que fechão o mastro na cuberta de cima, & levaõ dous paos, a que antigamente chamavão Pofquetes, & hoje *Enoras*, para atochar o mastro.

→**Moraes e Silva: TAMBORETES**, são peças de taboas, que fechão o mastro na coberta de cima, e levão dois páos ditos antigamente *posquetes*, e hoje *enoras* de atochar o mastro. Couto, 6.9.21. “cortou-lhe o masto pelos *tamborettes*.”

→**Laudelino Freire: Tamborettes**, s. m. pl. Náut. Conjunto de peças destinadas a garantir a segurança e verticalidade dos mastros, e a impedir que as águas se infiltrem por êsse conduto.

→**Aurélio: tamborete** (ê). [Do fr. *tabouret*, com infl. de *tambor*.]. Não consta como termo náutico.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Indo assi correndo com gram fol. 5 mar, deu a nao ùa guinada e, em preparando de ló, nos arreventou o masto do traquete pelos **tamborettes**, de que sentimos muita fortuna, e amainámos a vela e fomos correndo ao som do mar, até que foi de dia.*

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 33].

Comentários: Somente o dicionário Aurélio não apresenta *tamborete* como termo náutico. ||
Origem: francesa < árabe.

Ficha 148

si tremulo.
Trinca, s. f. *Entre nauticos*,
voltas de hum cabo que se
faz fixo no talhamar do gu-
rupes. *No jogo da garatuza*,
tres cartas do mesmo valor.

Trinca, s.f. *Entre nauticos*, voltas de hum cabo que se faz fixo no talhamar do gurupes. No jogo da garatuza, tres cartas do mesmo valor.

→**Cunha:** Trincar, vb. ‘apertar, comprimir’ ‘cortar com os dentes’ ‘comer, mastigar’ XVI. De origem incerta; talvez alteração do a. fr. *tringler*, *tingler* ‘unir as tábuas de uma embarcação’, deriv. do a. escandinavo *tengja* ‘unir, atar’. || trinca² sf. ‘cabo náutico’ XVI || trinca³ sf. ‘arranhão, dentada’ XX || trincos sm. ‘tranqueta com que se trancam portas’ XVI. Dev. de *trincar*. || Três num. ‘3, III’ Do lat. *trēs* || Do lat. *trēcēntos* || trinca¹ sf. ‘reunião de três coisas semelhantes’ XVI.

→**Bluteau: TRINCA.** (Termo de navio) Trinças, faõ as que atracão o gurupés, & vem a fazer fixo ao talhamar. Pór a nao à trinca, ou porfê à trinca. (Se puzerão à *Trinca*. Barros, 4. Dec.pag. 45.) (Por consêlho do Piloto payrou à *Trinca*. Lucena, Vida de Xavier, 67.)

→**Moraes e Silva: TRÍNCA**, s.f. Naut. *Trinças do goropés*, são voltas de hum cabo, que o vem fazer fixo no talhamar. § *Pòr a nau á trinca*, ou *pòr-se a trinca*, *pairar á trinca*; i.é, à capa com a proa ao vento, e as velas levantadas. Couto, 4.3.1. ‘se pozerão à *trinca*, batendo-a rijamente.” *Amaral* c.9. “pozerão-se os inimigos à *trinca* para concertarem o galeão, ou lançar ferro.” V.F. *Mend. c.6r. princip.* § Na garatuza, trinca, são 3 cartas do mesmo valor.

→**Laudelino Freire: TRINCA**, s.f. Esp. *Trinca. Mar.* Volta de cabo para fixar alguma peça do navio.

→**Aurélio:** trinca³ [Do esp. *trinca*.] s. f. 1.Constr. Nav. Corrente ou cabo forte que prende o gurupés ao beque.

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

*Fazendo nèvoa taõ **espeffa** que se não vejão os navios, toquem os tambores; **desparem** a espaços algũs **mosquetes**; & **figuaõ** o caminho, que antes levava a Capitana. Se ella durando a nèvoa, **quifer** virar, **tirará huã **peffa****, & os Galleoës do comboy farão o **mesmo**, em carregando*

o leme, antes de darem por davante. Pondoſe à **trinca**, tirar à duas peſas juntas, a que reſponderão tambem com duas os navios de guerra.

FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496, p. 55].

Comentários: Todos os dicionários apresentam *trinca* como termo náutico. || Origem: incerta.

Ficha 149

Troça, s, f, *Entre nauticos*, cabo com que se segurão as antenas nos mastros,

Troça, s.f. (T. Naut.) *Entre nauticos*, Cabo com que se segurão as antenas nos mastros.

→**Cunha:** [...] De origem obscura. || troça sf. ‘zombaria’ 1881. Dev. de *troçar* [...].

→**Bluteau:** não consta.

→**Moraes e Silva:** TRÓÇA, s.f. Cabo com que as antenas se segurão no mastro.

→**Laudelino Freire:** TROÇA, s.f. Mar. Cabo que segura as antenas no mastro.

→**Aurélio:** troça [Dev. de *troçar*.] s. f.1.V. *zombaria*. 2.V. *graça* (6). 3.Bras. Pândega, farra. 4.Bras. Vida devassa.5.Pop. Ajuntamento (de pessoas); multidão.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Somente Moraes e Silva e Laudelino Freire apresentam *troça* como termo náutico. || Origem: obscura.

V

Ficha 150

Vela, s. f. O panno do navio,
que se abre ao vento para o
fazer navegar. Rolo de cera,
espermacete, ou cebo com pa-
vio para alumiar. Sentinella,
vigia Fig. Embarcação.

Vela, s.f. (T. Naut.) *Entre nauticos*, O panno do navio, que se abre ao vento para o fazer navegar. Rolo de cera, espermacete, ou cebo com pavio para alumiar. Sentinella, vigia .Fig. Embarcação.

→**Cunha:** [...] Do lat. *vēlum* | VEIRO adj. sm. ‘diz-se de, ou navio que anda à vela’

→**Bluteau:** Vela de navio. Panno grande, que preſo nas vergas, & aberto, recebe o vento, & faz andar o navio. Velum, i. Neut. Cic. A vela meſtra, ou a vela do maſto Grande. *Velum fummi mali maximum cation*, que alguns Autores de Diccionarios põesm neste lugar, não ſe acha em Autores Latinos, & Roberto Elteves mostra que até no Grego não eſtã ce a ſignificação deſta palavra neste ſentido. [...].

→**Moraes e Silva:** s.f. *Vela do navio*, o panno de treu que se abre ao vento, e ſerve para impellir o navio, communicando o impulso do vento aos mastros[...].

→**Laudelino Freire:** s.f. Lat. *velum*. Náut. Pano largo de linho ou de outro qualquer tecido que se deſfralda ao longo dos mastros ou das vergas para receber a ação do vento em virtude da qual é impelida a embarcação. || 2. Embarcação movido por um conjunto deſſes panos. [...].

→**Aurélio:** vela¹ [Do lat. *vela*, pl. de *velu*, 'véu'.] s.f. 1. Marinh. Peça de lona ou de brim destinada a, recebendo o sopro do vento, impelir embarcações ou movimentar moinhos. [Sin., no sing. ou no pl.: *pano*.] [...].

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:**

Sábado, 10 dias do dito mês, às quatro horas depois de meo-dia, surgimos no porto da ilha da Gomeira. Em terra tomei o sol em 28 graos e um quarto. Ali correemos o leme. {29-A00_0078.txt,.N} 3.ª feira, 13 de Dezembro, no quarto de alva, nos fizemos à vela com vento nordeste; fazíamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste. 4.ª feira, 14 do dito mês, ao meo-dia, tomei o sol em 26 graos e um quarto.

PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078, p. 29].

Comentários: Todos os dicionários apresentam *vela* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

Ficha 151

Vergueiro, s. m. Cabo de pào das talhadeiras dos ferreiros. *Entre nauticos*, Cabo dobrado no laiz com huns moutões, que com huma volta em torno

da pega grande finca os moutões no 'à do' gavea. Peçaço de cabo com huma alça em cada chicote, que serve no estaes para algumas manobras. Cadêa de ferro, que anda em hum arganêo do leme, com hum pedaço de cabo grosso, com que se atraca o leme, quando se quebra a cana delle.

Vergueiro, s.m. cabo de pào das talhadeiras dos ferreiros. (T. Naut.) *Entre nauticos*, Cabo dobrado no laiz com huns moutões, que com huma volta em torno da pega grande finca os moutões no 'à do' gavea. Peçaço de cabo com huma alça em cada chicote, que serve no estaes para algumas manobras. Cadêa de ferro, que anda em hum arganêo do leme, com hum pedaço de cabo grosso, com que se atraca o leme, quando se quebra a cana delle.

→**Cunha:** verga, sf. 'vara flexível | XIII, *virga* XIII | Do lat. *virga* [...] | **vergueIRO** sm. 'vergasta' 1813.

→**Bluteau:** Não consta.

→**Moraes e Silva:** VERGUEIRO, s.m. Cabo de pào, em cujo extremo os ferreiros cravão as suas talhadeiras.

→**Laudelino Freire:** VERGUEIRO, s.m. De *vêrga* + *eiro*. Vergasta, verdasca, vara. || 2. Cabo de pau que se crava nas talheiras, rompedeiras e palmetas para não se magoarem as mãos dos que trabalham com estes instrumentos. Vergueiro da Peça, s.m. *Náut.* Cabo grosso enfiado nos olhais das falcas. Vergueiros do Leme, s.m. pl. *Náut.* Cabos grossos ou cadeias de ferro que prendem o leme pelos arganêus do safão. Vergueiros do Pano, s.m. pl. *Náut.* Cabos prolongados com as vêrgas e encapelados nos laises.

→**Aurélio:** vergueiro [De *verga* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.V. *verdasca*. 2.Cabo de madeira em alguns utensílios de ferreiro. 3.Constr. Nav. Corrente ou cabo de arame que se enfia nos balaústres da borda para resguardo da tripulação. 4.Constr. Nav. Cabo de arame que

se enfia nos ferros de sustentação do toldo, ou vergalhão preso ao longo de uma antepara ou verga, e no qual se amarram os fiéis do toldo ou do pano.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: Moraes e Silva, Laudelino Freire e Aurélio apresentam *vergueiro* como termo náutico. || Origem: portuguesa < latina.

X

Ficha 152

Xaretas, s. f. pl. *Entre Nauticos*, redes de cordas á borda do navio para tolher a entrada ao inimigo

Xaretas, s.f..pl. (T. Naut.) *Entre nauticos*, redes de cordas á borda do navio para tolher a entrada ao inimigo.

→**Cunha:** xaretas, sf. 'ant. rede com que se cobria a tolda e o convés das naus e galeões de guerra' XVII. Do ár. vulg. *šarīta* 'corda, cinta' [...].

→**Bluteau:** XÂRETA. *Vid.* Enxarcia. (Pegados às Xaretas do bordo alto. Oriente conquistado, part. 2.493.) Deriva-fê do Francez *Charette*, que quer dizer *Carro*. [...].

→**Moraes e Silva:** XARÊTAS, s.f. Naut. Redes de corda, que acompanhão o bordo do navio para impedir a entrada ao inimigo. *Amaral.4.*

→**Laudelino Freire:** XARETA, s.f. Ar. *xarita*. Rêde com que se impede a abordagem de um navio. || 2. Rêde de pescar.

→**Aurélio:** xareta (ê). [Do ár. *U (t)*, 'cordel'.]Substantivo feminino.1.Ant. Mar. G. Rede com que se cobriam a tolda e o convés das naus e galeões de guerra, por ocasião dos combates, para dificultar aos assaltantes a entrada a bordo, nas abordagens.2.Redde de pescar.

→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta como termo náutico.

Comentários: Todos os dicionários apresentam *xareta* como termo náutico. || Origem: árabe.

Ficha 153

Ximeas, s. f. plur. (T. naut.)
v. Sumeas.

Ximeas, s.f. plur. (T.Naut.) v. Sumeas.

Sumeas, s.f. plu. (T. Naut.) As taboas, com que se repara o leme.

→**Cunha:** não constam Ximeas e Sumeas. Chúmeas, sf.pl. 'peças de madeira com que se consertam os mastros estalados' | 1873, *chúmbeas* 1813 | Provavelmente do ár. *jāma'ā*; na var. *chúmbeas*, deve ter havido influência de CHUMBO.

→**Bluteau:** XIMEA. Coufa de navio.(Necessitava a Capitania de Ximeas nos maftos. Britto, viagem do Brafil, 160)

→**Moraes e Silva:** XIMEA, s.f. V. *Sumea*. T. Naut. SUMEAS, s.f. pl. Naut. Taboas com que o leme se refaz, e repara. *B.Per.*

→**Laudelino Freire:** não consta.

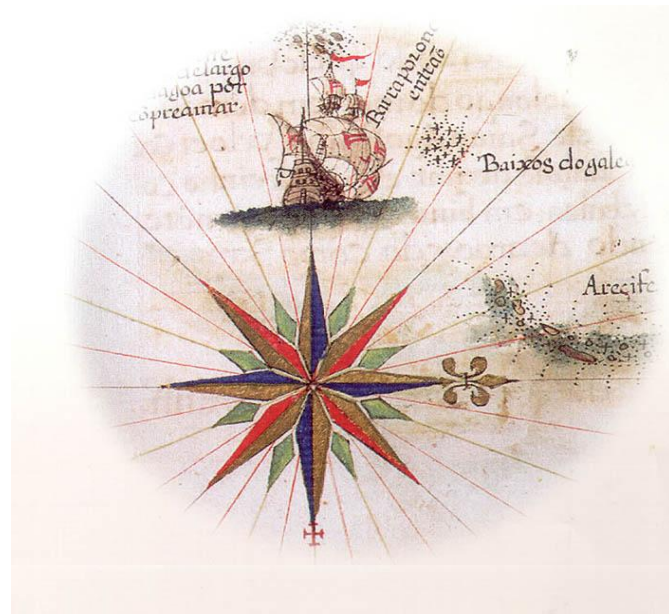
→**Aurélio:** Não constam Ximeas e Sumeas. Chúmeas [Do ár. *I a(t)*, da raiz *I*, 'juntar', 'agrupar'.]Substantivo feminino plural. 1.Mar. Peças de madeira com que se consertam os mastros estalados. [Var.: *chúmbeas*, *súmeas*, *ximeas*.]

.....
→**Banco de dados do Projeto DHPB/CNPq:** não consta.

Comentários: De todos os dicionários consultados, só Laudelino Freire não lista esse lexema. Os demais dicionaristas classificam o termo como náutico ou marítimo. || Origem: duvidosa (*árabe).

Após selecionar os termos náuticos, constituímos 153 fichas lexicográficas, elaboradas juntamente a consultas em 5 dicionários e, ainda, a 1 Banco de Dados, referente ao português brasileiro da época do Brasil Colônia. Passemos, no próximo capítulo à análise dos dados.

Capítulo 5



Capítulo 5 – Análise e discussão dos dados

Após selecionarmos os termos náuticos, presentes no *Diccionario de Lingua Brasileira*, preencheremos as 153 fichas lexicográficas – elaboradas junto à pesquisa em cinco dicionários e em um banco de dados de língua portuguesa do Projeto DHPB, composto de textos escritos nos séculos XVI, XVII e XVIII – acompanhadas de abonações, classificações gramaticais e comentários, passemos à análise quantitativa e discussão dos resultados.

5.1. Quanto à classificação gramatical dos termos

Conforme já relatado, organizamos um *corpus* de unidades lexicais do domínio da terminologia náutica, com 153 termos, constituído de 117 substantivos, 3 adjetivos, 32 verbos e 1 advérbio que são entradas no *Diccionario de Lingua Brasileira*, editado por Luiz Maria da Silva Pinto, na cidade de Ouro Preto, em 1832. Os substantivos se destacam com 76,47% de dados; os adjetivos, por sua vez, totalizam 1,96% dessas entradas, os verbos 20,92% e o advérbio com 0,65% de nossos dados terminológicos. Abaixo, apresentamos, em tabela, a distribuição conforme a classificação morfológica dos dados analisados.

TABELA 1
Classificação morfológica dos dados analisados

Classe Gramatical	Número de unidades lexicais	Percentual
Substantivo	117	76,47%
Adjetivo	003	1,96%
Verbo	032	20,92%
Advérbio	001	0,65%
TOTAL	153	100,00%

Destacam-se, a seguir, as unidades léxicas, classificadas como:

- ✓ Substantivos → *aba, abotoadora, açafão, alcaxas, aldroke, alforje, almeida, amura, amurada, anrique, arruelas, avencadura, barcolas, barquilha, bastardo, beque, bigotas, bolinete, bombordo, botalos, braço, braga, bragueiro, brandaes, briol, buçardas, burra, cabresto, cacholas, calabre, calabrote, calafeto, calcez, calma, calmaria, carlinga, carregadeiras, cevadeira, chapeleta, chapiteo, chaveta, cheleira, cifa, cinta, clara, colhedores, contrapunho, cordas, cossouro, costa, cunho, curva, curvatório, cutelo, driça, embono, embornal, encalamiento, enfrechadura, enora, envergues, escoa, escoteira, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribos, estrinca,*

garrucha, gávea, gio, guinada, lais, leme, leva, liame, linguete, maçame, madre, majarrona, malaquetas, michelos, molhelha, moucarrões, nabo, orthodomia, ostaes, ostagas, palomas, palomba, patelha, pinçote, pontal, ponte, porca, rabada, rabeca, resbordo, rumo, salema, sapatilho, sirgideiras, sobrecevadeira, sobregata, socairo, sumeas, trinca, troça, vela, vergueiro, xaretas, ximea, pé, dormentes, tamboretas, estribordo.

- ✓ Adjetivos → *banzeiro, escatelado, náutico.*
- ✓ Verbos → *abroquelar, agarruchar, alestar, arfar, arriar, barbear, bracear, canjar, ciar-se, cifar, cruzar, desaferrar, desancorar, descahir, dobrar, embonar, encapelar, encodar-se, envergar, escacear, escorrer, ferrar, folgar, guinar, içar, pairar, palmejar, proejar, salamear, sarpar, sejar, siar.*
- ✓ Advérbio → *d'avante.*

5.2. Quanto à forma e o gênero dos termos náuticos do DLB

Em se tratando dos 117 substantivos, o gênero masculino se sobressai com 55 ocorrências, o que corresponde a 47% dos dados presentes em nosso *corpus*. O gênero feminino aparece com 53% dos dados, somando 62 ocorrências.

Todas as 3 unidades léxicas, cujas classificações morfológicas indicam adjetivos, apresentam-se no gênero masculino, correspondendo a 1,96% dos dados presentes em nosso *corpus*.

Tanto os substantivos quanto os adjetivos só ocorreram em sua forma simples. A quantificação total dos dados quanto ao gênero é destacada na TABELA 2, apresentada a seguir:

TABELA 2
Classificação do gênero dos dados analisados

Classe Gramatical	Masculino	Feminino
Substantivo	55 (47%)	62 (53%)
Adjetivo	03 (1,96%)	-----

5.3. Quanto ao número de unidades lexicais presentes em obras de referência

Verificamos que 152, das 153 unidades lexicais se encontram dicionarizadas em pelo menos uma das obras escolhidas como base de referência neste trabalho, embora parte delas não tenha a marca terminológica “termo náutico”. A fim de termos ideia do número de vocábulos que constam em cada um dos cinco dicionários pesquisados e, ainda, consultando o número de ocorrências no banco de dados do Projeto DHPB, fizemos um levantamento quantitativo que é apresentado no gráfico a seguir:

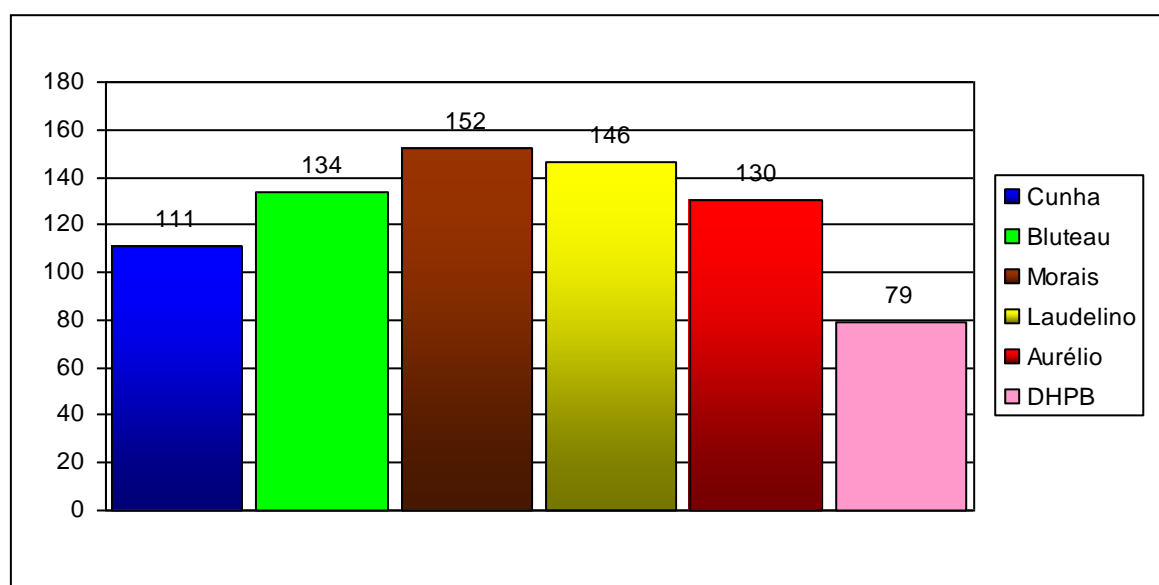


GRÁFICO 1 :Número de unidades lexicais encontradas em cada dicionário e no banco de dados

O GRÁFICO 1 mostra, em números absolutos, quantas unidades lexicais entre as 153 dicionarizadas constam em cada dicionário: a) a barra azul mostra que 111 vocábulos foram encontrados no Dicionário Etimológico de Antônio Geraldo da Cunha, o que corresponde a 72,54% dos 153 vocábulos dicionarizados; b) o dicionário de Raphael de Bluteau, representado em barra verde, corresponde a 134 unidades lexicais entre aquelas dicionarizadas, o que representa 87,58% desse total; c) Antônio de Moraes e Silva, representado pela barra marrom, é aquele que mais apresenta em suas páginas unidades lexicais constantes do grupo das dicionarizadas, com 152 unidades lexicais o que representa 99,34% do total de vocábulos; d) o dicionário de Laudelino Freire, representado pela barra amarela, apresenta 146 unidades lexicais o que corresponde a 95,42% do total analisado; e) o dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, apontado no gráfico pela barra de cor vermelha, apresenta 130 unidades lexicais entre aquelas dicionarizadas, o que representa um percentual de 84,96%. Por último, após exaustiva consulta ao Banco de Dados do Projeto

DHPB, verificamos a presença de 79 unidades léxicas (51,63%), correspondentes às aquelas selecionadas em nosso *corpus* para esta pesquisa.

No quadro que apresentamos abaixo, podemos identificar quais são as unidades lexicais presentes em cada dicionário e, também, no Banco de Dados do Projeto DHPB.

TABELA 3
Quadro comparativo dos termos náuticos³⁹

Bluteau	Moraes e Silva	Laudelino	Aurélio	DHPB
aba	aba	aba	aba	aba
abotoadura	abotoadura	abotoadura	abotoadura	abotoadura
..	abroquelar	abroquelar	abroquelar	abroquelar
açafrão	açafrão	açafrão	açafrão	açafrão
agarrochar	agarruchar	agarrochar	agarruchar	agarruchar
alcaxas	alcaxas	alcaxas
aldrope	aldrópe	aldrope	aldrope	..
..	alestar	alestar	alestar	..
alforge	alforge	alforge	alforge	alforge
almeida	almeida	almeida	almeida	almeida
amùra	amura	amura	amura	..
amuradas	amuráda	amurada	amurada	amurada
anrique	anríque	anrique	anrique	..
arfar	arfar	arfar	arfar	arfar
arriar	arriar	arriar	arriar	arriar
arruelas	arruéllas	arruela	arruela	arruela
avencadura	avencadura	avencadura	..	avencadura
banzeiro	banzèiro	banzeiro	banzeiro	banzeiro
barbear	barbéar	barbear	barbear	barbear
barcolas	barcólas	barcolas
..	barquilha	barquilha
bastardos	bastárdo	bastardo	bastardo	bastardo
beque	beque	beque	beque	beque
bigota	bigótas	bigotas	bigota	..
bolinete	bolinète	bolinete	bolinete	bolinete
bombordo	bombordo	bombordo	bombordo	bombordo
botalos	botalós	botalós	botaló	..
..	bracéar	bracear	bracear	..
braga	braga	braga	braga	braga
bragueiro	bragueiro	bragueiro	bragueiro	..
brandaes	brandaes	brandal	brandal	brandaes
brioes	briões	briol	briol	..
buçardas	buçardas
burra	búrra	burra	burra	..

³⁹ Salientamos que os termos destacados em negrito são encontrados nos dicionários mencionados, porém não apresentam acepção náutica ou não nos remetem ao universo marítimo. Os espaços em branco representam ausência da unidade lexical no dicionário e no DHPB.

cabresto	cabrèsto	cabrestos	cabresto	cabresto
cachóla	cachòla	cachola	cachola	..
calabre	calábre	calabre	calabre	calabres
calabrote	calabróte	calabrote	calabrote	calabrotos
calafeto	calafêto	calafeto	calafeto	calafeto
calcêz	calcèz	calcês	calcês	..
calma	cálma	calma	calma	calma
calmaria	calmaria	calmaria	calmaria	calmaria
..	canjár	canjar
carlinga	carlinga	carlinga	carlinga	..
carregadeiras	carregadeiras	carregadeira	carregadeira	..
cevadeira	cevadèira	cevadeira	cevadeira	cevadeira
chapeleta	chapeleta	chapeleta	chapeleta	..
chapiteo	chapiteo	chapidéu	..	chapidéu
chaveta	chavèta	chavêta	chaveta	chavetas
..	cheleira	cheleira
ciar	ciar-se	ciar	ciar	ciar
..	cifa	cifa	cifa	..
cifar	cifár	cifar
cintas	cinta	cintas	cinta	..
clara	clara	clara	clara	..
colhedôres	colhedores	colhedores	colhedor	..
contrapunho	contrapúnho	contrapunho	contrapunho	..
cordas	cordas	corda	corda	cordas
cossouros	cossòuros	cossouro	cossouro	..
costa	cósta	costa	costa	costa
cruzar	cruzar	cruzar	cruzar	cruzar
cunhos	cunhos	cunhos	cunho	..
curva	cúrvas	curva	curva	curvas
curvatação	curvatação	curvatação	curvatação	..
cutelos	cùtelos	cutelos	cutelo	..
davante	davante	d'avante
desaferrar	desaferrar	desaferrar	desaferrar	desaferrar
desancorar	desancorár	desancorar	desancorar	..
descahir	descahir	descair	descair	descahir
dobrar	dobrár	dobrar	dobrar	dobrar
dormentes	dormèntes	dormente	dormente	dormentes
driça	driça	driça	driça	driças
embôno	embòno	embono	embono	..
embornal	embornàl	embornal	embornal	embornaes
encalamentos	encalamentos	encalamento
encapellar	encapellár	encapelar	encapelar	encapelar
..	encodár-se	encodár-se
enfrechadura	enfrechadura	enfrechadura	enfrechadura	..
enoras	enòras	enora	enora	..
..	envergar	envergar	envergar	envergar
envergues	envérgues	envergues	envergues	

escacear	escacear	escassear	escassear	escacear
escatelado	escateládo	escatelado	escatelar/ado	..
escoas	escòas	escoa	escoa	escoas
escorrer	escorrer	escorrer	escorrer	escorrer
escoteiras	escoteira	escoteira	escoteira	escoteira
escotilha	escotilha	escotilha	escotilha	escotilha
escouves	escouves	escouves	escouvem	..
estibordo	estibordo	estibordo	estibordo	estibordo
estiva	estiva	estiva	estiva	estiva
estribos	estribos	estribo	estribo	estribo
..	estribòrdo	estribordo
..	estrinca	estrinca
ferrar	ferrar	ferrar	ferrar	ferrar
folgar	folgar	folgar	folgar	folgar
garrucha	garrúcha	garruchas	garrocha	..
gávea	gávea	gávea	gávea	gávea
gio	gio	gio	gio	..
guinada	guinada	guinada	guinada	guinada
guinar	guinar	guinar	guinar	guinar
içar	içar	içar	içar	içar
lais	láis	lais	lais	lais
leme	leme	leme	leme	leme
leva	leva	leva	leva	..
liame	liame	liame	liame	liame
linguete	linguete	linguete	lingueta	..
maçame	maçame	maçame
madre	madre	madre	madre	..
..	majarrona	majarrona	majarrona	..
malaquetas	malaqueta	malaqueta
..	michèlos	micheles
molhelha	molhelha	molhelhas	molhelha	..
..	moucarrões	moucarrões	moucarrão	..
nabo	nabo	nabo	nabo	..
náutico	náutico	náutico	náutico	náutico
orthodromia	orthodomia	..	ortodromia	..
ostais	ostáes	ostaes	ostaes	..
ostagas	ostágas	ostaga	ostaga	ostagas
pairar	pairár	pairar	pairar	pairar
palmejar	palmejar	palmejar
palomas	palomas	palomas	paloma	..
..	palomba	palomba	palomba	..
patelha	patêlha	patelha	patelha	..
pinçote	pinçote	pinçote	pinçote	..
pontal	pontal	pontal	pontal	pontal
ponte	ponte	ponte	ponte	ponte
porca	porca	porca	porca	porca
proejar	proejar	proejar	proejar	..

rabada	rabada	rabada	rabada	rabada
rabeca	rabeca	rabeca	rabeca	rabeca
resbordo	resbordo	resbordo	resbordo	resbordo
rumo	rumo	rumo	rumo	rumo
salamear	salamear
salema	salema	salema
sapatilhos	sapatilhos	sapatilhos	sapatilhos	..
sarpar	sarpár	zarpar	sarpar	sarpar
..	sejar
siar	siar	siar	siar	..
sirgideiras	sirgideiras	sirgideiras
sobrecevideira	sobrecevideira	sobrecevideira
..	..	sobregata	sobregata	..
socairo	socairo	socairo	socairo	socairo
sumeas	súmeas	súmeas	sumeas	..
trinca	trinca	trinca	trinca	trinca
..	tróça	troça	troça	..
vela	vela	vela	vela	vela
..	verguèiro	vergueiro	vergueiro	..
xâreta	xarêtas	xareta	xareta	xareta
ximea	ximea	..	ximea	..
braço	braço	braço	braço	..
pé	pé	pé	pé	pé
tamboretas	tamboretas	tamboretas	tamboretas	tamboretas
embonar	embonár	embonar	embonar	..

5.4. Descrição e Comparação de dados

Das unidades lexicais referentes aos termos náuticos que compõem nosso *corpus*, encontramos correspondentes em vários dicionários, como já salientamos em 5.1. Dessas, apresentamos, em número, no gráfico seguinte, as que se destacam como termo náutico:

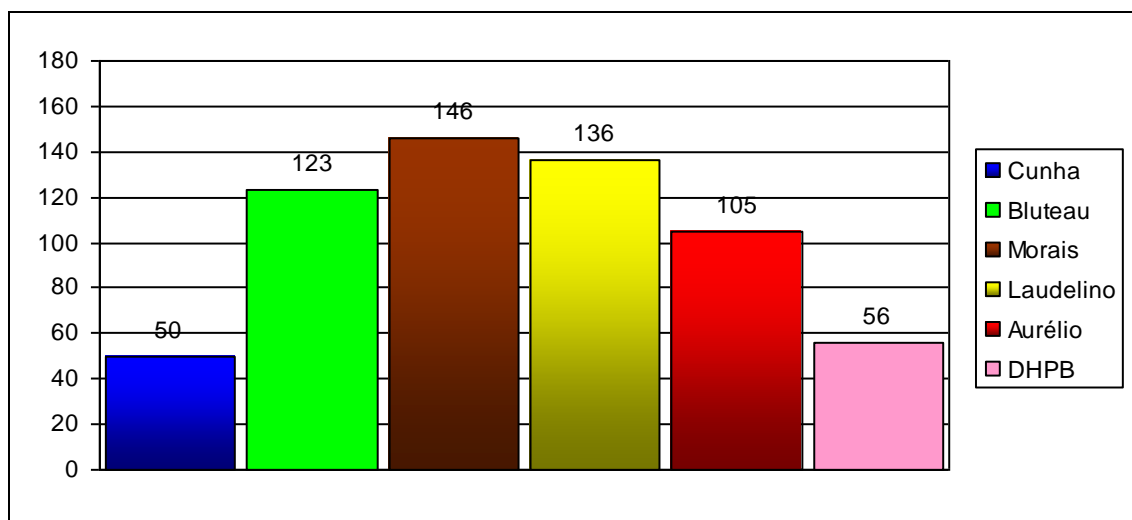


GRÁFICO 2: Número de unidades lexicais destacadas como termo náutico

a) Dos 153 termos que constituem nosso *corpus*, o *Dicionário Etimológico* de Cunha registra 50 unidades léxicas como termo náutico, correspondendo a 32,67%: *aldrope, almeida, amura, amurada, beque, barcola, bigota, bolinete, bombordo, brandal, briol, calabre, calabrote, calcês, calma, calmaria, carlinga, ciar, desancorar, dormente, embornal, escatelado, escoa, escoteira, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribordo, gávea, gio, lais, leme, majarrona, náutico, ostaes, ostaga, paloma, palomba, pontal, ponte, rumo, zarpar, socairo, sumeas, trinca, vela, xaretas, pé, tamborete.*

b) O dicionário de Bluteau registra 123 dos termos náuticos constantes no *Diccionario da Língua Brasileira*, o que corresponde a 80,39%, a saber: *abotoadura, açafração, alcaxas, aldrope, almeida, amura, amuradas, anrique, arfar, arriar, arruelas, avencadura, banzeiro, barbear, barcolas, bastardos, beque, bigota, bolinete, bombordo, botalos, braços, braga, bragueiro, brandaes, brioies, buçardas, burra, cabresto, cacholas, calabre, calabrote, calcez, calma, calmaria, carlinga, carregadeiras, cevadeira, chapeleta, chapiteo, chaveta, cifar, cintas, clara, colhedores, contrapunho, cordas, cossouros, costa, cruzar, cunhos, curva, curvatório, cutelos, davante, desaferrar, desancorar, descair, dobrar, dormentes, driça, embonar, embono, embornal, encalamientos, encapelar, enfrechadura, enoras, envergues,*

escacear, escatelado, escoas, escorrer, escoteiras, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribos, ferrar, gávea, gio, guinada, guinar, içar, lais, leme, leva, liame, linguete, maçame, madre, malaquetas, nabo, náutico, orthodromia, ostais, ostagas, pairar, palomas, patelha, pinçote, pontal, ponte, porca, proejar, rabada, resbordo, rumo, salamear, salema, sapatilho, sarpar, sirgideiras, sobrecevadeira, socairo, suemas, trinca, vela, xareta, ximea, pé, tamboretas.

c) Encontramos 146 unidades léxicas, comuns ao nosso *corpus*, dicionarizadas como termos náuticos na obra de Moraes e Silva, correspondendo a 95,42%: *abotoadura, açafirão, agarruchar, alcaxas, aldroke, alestar, almeida, amura, amurada, anrique, arfar, arriar, arruelas, avencadura, banzeiro, barbear, barcolas, barquilha, bastardo, beque, bigotas, bolinete, bombordo, botalos, bracear, braço, braga, bragueiro, brandaes, briões, buçardas, burra, cabresto, cacholas, calabre, calabrote, calafeto, calcez, calma, calmaria, canjar, carlinga, carregadeiras, cevadeira, chapeleta, chapiteo, chaveta, cheleira, ciar-se, cifa, cifar, cinta, clara, colhedores, contrapunho, cordas, cossouros, costa, cruzar, cunhos, curvas, curvatão, cutelo, davante, desaferrar, desancorar, descair, dobrar, dormentes, driça, embonar, embono, embornal, encalamentos, encapelar, encodar-se, enfrechadura, enora, envergar, envergues, escassear, escatelado, escoas, escorrer, escoteira, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribos, estribordo, estrinca, ferrar, folgar, garrucha, gávea, gio, guinada, guinar, içar, lais, leme, leva, liame, linguete, maçame, madre, majarrona, malaqueta, michelos, moucarrões, nabo, náutico, orthodromia, ostas, ostagas, pairar, palmejar, palomas, palomba, patelha, pinçote, pontal, ponte, porca, proejar, rabada, resbordo, rumo, salamear, salema, sapatilho, sarpar, sejar, sirgideiras, sobrecevadeira, socairo, sumeas, trinca, troça, vela, vergueiro, xaretas, ximea, pé, tamboretas.*

d) Entre as 153 unidades, o dicionário de Laudelino Freire contabiliza 136 termos náuticos, o que corresponde a 88,88%: *abotoaduras, abroquelar, açafirão, agarruchar, alcaxas, aldroke, alforjes, almeida, amura, amurada, anrique, arfar, arrear, arruela, avencadura, banzeiro, barcolas, barquilha, bastardo, beque, bigotas, bolinete, bombordo, botalos, bracear, braço, braga, bragueiro, brandal, briol, burra, cabrestos, cachola, calabre, calabrote, calafeto, calcez, calma, calmaria, carlinga, carregadeira, cevadeira, chapeleta, chapitéu, chaveta, cheleira, ciar, cifar, cintas, clara, colhedores, contrapunho, cossouro, costa, cruzar, cunho, curvas, curvatão, cutelos, desaferrar, desancorar, descair, dobrar, dormente, driça, embonar, embono, encalamiento, encapelar, encodar-se, enfrechadura, enora, envergar, envergues, escassear, escatelado, escoas, escorrer, escoteira, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribo, estribordo, estrinca, ferrar, garruchas, gávea, gio, guinada, guinar, içar, lais, leme,*

leva, liame, madre, majarrona, malaqueta, michelos, molhelhas, moucarrões, nabo, náutico, ostaes, ostaga, pairar, palmejar, palomas, palomba, patelha, pinçote, pontal, ponte, porca, proejar, rabada, rabeca, resbordo, rumo, salema, sapatilho, sarpar, sirgideiras, sobrecevideira, sobregata, socairo, sumeas, trinca, troça, vela, vergueiro, xareta, pé, tamboretas.

e) Dos 153 termos que constituem nosso *corpus*, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* registra 105 unidades léxicas como termo náutico, correspondendo a 68,62% dos dados: *abotoaduras, aldroke, almeida, amura, amurada, anrique, arfar, arriar, banzeiro, barbear, bastardo, beque, bigota, bolinete, bombordo, botaló, bracear, braço, braga, brandal, briol, burro, cabresto, calabre, calabrote, calcês, calma, calmaria, carlinga, carregadeira, cevadeira, chapeleta, chaveta, ciar, cinta, clara, colhedor, contrapunho, corda, costa, cruzar, cunho, curva, curvatão, cutelo, desancorar, descair, dobrar, dormente, driça, embonar, embono, embornal, encapelar, enfrechadura, enora, envergar, envergues, escatelado, escoa, escoteira, escotilha, escouves, estibordo, estiva, estribo, ferrar, garrocha, gávea, gio, guinada, guinar, içar, lais, leme, leva, linguete, madre, majarrona, molhelha, nabo, ortodromia, ostaes, ostaga, pairar, palomba, patelha, pinçote, pontal, ponte, proejar, resbordo, rumo, sapatilho, sarpar, sobregata, socairo, sumeas, trinca, vela, vergueiro, xareta, ximea, pé, tamboretas.*

f) O Banco de Dados do *Projeto Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII, XVIII* registra 56 unidades léxicas (36,6%), com significado que remetem ao mundo da navegação: *amuradas, arfar, arriar, arruela, avencadura, banzeiro, barbear, beque, bombordo, brandaes, cabresto, calabrês, calabrotas, calafeto, calma, calmarias, cevadeira, chapiteo, chavetas, cordas, ciar, costa, cruzar, curvas, d'avante, descahir, dobrar, dormentes, driças, embornaes, encapelar, escacear, escoas, escotilha, estibordo, estiva, ferrar, gávea, guinada, guinar, içar, lais, leme, liames, maçame, náutico, ostagas, pairar, rabada, resbordo, rumo, sarpar, socairo, vela, tamboretas, trinca.*

5.5. Sobre a marca de uso “termo náutico”

5.5.1. Variação no *Diccionario de Lingua Brasileira*

As unidades do *corpus* em análise são marcadas como: (*t. naut.*), 117 ocorrências, correspondendo a 76,5% dos dados; (*entre náuticos*), 21 ocorrências, ou 13,8% dos dados; (*t. náutico*), 9 ocorrências, contabilizando 5,9%; (*t. nau*), 1 ocorrência, o que corresponde a 0,6%

do total dos dados analisados. Contabilizamos, ainda, 5 unidades lexicais, ou 3,2%, que não recebem marcas de uso, mas vemos, pela definição que são termos náuticos, a saber: *palomas*, *barquilha*, *proejar*, *náutico*, *vela*.

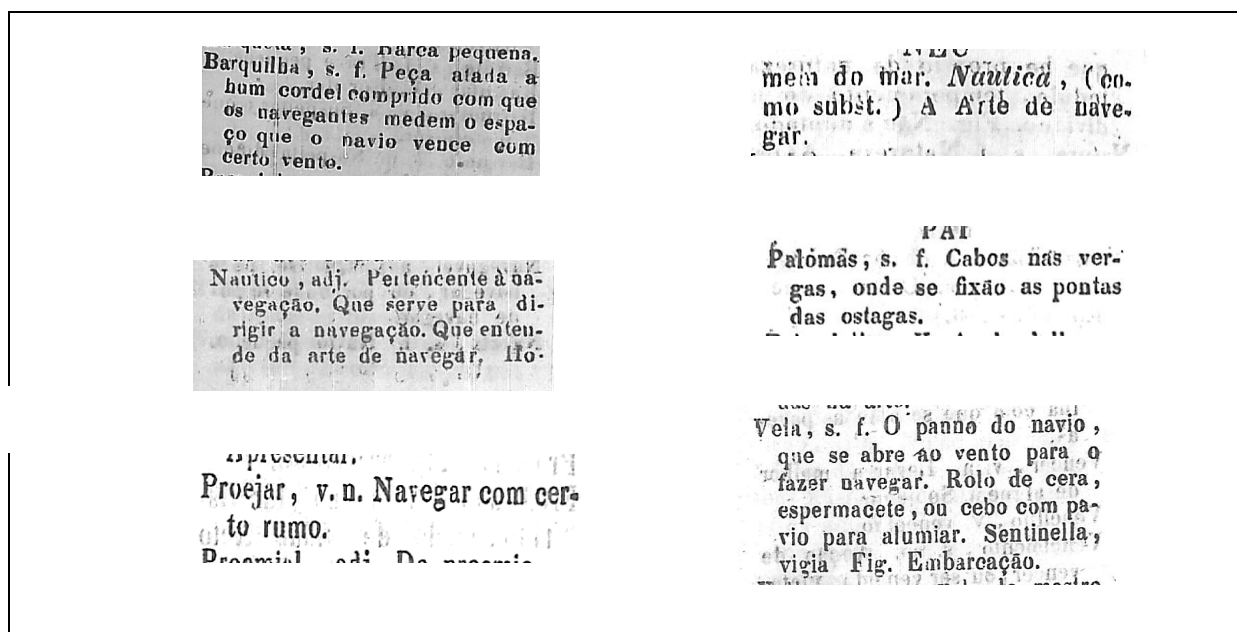


IMAGEM 9: Unidades lexicais não marcadas como termo náutico

5.5.2. Variação em outros dicionários

Completada a verificação da marca terminológica no *Diccionario de Lingua Brasileira*, resolvemos observar a terminologia náutica adotada nos outros dicionários utilizados nesta pesquisa como referência. As unidades do *corpus* são marcadas nessas obras como: i) em Bluteau → *termo de navegantes*, *termo de navio*, *termo de marinhagem*, *termo náutico*, *termo de barqueiros*; ii) em Moraes e Silva → *termo de náutica*, *na náutica*, *termo náutico*, *entre os nautas*, *entre barqueiros*; iii) em Laudelino Freire → *termo da náutica*, *termo de navegação*, *termo de navegação fluvial*, *termo da marata ou marinha*; iv) em Aurélio → *termo da marinha* (23 termos), *termo da marinhagem* (60 termos), *termo náutico* (01 termo), *termo de construção naval* (31 termos). Encontramos, em todas essas obras citadas, algumas unidades que não recebem marcas de uso, mas vemos, pela definição que pertencem ao universo náutico.

Como *termo náutico*, Aurélio marca somente a unidade lexical *rumo*. Para esse lexicógrafo, a marca terminológica *marinhagem* refere-se aos conhecimentos náuticos desenvolvidos e sistematizados pelos navegadores portugueses desde o Infante D. Henrique até os fins do século XVII. Tais conhecimentos foram depois muito ampliados e aprofundados, e passaram a constituir a ciência e a arte da navegação sobre água, denominada

náutica. De acordo com o mesmo dicionarista, a marca terminológica *marinha* significa “aquilo que diz respeito ao serviço de bordo dos navios, à atividade de marinheiro, à navegação por mar, ou ainda, conjunto de navios ou forças navais ou por mar.” Já a marca *construção naval* diz respeito à arte de construir navios e a marca *náutico* é relativo a marinheiro; *navegante* e *nauta*, por sua vez, dizem respeito à navegação. Aurélio não classificou as unidades lexicais *cruzar*, *desancorar* e *sarpar* e outras receberam mais de uma classificação.

5.6. Quanto à origem

Para elucidar a origem dos termos, como já mencionamos no Capítulo 3, consultamos o *Dicionário Etimológico*, de A. G. Cunha; porém, quando o termo não constava nesse dicionário, lançamos mão do Houaiss (2001) e, se as palavras remetiam ao universo árabe, do vocabulário de Sousa & Moura, intitulado *Vestigios da Língua Árabe em Portugal ou Lexicon Etymológico das palavras, e nomes portugueses que tem origem árabe*, publicado em 1830, e impresso em edição *fac simile* em 2004.

Quantificação Total – quanto à origem dos termos náuticos

- a) Árabe: 07
- b) Catalão: 02
- c) Espanhol: 16
- d) Francês: 23
- e) Grego: 01
- f) Inglês: 02
- g) Italiano: 11
- h) Portuguesa: 55
- i) Provençal: 01
- j) Onomatopaica: 01
- k) Incerta: 28
- l) Não encontradas: 06

a. Termos de origem árabe

- ✓ Açafão (do ar. *Az-zafaran*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Alforge (do ar. *al-hurg*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Almeida (Sousa & Moura, 1830)
- ✓ Cifa (do ar. *sāifa*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Cifar (do ar. *sāifâ*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Salamear (do ar. *salama*, cf. Sousa & Moura, 1830)
- ✓ Xaretas (do ar. vulgar *šarīta*, cf. Cunha, 1982)

b. Termos de origem catalã

- ✓ Brandaes (do catalão *brandal*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escoa (do catalão *escoa*, cf. Cunha, 1982)

c. Termos de origem espanhola

- ✓ Anrique (castelhano < neerlandesa, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Arriar (castelhano < latim, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Barcolas (espanhol < latim, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Barquilha (espanhol < latim, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Briol (castelhano < francesa, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ciar-se (castelhano, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Embonar (castelhano, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Embono (castelhano, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Garrucha (castelhano, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Majarrona/Bujarrona (castelhano < latim bárbaro, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ostagas (castelhano < germânico, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Patelha (espanhol, cf. Aurélio, 2004)
- ✓ Pinçote (castelhano, cf. Houaiss, 2001)
- ✓ Rumo (castelhano < latim < grego, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Socairo (castelhano, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Sarpar/zarpar (castelhano < francesa < latim tardio < grego, cf. Cunha, 1982)

d. Termos de origem francesa

- ✓ Abotoadura (do antigo francês/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Abroquelar (do antigo francês/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Arruela (do antigo francês < latim/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Avencadura (do antigo francês < escandinavo antigo / cf. Cunha, 1982)
- ✓ Bastardo (do antigo francês/cf. Cunha, 1982)

- ✓ Beque (do francês < latim/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Bolinete (do francês *moulinet* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Bombordo (do francês *bâbord* < neerlandês *bakboord* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Calabre (do antigo francês *caable* < *latim tardio /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Calabrote (do antigo francês *caable* < *latim tardio /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Carlinga (do francês *carlingue* < escandinavo *kerling* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Chapeleta (< antigo francês *chapel*, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escotilha (do antigo francês *escoute* (*coute*), derivado do gótico **skaut*/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escoteira (do francês *escoute* < gótico **skaut* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Enfrechadura (do francês *fleche* < germânico /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Estibordo (do francês antigo *estribord* < neerlandês *stierboord* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Estribo (do antigo francês *estrivière* < germânico /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Estribordo (do francês antigo *estribord* < neerlandês *stierboord* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Içar (do francês *hisser* < neerlandês *hijzen* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ostai/estai. (do antigo francês *estaie* < germânico /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Rabeca (do francês *rebec* < antigo francês *rebebe* < árabe *rābab* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Resbordo (do francês *ribord* /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Tamboretas (do francês *tambouret* /cf. Cunha, 1982)

e. Termos de origem grega

- ✓ ortodromia

f. Termos de origem inglesa

- ✓ Aldrope (Do inglês *guide-rope*/cf. Cunha, 1982)
- ✓ Estrinca (Do inglês *string* / cf. Laudelino Freire, 1949)

g. Termos de origem italiana

- ✓ Calma (< latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Calmaria (< latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Calafeto (árabe < *latim vulgar, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Calcez (latim tardio < latim < grego, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Driça (< francês, cf. Aurélio, 2004)
- ✓ Encodar-se (cf. Moraes e Silva, 1813)
- ✓ Estiva (< latim, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Gávea (< latim, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Linguete (< latim, cf. Cunha, 1982)

✓ Palomas (do italiano meridional, cf. Cunha, 1982)

✓ Palomba (do italiano meridional, cf. Cunha, 1982)

h. Termos de origem portuguesa

✓ Amura (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Amurada (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Banzeiro (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Barbear (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Bigotas (< latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Bracear (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Braço (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Braga (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Bragueiro (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Burra (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cabresto (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Carregadeiras (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cevadeira (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Chaveta (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cinta (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Clara (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Colhedor (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Contrapunho (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Corda (latina < grega, cf. Cunha, 1982)

✓ Costa (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cruzar (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cunho (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Curva (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Curvatão (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Cutelo (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ D'avante (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Desaferrar (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Desancorar (latina < grega, cf. Cunha, 1982)

✓ Descahir (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Dobrar (<latina, cf. Cunha, 1982)

✓ Dormente (<latina, cf. Cunha, 1982)

- ✓ Encapelar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Enora (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Envergar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Envergues (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escacear (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escorrear (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ferrar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Folgar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Leva (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Liame (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Madre (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Náutico (latina < grega, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Nabo (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Palmejar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Pontal (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ponte (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Porca (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Proejar (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Rabada (<latina), cf. Cunha, 1982
- ✓ Sobrecevideira (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Sobregata (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Vela (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Vergueiro (<latina, cf. Cunha, 1982)
- ✓ Pé (<latina, cf. Cunha, 1982)

i. Termos de origem provençal

- ✓ Pairar (< latim, cf. Cunha, 1982)

j. Termo de origem onomatopaica

- ✓ Botalos (Houaiss, 2001)

k. Termos de origens controvertida, incerta, duvidosa, obscura

- ✓ Aba (de origem duvidosa (*latim) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Agarruchar (de origem duvidosa (*céltico) / cf. Cunha, 1982)
- ✓ Alcaxas (de origem controvertida / cf. Houaiss, 2001)
- ✓ Alestar (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Arfar (de origem duvidosa (*latim vulgar) /cf. Cunha, 1982)

- ✓ Buçardas (origem controvertida, cf. Bluteau, 1712)
- ✓ Cachola (origem duvidosa (*latim vulgar) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Canjar (origem duvidosa (*italiana) / cf. Houaiss, 2001)
- ✓ Cossouro (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Embornal (de origem incerta (*italiana) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escatelado (de origem controvertida /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Escouves (de origem incerta (*castelhana) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Gio (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Guinar (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Guinada (de origem obscura (*anglo saxão) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Lais (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Leme (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Malaqueta (de origem obscura /cf. Houaiss, 2001)
- ✓ Michelos (de origem obscura /cf. Houaiss,2001)
- ✓ Molhelha (de origem controvertida (*catalão) /cf. Aurélio, 2004)
- ✓ Moucarrão (de origem obscura /cf. Aurélio, 2004)
- ✓ Salema (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Sapatilhos (de origem duvidosa (*turco) /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Siar (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Sumeas (de origem duvidosa (*árabe) / cf. Cunha, 1982).
- ✓ Trinca (de origem incerta (*antigo francês < antigo escandinavo / cf. Cunha, 1982)
- ✓ Troça (de origem obscura /cf. Cunha, 1982)
- ✓ Ximeas (de origem duvidosa (*árabe) / cf. Cunha, 1982).

I. Termos de origens não encontradas

- ✓ Chapiteo
- ✓ Cheleira
- ✓ Maçame
- ✓ Encalamentos
- ✓ Sejar
- ✓ Sirgideiras

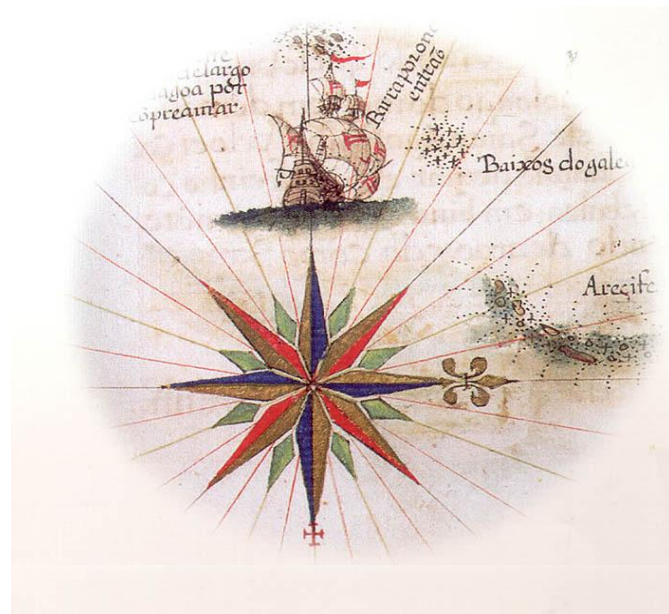
Observando os resultados expostos acima, vimos que a predominância entre as origens dos termos é Português < Latim, com 55 unidades lexicais. Isso corresponde a 35,95% das ocorrências totais. Em segundo lugar, destacam-se os termos de origem

controvertida, incerta, duvidosa e obscura: são 28 termos, o que corresponde a 18,31% do total de dados. Os nomes de origem francesa figuram em terceiro lugar, com 23 ocorrências ou 15,03% do total dos dados. Em seguida, em quarta posição, temos os nomes de origem espanhola com 16 ocorrências, ou 10,46% do total dos dados. Os nomes de origem italiana estão em quinto lugar, com 11 dados ou 7,19% do total dos termos analisados. Os termos árabes contabilizam 07 ocorrências ou 4,58% do total dos dados. Em quantidade menor temos os termos em catalão (02 ocorrências, 1,30% do total de dados), em inglês (02 ocorrências, 1,30% do total de dados), em grego (01 ocorrência, 0,65% do total de dados), em provençal (01 ocorrência, 0,65% do total de dados) e, de origem onomatopaica (01 ocorrências, 0,65% do total de dados). Alguns termos (06 ocorrências, 3,93% do total de dados) não tiveram suas origens apontadas por nenhuma obra que consultamos. São eles: *chapiteo*, *cheleira*, *maçame*, *encalamientos*, *sejar*, *sirgideiras*.

Por se tratar de uma herança portuguesa, toda a terminologia náutica presente no *Dicionário de Língua Brasileira* se restringe, em sua maior parte, como podemos ver, a termos oriundos da Europa.

Passemos, no próximo capítulo, às Considerações finais.

Capítulo 6



Capítulo 6 – Considerações finais

Esta dissertação teve como objetivo realizar um estudo do léxico correspondente à terminologia náutica, presente no *Diccionario da Lingua Brasileira*, publicado por Luiz Maria da Silva Pinto, proprietário da *Typografia de Silva*, na cidade mineira de Ouro Preto, no ano de 1832.

Tivemos como objetivos específicos: estudar as origens dos termos náuticos; conferir se os *termos* selecionados se encontravam presentes em obras lexicográficas de referência nos séculos XVIII, XIX, XX; e, se os mesmos mantiveram seus significados; e, ainda, se constavam como “termos náuticos”; consultar o *corpus* do Projeto DHPB / CNPq (composto por documentos e textos da época colonial) com o objetivo de verificar se os termos constantes no *Diccionario da Lingua Brasileira* integraram, no passado, o nosso léxico; verificar se a terminologia náutica presente no *Diccionario da Lingua Brasileira* descreve a realidade brasileira nessa área ou se faz parte desse dicionário somente com o objetivo de enriquecer nosso léxico; apontar os termos náuticos do dicionário Aurélio – século XXI; comparar esses termos com o primeiro dicionário impresso no Brasil, ou seja, o *Diccionario da Lingua Brasileira*, verificando se houve manutenção, expansão ou mudança nesse léxico de especialidade; contribuir para o desenvolvimento da investigação histórica na área da Terminologia, disponibilizando um estudo da área de especialidade devidamente analisado.

Nosso interesse em pesquisar a terminologia náutica nesse dicionário que se intitula o primeiro dicionário da língua brasileira, pautou-se nas seguintes questões: i) Quais seriam os primeiros termos que fizeram parte de um dicionário brasileiro?; ii) Eles se mantêm ainda na língua, ou seja, são dicionarizados? Essa terminologia fazia parte realmente do léxico brasileiro da época, ou era “ideal” que fizesse?

Além de *termos náuticos*, o DLB marca *termo anatomico*, *termo de bombeiros*, *termo de architectura*, *termo de geometria*, *termo médico*, *termo militar*, *termo de artilheria*, *termo de fortificação*, *termo forense*, *termo familiar*, *termo jurídico*, *termo methaphysico*, *termo mythologico*, *termo de pintura*, *termo plebeu*, *termo vulgar*, *termo baixo*. Nosso interesse se voltou para os termos náuticos por serem esses os de maiores ocorrências na obra estudada. Analisamos 153 unidades léxicas terminológicas, sendo 117 substantivos, 3 adjetivos, 32 verbos e 2 advérbios.

Após leitura da obra, seleção de termos, construção do *corpus* e análise dos dados, constatamos que os substantivos se destacam com 76,47% dos dados, os adjetivos com 1,96%

e os advérbios com 0,65%. Surpreendeu-nos a quantificação dos verbos: 20,92%; em valores numéricos, 32, número expressivo em se tratando de léxico especializado. Desses verbos, o Dicionário Aurélio Século XXI, traz somente 17: *arfar, arriar, barbear, bracear, ciar-se, cruzar, descair, dobrar, embonar, encapelar, envergar, ferrar, guinar, içar, pairar, proejar, sarpar*. Consultando o Banco de Dados do PDHPB, contamos 14 desses verbos arrolados: *arfar, arriar, barbear, ciar, cruzar, descahir, dobrar, encapelar, escacear, ferrar, guinar, içar, pairar, sarpar*. Todos esses termos, conforme podemos constatar, dicionarizados, também, pelo Aurélio, com exceção de *bracear, embonar, envergar, guinar, proejar*. Isso nos leva a pensar que, em se tratando da realidade brasileira, Silva Pinto apresentou um número bem maior de verbos com a marca de uso “náuticos”.

Interessante, também, é observar que os termos náuticos que são inseridos na obra de Luiz Maria da Silva Pinto são muito superiores, quase três vezes, ao número que o Banco de Dados consultado aponta: 56 termos. Contemporaneamente, essa marca terminológica também é menor, já que o Aurélio registra 105 termos náuticos. Observamos, ainda, variações na marca de uso “termo náuticos”, o que indica sub-especialidades nessa área, já na época do Brasil colônia. Nossa análise mostra que a terminologia apontada por Silva Pinto não retratava satisfatoriamente a realidade da época, nem se mantém totalmente hoje.

No que se refere à origem, constatamos a predominância de nomes de origem portuguesa, 35,95% das ocorrências totais. Em se tratando de base europeia, bastante representativos, também, foram os termos de origem francesa, espanhola e italiana. Em segundo lugar, contabilizamos os nomes de origens incerta, controvertida, duvidosa e obscura, com 18,31% de ocorrências. Acreditamos que esse índice alto de palavras de origem não identificadas se deve ao fato de muitos desses termos que retratam equipamentos, artefatos, processos ou técnicas da navegação terem sido cunhados em um país e usados em outros por pessoas, na maioria das vezes, quase sem nenhuma escolaridade, como é o caso de muitos marinheiros. Não encontramos nenhum termo náutico de origem americana, de línguas indígenas, caribenhas, ou pré-colombianas; não encontramos também termos híbridos, nem africanos.

Então, em se tratando da terminologia náutica, como se justifica uma obra se intitular *Diccionario da Lingua Brasileira* se não identifica, nem descreve os termos de sua época? Conforme Biderman (1994, p. 27) os dicionários "devem ser uma espécie de porta-voz da sociedade, falar em nome dela e reunir, em sua nomenclatura, o repertório lexical em uso na sua sociedade e da forma pela qual ela usualmente se exprime". Inserindo-nos no período histórico da publicação do dicionário, isto é, dez anos após a Independência do Brasil,

em uma sociedade que começava a discutir a questão da “língua brasileira”, acreditamos que Luiz Maria da Silva Pinto, brasileiro, mas de formação lusitana, detentor de ideologias historicamente contruídas, quis contribuir com a constituição da sociedade brasileira, acreditando que fornecer um léxico de origem europeia, ou “bem formado”, era seu dever como brasileiro culto e proprietário de uma tipografia. Com base em nosso estudo, podemos dizer que seu dicionário é prescritivista.

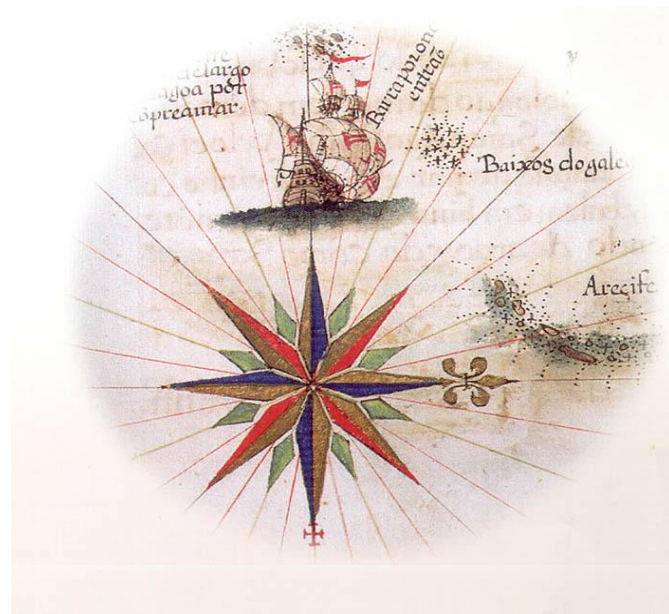
Neste, ainda, início de século, quando a lexicografia contemporânea "passou a ver o dicionário de língua sob outra ótica"⁴⁰, atribuindo isso ao reconhecimento de seu verdadeiro papel, que é o de "registrar a norma lexical que impera em uma sociedade"⁴¹, acreditamos que os resultados de nossa análise trazem elementos para a história da lexicografia e da terminologia brasileira, já que passamos a conhecer um pouco mais, o seu início, estudando uma obra que, como mostramos em 1.4, não é o primeiro *Diccionario da Lingua Brasileira*, mas é o primeiro *dicionário* impresso no Brasil.



⁴⁰ BIDERMAN, 1994, p. 28.

⁴¹ *Ibidem*.

Referências



Referências

- ARAÚJO, P. M. B. *Hum diccionario sem auctor versus hum 'auctor com diccionario*. Rio de Janeiro: Non Edictandi, 2009.
- BABINI, M. *Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos*. São Paulo: Ciência e Cultura (SBPC), v. 2, 2006, p. 38-42,.
- BARROS, L. A. *Conhecimentos de terminologia geral e prática tradutória*. São Paulo: NovaGraf., 2007.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São José do Rio Preto: Editora UNESP, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil, in *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*, J.H. NUNES e M. PETTER (Org.). São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes, 2002.
- BIDERMAN, M. T. C. A nomenclatura de um dicionário de língua. In: *Anais do Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos (Gel)*. São Paulo, v.1, n.23, 24-42, 1994.
- BIDERMAN, M. T. C. *As Ciências do Léxico*. In: Ana Maria Pinto de Oliveira; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1981.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (orgs.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>
- BIDERMAN, M.T.C. *A estrutura mental do léxico*. In: Estudos de Filologia. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, p.131-145, 1981.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico, testemunho de uma cultura. In: *Anais do XIX Congresso internacional de Linguística e Filologia Românica*. Santiago de Compostela .4/9 de setembro de 1978.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Companhia de JESUS, 1712.
- BOXER, C. R. *O Império Marítimo Português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BUENO, E. *Brasil: Terra à vista!*. Porto Alegre: LGPM, 2003.
- BYNON, T. *Historical Linguistics*. London: CUP, 1977.

CABRÉ, M. T. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua. *Revista internacional de língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, n. 15, jul. 96 p.9-24.

CABRÉ, M. T. *La terminologia: Teoria, Metodologia, Aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. *Lexicologia y variación: hacia um modelo integrado*. In: Simpósio Iberoamericano de Terminologia RITERM, 1996.

CABRÉ, M. Teresa 1999. *La terminología – representación y comunicación*. Barcelona: IULA / Universitat Pompeu Fabra.

CÁCERES, F. *História do Brasil*. São Paulo: Modernas, 1993.

COHEN, M. A. A. M. A língua do século XVII e a língua contemporânea. In: *Anais do XI Encontro Internacional da ALFAL*. Las Palmas (Gran Canária): 1996.

CORREIA, M. Terminologia e morfologia: marcas morfológicas da gênese do vocabulário da Náutica em português. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mcorreia-barcelona.pdf>>. Acesso em: 20 Abr. 2011.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. O problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

COSTA FILHO, M. *A Imprensa Mineira no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1955. 62p. (Tese apresentada ao VI Congresso Nacional de Jornalistas).

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3ª edição, 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DIAS, L. F.; BEZERRA, M. A. Gramática e Dicionário. In: GUIMARÃES, E. ZOPPIFONTANA (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem – A Palavra e a Frase*. Campinas, Pontes Editores, p. 11-37, 2006.

ESQUADRA. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search%3Fq%3D%2522Marinha%2BImperial%2BBrasileira>>. Acesso em: 1 Abr. 2011.

ESQUIVEL, F. M. C.. *La lexicografía em las variedades no estándar*. Jaén- Espanha: Editora da Universidade de Jaén, 2001.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FAULSTICH, E.. *Princípios formais e funcionais de variação em terminologia*. Seminário de Terminologia Teórica. Barcelona, Espanha, 28-29 de jan., 1999.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, versão 5.0. São paulo: Nova Fronteira, 2003. CD-ROM.

- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, L.. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª edição, 1ª impressão. Rio de Janeiro: Editôra A Noite S.A, 1939/1944.
- FREITAS, M. A. Teixeira. Os Serviços Estatísticos do Estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Estatística*. Ano I, n.º 1, jan./mar. 1940. p.108-130.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1992
- HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografia – de la lingüística teórica a la lexicografia práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- In: OLIVEIRA, Ana M. P. P de e ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 1989, p. 129-149.
- ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. v.3. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.
- KRIEGER, M. da G. Do reconhecimento de terminologias : entre o linguístico e o textual. In: IS QUERDO, A.N. & KRIEGER, M.G. *As Ciências do Léxico 2*. UFMS /UFRGS : Campo Grande/Porto Alegre, 2006.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, Maria J. B. *Introdução à Terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEPSCHY, J. *Léxico. Enciclopédia Einaudi, linguagem e enunciação*. v. 2. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- LORENTE, M. *A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica*. In: ISQUERDO, A. N. e KRIEGER, M.G. *As ciências do léxico*, vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.
- MAPA. Disponível em: <<http://academiagoianadeletras.org/membro/luiz-maria-da-silva-pinto>>. Acesso em 1 abr. 2011.
- MARINHA IMPERIAL. Disponível em: <http://www.mar.mil.br/diversos/Artigos_selecionados/Documentos/marinha_imperial.pdf>. Acesso em: 25 Abr. 2011.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine français*. Paris: Didier, 1953.
- MINEIRO, A. Uma abordagem lexical da Terminologia Náutica no P.E. In: *Actas do IX Simpósio ibero-americano de Terminologia, Barcelona*. Barcelona, Espanha: 2006.

MURAKAWA, C. A. (1998). Tradição lexicográfica em língua portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, A.M.P.P. & ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.3. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

MURAKAWA, C. A. A. . Dicionário Histórico do Português do Brasil: um modelo de dicionário Histórico. In: ALVES, Ieda M.aria e Lino, Maria Tereza. (Org.). *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: FFLCH/USP, 2010, v. 12, p. 329-349.

MURAKAWA, C. de A. A. Empréstimo linguístico interno: um estudo sobre o vocabulário da náutica portuguesa. In: *História da Língua e História da Gramática*. Actas do Encontro. Coleção Poliedro 11. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2002.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1-2.

NAVEGAÇÕES. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt>>. Acesso em: 1 Abr. 2011

NEIVA, A. *Estudos da língua nacional*. São Paulo: Brasiliana, 1940.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.

NUNES, J. H. *Discurso e Instrumentos Linguísticos no Brasil: dos Relatos de Viajantes aos Primeiros Dicionários*. Campinas, UNICAMP, tese de doutorado, 1996.

NUNES, J. H. e PETTER, M. (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 29-30.

NUNES, J. H. *Histoire Epistemologie Langage*. São Paulo: Humanitas, 2006.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

OLIVEIRA, A. M. P. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Tese de Doutorado -UNESP/ Araraquara, São Paulo, 1999.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NOTMALISATION. *Terminologie – Vocabulaire*. Genebra, ISO, 1990 (Norme Internationale ISO 1087, 1990)

ORLANDI, E. P. *O Estado, a Gramática, a Autorialia*. Relatos n. 4, jun. Campinas: UNICAMP, 1997.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de Terminologia*. Trad. de FAULSTICH, Enilde. Disponível em: <www.URL: www.translationbureau.gc.ca>.

PERES, D. *História dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Comissão executiva das comemorações do Quinto Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1959.

PIGAFETTA, A. *A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

REY, A. (dir.) *Dictionnaire historique de la langue française*. 2 vols. Paris: Le Robert, 1992.

REY, Alan. *A terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos*. São Paulo: Humanitas, 2007.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.L.T.A., vol.9, n. 1, pp. 83-103, 1993.

SAUSSURE, F. "Natureza do signo linguístico" In: *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970, pp. 79-84.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Editora FALE/UFMG, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. Dom João VI e o início da imprensa no Brasil e em Minas Gerais. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Santaclara, volume XXXI, julho de 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

SILVESTRE, J. P. O Vocabulário Português e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau. Artigo disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario_principais_caracteristicas.pdf>. Acesso em 25 abr. 2011.

SOUSA, F. J. de; MOURA, F. J. de S. A. *Vestígios da língua árabe em Portugal*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1830 (ed. Fac-simile, Lisboa: Alcalá, 2004).

TAUNAY, A.. *Inopia científica e vocabular dos grandes dicionários portugueses*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1932. 182 p.

THEODORO, J. *Pensadores, exploradores e mercadores: dos mares, oceanos e continentes*. São Paulo: Scipione, 1994.

ULLMANN, S. *The Principles of Semantics*. Glasgow: Jackson & Oxford Blackwell, 1957.

VALE, B. Estratégia, poder marítimo e a criação da Marinha do Brasil. In: *Revista Navigator*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, n. 4, dezembro de 1971. p. 10

VEIGA, J. P. X. da. *Efemérides mineiras*. Ouro Preto: [s.n], 1897. p. 47-52.

VEIGA, J. P. X. da. *Palavras preliminares*. Revista do Arquivo Público Mineiro. Ouro Preto. ano 1. fasc. I, p. III e IV, jan./mar. 1896.